

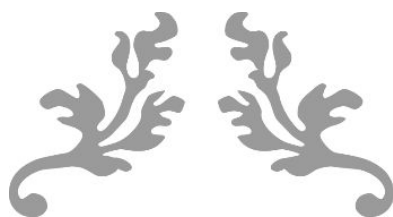
JOICE BITTENCOURT

Declínio

Série Malamam

2





Declínio
Série Malamam – livro 2



Por Joice Bittencourt

Copyright © 2015 Joice Bittencourt.

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem autorização prévia da autora.

Título:

Declínio

Série Malamam – Livro II

Autora:

Joice Bittencourt

joicerbittencourt@gmail.com

Revisão:

Valéria Avelar

Finalização:

Luciano de Paula

Edição Independente

Agosto 2015

Sumário

[Sinopse](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e Um](#)

[Vinte e Dois](#)

[Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Epílogo](#)

[*Algum tempo depois...*](#)

Sinopse

Os homens da família Malamam são construídos de uma mesma massa, vindos de uma mesma carne. Têm a possessividade, a teimosia e a lealdade como marca de alma. Lorenzo Malamam é o mais ocupado dos irmãos, tímido e fechado, voltado completamente para a sua profissão e negócios paralelos. Vive para trabalhar e não trabalha para viver.

Um desejo sem fim que se inflamou à primeira vista.

O encontro entre duas almas predestinadas e dois corpos famintos. Dora e Lorenzo descobriram o amor de forma vertiginosa para não se soltarem mais... Mas, a vida não tem roteiros e uma grande intriga foi plantada, germinando em solo fértil para destruir o casal que estava prestes a dar o passo mais importante de suas vidas.

Um

Por Dora Barcelos

08 de fevereiro

Observo o celular em minha mão tentando tomar coragem para seguir em frente com o desejo do meu coração, a decisão tomada depois de muito pensar e nada entender. Sei que não é a coisa certa a se fazer, mas não tenho condições de continuar. Sei que não há futuro para essa relação que hoje tem mais de amizade do que de amor, se é que um dia já houve amor da minha parte. Seleciono o botão de discagem rápida vendo a palavra “*Amor*” no display do aparelho.

Comecei a namorar com Emerson em janeiro de 2006, pouco depois de completar dezoito anos. Ele morava há poucos meses na minha cidade, Domingos Martins no Espírito Santo, nos conhecemos em um evento da cidade, a Festa do Morango. Ele é de Fortaleza, mas passou em um concurso para a Polícia Civil do estado e acabou sendo designado para a delegacia de região.

No ano de 2011, Safira, minha irmã gêmea e eu, viemos assistir o carnaval de São Paulo, nos apaixonamos pela cidade cheia de oportunidades e muita animação. Estávamos com 23 anos e já trabalhávamos como técnicas de enfermagem em um posto de saúde na cidade de Marechal Floriano. Vimos no jornal que um grande hospital selecionava funcionários e sem pensar duas vezes mandei os nossos currículos por e-mail, sem comunicar a nossos pais ou estudar o que poderia vir a seguir. Não levei fé em ser

chamada para a entrevista, no entanto dois dias depois preenchia as fichas de contratação.

Trabalhar em uma empresa tão grande seria um desafio para nós duas que éramos recém-chegadas do interior. O Malamam Apart Hospital é considerado o maior complexo hospitalar do Brasil, são várias unidades espalhadas por São Paulo e mais de 15 mil colaboradores diretos. Nem pelo cacete eu acreditei que conseguiríamos um emprego tão bom assim. Safira deu para trás o tempo inteiro com as inúmeras chances de quebrarmos a cara, mas com um bom salário, benefícios, 14° e bolsa de estudos para os interessados ela topou!

Antes de retornar para casa rodamos a cidade toda atrás de um local para viver que não fosse muito longe da unidade do MAH do Morumbi, por sorte encontramos um que os atuais moradores saíam em duas semanas. O Aluguel não é barato, na verdade quase enfiávamos com os valores daqui, em nossa cidade com R\$600,00 você aluga uma boa casa com quintal, aqui com R\$ 1.500,00 não se encontra nada dependendo da região. Nosso novo lar tem três quartos bem pequenos, um banheiro, sala mínima e uma cozinha, na verdade um corredor que chamamos de cozinha. O forte é a localização e o elevador, coisa essencial para um apartamento no oitavo andar.

Safira teve que se desfazer da sua poupança para pagarmos os três aluguéis de adiantamento e a taxa de pintura, não é fácil arrancar dinheiro dessa ranzinza, foi aí que percebi que ela também gostou do lugar. Voltamos para casa com tudo esquematizado, tínhamos que mostrar para papai que isso era sério e não mais um dos meus “rompantes”, como ele diz.

Meus pais conversaram muito conosco, deixaram claro que teríamos a nossa casa se algo desse errado, contudo, em nenhum momento se opuseram a nossa escolha. Minha irmã mais nova, a Sarah, ficou louca para vir também, mas preferimos não deixar nossos pais sozinhos de repente.

O grande problema foi Emerson, que criou o maior rebu em cima disso, tentado convencer meu pai a proibir minha partida, fez um drama mexicano e quase me convenceu... Quase. O tempo foi passando e acabamos nos adaptando a nova realidade, ele vinha para cá sempre que possível e eu fazia o mesmo. Em seis meses as visitas quinzenais se tornaram mensais, depois bimestrais, até que ficamos seis meses sem nos ver e eu me dei conta que isso não me afetava em nada. Percebendo a minha indiferença com o tempo distantes, Emerson propôs que eu voltasse para Domingos Martins e me casasse com ele... Mas a minha decisão já está tomada.

— Bom dia, minha princesa! — Emerson atende animado, sempre que nos falamos é assim.

— Bom dia Emerson! Como estão as coisas por aí?

— Tudo na mesma. Fui à casa dos seus pais ontem, saí de lá uns cinco quilos mais gordo. Como estão as coisas em São Paulo? Já pensou no que conversamos?

— Pensei bastante Emerson, acho que até fritei meus miolos de tanto pensar sobre isso.

— Quando você vem?

— Eu não vou, Emerson. — Remédio amargo é melhor tomar de uma vez só.

— Como assim você não vem Dora? Já falamos sobre isso, cansamos de discutir esse assunto e não dá para continuar da forma que está. Estamos a meses sem nos ver, somos namorados a mais de oito anos e você está morando fora a três. Sinceramente eu não sei o que você espera de mim, se espera algo realmente.

— Gosto da vida que levo aqui. Não quero abrir mão do que construí só para satisfazer a sua vontade e não a minha.

— Eu quero me casar com você. — Diz enraivecido com as minhas palavras. Tomo uma respiração e falo.

— Mas eu não quero.

— Dora, eu estou te dando um ultimato. Ou você volta e seremos felizes juntos e casados ou terminamos aqui. — Permaneço em silêncio vendo oito anos de relacionamento irem pelo ralo. — Então?

— Eu realmente espero que você seja feliz. — Seguro as lágrimas, não por amargar o término, mas por saber que ele realmente me ama e eu não sinto o mesmo. Não estaria com Emerson a oito anos se não gostasse dele, só não é o suficiente para casar, largar os meus sonhos para correr atrás de homem.

— Eu fui chamado para o concurso da PRF, devo ficar um tempo fora do estado e quando terminar a formação assumirei o cargo em Rondônia. — A tristeza é nítida em suas palavras, fizemos muitos planos quando ele fez essa prova. — Esperava que fosse comigo, sonhei com isso Dora.

— Eu sinto muito. Desejo tudo de bom para você, espero que saiba disso.

— Sei sim. Só não sou o homem que você deseja para si, não é? — Bufa derrotado. — Espero que encontre o que tanto procura, e que não sofra muito se não o fizer. Nem todos os homens são compreensivos como eu. Nem todos conseguem entender o seu jeito e a sua energia... Saiba que eu te amei muito, mas tudo tem um limite.

Com essas palavras ele desliga o telefone. Fico olhando para o teto do meu quarto imaginando como isso era para ter sido diferente, tínhamos tantos sonhos e tantos planos juntos. Emerson é um cara como poucos que conheci, não é o homem mais bonito do mundo ou rico, ele tem qualidades muito superiores a isso. Meu ex-namorado é íntegro e honesto, nunca perdia a paciência e sempre buscou atender as minhas expectativas em tudo... ou quase tudo.

Segui o meu coração como sempre faço, tentei fazer as coisas da forma menos dolorosa possível, só não sei se consegui. Imaginar o sofrimento e a frustração que causei a uma pessoa tão importante na minha vida me faz pensar se foi a escolha correta. Talvez

construir uma vida e uma família ao lado de Emerson seja um bom caminho, só preciso aprender a gostar dele como ele gosta de mim.

Começamos a namorar em janeiro e eu só fui para a cama com ele no dia dos namorados meses depois. Ele foi extremamente carinhoso e delicado comigo, nunca tive outro homem além dele, aquela foi a minha primeira vez. Emerson já sabia o que aconteceria e reservou o melhor quarto de uma pousada da região, saímos para jantar e aconteceu tudo tranquilamente, quase coreografado. Não posso dizer que esse seja o meu passa tempo favorito no mundo, nem sei porque todo esse alvoroço em cima de uma coisa tão sem graça. Nunca senti nada do que li ou escutei sobre orgasmo, nunca tive um... eu acho.

Minha irmã mais nova tem mais experiência sexual do que eu e vive me dizendo que devo conhecer o meu próprio corpo e saber me dar prazer sozinha, não que eu ache isso errado, definitivamente não consigo fazer... só isso. Já tentei e não deu em nada. Emerson e eu sempre fazíamos sexo pelo menos uma vez por semana quando eu estava lá, confesso que essa era a parte negativa de ter um namorado, ter que transar com ele aos fins de semana.

Normalmente nos beijávamos bastante e isso era maravilhoso, se ficasse só por aí. Depois íamos para a casa dele e começava aquela passagem de mão e depois disso acabávamos sempre fazendo da mesma forma. Papai e mamãe onde ele metia feito uma britadeira e gozava cinco minutos depois dizendo que foi maravilhoso e que eu era perfeita. O pior é a pergunta: Foi bom para você?

Fora isso, nunca tive do que reclamar.

Remoo nossa conversa durante a tarde inteira tentando encontrar algo que me faça voltar atrás, mas é em vão. No fundo sinto-me liberta de um compromisso que não me fazia feliz, ele também vai estar livre para ser feliz.

Safira chega em casa às 20h lembrando-me que temos uma noite de meninas. É disso que preciso, uma noite só minha.

Marquei com minhas irmãs de ir à boate do irmão do carinha que minha irmã mais nova está pegando, que por um acaso é um dos donos do hospital onde trabalhamos. Enfim... Hoje eu quero me divertir e soltar a cachorra que tenho certeza que existe dentro de mim. Só hoje vou chutar o balde!!!!

Não costumo me abater com nada, levo a vida de forma leve e feliz, não tenho motivos para reclamar, só que hoje preciso de uma injeção de ânimo para seguir em frente.

Dois

Por Lorenzo

— Fala Léo. — *Atendo o celular enquanto organizo a maleta para voltar para casa.*

— Vai fazer alguma coisa essa noite? — *Com certeza ele quer que eu fique com a Nina, a princesa da minha vida, minha sobrinha. Leônidas sempre faz assim quando precisa comer alguém ou tem compromisso de trabalho.*

— Não. Posso ficar com a Nina se quiser, comprei uns filmes para ela, mesmo. Estou saindo do hospital agora, se quiser passo para buscá-la. Pode ser?

— Não é isso. Quero te convidar para sair, tomar alguma coisa... Conversar. Já chamei o Bento e agora você. Vamos a sua boate mesmo, neste caso você deveria nos convidar, já que é o dono e quem convida dá banquete.

Isso é novidade para mim, Leônidas saindo para curtir com os irmãos? Ainda mais na minha boate, não me lembro dele já ter estado lá. Isso não acontece desde que se casou com a maluca da Sílvia. Por mais que tenha certeza de ter algo por trás desse convite, não custa nada pagar para ver.

— Tudo bem, eu vou.

Mesmo tendo algumas boates espalhas por São Paulo não sou de noitada, sempre fui mais caseiro, qualquer atividade em grupo já

tira a minha estabilidade. Acabei entrando no ramo do entretenimento por visar os lucros que eles me garantiriam, qualquer coisa rentável me interessa bastante, acredito que interesse a qualquer ser pensante. Um dia um amigo me procurou interessado em comprar um imóvel que tenho para montar uma casa de shows, o valor que coloquei no galpão era muitas vezes superior ao que Jonas estava disposto a pagar. Ele tinha a ideia, os contatos, o tempo e a mão de obra, eu tinha o capital e o local. Juntamos os dois e assim nasceu a Swinger's, a primeira das três boates que temos hoje em sociedade onde sou sócio majoritário.

Claro que não vivo da renda disso, reinvesto os lucros destes estabelecimentos em ações e fundos promissores, gosto disso. Sou o segundo de três irmãos e trabalho como cardiologista nos hospitais da minha família, meus pais e irmãos também são médicos e cada um se especializou em uma área de sua preferência. Não sei exatamente se foi eu quem escolheu ser cardiologista ou se a frase "*Esse menino é todo coração*" escolheu por mim, talvez tenha sido das duas coisas, a influência dos pais ou o ambiente em que nasci, o que importa é que hoje amo a minha profissão.

Devo admitir que sou mesmo "*todo coração*", na verdade eu colocaria que sou todo emoção, quase um poço de emoções. É tanta intensidade em qualquer sentimento que prefiro mantê-los guardados e não os exteriorizar aos que me rodeiam, já tive essa experiência e não foi nada boa.

Quando jovem não conseguia controlar a raiva, a paixão e a vergonha, esses três sentimentos quase acabaram comigo. A paixão me dominava e qualquer namoradinha tinha tudo de mim, mas é tudo mesmo, a ponto de meus pais terem que intervir em cada relacionamento onde eu me jogava de cabeça e abandonava tudo a minha volta, fosse estudo, amigos ou família. A raiva me cegava de forma perigosa, como praticante de artes marciais, me tornava uma arma se atizado... Bem, a vergonha era o pior, acho que tudo de ruim dos Malamam veio para mim. Na escola sofria com

o tamanho, sempre fui muito alto, magro e loiro, sofria com apelidos desagradáveis, tudo piorou quando descobriram que tenho seis dedos em cada pé e começaram a me chamar de mutante. Definitivamente essa não é uma fase que eu goste de lembrar, me envolvi em muitas encrencas por isso.

Tudo isso não me afetou tanto quanto o golpe que recebi já na fase adulta. Quando passei no vestibular para medicina fui convocado a cumprir um trote solidário, na empolgação topei e aceitei fazer uma doação de sêmen para um banco anônimo, até aí tudo certo. Duas semanas depois fui contatado por um dos médicos do local me informando que não havia espermatozoide no meu sêmen. Isso caiu como uma bomba na minha cabeça, na minha família e minou todos os planos que eu tinha.

Em resumo, todos os defeitos da família Malamam vieram para mim.

Chego à Swinger's para encontrar meus irmãos na área vip que fica no segundo piso. Recentemente fiz uma reforma na boate e cheguei a me surpreender com o resultado, não esperei algo tão bem-sucedido, graças ao trabalho árduo de Jonas. Uma insistência dele foi colocar um mini palco com uma barra de poli dance no centro da pista de dança, onde as mulheres poderiam perder a linha fazendo os homens irem a loucura, conseqüentemente consumirem mais e mais. Concordei com o palco e vejo que se tornou um grande sucesso nas noites de festa. O chão foi modificado para um revestimento na cor vinho, as paredes com placas acrílicas negras em Black piano sobrepostas e todos os estofados foram substituídos por peças laranjas em verniz.

Confesso que, quando o decorador me trouxe essa proposta eu quase ri na cara dele. Eu pedi uma boate e não um circo, mas ficou destruidora... Perfeita. O melhor de tudo foi a reforma em meu escritório no subsolo do edifício.

Sou observador, para alguns sou tímido ou quieto, mas me descrevo como observador de pessoas e comportamentos. Exigi

que montassem um aquário ocupando uma das paredes do meu escritório, o detalhe foi a surpresa do arquiteto quando disse a ele que não seria para peixes ornamentais e sim medusas. A decoradora, o engenheiro e o arquiteto até tentaram convencer-me a desistir, porém, sem sucesso. Hoje minhas meninas estão lindas e dançantes sob vários tons de neon.

— Sua garota chegou, Léo. — Bento avisa indicando a direção da entrada com a cabeça.

— Estou vendo.

Olho na mesma direção para encontrar Sarah com mais duas jovens, vejo que são gêmeas e lindas. Uma delas atíça o meu olhar, não só o meu, mas sim o de todos os homens no local.

— Quem são as gêmeas?

— A de preto é a Safira, mas nem tenta. Já ouvi dizer que é carne de pescoço.

— Desde quando uma mulher é carne de pescoço para você? Se continuar olhando assim para ela, vou desconfiar que rola alguma coisa aí hein! — *Dou um soco no braço esquerdo de Bento.* — Quero saber quem é o furacão de vermelho.

— Não tem nada para desconfiar, palhaço. A de vermelho também trabalha no hospital, chama-se Dora.

— Desde quando você é tão informado sobre a família da Sarah? E como consegue saber quem é quem? — *Leônidas do alto do seu ciúme doentio pergunta. Totalmente maluco esse meu irmão.*

— Não conheço, só ouço comentários no hospital. Não é comum ter duas instrumentadoras com o mesmo rosto no mesmo hospital. Sem contar as três são lindas e os caras sempre comentam algumas coisas. E saber quem é quem não é nenhum mistério, olhe para as duas e verá.

Deixo o assunto morrer e observo a mulher misteriosa.

A bela tem cabelos negros que se parecem com a crina de um corcel negro, são cheios e com algumas ondas acentuadas, não é comum mulheres jovens com os fios tão escuros hoje em dia, todas têm luzes ou reflexo... Sei lá como chamam. Os olhos são marrons, não muito, são avelã derretido em grandes pires brancos. Eu diria que a boca chega a ser grande demais para o rosto, porém minha opinião mudou quando ela abriu um grande sorriso cheio de dentes enormes embainhados por gordos lábios. É a visão do paraíso, um desenho em forma de mulher.

— Quero te pedir um favor. — *Leônidas atrapalha a minha observação minuciosa do furacão de vermelho.*

— Não, você não pode usar a minha sala para comer essa garota.

— Ela já é uma mulher e não uma garota, seu imbecil. Quero que você coloque um segurança próximo a ela para evitar que algum engraçadinho tentar se dar bem. Tem como fazer isso? — *Definitivamente Leônidas está mesmo a fim dessa garota, para mim é uma garota, tem cara de ninfeta ainda.*

— Vou pensar no seu caso. — *Pego o celular e disco para Roner, meu chefe de segurança, que não demora a atender o meu chamado.* — Está vendo um grupo com três moças próximo ao bar, duas são gêmeas e uma parece ser bem nova?

— As identidades foram verificadas, senhor. Não temos nenhum inimputável no local.

— Tenho certeza que não. Preciso de um serviço específico. Quero um segurança com cada uma delas, a novinha e a gêmea mais atirada devem permanecer longe de homens, coloque qualquer um que insistir para fora.

— Como vou fazer isso, doutor Lorenzo? Aqui é uma boate, os homens vão querer dançar com elas, se elas permitirem...

— Se elas permitirem que algum camarada ultrapasse o sinal em qualquer coisa que não seja uma simples e inofensiva dança... Ele

está fora.

— Entendido.

— Preciso dizer que é sigilo?

— Não senhor.

Como ordenei, nenhum homem teve grande contato com a Dora. Combina muito bem com ela esse nome, talvez não seja apenas Dora e sim Isadora ou Doralise, mas acredito que seja mesmo, apenas Dora.

Para minha surpresa e ira de Leônidas, a babá de Nina é mais atentada que as irmãs. Enquanto a gêmea de preto conversava com as amigas e bebia tranquilamente, Dora chegou a dançar com algumas amigas e alguns caras, mas vi que não rolou nada de mais, só o comum de alguém que sai para se divertir. E, a ninfeta do meu irmão dançou com vários homens de forma sensual, dançou sozinha e por fim com um negão que, com certeza a partiria no meio em vinte minutos de sexo. Mesmo com a intervenção dos seguranças Leônidas foi até lá e não sei como se resolveu.

— Já vi que a garota vai dar muita dor de cabeça para o Léo. Não me imagino tendo que lidar com alguém assim.

— Assim como Lo? Ela não fez nada de mais, estava dançando como todas as outras pessoas aqui dentro, é por isso que vamos a boates. Às vezes fico espantado com a breguise de vocês.

— Bento! Ela estava se esfregando no cara, só faltou trepar na pista de dança. Se fosse minha mulher eu teria terminado na mesma hora.

— Exagero mandou lembrança.

Muitas gargalhadas e pelo menos seis águas tônicas mais tarde, vou ao banheiro que fica aos fundos da área vip. Não sou adepto a bebidas alcoólicas e de qualquer forma estou dirigindo, não seria inteligente somar álcool e direção. Quando retorno cumprimento algumas pessoas pelo caminho e paro para fotografias, já que hoje

tudo é motivo para um selfie. Percebo que vários homens das mesas do camarote estão olhando para baixo, todos de boca aberta, alguns comentando de forma descarada enquanto a maioria lançava olhares de cobiça para um ponto específico. Sigo os olhares e fico estático por alguns segundos.

— Essa porra deve ser doida, só pode. Loucura de família, genético.

O Furacão está rebolando a bunda enquanto segura na barra de ferro do mini palco recém construído, ela sobe e desce no ritmo de *Drunk in Love* na voz de *Beyonce*. Seus olhos estão fechados e o cabelo cobre parte do rosto já suado, deixando-a ainda mais sexy e desejável, nada nesta mulher parece normal. Quando vira de costas e movimenta o quadril sinuosamente para os lados não parece existir ossos em seu corpo, a pele brilha e a calça de couro modela cada milímetro das suas curvas perigosas. Mando uma mensagem, com as mãos tremendo, para meu chefe de segurança:

“Coloque seus homens perto do palco, não permita a nenhum homem tocar na mulher de calça vermelha ou estará demitido. Ninguém a toca.”

Cinco homens protegem meu furacão exibido, vários caras tentam chegar perto ou colocar a mão e todos são convidados a se retirar da boate, o mais impressionante é que ela não está nem aí para nada, dança várias músicas e depois vai ao encontro da Sarah como se tudo fosse supernormal. Por mais que disfarçemos não perceber, nós homens sabemos quando uma mulher está nos dando mole ou se exibindo, a forma de olhar, o movimento dos cabelos e a sensualidade nos gestos entregam as mulheres muito facilmente. A mulher em cima do palco não está se mostrando para alguém, ela está entregue a si mesma e isso torna tudo ainda mais excitante.

Tudo bem que a intenção do palco é que as mulheres subam e percam a linha no meio da boate, dando um show à parte para os homens que aqui estão, mas estou pensando em mandar tirar essa

merda amanhã cedo. Agora entendo o comportamento de Leônidas com a garota dele, a sensação é horrorosa.

Todos os taxistas que fazem ponto na porta da Swinger's são cadastrados e tem um chip de rastreamento no carro que é conectado ao sistema de segurança da casa. Assim que elas entram no táxi um dos seguranças me passa o ID do carro e eu mando um SMS para o motorista.

“A corrida é por minha conta, não diga nada.”

Vejo pelo GPS que elas já chegaram a casa e só então vou para a minha. Agora já tenho o endereço, só falta saber qual o apartamento, mas isso vejo com o meu irmão.

Lembro-me de ouvir Sarah comentar com minha mãe em uma das visitas que fiz a Nina, que suas irmãs são instrumentadoras no nosso hospital. Não me lembro do rosto delas, se bem que, de máscara, capote e óculos fica difícil. Bento também confirmou a informação, mas não disse com quem elas instrumentam ou em qual plantão trabalham. Não será uma informação difícil de conseguir no RH.

— Segunda-feira vou caçar esse furacão e trancá-la em uma garrafa feito um saci.

Três

Por Lorenzo

Hábito. Essa é uma palavra que pode levar você a morte, vai levar com toda a certeza. Dentro da minha especialidade pessoas morrem a cada segundo por não abandonarem velhos hábitos. Sou obrigado a dar um choque de realidade em alguns pacientes, coisa leve.

— Dr. Lorenzo, o senhor vai me desculpar, mas meu avô morreu com 94 anos e fumava desde os 12. Meu pai fuma desde antes de eu nascer e está vendendo saúde. Esse é o meu único prazer e não irei largar.

— Ok. Vamos dar uma volta pelo hospital, tenho algo a lhe mostrar.

Aqui no MAH temos um programa antitabagismo que implantei juntamente com meu irmão mais novo, atendemos desde a pessoa que deseja abandonar o vício até o doente que precisa abandoná-lo para ter o fim menos doloroso. Ou... uso como terapia de choque para os fumantes convictos.

Caminho com meu paciente pelos corredores e aproveito para conversar sobre coisas corriqueiras da vida e distrai-lo do objetivo final. O senhor Marcos é meu paciente há muitos anos e acredita que o cigarro não o fará mal algum, já que não fez aos seus familiares, ele é o típico paciente que chega aqui querendo ensinar o médico a clinicar. Nunca se deu bem com nenhum cardiologista até cair na minha agenda, desde então temos uma boa convivência.

Marcos precisa se conscientizar que já passou dos 50, tem sobrepeso, má alimentação e é fumante compulsivo. Eu diria que pelos exames clínicos viverá no máximo mais três anos com esse coração, mas estou tentado ser sutil, coisa que não me cai bem.

— Marcos, por trás desta porta está o seu futuro. Aqui temos pacientes com quadros clínicos semelhantes ao seu, caso não aceite alterar os seus hábitos o Dr. Salgado será o seu novo médico.

— Nunca ouvi falar desse Dr. Salgado.

— Vai conhecer se aceitar passar por essa porta, não vou obrigá-lo. Podemos entrar?

— O que estamos esperando? — Marcos tem um jeito arrogante e dono de si.

Abro a porta branca e atravessamos um pequeno corredor, atrás de cada porta tem uma enfermaria com casos graves de doenças causadas ou agravadas pelo tabagismo. Caminhamos até a última porta onde temos doentes em tratamento paliativo e sem chance de cura... Em poucas palavras eles aguardam a morte chegar. Separados por biombos temos cinco pacientes ligados a diversos aparelhos de monitoramento e bombas de infusão.

Não é a melhor das sensações está aqui. Como em toda UTI a temperatura é muito baixa e o ambiente é controlado, duas enfermeiras preenchem prontuários em um balcão e um enfermeiro aspira a traqueostomia de um dos pacientes, a imagem não é das agradáveis apesar de necessária.

— O que essas pessoas têm? — O tom de voz de Marcos é penoso e assustado, acredito que o impacto que causei foi o esperado.

— Todos são vítimas do item que você carrega no bolso do paletó. São fumantes crônicos e não seguiram a recomendação médica. É aqui que deseja passar seus últimos dias, Marcos? — Por um longo tempo ele observa e não diz nada. — Todas estas pessoas foram pacientes do hospital e se recusaram a abandonar o

hábito do tabagismo. Prefiro não chamar de vício, já que não houve luta ou vontade de parar, mas sim o apego ao hábito e a total ausência do primeiro passo. Assim como você essas pessoas não tiveram interesse em parar.

— Eles estão em tratamento? — *Pergunta ainda observando os aparelhos e sondas conectados a cada um. Todos estão sedados e com todos os órgãos comprometidos, pulmão, coração, garganta e por aí vai.*

— Chega um estágio onde... não há tratamento. Fazemos o máximo, mas a taxa de mortalidade aqui é de 90%.

— Está dizendo que vou morrer?

— Todos vamos, um dia. Estou dizendo que terminar aqui não é o fim que eu escolheria. Ainda há recuperação para você, só basta querer. Você tem uma família e condições financeiras de lutar contra o vício, só falta deixar o hábito.

— Podemos sair daqui?

Marcos deixou o hospital com outra visão e a promessa e tentar. Saiu da minha sala direto para o Centro de Apoio ao Fumante que fica no térreo e se inscreveu em um de nossos programas. Uma hora depois sua esposa me telefonou chorando e agradecendo mil vezes pela decisão do marido. Não é uma caminhada fácil ou curta, mas é o melhor a se fazer. Costumo dizer aos meus pacientes que o cigarro é um suicídio em doses homeopáticas, coisa de gente que não tem coragem de simplesmente pular de uma ponte. Ok, eu sou um pouco radical, mas não obrigo ninguém a se consultar comigo.

— Diga Patrícia.

— O funcionário do RH já enviou a pasta que o senhor solicitou, encaminhei para o seu e-mail.

— Obrigado! E... já pode ir Patrícia, o seu horário era até às 19h e passa das 21h.

— Ah... Estou com um problema doutor. O metrô parou e não tenho como ir para casa, será que poderia me dar uma carona? — *Em outra situação eu acharia isso um pouco ousado, mas considerando que a fiz ficar até tão tarde, não posso simplesmente mandá-la pegar um táxi.*

— Tudo bem, vou terminar de lançar algumas informações na minha planilha e poderemos partir.

— Já estou pronta para quando quiser. — *Ou eu sou muito malicioso ou ela está tentando flertar comigo.*

— Ok.

Do elevador Patrícia já tenta puxar assunto, a todo momento ela toca em alguma parte do meu corpo e isso realmente me incomoda bastante, não que eu seja frio ou distante dos funcionários, mas não sou adepto ao contato físico durante qualquer conversa e principalmente quando a pessoa engata em um monólogo sem se dar conta.

— Onde você mora Patrícia?

— Moro em Vila Olímpia, próximo à estação.

Dirijo para fora do estacionamento privativo do MAH, ainda não passamos pela portaria e Patrícia já cruzou e descruzou as pernas mais de cinco vezes, ou tem tique nervoso ou está descaradamente tentando me seduzir. Só faltou perceber que eu não me chamo Bento e não achei meu pau no lixo para enfiá-lo em qualquer lugar.

Sigo suas instruções até parar em frente a um belo prédio com uma fachada imponente, se não soubesse que ela mora sozinha diria que os pais têm um alto padrão de vida, porém a informação que tenho é que ela mora sozinha. Patrícia é uma mulher muito bonita, loira com longos cabelos escorridos e quase brancos, um corpo digno de uma assistente de palco de programas apelativos e sempre está muito bem vestida e maquiada.

— Chegamos.

— Já está tarde, não quer subir e comer... alguma coisa. — *Essa foi forte. Inclino a cabeça para olhá-la com mais cautela e avaliar suas expressões depois dessa frase dúbia.* — Tenho um vinho chileno maravilhoso que um amigo me deu.

— Obrigado, mas vou recusar.

— Tem certeza? — *a mão que antes só tocavam em meus braços e ombros, agora paira sobre a minha coxa com um discreto aperto. Definitivamente essa mulher acha que eu sou o Bento e como tudo que use saias.*

— Patrícia. — *retiro sua mão e a coloco sobre o console do carro. De cinco dedos, quatro tem anéis chamativos e dourados, fora a grande quantidade de pulseiras em ambos os braços. Lembre-se com quem está falando, não me chamo Bento e não pretendo transar com você.* — Não permito que retruque e continuo. — Não adotei a política de manter-me longe das funcionárias, mas jamais me envolveria com a minha secretária.

— Não foi isso que convidei o doutor para fazer, mas...

— Mas nós vamos encerrar isso por aqui antes que fique mais constrangedor para você.

— Se mudar de ideia já sabe onde moro, é só chegar.

Ser calado ou na minha, não é uma tática de sedução, mas vejo que funciona muito bem para isso, mulher é um bicho curioso e mexilão, quanto mais quieto você está, mais desesperada para te conhecer ela fica. Patrícia nunca foi tão descarada quanto hoje, ela já tentou simular estar distraída enquanto me mostrava os seios e inclina-se demais para pegar qualquer coisa, mas nunca me tocou como fez hoje.

Se o meu foco não fosse outro, talvez até aceitasse um boquete para relaxar... Talvez. Tudo que quero agora é chegar em casa e estudar o e-mail que o RH do hospital me encaminhou, preciso desesperadamente saber mais sobre o furacão de vermelho que invadiu os meus pensamentos desde ontem.

— Ah! Mulher dos infernos, ainda arranco sua roupa e te pego de quatro até perder as forças.

Chego em casa e encontro Bento de cueca deitado no sofá assistindo Transformers e comendo batatas. Por mais responsável que seja se tratando de trabalho, ele ainda é o mesmo moleque de sempre quando tira o jaleco. Sim, ainda moramos com os nossos pais e tenho certeza que isso não acabará tão cedo nem para mim e muito menos para ele que onde se joga come e dorme.

— Refrigerante e um saco enorme de batatas vão te levar direto para o meu consultório. — Digo tomando o saco de suas mãos e comendo um punhado bem farto das batatas industrializadas.

— Pena que não tenho uma forma de te fazer ir parar no meu consultório. Adoraria te examinar.

Suas palavras refletem instantaneamente em minha postura, fecho o semblante e jogo o saco sobre ele de forma que todo o conteúdo se espalha pelo sofá. Bento percebe que atingiu onde não deveria e tenta se retratar, mas já é tarde.

— Oh! Cara não foi isso que quis dizer, não. Referia-me ao fato de um homem não poder gestar uma criança e não a sua infertilidade. — Sento sobre a mesa de centro e procuro o e-mail com os dados de Dora que Patrícia me enviou. — Lo?

— Vai tomar no cu!

— É sério. Olha só, eu jamais brincaria com algo importante assim para você, nem mesmo do seu pé de mutante eu falo mais... — Arremesso o aparelho celular em sua testa e acerto em cheio. — Porra, isso dói. Vejamos o que temos aqui. Dados cadastrais de...

— Me devolve isso infeliz.

— De forma alguma, tem informações valiosíssimas aqui. Dora Barcelos, instrumentadora contratada em 2011, sangue A+. — Arranco o telefone de suas mãos e tento me concentrar nos dados descritos.

— Ela tem só 26 anos, parece ter mais.

— Se falar isso com ela vai estragar a cantada velho. Eu começaria comentando do cabelo ou da boca, que é um crime. Nem sei para que uma boca tão grande, dentes grandes...

— Desce da nuvem Alice.

— Já desci a muito tempo, se essa aí for parecida com a irmã você está fudido.

— Como a Sarah do Leônidas? — Jogo um verde, sei que aí tem coisa e ele não quer me falar. Deve ter tomado um fora e tenta esconder.

— Não, a Sarah é gente boa, eu sempre a vejo com a Nina na casa do Léo. O problema ali é a Safira, a outra gêmea. Nunca conheci ninguém tão complicada, ela é estranha.

— Estranha?

— Vamos falar da gêmea do bem e esquecer a gêmea má. Você gostou mesmo da mulher néh? Isso aí é a Ficha Cadastral dela? Estou sem palavras irmãozinho.

— Não tem nada demais, só queria saber mais sobre ela. Não me lembro de já ter ficado tão interessado em alguém, a Dora é radiante. Parece ter um foco de luz em cima dela e nenhuma outra mulher conseguia brilhar tanto.

— Rebolando no pau de poli dance até eu me destaco. — Sorri e enfia um punhado de batatas na boca. É um filho da puta mesmo.

— Vamos parar de falar dela assim? Estou até pensando em mandar tirar aquela porra de palco. Agora vou deitar que tenho uma cirurgia agendada para às 7h. Vê se limpa essa zona que você fez, parece criança comendo.

— Falou mamãe.

— Se ela vê isso aí, vai arrancar sua pele.

Vejo Dora algumas vezes durante a semana e percebo que é uma mulher cercada de amigos, principalmente homens, a maioria é homossexual só que isso não é uma regra dentro da enfermagem, tem muitos enfermeiros héteros e isso está tirando o meu sono. No MAH temos um grande refeitório na cobertura, é bem estruturado e quase todos os funcionários fazem as suas refeições aqui, até mesmo nós da diretoria. Dora almoça aqui sempre que está de plantão e já aprendi os seus horários, sempre está acompanhada e suas gargalhadas enchem o ambiente.

Leônidas me pediu três entradas para a festa de aniversário da Swinger's. Vejo uma boa oportunidade de encontrá-la sem as barreiras do hospital, aqui temos as convenções e a preocupação com o julgamento dos outros. Tenho certeza que em um local neutro minhas chances serão maiores.

Quatro

Por Dora

Nada veste bem quando você está mal, não há roupa no mundo que esconda uma alma ferida. Olha para as roupas penduradas na arara e nada me agrada, muito pelo contrário, tudo está sem humor... Eu preciso de alegria para seguir.

— Mana, não adiante ficar remoendo o que não tem solução. Você não estava feliz com ele e jamais poderia estar, vocês são muito diferentes um do outro, Emerson é muito bacaninha... e só isso.

Sinto o olhar julgador de Safira sobre mim sem precisar virar em sua direção, minha irmã tem o dom de julgar e condenar qualquer um sem precisar colocar isso em palavras. Por mais que não tenha dito, sei que não apoia a minha decisão de largar um relacionamento estável para ficar sozinha.

— Ele está me odiando.

— Eu também estaria. Foram oito anos jogados no lixo, uma relação em que ele acreditava. Não é para menos que esteja se sentindo descartado.

— Já pensou em guardar essas coisas para você? Sério... Eu estou aqui me sentindo o cocô do cavalo do bandido e você termina de me espezinhar? Puta que na merda hein!

Sem dizer mais nada Safira vai até minha arara de roupas e tira um vestido preto, abaixa-se e pega uma sandália arremessando os dois em mim. Estou sentada em minha cama com as pernas cruzadas, sempre uso um camisão do piu-piu em casa e hoje não é diferente. Combinamos com a Sarah de nos encontrarmos na boate e eu ainda nem sequei o cabelo, minha sargenta... irmã já está prontinha e com a pior das caras na minha frente.

— Vesti isso e vamos. Estou ligando para o táxi e vai ficar estranho você chegar à Swinger's com isso aí. — *Diz apontando para a estampa que vai da minha clavícula até o início da coxa.* — Anda, cacete!

— Falando com tanto amor eu até vou. — *E essa é a primeira gargalhada do meu dia.*

O vestido que Safira jogou em mim tem a lateral toda cortada a laser imitando folhas de árvore, da axila até a barra existe uma listra de uns dezesseis centímetros toda cortada com essas folhas vazadas. Não há forro ou tela, a minha pele branca fica exposta e por isso não posso usar calcinha. Ops! O sapato também é preto, mas tem o solado vermelho sangue imitando uma marca famosa por essa característica, só que não teria como comprar um destes.

Com o cabelo preso em um coque, aciono o secador no máximo e quando o solto tenho vários cachos longos e com a aparência desleixado chique. Uma tonelada de rímel e um blush depois, estou pronta. Claro que Safira já me chamou mil vezes, mas como já conheço a peça, só deixei o quarto quando escutei o interfone chamar.n— Vou te arrastar pelos cabelos! — *Minha irmã grita do corredor.*

— Já estou aqui filhote de Cruz Credo.

— Já se olhou no espelho? Gostaria de te lembrar que somos gêmeas univitelinas e por este fato você também é um filhote de Cruz Credo... Com a diferença que eu sou mais inteligente e falo menos palavrão que você. Quem ganhou uma bolsa integral de estudos por três anos em Londres? Hum.... Ah! Euzinha. — *Safira*

diz com um sorriso debochado que só ela sabe dar, finge desamarrotar a roupa e acerta a sobancelha com o dedo médio. Sim, ela está me mandando tomar no cu, mas é muito fina para verbalizar. Brigamos sempre com muito amor, parece que não, mas ela é uma pessoa maravilhosa... Só sofreu demais para se abrir.

Essa é a segunda vez que viemos nessa boate, que por sinal é maravilhosa! Hoje viemos como convidadas pelo dono e irmão do atual “caso” da minha irmã casula, se é que devo chamar isso que eles têm de caso. Tem uns seis meses que Sarah está aqui em São Paulo e não só conhece os chefes como pega um deles, eu estou aqui há três anos e só vi três deles, a mãe, o Carrasco e o Sorriso... não tem como não rir ao lembrar disso, os médicos donos do hospital são chamados assim na surdina pelas funcionárias.

Entramos e vamos direto para o bar, definitivamente hoje vou lacrar a porra toda, quero beber um litro de coragem, pegar um bofe escândalo e trepar... Isso mesmo, trepar a noite inteira sem nem saber o nome do sujeito. Quero entender o valor que as pessoas dão ao sexo e nunca soube o porquê.

— O que as duplicatas vão querer? — *Pergunta o barman e nós rimos com o termo.*

— Acho que você assiste Diários de um Vampiro, bom saber. Vamos de Martine com azeitona.

— Para mim, com duas cerejas. Hoje estou malévola. — *Mando um beijo para o rapaz do bar que nos atende com presteza e faz os drinks com um belo sorriso estampado no rosto e sem conseguir disfarçar a surpresa com o tamanho da minha boca. Isso é comum e por isso que não costumo usar batom, todo mundo olha quando eu sorrio. Além dos lábios muito grossos, tenho a boca e os dentes bem grandes. Quando mais nova isso me incomodava além da conta, hoje acho o máximo, já Safira morre de vergonha e se acha parecida com o Coringa, coisa que só ela pode explicar.*

Não vou voltar atrás na minha decisão, estou feliz aqui e é assim que quero permanecer, sozinha e feliz. Emerson é um amor de

pessoa, dedicado, carinhoso e fiel, mas não é o suficiente. Não quero me casar e viver sem jamais ter sentido o que é desejo de verdade, sem ter me perdido em alguém de uma forma que só vejo nas novelas e nos livros de banca. Acho que o envolvimento de Sarah com o Dr. Leônidas mexeu comigo e mostrou-me que nunca senti nada assim por ninguém, ouço minha irmã contar de como se sente quando está com o ele e sinto inveja, não uma de posse, mas uma inveja de sentimento literal mesmo. Quero algo assim para mim.

Já estou na quarta taça e não sinto os efeitos do álcool em meu organismo, devo está anestesiada. Safira encontrou umas meninas do hospital e engrenou no seu assunto favorito: A viagem para Londres. Santa tartaruga, não tenho saco, hoje não. Quando penso em me jogar na pista de dança Sarah chega e sozinha.

— Que bom que já estão aqui! Achei que ficaria sozinha. — *Fala enquanto nos cumprimenta.*

— Você não viria com o Dr. Leônidas, Sarah? — *Pergunta Safira desconfiada, sem fazer a menor questão de esconder que é contra o envolvimento de Sarah com o seu chefe e nosso chefe também.*

— Sim, ele foi estacionar.

— Ou foi despistar que vieram juntos?

— Gente!!! Chega disso, hoje é o nosso dia e vamos nos divertir. Quero esquecer o mundo e dar para algum desconhecido. — *Se eu queria causar, eu causei. Sarah e Safira olham para mim com os olhos chocados e sem dar tempo a minha sargenta, rumo para a pista de dança em fervorosa.*

Aqui sim é o meu lugar, música animada, gente bonita e muito calor humano. Adoro Calor humano!

A batida envolve o meu corpo e é exatamente disso que estou precisando nesse momento. Meu corpo se move sem que eu tenha que ordená-lo, meus quadris ganham vida própria e tomam o ritmo para si, desde Anitta, passando por Rihanna e Kate Perry até chegar

em Beyoncé minha diva magnânima. Esse DJ foi com a minha cara e está acertando em tudo. Para terminar de me conquistar o infeliz coloca End Of Time me fazendo baixar a Queen B purinha toda trabalhada no rebolado. Não é todo dia que se está tão disposta para si mesmo.

Como mágica, mãos enormes escavam meu quadril e sou puxada para trás. Não vejo seu rosto, mas percebo que tem o corpo bem construído e braços muito grandes para alguém menor que 1,90m, os pelos aparados do cavanhaque fazem o caminho entre meu ombro esquerdo e o direito, volta e sobe até a orelha direito. Diz quase dentro do meu ouvido.

— Como vou resistir se sua bunda brinca de pêndulo com os meus olhos? Você não está facilitando nada aqui mocinha. — *Ah! Que voz é essa!!!!!! Quero gritar.*

— Eu conheço você? Acho melhor se afastar ou vai esfolar o brinquedinho no jeans da calça. — *Continuo rebolando ao som de Shakira. A cada nota mais alta, lanço as nádegas para cima e tenho o prazer de escutá-lo gemer.*

— Pelo tempo que estou te observando dançar, pode ter certeza que já estou mais que esfolado, além de totalmente melado. Posso garantir que teremos problemas se continuar a fazer isso.

— Isso? — *Faço um círculo no ritmo da música e coloco os braços em seu pescoço ainda de costas para ele. Putz grila! Muito alto esse pescoço para mim, mesmo de salto.*

— Oh! Isso.

— Desculpe.

Como se estivéssemos apenas dançando ele me gira e ficamos cara a cara. *Senhor isso é um crime contra a minha falta de calcinha e excesso de Martins.* Dou uma olhada em volta e vejo Sarah caminhar em direção ao banheiro e Safira conversar com algumas amigas. Volto a focar no loiro enviado diretamente da Grécia para

mim, só pode. Meu rosto bate em seu peitoral e sou obrigada e olhar para cima. Isso é covardia.

— Não se desculpe por me deixar assim, se desculpe por ainda não estar montada sobre ele. — *O loiro olha para baixo e levanta uma das sobrancelhas, referindo-se ao mastro erguido sob o jeans.*

Estou em uma boate escura, ele já deve ter bebido e eu com certeza já estou embriagada e não vou me lembrar disso amanhã. O cara é um deus grego, tem um hálito mentolado que está me chamando... *Ah! Só hoje Dora, só uma trepada e nada mais. Sem compromisso, sem nomes. Não, ele pode ser um maníaco e eu não quero aparecer no obituário de amanhã.*

— Eu não sairia daqui com um completo estranho. Por mais que eu queira montar sobre... Você.

— Não seja por isso, vem comigo. — *Sem mais nem menos ele me arrasta pela boate, tento me soltar sem sucesso, até que cravo as unhas na palma da sua mão e recebo um olhar interrogativo enquanto ele abre e fecha a mão machucada.*

— É surdo? Não vou sair daqui com você.

— É cega? Não estamos saindo, a saída é para frente, estamos entrando ainda mais. Vamos para o subsolo.

Subsolo. Oi?

Como assim gente? Tudo bem que ele é cheiroso, gostoso, tem olhos azuis gelados e um corpo... *Putá merda, que corpo!* Mas não é assim não néh, tinha que rolar um drink, um beijo... alguma coisa.

Começamos a descer a escada e chegamos em uma porta negra com um teclado digital do lado direito, que logo é desbloqueado. A sala está escura, a não ser por um impressionante aquário ao fundo iluminado com leds coloridos e uma leve luz branca ao fundo. Não há janelas no lugar, mas está frio com o ar condicionado central.

— Nossa!

— Essas são as minhas meninas. Adoro observá-las enquanto penso. Gostou?

— São medusas? — *Ele sorri e quase posso dizer que está envergonhado.* — Normalmente criam peixes nesses locais, eu esperava no máximo uma arraia.

— Não gosto do comum, prefiro o exclusivo e diferenciado. Acha bonito?

— São lindas! Então você é dono deste lugar? E se é o dono, é o irmão do Dr. Leônidas e conseqüentemente dono do MAH... Você é o tímido? — *Hum!!!! Boca de caçapa.*

Para a minha surpresa ele sorri. Não é um sorriiiiiso, mas é um sorrisinho tímido e genuíno.

— Sim, eu sou o tímido. Apesar de preferir que me chamem de Lorenzo, que é o meu nome de batismo.

Dora, Dora, péssima ideia Dora. Acho que o meu dia de loucura acaba aqui, ele não é um desconhecido e não vou poder sumir do mapa. É uma pena, mas não vai rolar.

— Preciso voltar para cima.

Caminho até a porta e percebo que está trancada, mas não há chaves apenas o mesmo teclado. O loiro, agora doutor Tímido, está recostado na mesa com os olhos focados em mim e uma expressão quase faminta ou devoradora. Seu cabelo é na altura do queixo e cai para frente quando abaixa o queixo para esconder um sorriso maior.

— Estou começando a ficar com medo de você. — *Permaneço grudada na porta, minha respiração está um pouco alterada. Sinto-me um bicho acuado por uma raposa que não come há meses, não tenho para onde ir.*

— Se eu fosse você também teria. — *Que voz é essa, meu pai.*

— Não está ajudando, abra essa porta ou vou gritar.

— Duas informações... Esse local é a prova de som. A segunda é que — *em dois passos estamos frente a frente e volto a olhar para cima percebendo seu nariz reto e másculo.* — Você vai gritar!

Nem um suspiro fui capaz de dar antes que sua língua estivesse dentro da minha boca, ele usou de força bruta para manter minha cabeça presa ao seu cativeiro. Não foi ruim... Foi incrível. Acho que agora entendo.

Cinco

Por Dora

Isso não é uma boca, é um buraco negro que está sugando tudo que tenho dentro de mim. Tímido? Onde foi parar a timidez desse homem sobre mim, gente? Ele era para ser retraído e quieto, diferente dos outros dois, era para eu estar surpreendendo aqui e não ele. Não é possível que alguém introvertido tenha esse olhar de “*sou o lobo mau e vou te comer*”, além do mais, vai ter olho azul assim lá na casa do caixa prego, parece que estou olhando para algo cibernético, como se fosse falso ou criado em computador.

Ele não pediu permissão, consentimento ou passagem... Simplesmente fez, e fez muito bem feito, de uma forma que ninguém jamais havia feito em toda a minha vida. *Oh Deus!* Não o deixe parar ou eu vou derreter aqui mesmo. A aspereza da parte superior da sua língua se alterna com a maciez da parte inferior, em alguns momentos é dura e em outros delicada e maleável. Em nenhum momento suas mãos deixaram meus cabelos, mantêm-me presa ao seu ataque quase doloroso, os polegares pressionando minhas têmporas enquanto guiava os movimentos com precisão milimétrica. É como se minha anatomia tivesse sido estudada antes do beijo e agora ele soubesse exatamente onde estavam os pontos de estímulo. *Oh eu definitivamente estou muito estimulada.*

— Hum!

Sem interromper o longo beijo, seu joelho esquerdo separa as minhas pernas e com a coxa começa a esfregar minha bocetinha

lentamente, tão lentamente que tenho vontade de berrar por mais pressão, o jeans faz o seu papel e não consigo deixar de gemer com o contato. É uma sensação nova e deliciosa, onde meu corpo não consegue segurar e deixa escapar sequências de suspiros carregados de luxúria. Quero olhar para sua calça e saber se deixei a umidade que escorre de mim escapar além da conta, sinto-me envergonhada com essa situação nova.

— Por favor... Pare! — *Lorenzo busca minha boca e retoma o beijo com uma mordida dolorosa em meu lábio inferior, mas é uma dor... Gostosa. Nunca pensei que diria isso, é a melhor dor que já experimentei. Quanto mais eu tento separar nossas bocas, mas força ele aplica no beijo... Oh! Que beijo.* — Sua calça.

— Shii!

Como uma máquina sua boca toma minha língua e chupa com força enviando sinais antes desconhecidos para o meio das minhas pernas, nem em minhas melhores transar com Emerson senti algo que se aproximasse disso. Tento juntar as coxas quando sinto algo quente escorrer de dentro de mim, estou ainda mais envergonhada. “ *Você tem um cheiro forte*”. De onde eu desenterrei isso? As palavras que Emerson me dizia quando perguntava porque não me chupava, nublam minha mente e essa simples lembrança deixa-me congelada. Ele vai perceber como estou.

— Pare agora!

— O que foi. — *Lorenzo pergunta a três dedos do meu nariz, sem afastar-se ou me dar o mínimo de espaço.*

— Ah... Sua calça, é melhor retirar a perna daí. — Fingindo-se de desentendido ele continua parado com a sobrancelha levantada e um pequeno sorriso nos lábios vermelhos e inchados. — Eu preciso voltar lá para cima agora mesmo, isso nem deveria ter começado. Parece uma desculpa ridícula, mas não sou assim, acho que bebi demais. — *Mesmo assim ele não se move, repete o vai e vem da perna fazendo-me querer continuar, mesmo sabendo que vou me*

arrepender. — Além do mais, vou acabar sujando a sua calça... Ai que vergonha, droga!

— O problema é a minha calça? — *Aceno nervosamente com a cabeça, minha respiração está ruidosa e descompassada, preciso me afastar desse “falso tímido”. Onde está toda aquela coragem que eu tomei em forma de Martini?* — Não seja por isso.

Totalmente desinibido, o homem chuta os sapatos e tira a calça em dois segundos, jogando-a para o lado e permanecendo com uma boxer branca. Oh Céus... branca e com uma grande mancha molhada em destaque ao final de uma longa protuberância. Preciso olhar para cima, os olhos dele estão em cima... Olhe para o rosto dele, Dora o rosto.

— Você tirou a roupa. — *Ainda estou perdida contando os centímetros intermináveis contidos dentro da cueca de algodão branco.*

— Resolvi o seu problema, não tem mais calça entre nós. Devo tirar o resto?

— NÃO! — *Creio em Deus pai!*

— Vem aqui. — *Hum! Mais beijos, muito mais beijo e agora sinto perfeitamente o quão duro ele está, definitivamente isso devia ser proibido de circular sem pagar imposto.* — Faz muito tempo que desejo essa boca carnuda e obscena.

— Nós nunca nos vimos. — *Não dá para pensar com ele lambendo o meu pescoço assim. Oh! A orelha é covardia.*

— Eu estava aqui na semana passada e vi você com suas irmãs. Apesar de achar frustrante que não tenhamos nos encontrado nos corredores do hospital. Nunca instrumentou para mim? — *Cada palavra é seguida por uma lambida, um beijo ou uma mordida.*

— Quero que pare agora.

Para a minha surpresa ele faz o que digo, mas segura com força a minha mão e arrasta-me até um sofá de dois lugares. Mudando

completamente de postura, Lorenzo senta ao meu lado e puxa minhas pernas para o seu colo, estou sentada de lado com as duas pernas no seu colo e as costas apoiadas no braço no sofá.

— Eu estava com meus irmãos na área vip e vimos vocês chegaram. Bento disse o seu nome e não pude parar de observar todos os seus passos, até mesmo quando resolveu agraciar a todos os homens da casa com aquela maldita dança na barra de ferro. — *Ops!* — Soube mais sobre você pesquisando nos arquivos do MAH. Quando Leônidas me pediu os convites vi uma boa oportunidade de me apresentar. Como eu disse antes, meu nome é Lorenzo e estou aqui para te conhecer.

Uau!

— Pode parar de alisar minhas coxas? — *Isso é tudo culpa do Martini, acho que vou pegar fogo e nem sei dizer como isso é possível.* — Pare!

— Não gosta? — *Acho que esse cara dublou Freddy Krueger, só pode. Para que ter uma voz assim, gente? Parece o camarada do Pânico, se me ligar de madrugada eu grito na certa.*

— Mais do que deveria. Você está rouco ou o quê? — Sempre que sorri percebo que ele olha para baixo, como se quisesse esconder o sorriso. Tento fixar meus olhos nas medusas, mas a maldita mão não me deixa raciocinar.

— Não estou rouco, minha voz é assim mesmo.

Por um tempo não dizemos uma só palavra. Lorenzo espalma a mãos em minha coxa e desliza para cima e para baixo enquanto faz círculos com o polegar e pressiona ou outros dedos. Acompanho seus movimentos com os olhos, a cada vez sobre mais um pouco. Decido entrar no seu jogo e fazer o que realmente tenho vontade, sem convenções. Permito que continue com as caricias.

— Sente.

Quase protesto quanto sua mão deixa a minha coxa para pegar meus pés, até que percebo a sua intenção. Lorenzo eleva um pouco o quadril e abaixa a cueca dando-me a total visão do seu pênis que está vermelho e com veias calibrosas da base à glândula. Isso sim deve ser chamado de cabeça, e que cabeça, é mais grossa que o restante e parece ter uma espécie de cicatriz em volta. Vejo que operou de fimose e isso o deixa com um ar bruto.

— Gostou dele? — *Finalmente olho para o seu rosto, pois até agora estava praticamente hipnotizada com o porte desse pênis. Escandaloso.*

— Desculpe.

— Já disse pelo que deve se desculpar.

Lorenzo junta meus dois pés com uma só mão e deixa sua ereção entre eles, repete três vezes o movimento de sobe e desce até perceber que o faço sozinha.

Sim, eu estou masturbando um homem com os pés!

Logo volta a acariciar o topo da minha coxa. Os olhos são tão azuis que mais parecem piscinas naturais, o rosto é rude e traçado por fortes marcas de expressão que neste momento estão ainda mais evidenciadas pela expressão de desejo que transparece. Céus, eu estou masturbando um desconhecido com os pés enquanto ele acaricia meu corpo e praticamente me violenta com os olhos.

Ainda não encontrei a parte tímida desse homem, só vejo virilidade, desejo e muita testosterona acumulada. Ele tem um pescoço grosso e os trapézios destacados nos ombros, como se malhasse muito, sem as calças posso ver que as coxas são totalmente esculpidas e cobertas por pelos loiros. Em um gesto rápido Lorenzo arranca a camisa e vejo que assim como as pernas, seu peito e abdome são tomados por pelos dourados e lisos.

— Abra mais as pernas, quero uma visão melhor de você. — *Assim o faço e não satisfeita com o meu descaramento, levanto o*

bumbum e subo o vestido até a cintura, mostrando que não uso nada por baixo. — Não se engane comigo Dora. Esperei tempo demais...

— Eu também esperei demais para sentir o que estou sentindo agora. — *Ele coloca o polegar dentro da boca para depois acariciar entre meus pelos em busca de algo. E ele encontra, sim.* — Ah!

— Sua boceta parece ter sido desenhada. — *Volta com o polegar para dentro da boca e chupa com os olhos fechados.* — E é saborosa também, melhor que vinho.

A mão que estava dentro da boca agarra os cabelos da minha nuca e sou puxada para o seu colo, fico sentada sobre suas coxas com o mastro erguido entre nós. Lorenzo arranca meu vestido e junta os meus seios mordendo o vão que se forma entre eles, lambe todo o contorno de cada seio até chegar ao bico. Nem nas minhas piores TPMS eles estiveram tão pesados, os mamilos destacam-se da pele, até a pelugem a sua volta está ouriçada.

Lorenzo parece faminto, chupa enquanto roça os dentes e aperta a carne. O som que deixa sua garganta é ainda mais rouco que sua voz ao falar, são grunhidos consecutivos, a cada vez que chupa e morde meus mamilos um novo rosnado de satisfação enche a sala. Como não consigo fazer nada além de afundar minhas unhas em seu ombro, ele mesmo toma minhas mãos e demonstra como deseja ser tocado.

— Assim.

Não há muito a dizer, permaneço por alguns segundos apenas segurando toda aquela extensão firme e pulsante entre meus dedos, mas logo me recupero e busco todas as doses de Martini dentro de mim.

Você já está montada sobre o cara, ele está pelado, excitado e chupando os seus peitos. Vai correr agora porra? Esquece que ele é médico e dá essa boceta logo.

— Que se foda! — Ele eleva os olhos para mim, questionando e frase sem cabimento e meneio a cabeça para que ele desconsidere.
— Oh!

Um gemido foi tudo que ele precisou escutar para voltar ao que estava fazendo antes do meu surto.

Faço um breve cálculo mental, se minhas duas mãos estão envolvidas no pinto dele e ainda sobra boa parte para fora... Nossa! Quais são as chances de isso não caber em mim? Todas as possíveis. Não paro os movimentos e vejo que isso o deixa ainda mais enlouquecido, enquanto reveza entre meus seios e algumas mordidas pela extensão do meu colo. As mãos de Lorenzo lembram raquetes de tão grandes, tenho uma ideia melhor desse tamanho quando ele segura minha bunda e consegue tomá-la quase inteira com as mãos, a pressão dos seus dedos é desconcertante, principalmente quando ele abre as bochechas e puxa-as para cima.

Ele para e observa meu corpo por um tempo, olha todos os detalhes com calma e atenção, até que solta minha bunda e coloca dois dedos entre as minhas pernas. Sua palma está voltada para cima e os últimos dois dedos e o polegar estão flexionados para dentro da palma, com o olhar focado em seus movimentos ele traz toda a umidade, desde a vulva até chegar aos pelos e mostra-me os dedos elevando a mão e deixando-a de frente para mim e encostada em seu nariz.

— Esse cheiro é... o mais perfeito dos perfumes. Chupa.

Eroticamente ele introduz os dois dedos dentro da minha boca e pela primeira vez sinto o salgado e encorpado gosto da minha intimidade. Ao mesmo tempo que retira os dedos ele coloca a língua e volta a me beijar saboreando preguiçosamente o gosto que temos juntos. Comigo no colo ele caminha até a mesa, abre a gaveta e pega algo, voltamos para o sofá e retornamos a mesma posição.

— Coloca para mim. — Claro que eu sei colocar uma camisinha, afinal, sou uma profissional da saúde, mas confesso que nunca fiz isso em um modelo vivo, pulsante e tão... grande. — Anda, ou vou

acabar entrando em você sem. Somos responsáveis e adultos, não me faça perder a cabeça.

Respiro e faço a melhor das minhas caras de “*faço isso diariamente*”, me surpreendo com a facilidade em colocá-la, mas também, com uma barra de ferro fica mais fácil. A primeira vez que tentei no Emerson e ele teve que terminar, escorregava e o pinto dele não era tão... rígido como este aqui. *Eita!!! Canta para subir lembrança doida, foca no boy magia nas suas mãos que amanhã não tem mais.*

Todo o tempo em que vestia a camisinha nele fui tocada e acariciadas por suas raquetes maravilhosas.

— Agora vem, senta. — *Um braço possessivo agarra minha cintura e puxa-me para si, ficamos peito a peito, ele guia o pênis até minha entrada e indica que desça. Assim o faço, não é doloroso, mas é um pouco incomodo e arrebatador, sigo descendo e descendo, parece que não vai terminar nunca. Quando me sento completamente tomada por ele, respiro e deito a cabeça em seu ombro, busco algo que não sei dizer o que é, mas mesmo assim ele me dá.* — Acostume-se, vou estar aqui todos os dias daqui para frente.

Com ajuda das suas mãos começo a me mover, primeiro com cuidado para não me machucar, mas é impossível me manter assim quando sinto coisas que jamais pensei existir no meu corpo. Vejo Lorenzo tentando se controlar a todo custo, o ar deixa suas narinas dilatadas e a tensão está desenhada nos músculos da face. Quando subo tudo e coloco tudo de uma vez só, ele geme e morde meu ombro com força, mas logo lambe percebendo que passou da conta.

— Já deu tempo de se acostumar néh? — *Nem tive tempo de responder. Fui lançada contra a parede sem deixar seu colo, estou presa entre uma muralha de músculos e a de concreto da parede fria* — Agora deixa comigo, ou vou morrer com isso.

As belas raquetes apoiam minha bunda enquanto a boca saqueia a minha e bebemos nossos gemidos. Ele me penetrou ainda mais,

abrindo minha carne como jamais senti antes, estou tão preenchida e louca por ele que não sei se o desejo dentro de mim é para parar ou se o quero ainda mais. Nesse momento não sei mais nada, estamos como animais entre gritos e gemidos, as carícias viraram apertos firmes e incessantemente ele me penetra com o que parece ser toda a força que tem. Quase posso dizer que serei rasgada ao meio por esse gigante esfomeado, mas não quero parar, não posso parar.

— Oh Dora!

— Sim, sim. Vai!

Comigo engalfinhada a seu corpo, Lorenzo caminha até a mesa e lança tudo que tem sobre ela ao chão, sou colocada com as costas apoiadas na superfície e ele deita-se parcialmente sem parar os movimentos, entra mais e mais até que percebe que estou envergada e gemendo alto demais, estou fora do meu corpo e ouço tudo em segundo plano. Busco algo para segurar, agarro-me as bordas da mesa quando algo desconhecido começa a se formar no meu interior, por instinto tento fechar as pernas, mas é em vão, tem um homem enorme entre elas.

— Não tenta parar o que estou te dando, deixa vir. Sente como ocupo todo o seu interior, sente sua carne se abrindo para mim.

Percebo quando ele morde meu mamilo, mas a partir daí não sei de mais nada.

Seis

Por Lorenzo

Nunca foi tão bom, nunca me senti tão faminto e tão saciado ao mesmo tempo, é algo inexplicável e ao mesmo tempo totalmente coerente. É ela, não tem como ser outra além da bela dos lábios obscenos na minha frente se contorcendo pelo prazer que eu proporciono a ela. Cada vez que seus seios sobem de forma frenética eu fico ainda mais perdido nas suas reações, Dora nua sem barreiras e máscaras, vejo exatamente o que está sentindo.

— Não tenta parar o que estou te dando, deixa vir. Sente como ocupo todo o seu interior, sente sua carne se abrindo para mim.

Desço meu tronco até conseguir abocanhar seu mamilo esquerdo e prendê-lo entre meus incisivos da forma mais sutil possível, mas talvez não tenha obtido sucesso nesta sutileza. Sua reação é de euforia total, a coluna enverga para trás, as mãos buscam apoio nas laterais da mesa e o interior convulsiona a meu redor com um peristaltismo acelerado e ritmado. Oh! Os gemidos são música para meus ouvidos e dissipam com todo e qualquer controle que eu mantinha antes.

— Ohr!

Eu devo estar ficando velho mesmo.

Quando em toda minha vida como homem feito que simplesmente desmoronei em cima de uma mulher? Tudo bem que ela gozou, e muito, mas eu estou totalmente destruído e acabado, se ela falar em segunda rodada em menos de uma hora acho que passo vergonha, tenho certeza.

— Quero passar o resto da noite com você, dentro de você. —
Com um lindo sorriso no rosto e os olhos fechados ela responde.

— Eu vou adorar.

— Então vamos colocar as nossas roupas e vou com você para casa, para a sua casa. Dona Magda não deixa entrar mulher no quarto dos filhos que não seja ela ou as empregadas mais idosas.

— Disfarço o sorriso com algumas lembranças da juventude.

— O garotinho da mamãe?

— Pode-se dizer assim. Nunca levamos mulher para casa em respeito a meus pais, é uma norma da casa. — *Retiro-me do seu interior e amarro o preservativo jogando-o na lixeira em seguida. Dora permanece deitada com os olhos fechados.* — Não vai abrir os olhos bela adormecida? — *Beijo seu queixo e deixo uma mordida de leve fazendo-a virar o rosto, vejo que pesei um pouco na mordida e ela tem praticamente um molde da minha arcada no ombro.*

— Estou com vontade de dormir em cima dessa mesa. Posso?

— Pode... Mas não hoje, hoje irei te vestir e te levar nos braços até o meu carro, só preciso da chave do seu apartamento.

Chegamos à portaria do prédio onde Dora mora com as irmãs e lembro-me de pegar seu celular e mandar uma mensagem para as outras avisando da sua chegada, assim evitamos aborrecimentos futuros. Não há porteiro, menos mal, evito que a vejam quase sem roupa.

Abrir o portão com uma mulher nos braços não foi a tarefa mais fácil que já fiz, mas deu certo, se eu descontar o fato de ter chutado seus sapatos até o elevador e depois tê-los chutado até o apartamento. Mais uma batalha para abrir a porta e chegamos. Descanso seu corpo sobre o sofá e abro todas as portas em busca do seu quarto até chegar na última à esquerda e vejo um suporte de ferro no lugar do guarda-roupa com vários vestidos pendurados e entre eles um microvestido de oncinha com uma barra rosa choque.

— Isso só pode ser dela. Essa desorganização é a cara dela. — *Um quadro de metal com muitas fotos presas por imãs engraçados, uma delas me chama muito a atenção.* — Quem será o filho da puta? — *Um cara que parece ter a minha idade, porém, um tipo mais comum e aparentemente apaixonado. Sua forma de olhar para ela desperta ciúmes em mim, os dois estão deitados em uma rede e ela faz bico para a câmera enquanto o paspalho se derrete olhando para o rosto dela. A foto está presa com um coração e duas estrelas.* — Vamos mudar isso aqui. — *Troco os por um avião na lateral e uma caveirinha bem no meio do seu rosto.* — Que vá para o inferno e suma.

Volto para a sala e recolho o corpo completamente entregue ao sono e deixo-a sobre a cama, Dora resmunga um pouco e vira-se para o lado, caminho pela casa e encontro o banheiro onde molho uma toalhinha que encontrei em sua penteadeira. Volto e limpo sua vagina e coxas para retirar os sinais do que fizemos mais cedo, mesmo com suas queixas e tentativas de fechar as pernas termino o meu trabalho.

— Vou tomar a liberdade de pegar uma toalha e tomar um banho, volto logo. — *Falo em seu ouvido.*

— Sua voz é uma delícia! — *Fala baixinho segurando meu pescoço e me lambendo como uma São Bernardo feliz.* — Quando Safira descobrir vai arrancar meu fígado.

02:32am

Deito-me sem roupa ao seu lado e cochilo com ela. A cama é de solteiro e muito pequena só para mim, imagine para nós dois, mas com jeitinho tudo dá. Ela é linda e dorme como uma pedra, os lábios secos ficam ainda mais atraentes e libidinosos, um chamariz ao prazer e a luxúria. Escuto alguém chegar, o som do caminhar com os saltos e o barulho de chave caindo me levam a crer que deve ser uma das meninas, com certeza a Safira já que Sarah não seria liberada por Leônidas nem que implorasse. Pouco tempo depois o silêncio volta a reinar e acabo caindo no sono.

Bip... bip... bip!

— Lorenzo Malamam.

— Doutor Lorenzo, aqui é Dalila, sou esposa do Marcos. — *A voz desesperada de uma mulher que parece chorar muito.* — Estou na emergência... Oh Deus!

— Chego em vinte minutos Dalila, acalme-se. Faremos todo o possível.

Sério! O cara tem a vida inteira para morrer, mas vai escolher justo o meu dia de folga. As pessoas podem achar que sou muito severo com meus pacientes, quando na verdade quero apenas que eles sobrevivam, mas eles querem viver como se tudo fosse permitido. No final das contas eu que me ferro.

“Vida, não pude ficar, apareceu uma grande emergência e precisei correr para o MAH. Nos falamos mais tarde.

Lorenzo.”

Acredito que nunca fui para o hospital tão contrariado, minha vontade é ficar com ela, levá-la para tomar café em uma confeitaria maravilhosa que conheço e sair para almoçar fora, essas coisas... Mas, sempre tem um infeliz para atazanar a minha vida e decidir morrer justo no dia que não estou de plantão. Pareço egoísta? Sim, mas tirando as convenções e a ética é exatamente assim que estou pensando no fundo, bem no fundo do meu eu.

Quando cheguei ao MAH já não havia mais o que se fazer, Marcos chegou aqui em óbito, ele sofreu um infarto do miocárdio em uma parte muito superior da artéria coronária esquerda, causando a necrose de grande parte do músculo. Isso não é o que eu desejava, mas previa. Infelizmente algumas situações são inevitáveis de acordo com a conduta do paciente e Marcos nunca foi dos mais regrados, mesmo que tenha entendido o meu ponto na última consulta não houve tempo.

Olho para o prontuário aberto na minha frente e relembro todas as nossas batalhas em relação ao tabagismo, sedentarismo, má alimentação entre outras coisas. Seguro o pé sem vida e observo-o por um tempo.

— Não valem nada mesmo, não é? Há uma semana você estava aqui e agora não está mais, de um momento para o outro tudo chega ao fim. — *Um estagiário abre a porta.* — Deixa-me sozinho com ele, por favor. — *Com cara de espanto ele sai fechando a porta atrás de si.* — Você é mais novo que meu pai, não tem o dobro da minha idade e ainda tem dois filhos menores. O que vai ser agora, Marcos? Como vou falar isso com a Dalila, hein? — *Limpo algumas lágrimas teimosas que tentam escapar.* — Sinto muito amigo.

Deixo o corpo e aviso a equipe que espere, pois acredito que a esposa queira se despedir de forma mais íntima. Caminho até a sala de espera privada onde estão a esposa, os filhos e uma cunhada. É sempre bom ter alguém menos passional nesses momentos.

— Dalila... — *observo a mulher com expressão cansada e olhar desanimado, ela sabe que não tenho boas notícias. Não preciso dizer uma só palavra, tudo está as claras e eles que presenciaram o acontecido sabem que a situação não era das melhores. O plantonista só aguardou eu chegar por ter mais contato com os familiares.* — Sinto muito.

Depois de resolver a parte burocrática e deixar a família amparada, na medida do possível, decido ligar para Dora. Sim, eu peguei o celular dela da ficha de cadastro de funcionários, mas agora não faz mais diferença, vendo que já a tomei para mim. Ela não atende, chama mais de dez vezes e nada, ligo mais duas vezes sem sucesso.

@Lorenzo: Ainda dormindo, Bela Adormecida?

@Dora: Lorenzo?

@Lorenzo: Quem mais seria?

@Dora: Estou acordada faz tempo, mas o seu irmão é um imbecil e expulsou a Sarah de casa. Resumo da opera... Ela está aqui e vamos ter um fim de semana de meninas.

Sou obrigado a ligar novamente para entender o ocorrido.

— Não posso falar agora.

— Quero almoçar com você.

— Doutor Lorenzo...

— Para de cena, isso não combina com você. Pelo que me lembro há poucas horas eu estava dentro do seu corpo e ele fazia o seu melhor para me receber dentro dessa bocetinha desenhada.

— Oh!

— Tudo bem, você vai ficar com sua irmã. Não sei o que houve, mas deve ter sido muito grave para o Léo abrir mão da Ninfa dele assim.

— O filho da puta a expulsou...

— Ok. — *Não quero discutir.* — Nos vemos segunda-feira no hospital, precisamos conversar sobre nós.

— Até segunda doutor.

Descarada, desligou na minha cara.

Chego em casa e Leônidas está lá com a pior cara possível, realmente a coisa deve ter sido feita. Pergunto se precisa conversar e ele não diz nada, apenas continua fingindo que tudo está normal e não está uma merda como vejo. Infelizmente hoje não vou me envolver nisso, qualquer coisa que possa arranhar o início do meu relacionamento com a Dora, está fora de cogitação.

Vou para o quarto, tomo um banho demorado por acabar me masturbando depois de pensar nela gemendo sobre a minha mesa, deliciosa.

— Que punheta demorada hein! Cacete.

— Bento! Que susto, idiota. Deixa eu te ensinar uma coisa? Quando a porta está fechada você deve bater e esperar que alguém autorize a sua entrada, no caso eu.

— Eu não tenho culpa se você estava no cinco contra um no banheiro e não me ouviu, resolvi esperar aqui mesmo. — *Olho para o teto e meneio a cabeça na esperança de entender a infantilidade que persiste nesse barbado de mais de trinta anos.* — Não comeu a gêmea boa não?

— Lava essa sua boca de boceta barata para falar da Dora. Não é da sua conta se transamos ou não. Que merda é essa de gêmea boa? — *Vejo que toquei onde não devia.*

— Nada não... Comeu ou não comeu?

— Conto tudo se contar porque a outra seria a gêmea má. Do contrário pode sair do meu quarto seu viado.

— Ok, você venceu, babaca. — *Depois de estalar todos os dedos ele pega cinco carros da minha coleção de miniaturas na prateleira e quando faço menção em reclamar, ele levanta o dedo e pede calma. Senta-se na cama e arruma os carros lado a lado e um mais à frente dos outros.* — Esse aqui é a gêmea má, ou outros são... pensa que são carrinhos de bate-bate. — *Ele pega uma moto em miniatura e sinaliza ser ele.*

— Poderia ser mais objetivo? Isso está ficando chato.

— Então... Essa Ferrari acabou de sair da fábrica o km e estava aguardando um dono zeloso. O cara que comprou essa Ferrari linda e refinada, usou-a para um rally e depois viu que ela não servia para isso. — *Depois de duas respirações profundas ele continua.* — Então ele decidiu usar os carrinhos para o rally e a Ferrari para um... na verdade uma...

— Fala cacete!

— Ah, uma realização pessoal, entende? O prazer de tirar um carro zero da garagem e saber que ele nunca foi dirigido antes,

aquele cheirinho de novo, o motor que precisa ser aberto e...

— Você tirou a virgindade da gêmea má e continuou a comer qualquer buraco que passasse pela sua frente? — *Eu to ferrado mesmo.* — Quando isso aconteceu? Como eu não soube disso?

— Foi logo que elas entraram no hospital, tem uns três anos ou mais. Ela instrumentou por uma semana e...

— Conseguiu tirar a virgindade dela em uma semana?

— Sou irresistível. — *Levanto a sobrancelha e cruzo os braços sob o peito.* — Parei. Eu me envolvi e ela também, mas aí apareceu a Patrícia e desandou tudo. Sabe como é, uma boquete daqueles e difícil de encontrar.

Minha secretária? Claro que eu sempre soube que eles saiam de vez em quando e também sei que ela sai com muitos outros médicos. Eu não achei meu pau no lixo para enfiá-lo em qualquer lugar, então estou fora.

Tudo que eu precisava, meus dois irmãos sujos com as duas irmãs da Dora, ela parece ser superunida com as outras e isso vai sobrar para mim. Nem comecei o relacionamento e já está na berlindas.

— As outras irmãs sabem disso?

— Ela me fez jurar que nunca contaria a ninguém, então ninguém sabe. — *Bento sorri forçadamente e continua.* — Ela tem vergonha de já ter saído comigo, diz que sou uma mancha na vida dela e que se tivesse honra daria o privilégio do segredo. — *Essa doeu em mim.* — Agora já foi, perdi.

Sem mais nem menos ele levanta e sai enquanto fico refletindo sobre essa maluquice de carrinhos e Ferrari. Só Bento mesmo.

Mamãe coloca a cabeça na porta e chamo-a para entrar.

— O que aconteceu com Bê?

— Nem me pergunte dona Magda, coisa dele. Leônidas já foi embora com Nina? Nem consegui curti-la direito.

— Foi sim. Todos vocês estão muito misteriosos, queria que ainda fossem meus bebês que me contavam de tudo. Estou me sentindo excluída.

— Então vou resumir. Léo fez merda e acho que terminou um caso que nem tinha começado, oficialmente. Bê, como sempre pegou mais mulher do que deveria e a única que parece ter sido especial o deixou. E eu... Sou um homem apaixonado!

— Nossa! Quanta informação eu perdi. Devo me preocupar com a sua situação? Sabe que deve ir com calma e um passo de cada vez, não sabe? Não quero vê-lo sofrer como sempre vi.

— Ela é diferente.

— Espero que seja, ou vou mostrá-la que não sou só pediatra, mas sei ser uma legista muito boa.

Sorrio da afirmação da mamãe e vou dormir lembrando da noite na boate.

Sete

Por Dora

10 de fevereiro – segunda-feira

Lorenzo Malamam não sai dos meus pensamentos desde o último sábado, desde que estive dentro de mim e me fez sentir as coisas mais loucas que poderia existir, consegui travar um duelo entre corpo e mente, mas por fim o corpo venceu e finalmente descobri o porquê das pessoas terem o sexo em tão alta conta. Agora eu também tenho.

Chego ao hospital às 6h30min da matina e ainda tenho trinta minutos para assumir o meu plantão. Como de costume passo na barraquinha de pão com linguiça que fica do outro lado da rua. Desde que comecei a trabalhar aqui, há três anos, o tio Tião me vende o mesmo sanduiche quase todos os dias, deve ser por isso que passei do 38 para o manequim 42, mas isso é problema meu e quem se incomodar que vá para a casa do caixa prego.

Abocanho um generoso pedaço enquanto aguardo na fila do elevador e o catupiry quente escorre pelos dedos, no medo de queimar a pele lambo-os como uma gata que limpa o pelo até tê-lo limpo e frio novamente.

— Foi um espetáculo e tanto. — *Minha cara ao escutar a voz masculina é de puro espanto.* — Não me olhe assim, foi você quem provocou. Agora eu também quero. — *O sorriso malicioso só termina de confirmar as minhas suspeitas, esse cara dá em cima de mim descaradamente, de mim e de metade do hospital.*

— Vai ficar querendo Dr. Danilo Vallim. Foi só o catupiry que escorreu, nada de mais, sua cabeça está muito suja. — *Essa criatura me dá nos nervos.*

— Ah! Eu vi e adorei, mas tem coisa bem mais interessante para serem lambidas assim. Poderíamos...

— Não poderíamos e não podemos, que isso fique bem claro para o senhor. Espero não precisar recorrer ao administrativo, ou farei isso com todo prazer.

Entramos no elevador com mais cinco ou seis pessoas, mas ele não se afasta de mim, estou muito desconfortável com as investidas desse homem, mesmo que não passe disso não confio nele. Doutor Danilo é um homem muito bonito, dono de olhos e cabelos negros com fios lisos e brilhosos de dar inveja a qualquer mulher, sua altura chama a atenção por onde passa e o sorriso é decorado com enormes dentes artificialmente clareados de forma exagerada. Ainda não sei o que é, mas ele tem algo de podre dentro dele.

— Eu estava na boate no sábado. — *Continuo comendo o meu sanduiche e finjo não escutar o que ele diz, até que completa.* — A vi dançando com o Mutante Albino dos Malamam, depois vi quando ele te rebocou para o subsolo e quando retorno com você nos braços. Estava quase nua.

— Como assim? — *Céus, não acredito que ele viu isso tudo.*

— Eu já estava no estacionamento quando vocês saíram e vi quando deixaram a boate pela saída de emergência. Está surpresa? Parece surpresa. — *Ainda estou tentando assimilar o “Mutante Albino”. De onde essa criatura intragável tirou isso? Aff Maria Santíssima* — Engraçado que também vi a sua irmã, não a sua cópia é claro, a outra com carinha de ninfeta. Estão fazendo a limpa da família monstro?

As portas do elevador se abrem e ele me acompanha mesmo não sendo o seu andar. Normalmente ele desceria no terceiro andar onde fica a pediatria e a maternidade, já que ele é pediatra, mas

hoje subiu comigo até o quinto andar. Caminho pelo corredor e ele continua ao meu lado, falando baixo em meu ouvido como se fôssemos amigos íntimos.

— Não sei do que está falando. Poderia me deixar trabalhar.

— Estou falando do fato de você estar transando com o chefe mesmo tendo namorado. Lembro de já ter levado alguns foras seus por alegar ser comprometida. Para o patrão pode e para mim não?

— *Paro em frente a sala de enfermagem procurando a chave, neste momento ele segura meu antebraço sutilmente, porém com firmeza e me vira de frente para ele. Surpreendo-me ao ver que Lorenzo está bem atrás de nós e com a pior das caras.*

— Sugiro que tire as mãos dela o quanto antes doutor Danilo, e volte para o seu setor, pelo que me consta já passa do seu horário de trabalho. Estou errado?

Ao escutar a voz de Lorenzo, Danilo se vira e solta o meu braço imediatamente, os dois medem forças pelo olhar por alguns longos segundos e vejo que há algo podre nessa rixa incrustada nos dois. O maxilar de Lorenzo diz em braile a raiva que sente pelo pediatra e não sou capaz de entender o porquê de ele trabalhar aqui se não é bem quisto por um dos donos.

— Mutan... Digo, doutor Lorenzo! — *Danilo sorri cinicamente e planta um ar soberbo na sua cara de pau.* — Só estava convidando a moça para um jantar... íntimo. Você entende, não é?

Lorenzo olha para os sapatos brancos e mostra os dentes, não sorrindo, mas sim rosnando silenciosamente e dando uma pequena amostra do sinal de perigo, que Danilo parece conhecer muito bem ao dar um passo para trás.

— Gostaria de te apresentar Dora Barcelos, minha namorada e evidentemente total e definitivamente fora dos seus limites e de qualquer outro ser humano. Fui claro o suficiente ou devo desenhar com um bisturi nessa sua carinha banhada em Botox?

Uau!!!! Alguém me amarrota que estou passada, engomada e pendurada para viagem. NAMORADA.

Enfu! Namorada não meu querido, vamos devagar que o santo é de sal e se desfaz fácil, fácil. Ah, mas foi fofo, muito fofo, isso não posso negar nunca. Dois homens lindos brigando por mim era tudo que eu precisava para levantar a minha moral de megera que adquirir mentalmente ao terminar com Emerson por telefone.

— Namorada?

— Sim, minha namorada. Algo contra isso? — *Em nenhum momento Lorenzo se altera ou eleva o tom de voz, mantém a postura calma e altiva. Claro que para vê-lo assim é necessário relevar o maxilar travado e o cenho franzido aumentando as suas marcas de expressão e cicatrizes. Nossa! Que cara de homem mau.*

— Nada contra. Quem aqui se oporia ao todo poderoso Lorenzo Malamam? Só me surpreendi, já que a donzela namorava outro a bem pouco tempo atrás, acredito que já tenha terminado com o seu conterrâneo. — *Danilo me olha de soslaio e faz um ar interrogativo para mim.* — Claro que terminou, ou o doutor não a assumiria publicamente assim.

— Isso não é assunto seu, Danilo. Volte para o seu andar, tenho certeza que tem muitas mães afoitas pelo seu nobre atendimento.

Quando estamos sozinhos me dedico a destrancar a porta do descanso de enfermagem enquanto Lorenzo permanece ao meu lado sem desviar os belos olhos azuis do meu rosto. Essa criatura tem o dom de me desconcertar.

— Posso entrar?

— Acho que isso seria inapropriado, mas considerando que o lugar é seu...

Ele entra atrás de mim e pega a chave entre os meus dedos, volta-se para a porta e a tranca. Meus batimentos aceleram ao perceber a verdadeira intenção dele ao entrar aqui comigo. Jogo a

bolsa em um dos beliches e caminho até o banheiro para lavar as mãos que estão sujas de gordura do sanduiche. Faço isso olhando para o espelho, sinto-me um pouco envergonhada com a atitude do fim de semana, é claro que ele está acostumado com coisas assim, mas eu não.

Lorenzo está sentado na cama com o tornozelo esquerdo sobre o joelho direito enquanto mexe no celular.

— Sobre sábado...

— Foi incrível, melhor só se tivesse aceitado almoçar comigo no domingo. — Para que ter essa cara linda e frustrada? Ele está com a cabeça pendendo para o lado, já que não cabe no espaço entre as duas camas do beliche.

Por alguns segundos deixo-me observá-lo como não tive tempo de fazer antes. Sei da sua origem italiana e que a família é toda alta e imponente, mas não a como não se impressionar com o seu tamanho. Mesmo com o cabelo bem arrumado os fios tendem a cair, dando a ele um ar de menino, que só é tirado pelas cicatrizes na testa, nariz e lábio superior. Reparando bem, as orelhas são um pouco deformadas ou talvez dobradas, sei lá.

— Como já deve saber minha irmã precisou de mim e da Safira.
— Só de lembrar disso já estou com raiva dessa família dos infernos.

— Sei sim. Sei também que não sou meu irmão e não devo ser punido pelos erros dele. Espero que isso não respingue no que temos.

— Não temos nada.

— Não? — Sinalizo com a cabeça que não e cruzo os braços sob os seios. Quando foi que observei tanto o corpo de um homem?

A camisa branca de botões é muito fina e consigo ver os pelos que desenham seu peito e abdome, as mangas estão dobradas até

os cotovelos deixando os músculos do antebraço a mostra, parece um cavaleiro do zodíaco. Putz! De onde eu tirei isso?

— Olha só Lorenzo, não temos nada. Foi um momento de loucura onde eu estava afim de extravasar e você buscava uma transa fácil. Conseguimos o que buscávamos e agora bola para frente.

Sem dizer nada ele fica de pé e isso é muita covardia com uma pessoa que mede 1,68. Não consigo olhar muito tempo para seus olhos sem ter uma insistente dor no pescoço.

— Extravasou, fico muito feliz com isso. Já eu não preciso carregar uma mulher alcoolizada nos braços para ter uma transa fácil, consigo isso sem nem precisar sair do meu consultório. — Os cinco dedos se apoderam da minha mandíbula e sou obrigada a olhá-lo diretamente. — Só que desejei você, quis a bela morena que dançava como se não houvesse amanhã. E eu a tive nos meus braços, mas, você é escorregadia e cheia de vontade, então decidi tomar sem pedir.

— Tomar?

— Sim. Quanto tempo você acha que o doutor Danilo vai levar para contar a todos que estamos namorando? Acredite, o conheço há muito mais tempo que gostaria e sei que aquela cabecinha já está maquinando algo.

— Por que ele te chamou de mutante albino? — Na mesma hora Lorenzo muda o seu olhar para a máscara tímida e distante que costuma ostentar para as outras pessoas. Solta meu queixo e volta se sentar na cama.

— Digamos que eu tenha superpoderes. Com o tempo você descobrirá. — Estreitando os olhos e dando dois tapinhas na coxa ele me chama para sentar em seu colo. — Vem aqui, quero um beijo dessa boca obscena.

— Só quero que entenda que não somos namorados. Você entende isso?

— Primeiro o meu beijo e depois falamos sobre as nomenclaturas dadas ao nosso relacionamento. — Tá bom vai, vou fazer esse sacrifício só hoje.

Sento-me em sua coxa dura como rocha e passo os dedos pela barba clara que cobre sua pele levemente bronzeada. Lorenzo não me impede e fecha os olhos como um gatinho recebendo o carinho da sua dona, manhoso e dengoso que mais parece um tigre do que um gatinho.

Traço cada canto do seu rosto, da mandíbula às sobrancelhas grossas e longas, o nariz reto e um pouco alto dando um ar malvado à suas feições grosseiras, ele tem um calombo entre o nariz e as sobrancelhas, é como se estivesse eternamente com o cenho franzido. Jogo algumas mechas de cabelo para trás e encontro uma cicatriz na lateral da cabeça que penetra pela cabeleira loira, além de outra cicatriz no supercílio esquerdo que sobe e corta a sobrancelha deixando uma grande falha que a divide em duas.

— Você tem muitas marcas no rosto. Como as conseguiu? — Falo baixo e ele responde ainda com os olhos fechados.

— Fiz muitos anos de luta, vários tipos de lutas na minha adolescência. Hoje faço muay thai três vezes por semana.

Continuo a acarinhar seu rosto. Lorenzo tomba a cabeça em meu ombro e lambe o local de forma erótica e isso afeta todo o meu ser.

— Preciso assumir o meu posto, pode aparecer uma cirurgia a qualquer momento e terei que instrumentar, vamos parar por aqui.

— Já reservei você para mim hoje. Por isso estou aqui em cima, para todos os efeitos hoje você instrumenta só para mim. — Descarado e preparado, mas não serei eu a reclamar. Acho que quero isso mais que ele, quero sentir tudo sobrea e saber se é tão bom ou se foi o Martini.

Ele não espera que eu permita e prossegue beijando meu cangote e cheirando meu perfume de forma ruidosa, isso chega a ser surpreendente, só o fato de escutar a força do ar que deixa seus

pulmões já estou louca por mais. Não me lembro de já ter sentido nada parecido com Emerson, nem mesmo quando ele estava em seus dias mais empolgados ou “*necessitados*” senti tamanho desejo em seu toque. Lorenzo me passa isso, desejo, um desejo louco de estar dentro de mim e escutar o meu clamor a cada uma de suas investidas.

— Como posso me sentir assim, mal nos conhecemos, estivemos juntos apenas uma vez.

— Por total culpa sua, por mim, passaria o domingo inteiro te mostrando como é estar comigo.

— Já disse que...

— Ok. Vamos agir e parar de perder tempo, ainda não ganhei o meu beijo.

Sorrio da sua urgência e encosto os lábios nos seus dando um selinho delicado. Quando começo a me afastar, Lorenzo segura firme em minha nuca e diz antes de assaltar minha boca com fervor louco. — Assim!

Assim... meus lábios são sugados e mordidos por um gigante faminto pelo meu sabor, ele aperta meu couro cabeludo e intensifica ainda mais os movimentos da mandíbula. Impossível não gemer com tudo que ele me faz sentir. — Hum!

— Tira a roupa.

— Como?

— Fica de pé na minha frente e tire a roupa toda. — Até parece que eu faria isso no repouso de enfermagem às 7h da manhã. — Agora!

— Só pode estar maluco mesmo, eu jamais faria isso. Alguém pode chegar e nos pegar nessa situação megaaa constrangedora, não podemos ficar aqui. Mais tarde, se quiser, pode passar no meu apartamento.

— Vou passar na sua casa mais tarde, porém, quero você agora. Quero sentir o seu gosto na minha língua pelo resto do dia. — Me levanta nos braços e me põe de pé. — Quero chupar você até gozar na minha boca, quero sentir seu prazer escorrendo de dentro de você para dentro de mim e saber que vou ter mais, mais tarde. Já foi chupada até seu corpo esmorecer? Quero dar isso a você.

Propostinha tentadora essa hein!

Pensando bem, se alguém entrar agora ou depois vai dar no mesmo. Doutor Danilo já deve ter dito para todos que sou o novo lanchinho do chefe e isso não será mais novidade. Então... Vamos aproveitar o que a vida me deu sem reclamar.

Começo a tirar a roupa e pendurá-la nos ganchos de metal presos a parede, faço isso com a minha camisa, a calça e as peças íntimas, coloco o sapato em um canto e fico completamente nua.

— Vire-se de frente para mim. — Faço como manda e não escondo nada dele. Meus seios são grandes, o quadril a largo mesmo com a barriga lisa. Não costumo deixar pelo pubianos, mas hoje não era um bom dia para loucuras, meus pelos começaram a crescer e deixam uma sombra escura em minha pele. — Vem aqui na minha frente. — Dou dois passos até ele, Lorenzo fecha as pernas e guia-me a colocar meu pé direito sobre a borda do colchão enquanto o outro permanece no chão. — Assim está perfeito.

Lorenzo escorrega um pouco e apoia a base das costas na lateral da cama enquanto seus pés dão sustentação ao corpo. O olhar dele ao ficar cara a cara com a minha menina é aterrorizante, sinto-me o próprio último pedaço de carne do sertão, a última garrafinha de água do deserto.

— Segura firme na cama de cima e se precisar gritar... morda o colchão. Eu não vou parar até que escorra tudo de você.

Oh Deus!

Quando estou segura nas bordas da cama ele começa a me explorar. Com os polegares abre minha carne e alisa delicadamente

todos os contornos da minha intimidade, fico aflita e desejosa ao mesmo tempo, mas espero que ele continue sem reclamar. Antes de qualquer coisa, Lorenzo passa a língua úmida por toda a parte, das dobras à entrada, do clitóris ao meu ânus e é aí que ele encontra o meu ponto de maior medo. A tensão se espalha por mim e ameaço baixar a perna, mas ele me impede com sua voz assombrosa.

— Não vou forçar nada. Só quero poder tocá-lo, quando for meu vou saber fazer de forma que goste e queira mais. Relaxa e aproveita.

Sinto sua saliva escorrer em mim, ao mesmo tempo em que a boca se abre completamente, a língua é colocada toda para fora fazendo, as duas juntas, movimentos de sucção e para finalizar os dentes raspam em meu clitóris, dando-me ainda mais lasciva.

Ele quer me matar!

Lorenzo geme enquanto me devora com sua boca habilidosa, segurando minha bunda ele me puxa ainda mais para si e enterra a língua dentro de mim, imita a penetração como se fosse um pênis e não me deixa escapar quando sinto necessidade de me afastar. Meu corpo anseia por mais, só que ao mesmo tempo uma agonia toma conta de mim e quase me obrigada a parar com essa sensação.

Vendo o meu estado e percebendo o tremor intenso em minhas pernas, Lorenzo colocar dois dedos onde antes entrava a língua e abocanha como um bezerro meu nervo inchado, sugando-o e estimulando-o até não ter mais escapatória. Gozo rebolando como uma cadela no cio sobre o seu rosto, faço movimentos que eu mesma desconheço e busco por mais e mais.

Não pode acabar agora, quero mais. Rebolo e remexo mais, mais e mais até chegar ao ápice da luxúria.

— Orh!!!! Isso!

Nossa mãe! Minha musculatura treme, o ar entra e sai de mim afoito e frio, meu interior está fervendo mil vezes mais que o ar

ambiente, é um choque térmico.

Por que ele não para de me lambe? Mesmo com a dormência causada pelo prazer, percebo a carne se movendo e círculos dentro de mim e saindo por breves segundos, logo ela volta a fazer o mesmo movimento e sai por poucos segundos. Ele está me tomando assim como disse que faria.

Olho para trás ao sentir seu corpo retesar e percebo que uma de suas grandes mãos quase esmaga os testículos enquanto seu membro jorra um líquido viscoso e esbranquiçado em porções generosas, o nervo do seu pênis destaca-se e a cabeça está cônica e roxeada. Nem ao menos percebi que ele abria a calça ou levantava a camisa, agora sua barriga está coberta pelo sémen pálido que escorre para os lados.

— Você é a primeira mulher que me faz chegar ao orgasmo sem sequer ter tocado em mim. O tesão foi tanto que gozei sem qualquer estímulo mecânico. — Fala com um sorriso discreto enquanto saio de cima dele.

— Isso deve ser bom.

— Isso é inacreditável. — Olha para o estraga que fizemos. — Preciso me limpar.

No mesmo instante que ele caminha para o banheiro alguém força a maçaneta e bate três vezes na porta.

— Quem está aí dentro? Preciso do meu estetoscópio.

Putá que pariu!

— Só um minuto.

Olho para ele e indico que se tranque no banheiro. Vejo um estetoscópio rosa em cima do beliche a minha esquerda e olho em volta procurando algo que possa me incriminar, não há nada. Enrolo-me em uma toalha e abro a porta.

— Oi, Tamy! Eu ia tomar um banho agora. Um paciente traqueostomizado vomitou em mim quando precisei aspirá-lo às pressas. — Nuss! Mentira deslavada.

— Já aconteceu comigo. Eca!!! — Ela encontra o aparelho e sai.
— Achei, pode voltar para o seu banho.

Foi por pouco.

Oito

Por Lorenzo

Recosto na pia do banheiro enquanto Dora se organiza para abrir a porta e permitir a entrada da pessoa que quase nos pegou em flagrante, ainda bem que foi apenas um equipamento esquecido, imagina se a funcionária decide descansar e eu fico preso aqui no banheiro enquanto meus pacientes do dia vão chegando. Não faço nada, apenas escuto o breve diálogo entre as duas evitando quaisquer ruídos e quando finalmente escuto a tranca ser acionada, saio para encontrar a bela morena enrolada em uma toalha branca que mal cobre sua intimidade, com a mão na testa e o semblante arrependido.

— Está arrependida do que fizemos aqui? — *Pergunto a certa distância. Dora olha-me e cai na gargalhada feito uma criança que vai ao circo pela primeira vez. Ela é tão linda, tão natural e espontânea que isso deixa-me um pouco desconcertado com o seu jeito leve de ser. Eu imaginando o tamanho do seu arrependimento e ela achando tudo muito engraçado.*

— Não... — *Sem conseguir conter as risadas ela coloca a mão na barriga e continua a expor os enormes e lindos dentes brancos.*
— Só estou chocada comigo mesma, totalmente chocada! Como tivemos coragem de fazer algo assim? Alguém poderia ter tentado entrar ou poderia ter acontecido alguma emergência no hospital e nos colocado em sérios apuros.

— Seria o apuro mais delicioso em que já entrei na vida.

— Você é sempre tão formal? Ainda não recebi um sorriso seu, nem ao menos unzinho.

Se ela soubesse o quanto me faz sorrir desde que a vi pela primeira vez, dançando na barra de ferro para quem quisesse ver. O quanto sorrio no silêncio do meu quarto ou entre uma consulta e outra, até mesmo quando busco seus olhos por trás das máscaras das enfermeiras no centro cirúrgico. Hoje mesmo, enquanto dirigia para o hospital estive lembrando do nosso encontro a todo momento. A bela morena não faz ideia do humor repentino que trouxe a minha vida.

— Eu sorrio sim, muitas vezes, principalmente com você ou lembrando de você ou de nós. — *Aproximo-me dela e beijo a ponta do seu nariz.*

— Nãooooo! Quando sorri faz isso para o chão, nunca para mim, diretamente para mim. Já reparei que quando mostra os dentes esconde a boca, abaixa o rosto ou olha para os lados como se escondesse o sorriso. — *Me perco observando sua beleza enquanto fala. Seus braços já estão em meus ombros e coloca-se na ponta dos pés para falar mais próximo ao meu rosto.* — Sorri para mim, vai! Uma moeda pelo seu sorriso.

Sorrio abertamente sem reservas ou vergonha, alegro-me com o seu descaramento em empoleirar-se em mim como se nos conhecêssemos há muitos anos. Não suportando mais ficar tão perto sem tocá-la mais intimamente, beijo-a, sinto fome dela e isso é uma grande novidade para mim. Sou naturalmente apaixonado e não me envergonho em ser um homem romântico, mas todo esse sentimento é novo e esteve guardado dentro de mim, é algo novo que ainda não sei nomear, um rompante de alegria só por estar ao seu lado.

O beijo é calmo, terno e profundo... Sentido até a última célula.

— Preciso ir agora, tenho pacientes agendados e não posso me ausentar por muito tempo assim.

— Vai atender as pessoas todo amassado desse jeito? — *Dora aponta para a minha roupa e vejo que estou completamente amarrotado.*

— Tenho uma camisa na minha sala, vou vesti-la. Preciso mesmo ir, mas lembre-se que vou com você para o seu apartamento hoje.

— Não sei se isso vai dar certo. Acho melhor nos vermos em outro lugar, longe das minhas irmãs e principalmente longe da Safira. — *Revira os olhos e continua.* — Nossa! Ela vai me esquartejar e comer os pedacinhos com farinha. — *Como posso ser tão dramática?*

— Por que ela faria isso? — *Aperto mais sua cintura contra a minha, estamos ainda de pé no meio da minúscula sala e ela está enrolada na toalha branca.*

— Safira sempre foi totalmente contra o envolvimento entre médicos e enfermeiras, técnicas ou afins. Segundo ela, vocês médicos, nos usam para passar o tempo e ter um prazer fácil, já que algumas “*profissionais*” tendem a se deslumbrar com os intocáveis e cair de quatro na cama deles.

Enquanto fala expressa tudo em sua face, cada palavra tem uma emoção diferente, Dora é muito, muito expressiva e coloca sentimento em tudo que diz. De certa forma entendo o que ela quer dizer, realmente tem muitas mulheres que quase se jogam sobre os médicos, mas também tem inúmeras que são totalmente respeitadas conosco e consigo mesmas. Não podemos generalizar pela minoria.

Outro detalhe que preferi engolir, é a historinha de “*carros*” que Bento me contou, com certeza esse trauma com os “*intocáveis*”, como ela disse, tem relação com o papelão que o tarado do meu irmão fez.

— Vou conquistar as suas irmãs, pode apostar.

— Não se iluda, Lorenzo. Sarah está magoada e Safira é intragável quando quer.

— Não se iluda, morena linda. Sou um bom partido, trabalhador, honesto, tenho bons antecedentes e de quebra sou solteiro.

Nos beijamos mais algumas vezes antes de nos separarmos e eu voltar para o meu consultório.

Chego ao quarto andar e não vejo Patrícia em sua mesa, pelo vidro da sala de espera percebo que alguns de meus pacientes me aguardam e alguns outros de outras especialidades esperando para serem atendidos pelos seus respectivos médicos.

Abro a porta da minha sala e dou de cara com Patrícia debruçada sobre a minha mesa organizando alguns prontuários. Ela usa uma saia bege muito justa e posso apostar que não há nada por baixo dela, a blusa é verde claro, pertence ao uniforme da administração. Provavelmente ela deveria usar algo pelo menos dois números maior tanto em cima quanto em baixo.

Pigarreio e ela não se levanta, apenas olha-me com um breve movimento de cabeça e procura coisas para fazer e manter-se quase de quatro a minha frente.

— Que bom que retornou, doutor. O senhor Luiz das 7h40min o aguarda e a paciente nova das 8h já chegou também. — *Finalmente ela se põe de pé e de frente para mim. Contorno a mesa e sento em minha cadeira apenas concordando com a cabeça. Suas investidas já me tiram do sério.* — Precisa de algo mais?

Vamos cortar o mal pela raiz.

— Sim, preciso.

— Pode pedir, estou a sua disposição, doutor. — *Seus olhos flamejam e não escondem a ambiguidade de suas palavras que saem manhosas.*

— Tenho certeza disso, afinal você recebe muito bem para isso... Estar a minha disposição como... Secretária oito horas por dia, cindo dias por semana. — *Sua cara é impagável. O rosto fica vermelho e frustração ganha um novo nome neste momento, Patrícia.* —

Preciso que ligue para a minha casa e peça a uma das empregadas para arrumar uma bolsa com roupas para uma semana, trabalho, lazer, produtos de higiene. Pode fazer isso?

— Oh, sim. Desculpe perguntar, mas sua agenda está lotada para a semana toda. Vai viajar?

— Não. Irei passar alguns dias na casa da minha namorada. Fique tranquila, não cancelarei nenhuma consulta.

Sem dizer mais nada ela se retira e o meu dia segue como de costume, cheio de serviço.

Às 18h40min deixo o consultório e subo ao quinto andar para buscar Dora, sei que ela deixa o plantão às 19h e quis chegar um pouco antes para observá-la sem ser visto. Gosto de olhá-la.

Paro no balcão de atendimento como se estivesse buscando algo em uns dos computadores, vejo quando uma turma de cinco enfermeiros deixa o repouso de enfermagem onde Dora e eu passamos parte da manhã, mas algo me surpreende e muito. Não são apenas mulheres que deixam o local, tem dois homens também e um deles é visivelmente homem com H. Percebo os olhares cobiçosos que ele despeja em cima da minha namorada. Por mais que ela ainda não aceite, isso é inerente a nossa atual condição.

Continuo a observar de longe, eles sorriem e comentam sobre alguma coisa do dia, uma moça loira dá um tapa na bunda de Dora e elas caem na gargalhada até que percebem estar se excedendo e param. Um dos rapazes caminha para o elevador junto com duas das meninas e o outro permanece falando com Dora, não sei qual o assunto que ela sorri tanto para ele, os dois parecem ser bem íntimos.

— Perdeu alguma coisa doutor Lorenzo? Achei que não operasse nas segundas-feiras.

— Oi, doutor Talles! Não perdi nada, estou apenas procurando um medicamento que preciso dar como amostra para uma paciente.

— *Desvio a conversa.*

— Acho melhor procurar esse medicamento na farmácia que fica no térreo, na tela deste computador você não irá encontrar nada que não seja a bula.

Olho para Talles um pouco sem graça pela grafe cometida, mas vejo que ele me compreende quando olha para o sujeito conversando com Dora e arqueia as sobrancelhas. Apoio as duas mãos no balcão, peso a cabeça para frete esticando o pescoço e tentando guardar o meu ciúme para mim.

— Quem é aquele cara? — *Questiono sem levantar a cabeça.*

— Não tenho certeza, mas me parece que veio transferido da maternidade para cá. Acho que a Dora, como divina que é, está o ajudando a se ambientar. Tudo bem com isso, doutor Lorenzo?

Respiro fundo e deixo o ar tomar meus pulmões. — Tudo perfeito.

Os dois caminham para o elevador e sigo um pouco atrás, não dá para escutar o que dizem, mas é nítido o fascínio que ela desperta nele. As portas estão quase se fechando quando coloco o braço impedindo e entro na caixa metálica, ela está de costas e explica como funciona o trabalho dos instrumentadores que não tem médico fixo.

— Você já trabalhou fixa com algum cirurgião? — O cara moreno com uma barba curta e olhos castanhos a questiona. Antes que ela possa responder, abraço-a por trás e beijo o seu pescoço dando uma fungada audível nos cabelos negros. Obvio que não perderia oportunidade de olhá-lo nos olhos enquanto fazia isso, foi um gesto que levou poucos segundos, mas o suficiente para o alertar de que ali não era seguro de se pisar.

— Indo para casa sem mim? Estou com saudade! — *Viro-a de frente para mim e apenas toco seus lábios, ela ainda está assustada.*

— Cruz credo, Lorenzo!!!!

— Sou tão feio assim?

— Não, claro que não. — *Se afasta um pouco, vejo que está constrangida com a minha aproximação mesmo estando só nós três dentro do elevador.* — Esse é o Almiro, meu novo colega de setor. — *Aperto sua mão firmemente.* — Almiro este é...

— Lorenzo Malamam, seu chefe e namorado dela.

Não vou olhar para a sua expressão assassina agora, prefiro fingir que essa atitude neandertal é a coisa mais normal do mundo e eu não quis mostrar ao tal Almiro, que eu posso mais que ele. Claro que não, eu sou civilizado, não preciso me impor dessa forma. Ok, preciso sim!

No momento que chegamos a garagem ela solta os cachorros em cima de mim.

— Escuta aqui Lorenzo Malamam, não pense que, porque nós transamos uma vez e você me deu o primeiro orgasmo da minha vida, pode fazer o que bem entende. Como assim “*Seu chefe e namorado dela*”? De onde raios você tirou isso? Não venha querer cantar de galo para cima de mim não, seu Malamam prepotente e cheio de si. — *Ela fala alto e está indignada comigo.*

— Seu primeiro orgasmo? — *Agora ela conseguiu inflar meu ego à máxima potência. Busco mudar de assunto.*

— Sim, daqueles de afogar o grelo em tanto prazer. Jamais imaginei algo assim, mas, isso não paga o que você acabou de fazer, foi ridículo.

— Pelo menos ameniza.

Sorrio olhando nos seus olhos, essa é a minha única esperança de acalmá-la. Lembro-me que gosta de me ver sorrir.

— Não adianta arreganhar esses dentes lindos, retos, sedutores e... Aff! Não me olha assim quando eu estiver puta com você, entendeu? — *Caminha alguns passos à frente e volta com as mãos na cintura demonstrando sua raiva.* — Nunca mais faça isso comigo,

nunca mais abra suas asas de pavão perto dos meus amigos. Eu namorei anos com o Emerson e jamais permiti que mandasse na minha vida, não vai ser você que chegou agora a mudar isso. Droga!

Destravo o carro e ela caminha até ele ao perceber qual veículo foi destravado, sem esperar por mim, Dora abre a porta e se senta com força. Fica ainda mais linda nervosa. Quando estou ao seu lado viro-me e fico esperando que me olhe, ela demora, mas não resiste.

— Me desculpe.

— Não acontecerá outra vez?

— Não sei. Com você não sei de nada, só sei que vou tentar não te decepcionar.

— Isso é um bom começo.

— Ainda tenho seu gosto na minha boca. — *Seu quadril se remexe no banco do carro e vejo que toquei em ponto fraco, ela também está afetada pelas vezes em que estivemos juntos.* — Quero mais.

— Então acho melhor irmos logo para a minha casa ou poderemos ser presos por atentado ao pudor.

Dirigir nunca foi tão gostoso, com ela ao meu lado tudo fica mais simples e mais confortável, até mesmo as coisas mais estressantes como o trânsito de São Paulo às 19h. Enquanto conta sobre o seu dia, toca minha perna, gesticula, sorri, gargalha e comenta sobre a forma de dirigir das outras pessoas. Nunca vi ninguém falar tanto então pouco tempo e fazer tantas coisas ao mesmo ritmo. Parece um robzinho.

Chegamos ao apartamento e percebo que não estamos sozinhos, Sarah e Safira já chegaram e sinto isso pelo cheiro que vem da cozinha... Cheiro de pizza sendo aquecida.

— Porra! Você vai comer essa pizza de sexta-feira, Sá? — *Ouçó Sarah perguntar e julgo que Sá seja a gêmea má, como diria Bento.*

— A não ser que você faça a janta, eu vou sim. Passei o plantão inteiro de pé e não estou a fim de fazer comida.

Entramos na cozinha e recebo dois olhares bem distintos. Sarah me olha com carinho, já nos conhecemos da casa do meu irmão mais velho e eu sou muitíssimo apegado a minha sobrinha, Nina. Já Safira, que de perto é assustadoramente parecida com a irmã, me olha de forma seca e desconfiada.

— Manas, este é Lorenzo. Lorenzo, estas são Safira e Sarah, minhas irmãs favoritas e... únicas, graças a Deus!

— Prazer meninas!

Sarah me cumprimenta com dois beijos no rosto e pergunta se quero alguma coisa, mas dispenso. A outra não diz nada e volta a digitar no teclado do micro-ondas. Todas ainda vestem branco e parecem bem cansadas, sei que a vida de técnico não é nada fácil.

— Se estiver tudo bem para vocês eu poderia fazer o jantar. Cozinho muito bem, sem falsa modéstia. — *Dora arregala os olhos e abre a boca de forma teatral.*

— Mentiraaaa!

— Sério, eu cozinho. Leônidas é o mister responsabilidade e Bento é extremamente carismático, eu realmente precisei investir em alguma coisa.

— Dora, por mim o seu...

— Amigo. — *Dora completa e não me dar a chance de responder.*

— O seu amigo pode fazer o jantar, vou adorar comer alguma coisa de verdade nessa casa.

— Vou tomar o meu banho antes que fique sem água outra vez.
— *Safira deixa a cozinha e é seguida por Sarah.*

Expulso minha morena da cozinha e começo a remexer na geladeira atrás de ingredientes para elaborar o jantar. Não tenho

muitas opções e escolho fazer um macarrão com sardinhas enlatadas, alho e óleo, para beber um bom e velho suco de saquinho sabor tangerina. Três mulheres em casa e nada na geladeira, parece até casa de homem. A única coisa que encontrei com fartura foi sheik de emagrecimento e pomadas manipuladas para a pele. Haja fórmula.

Trinta minutos e já estou colocando a mesa, ou melhor, o balcão.

O apartamento é bem dividido, mas é pequeno, tem três quartos, sala, cozinha, com área embutida e um banheiro sem janela. Elas não têm mesa, apenas um sofá grande e um balcão que divide a sala da cozinha, além de uma televisão enorme e um tapete peludo.

Como alguém tem uma TV do tamanho da parede, mas não tem comidas saudáveis na dispensa? E olha que são da área da saúde hein!

— O cheiro deve estar chegando lá na portaria. Nunca teve nada tão cheiroso aqui. Cunhado, você me conquistou pelo estômago, mesmo eu estando odiando o seu sobrenome.

— Sarah, ele não é um cara ruim, só está em um momento ruim.

— Ele morreu para mim, vamos esquecer.

Resumindo bem superficialmente, até porque é só isso que sei. Sarah foi morar na casa do meu irmão mais velho, o Leônidas, porque ele precisava de uma babá. Eles se envolveram e se apaixonaram, isso é visível tanto em um quanto no outro. Leônidas é viúvo há poucos meses e não pretende se expor em uma relação por agora, mas a maldita ex-sogra dele descobriu o caso e ameaçou pedir a guarda da minha sobrinha, Nina. Não entendo o porquê, mas ele aceitou a chantagem e terminou com a irmã da Dora, fazendo disso uma novela mexicana de mau gosto. Ele fica lá deprimido e ela aqui magoada.

Todos comemos e repetimos, fiz o meu melhor com o que tinha e deve ter agradado, já que ninguém reclamou, todos comeram sorrindo e falando, falando... Eita mulherada que fala.

— A louça fica com vocês, eu vou arrumar a nossa cama e você
— *Dora olha para mim e vejo malícia em seus olhos* — Vai tomar um banho, está cheirando a cebola e sardinha.

— Ele vai dormir aqui? — *Safira parece se irritar com isso.* — Isso já é demais, está indo rápido demais.

— Sem puritanismo Safira. Vai lá Dora, eu arrumo tudo aqui. Até mais cunhado cozinheiro. Volte mais vezes.

Sarah cisma de me chamar de cunhado só para irritar a irmã. Safira se dá por vencida e diz que vai para o quarto estudar, pelo que eu entendi ela vai fazer um intercâmbio em Londres e não deve voltar tão cedo. Menos mal, assim não preciso dessa batalha diariamente.

Tomo um banho enquanto observo a variedade de produtos no banheiro, ainda bem que não tem nenhuma calcinha pendurada no registro. Trouxe comigo a bolsa que mandei prepararem em casa, deixo uma escova de dentes no armário de parede e começo a vasculhar as gavetas em baixo da pia. Na primeira vejo alguns barbeadores, sabonetes para acne e absorvente, fora o desodorante íntimo e refil de shampoo. Na segunda não tem muita coisa, apenas escova de cabelo e absorvente interno. Ao abrir a terceira tenho certeza que é de Dora, encontro o creme de maracujá com o cheiro dela, uma escola cheia de fios longos e escuros, absorvente íntimo e um creme depilatório. Como sei que essa é a sua gaveta, coloco o meu barbeador, shampoo e loção.

Abro a porta do seu quarto e ela já está deitada com uma regata preta e calcinha da mesma cor, como está de bruços mexendo no celular tenho uma visão deliciosa da sua bunda maravilhosa. Se ela soubesse a tara que eu tenho por sexo anal...

— Está tão cheiroso, vem aqui. Tranque a porta, por favor.

— Não cheiro a cebola e sardinha? — *Nega com a cabeça.* — Que bom, quero estar cheiroso para você.

Mordo sua bunda antes de me deitar ao seu lado e fazer carinho nos longos cabelos negro e logo estamos aos beijos e amassos na minúscula cama, que exige que ou eu fique sobre ela ou ela fique sobre mim, essa é a melhor parte.

A noite foi longa, deliciosamente longa, quase que os cinco preservativos que eu trouxe não foram o suficiente, usamos o último antes de sair para trabalhar com uma rapidinha contra a parede. Dora parece ser um pouco inexperiente, mas tem um fogo que quase peno para apagar, ela é aberta as minhas investidas e não me rejeita... Só quando toco no buraquinho proibido, aí ela levanta a bandeira vermelhas, mas ele vai ser meu logo, logo.

Nove

Por Dora

Estou de folga hoje e só trabalho amanhã cedo, mas vou precisar passar no hospital para meus exames anuais, aqui todos os anos os funcionários têm que passar por uma bateria de testes, principalmente os que trabalham diretamente com os pacientes no centro cirúrgico. Enquanto fazemos o caminho da minha casa até o hospital meu celular vibra cinco vezes, todas elas com mensagens de Emerson me desejando um bom dia e perguntando como estou, em uma delas ele diz que espera que toda essa tormenta passe logo e possamos retomar nosso relacionamento como sempre foi. Neste momento reflito brevemente e vejo que não quero minha vida como sempre foi, esses últimos dias tenho sentido emoções que nunca imaginei que sentiria na vida, até mesmo o domingo longe de Lorenzo foi gostoso com a sensação de espera pelo reencontro de segunda-feira.

O encontro no repouso de enfermagem, a ceninha no elevador, o jantar que fez para nós e minhas irmãs... Sem contar a noite digna de uma maratona sexual que passamos juntos, nunca em toda a minha vida dei uma “segunda”, quando Emerson e eu transávamos, era uma vez e pronto, imagina cinco... Estou morta com farofa!

— Mensagens?

— Humm?

— O celular. São mensagens que você está recebendo e mordendo o interior das bochechas? — Eu estou mordendo o interior da bochecha?

— Ah! Sim, são mensagens do meu ex-namorado.

— Há quanto tempo ele é ex? — Pergunta sério, prestando atenção no trânsito e dá uma breve fitada em mim.

— Terminamos no sábado passado.

Vejo seus dedos tencionarem no volante e a velocidade do carro aumenta consideravelmente.

— Quanto tempo ficaram juntos?

— Oito anos. Ele morava próximo a casa dos meus pais em Domingos Martins, mas está de mudança.

— Entendi.

Não falamos mais nada, logo ele já está estacionando o carro no subsolo do MAH. Nos despedimos com longos beijos e ele segue para o seu andar enquanto eu vou ao RH pegar as requisições.

Assim se passa a nossa semana, quase todos os dias Lorenzo dorme na minha casa, a pequena mala já virou uma enorme que fica provisoriamente em baixo da minha cama. Por sinal esse tem sido um grande problema, a minha cama de solteiro que não cabe nem ele sozinho, quem dirá nós dois.

Sarah está levando o afastamento de Leônidas da melhor forma possível, é claro que vemos que ela está magoada e ferida, mas não se deixou abater em nenhum momento fora o nosso domingo de meninas da semana passada. Safira não admite, só que já foi irrevogavelmente conquistada por Lorenzo, os dois são quase velhos amigos de escola. Meu... ficante não é bobo e fez de tudo para conquistar a todos aqui, principalmente pelo estômago.

Hoje minha caçulinha, Sarah, faz aniversário e vamos comemorar na boate de Lorenzo, ele fez questão de sair conosco

para nos divertimos e aproveitar que estamos as três juntas antes de Safira embarcar para Londres. De certa forma foi bom que Sarah tenha voltado para casa e a trabalhar no hospital, assim não ficarei sozinha quando Safira for para o seu curso no exterior.

Lorenzo já deixou uma mesa reservada para nós no segundo piso da boate aonde fica a área vip, daqui temos uma vista privilegiada de todos na pista de dança, na verdade temos uma vista excelente de tudo. Um garçom trouxe balde de gelo, bebidas e uma tábua de frios, o DJ está inspirado e a noite parece que será maravilhosa.

— Como estão as coisas na pediatria, Sarah? — *Lorenzo pergunta.*

— Na verdade não estou mais na pediatria. Consegui uma transferência para o pré-operatório no quinto andar, assim não aturo gente chata.

— Então nos veremos muito. Já roubei a Dora para ser minha instrumentadora particular, agora ela só opera comigo em todas as unidades. Começamos hoje. — *Pois é, agora trabalho exclusivamente com ele, onde ele vai eu vou... ou quase isso. Trabalho nos dias que ele tem cirurgias eletivas marcadas e nas quartas fico com ele de plantão no hospital, pois é o seu dia na emergência do centro cirúrgico. Por um lado, é maravilhoso, Lorenzo só marca as cirurgias eletivas para quinta e sexta-feira, assim fico o início da semana em casa de folga. Por outro lado, estou um pouco assustada, estamos cada dia mais próximos e isso não é o que eu planejei, raramente ele dorme em sua casa, está sempre na minha, já até falamos em comprar uma cama de casal.*

— Estou sabendo cunhadinho. — *Fuzilo Sarah com os olhos.*

— Nada de cunhadinho, Sarah. Nós não somos namorados, somos amigos com benefícios. — *Percebo que Lorenzo não gosta do que eu digo, sua mão deixa minha coxa imediatamente e a expressão alegre dá lugar ao cenho franzido de sempre.*

— Quanta modernidade para uma família só. Eu devo ter nascido com defeito, porque não aceito isso não. Ou o cara está comigo ou não está. Já mandei pastarem por muito menos que isso.

— Relaxa Safira, vamos curtir.

O ex-namorado de Sarah chega todo sorrisos para ela, já sabíamos que ele viria, acho que para alguns eventos de trabalho em São Paulo, mas logo voltará para Pedra Azul.

— Como está a aniversariante do dia? — Eles se cumprimentam e vejo que Lorenzo sustenta um olhar preocupado, olha para baixo e parece procurar algo. Sarah diz algo que não escuto por causa da música alta e Tadeu responde sorrindo, vejo esperança nos seus olhos.

— Leônidas. — Lorenzo avisa. Vejo Leônidas atrás dos dois e logo a voz típica da família sobressai a música.

— Mas a delícia agora tem dono e eu acho melhor você tirar as mãos da minha namorada, para o seu próprio bem e integridade física.

Disfarço a gargalhada, impossível não rir com a cara que Tadeu fez ao olhar para Leônidas e sua forma Malamam de ser. Ele carrega um buquê de rosas, duas taças e uma garrafa de champanhe, para completar está lindo como sempre, usa blusa azul-marinho e jeans desbotado.

— Feliz aniversário Ninfa! — Que apelido CA FO NA!!!!

— Tadeu. Só um minuto, por favor. Eu já volto para ficar com você. — Ela tenta colocar Leônidas em seu lugar, sei que está puta com ele, mas os Malamans são sem vergonha na cara.

Meu ex quase cunhado olha para Tadeu com deboche e diz. — Vai sonhando. — Vira-se para o irmão. — Lo! Vou usar o seu escritório para uma rapidinha... Uma conversa rapidinha com a minha NAMORADA.

— Sem fluídos no meu sofá, sim! E cuidado com as minhas meninas.

E ainda chamam ele de tímido. Não sei aonde.

Por um tempo jogamos conversa fora e rimos das lembranças da vida na roça, Tadeu conta as novidades e ou acontecimentos de Domingos Martins, estou distraída quando Lorenzo chama a minha atenção para o irmão que deixa a boate como um raio e sai entre as pessoas que dançam lá em baixo.

— Isso não é nada bom.

— Será que ele fez algo com ela? — Ele me olha espantado e um pouco ofendido, talvez.

— Não somos covardes, Dora. Coloco minhas mãos no fogo pelos meus irmãos, Leônidas jamais faria nada que pudesse machucá-la. Eles devem ter brigado e ele saiu com raiva, só isso.

— Espero que seja mesmo.

Não demorou muito para o meu celular apitar, Sarah avisa que está indo para casa, não quer companhia. Voltamos a conversar e tentar esquecer a cena sem nexos que presenciamos, Tadeu faz algumas perguntas sobre o relacionamento de Sarah e Leônidas, tenta arrancar algumas informações de mim e Safira, só que nos mantemos neutras sobre isso. A surpresa maior é com a volta de Leônidas à nossa mesa, ele parece atordoado e muito arrependido.

— Onde ela está? — Pergunta afoito.

— Para que quer saber? Ela não é nada sua e se depender de mim nunca será, você tem o dom de fazer mal a ela.

— Safira, eu realmente preciso falar com a sua irmã. Dora, onde ela está?

Não digo nada, mantenho meu olhar na pista de dança e minha irmã resolve fazer o mesmo.

— Lorenzo?

— Cara, ela foi embora, avisou por mensagem... Acho melhor deixá-la pensar.

Lorenzo me observa vestir uma camisola de seda preta e percebo que alisa uma grande ereção escondida sob o lençol florido da minha cama, ele não é de falar muito, mas seus olhos o denunciavam e sei exatamente o que está pensando agora, não teria como não saber com a barraca formada em seu quadril. Abaixo-me na última gaveta da cômoda e pego uma calcinha também negra com um lacinho rosa na parte de trás, ela não tem muita coisa ali, apenas uma tira e o laço que quando a visto é a única coisa a ficar para fora do meu bumbum.

O lençol que escondia o mastro rígido já está no pé da cama e o seu dono nu em pelo. Em quanto a mão direita sustenta a cabeça, a esquerda manuseia a pele que envolve o membro, agora vermelho e com veias aparentes.

— Sabe que não precisa de nada disso, não é? — Lorenzo fala baixo com a voz carregada de desejo.

— Sei, mas mesmo assim quero agradá-lo. Foi muito legal ceder sua boate para comemorarmos o aniversário da Sarah, infelizmente deu errado, mas você fez a sua parte.

— Farei muito mais. — Olho para ele enquanto passo meu creme de maracujá e mando um beijo estalado. — Ainda não mereço o título de namorado? Amigo com benefícios não é o posto que eu quero ocupar na sua vida.

— Já disse que terminei um relacionamento agora e não estou a fim de entrar em outro, pelo menos não agora.

— Tudo bem, vou continuar esperando. Posso pedir uma coisa, é importante para mim, de verdade.

— Fala.

— Quero que tire esse cara daqui. — Ele aponta para o meu quadro de fotos e indica uma foto onde estou com Emerson na rede

da casa dos meus pais. — Já terminaram, ele pode sair. Somos nós que estamos juntos, sem esse fantasma para assombrar.

— Tudo bem, eu nem me lembrava que essa foto estava aí, mesmo achando isso tudo muito dramático, vou retirar. Em troca quero pedir uma coisa.

Lorenzo olha-me com as sobrancelhas arqueadas e faz que sim com a cabeça.

— Quero que pare de dormir de meias, isso é muito brega e não combina em nada com você.

Não esperava a reação que veio dele. Lorenzo sentou-se de imediato e cruzou as pernas escondendo os pés por baixo das coxas, como se eu não tivesse percebido a sua cara de pânico quando falei em tirar as meias. Já estamos ficando há uma semana e mesmo dormindo aqui quase todos os dias, ele não tira as meias quando vem para a cama. Achei engraçado nas primeiras vezes, mas hoje está uma noite quente e não há necessidade disso.

— Qual o problema com as minhas meias? Estão limpas e gosto delas.

— Mas eu gostaria que as retirasse.

— Posso recusar? — Questiona, praticamente fazendo asas de borboleta com as pernas cruzadas.

— Claro que pode. Com isso eu me considero no direito de manter a foto do Emerson na minha parede, e colocar outras se assim desejar. — Paro na sua frente e faço um coque no cabelo, vejo que está pensando sobre o que eu disse, suas sobrancelhas permanecem unidas.

Lorenzo se levanta, fica de joelhos na minha cama e arranca a fotografia no quadro magnético, não ficando só por aí, ele rasga a foto ao meio e lança-a na lixeira como se fosse algo asqueroso demais. Não digo nada, mas sinto pela foto perdida, eu gostaria de guardá-la, poxa! Ele volta a se sentar na cama e toca o colchão

chamando-me para fazer o mesmo à sua frente, fico por alguns minutos olhando para o topo da sua cabeça enquanto ele traça a costura da colcha com a ponta dos longos e grossos dedos com unhas bem aparadas e limpas.

— Eu tenho um problema genético que me acompanha desde que nasci e já me trouxe inúmeros problemas, principalmente na adolescência. Jovem é uma peste.

— Nos seus pés? O que pode haver de errado com os seus pés que não possa deixar eu ver?

— O que eu tenho é uma anomalia genética, uma mutação, um defeito, uma deficiência. Como disse o Danilo, aquele dia no elevador... Mutante albino, era assim que me chamavam na escola.

Chego para trás e com cautela puxo sua perna esquerda para o meu colo, no início ele resiste, mas depois acaba cedendo, recosta o corpo na cabeceira e coloca os dois pés sobre o meu colo. Ele ainda não me olha nos olhos, pega o smartphone e escuto a música irritante de um jogo que ele gosta, mas continua a falar.

— Danilo estudou na mesma escola que eu por muito tempo, quando passei para o segundo grau fui convidado a me retirar desta escola e finalmente nos afastamos, mas voltamos a nos encontrar na faculdade de medicina. Quando estava com sete anos o grupo que andava com Danilo percebeu que eu tinha... esse problema nos pés e começaram a me chamar de mutante albino. Sempre fui muito branco e muito alto para a minha idade, mesmo no meio dos meus irmãos eu me destacava pela altura, com dezesseis anos já media um metro e oitenta e cinco centímetros e isso só foi piorando. Fiz tratamento hormonal e consegui estagnar nos dois metros e dois centímetros de altura, mas mesmo assim sou muito grande para uma pessoa normal.

— Te acho lindo, mulheres adoram homens altos. Isso está no subconsciente desde que o mundo é mundo, queremos os maiores para proteger a prole. — Ele sorri olhando para baixo e vejo que está tenso.

— Sempre fui o último das filas, sempre sofri para ser aceito em coisas simples como... foto de fim de ano... Lorenzo você fica no fundo já que é grande demais. — A dor está encrustada em suas palavras, mesmo tentando esconder ele não consegue. — Foi assim que passei a vida, sendo o diferente.

— Isso é bobagem. — Tento ser desprendida para amenizar suas emoções.

— Eu fazia luta para fortalecer a musculatura e não desenvolver problemas de saúde devido o meu tamanho. Assim descobri uma forma de me defender, entrei em grandes enrascadas por isso. Quando me tornei mais forte e mais musculoso, as meninas passaram a me desejar e os meninos a me temer, como era um bom lutador. Isso passou a ser fichinha, mas o problema dos meus pés persistia.

Sem sua permissão retiro a meia, ele não reclama, fecha os olhos e apoia a cabeça na cama.

Com toda certeza ele calça mais de quarente e seis, isso dá para esquiara ou até mesmo nadar. Olho para as unhas bem cortadas como as das mãos, vejo alguns pelos que descem da perna para a parte superior do pé e acaricio os dedos, sinto-o enrijecer.

— Conte.

Um, dois, três, quatro, cinco... seis.

Ele tem seis dedos nos pés, esse é o grande problema? Curiosa observo mais de perto, conto novamente e sorrio para ele que ainda não abriu os olhos e respira lentamente, creio que para se acalmar.

— Esse é o seu problema, anomalia, mutação ou sei lá o quê? É sério isso? — Lorenzo não diz nada, fecha a cara e puxa os pés do meu colo apressado. — Não! Espera aí, Lorenzo Malamam. Que frescurite aguda.

— Frescurite? Sabe o que eu passei com isso? Não, você não sabe. — Levanta com raiva do meu descaso para o seu pequeno

grande problema e começa e recolher as suas roupas penduradas na minha arara.

— Eu realmente não sei o que passou, eu não estava lá. O que posso te garantir é tem muita gente com problemas bem maiores que o seu. — Sem me dar a menor atenção, começa e vestir a calça. — Se for embora não precisa nem se dar ao trabalho de olhar para a minha cara amanhã. — Ele congela no lugar, mas não deixa as coisas. — Estou dizendo a você que isso não faz a menor diferença para mim, estou deixando claro que para mim esse seu dedinho a mais não conta em nada. Se quiser ir embora por eu não sofrer pelo seu “enorme” defeito de fabricação, vá e seja muito feliz. Não se esqueça de bater a porta.

Dez

Por Lorenzo

Como ela pode ser tão desrespeitosa com o meu trauma? Trata uma coisa extremamente séria, como uma... uma frescurite aguda? De onde ela tirou isso? Oh senhor da falta de paciência masculina.

Pego minhas roupas que estão no chão e começo a me vestir, mesmo com o pênis semi-ereto esforço-me para colocá-lo dentro da calça e conseguir sair dignamente daqui, mas o meu corpo gela quando ela diz:

— Se for embora não precisa nem se dar ao trabalho de olhar para a minha cara amanhã. Estou dizendo a você que isso não faz a menor diferença para mim, estou deixando claro que, para mim, esse seu dedinho a mais não conta em nada. Se quiser ir embora por eu não sofrer pelo seu “*enorme*” defeito de fabricação, vá e seja muito feliz. Não se esqueça de bater a porta.

Coloco a mão na maçaneta e olho para trás, quero uma última imagem dela e ter certeza sobre o que disse.

Dora está com as costas voltadas para mim, apoia um dos joelhos na cama e retira a camisola negra que acabará de colocar. Com apenas a calcinha, que cobre apenas o seu cóccix, dobra-se sobre o colchão de solteiro e retira a manta floral, solta o coque e engatinha até encontrar uma boa posição, deita-se de lado com o rosto virado para a parede e como se não bastasse... Coloca o

indicador entre a pele e o mínimo tecido da maldita calcinha fazendo soar um estalo quando o remove do vão entre as nádegas.

Aquele cuzinho lindo olhando para mim, chamando o meu nome e louco para me ter socando dentro dele com toda a minha força. Dora faz isso de sacanagem, ela sabe que fico louco com sua bunda redonda e pesada, sabe o quanto desejo ter esse rabo rasgado pelo meu pau. E pior... Sabe que estou aqui olhando, babando, desejando o seu corpo ao invés de partir, como disse que faria.

— Apague a luz, por favor.

— Você é uma peste.

Largo tudo, caminho abrindo o cinto da calça e brigando com o zíper estirado pela minha excitação exagerada. Pela respiração pesada que solta, sei que ela comemora o sucesso do seu plano maléfico, de me pegar pelas bolas e acabar com qualquer resquício de raiva que eu sentia antes do maldito estalo do elástico desse pano dos infernos.

Já estou completamente nu quando me deito sobre ela e começo a morder o seu pescoço, chupar sua orelha e lamber cada pedacinho dela que esfrega a bunda na minha ereção e rebola sinuosamente o quadril largo para me deixar ainda mais aos seus pés. Dora sabe o poder que tem sobre mim, em poucos dias ela já entendeu como fazer para ter o poder na nossa relação sem nome, um poder total e irrevogável que dei a ela e não pretendo tomar, sou feliz assim.

— É hoje que vai me dar essa bunda maravilhosa? Hum?

— Podemos tentar algo, meu mutante favorito. — O apelido que me perseguiu a vida inteira, em seus lábios, não soa como ofensa, não é pejorativo, muito pelo contrário, sinto-me com superpoderes para deixá-la louca de tesão. — Mas preciso de um incentivo.

— Eu dou.

Deixo um rastro de beijos em sua coluna vertebral, volto passando a língua até conseguir identificar a minha saliva brilhando sobre a sua pele e faço o mesmo percurso descendo até chegar ao tecido da minúscula calcinha. Dora está mais solta a cada dia e sabe que cada detalhe não passa despercebido por mim, ela eleva as ancas para facilitar a retirada da peça íntima, já tão comum para mim em todos estes dias.

— Não sei se...

— Shiiii! Podemos parar se não estiver bom para você, mas me deixe tentar, conseguimos dois dedos ontem, vamos dar mais um passo. Hum?

— Se eu pedir para parar...

— Não colocarei nem um centímetro, prometo a você.

Vejo que está nervosa, talvez até com medo de eu não conseguir segurar a lasciva que já grita dentro de mim. Sou tarado em bundas de todos os tipos e tamanhos, mas a dela foi feita para mim, redonda, pesada e empinada. Quero abri-la e enterrar-me ao máximo, mas sei que devo esperar.

Ela está nua em pelo, ajoelho entre suas pernas e deleito-me com a visão mais bela de toda a terra. Cada detalhe é armazenado, não deixo passar nada, nem uma única marca de espinha da juventude, a pelugem que cobre seu bumbum o deixa ainda mais apetitoso, nem mesmo o sinal do contraceptivo que ela disse usar na coxa passa aos meus olhos. Ela é belíssima!

Inicio beijando a panturrilha, chego até sua fossa poplítea e deixo duas mordidas em cada uma, sentindo as pernas retraírem ao meu toque, aliso a parte posterior das coxas surpreendendo-me novamente com a macies da sua pele perfeita. Quando paro diante das nádegas Dora suspira vencida.

— Quero que foda com a minha língua. Quero que rebole como lhe convier. Entendeu?

— Ahãh!

Espalho as mãos em cada uma das bochechas de sua bunda, deixando exposto o foco do meu maior desejo, quase insano eu diria. É um pequeno orifício rosado com pregas apertadas capazes de proporcionar a qualquer homem um prazer descomunal. Dizem que é uma tendência machista e antiquada querer que a parceira se sinta subjugada, obediente e que o ato lhe proporcione dor, mas para mim não é assim. Vejo como uma entregar incondicional e totalmente voluntária em me satisfazer por completo, gosto de ser agradado e por isso adoro agradar.

Começo fazendo círculos lentos entorno do seu ânus que se contrai, as nádegas endurecem e todos os pelos do seu corpo se ouriçam em alenta a invasão eminente, sei que ela deseja entregar-se a mim, mas as convenções da sociedade, o tabu e tudo que contam sobre o sexo anal pesa nessa decisão.

— Não vou insistir se doer, mas não rejeite o que ainda não lhe causou dano algum. Enquanto estiver gostoso tente relaxar e receber de bom grado o que te dou, quando não for bom e quiser desistir é só dizer e pararei.

— Desculpe.

— Também já lhe disse uma vez pelo que deveria se desculpar. Agora, feche os olhos, deite a cabeça sobre o travesseiro e apenas sinta.

Volto a expor seu ânus e dessa vez começo com uma pincelada longa, lenta e molhada, retomo os círculos desenhando aros repetidamente até sentir que Dora começa a se soltar dos seus medos. Enrijeço a ponta da língua e a penetro alguns centímetros, uma vez, duas, três... dez, vinte... até que o seu corpo vem sozinho até a minha boca e não preciso me mover para estar enterrado dentro dela, apenas separo as bandas pesadas de sua bunda e deixo-a vir até a mim, em busca de prazer.

— Oh! Lo...

Aos poucos substituo a língua por dois dedos e ela geme até que rompo a resistência do primeiro esfíncter, mas não me impede de continuar, ela gosta do que estamos fazendo. E eu aqui roçando o pau contra o lençol áspero desesperado por um pouco desse prazer que meus dedos estão tendo.

Paciência, Lorenzo, paciência é uma virtude... Que eu não tenho agora.

Minha circulação está acelerada, ouço cada batida de coração em meus ouvidos e as têmporas dilatam, tamanha a minha excitação neste momento. Todas as reações vindas dela mexem freneticamente com o meu estado físico, sinto-me o Homem-Aranha com os sentidos mais aguçados, minha visão enxerga a menor das gotículas de suor que escorre em sua pele até atingir o lençol e dar lugar a mais uma gota deslizante e sortuda por ter tão belo trajeto, meus ouvidos captam até mesmo o som do ar enchendo os seus pulmões e saindo como sussurros desesperados de paixão e desejo... Sou louco por ela. O mais impressionante é o meu olfato, definitivamente, ela provoca efeitos surreais em todo o meu corpo, sinto até mesmo o cheiro de sua excitação, feromônios que dizem ao animal que habita dentro de mim, que ela está pronta e que precisa ser saciada.

— Eu quero tentar... Oh Deus! Quero simmm...

— E eu darei tudo a você.

Não a coloco de quatro, isso arriscaria tudo que consegui até agora, ela poderia se sentir intimidada ou ficaria com medo e o estado de total relaxamento iria por água abaixo. Antes que ela perceba já estou com o peito posicionado sobre sua escápula, nossas bacias unidas e meu pênis descansando entre as nádegas cheias que Dora empina gloriosamente. Sou louco por essa mulher.

Coloco o preservativo com perícia e rapidez, não darei tempo para que se arrependa, isso me mataria com certeza. Penetro sua vagina e repito o movimento de vai e vem diversas vezes, Dora está completamente excitada e geme baixinho de tesão, mas sem se

saciar com as minhas investidas longas e lentas. Quando sinto que já colhi toda a sua lubrificação, me retiro e paraliso na entrada do seu ânus que se contrai, assim como todos os seus músculos do corpo, mas eu não sou menino e sei muito bem como domar uma mulher na cama.

— Confia em mim, Vida. Quero o seu prazer mais do que qualquer outra coisa na vida, vamos com calma, sem afobação. Relaxa um pouco, só um pouco para mim. Hum?

Roço a barba em seu pescoço sem nenhuma pressa, enquanto meu pênis vai ganhando a batalha eu sigo distribuindo beijos por seus ombros, cangote e orelhas, ela vai relaxando e eu coloco um pouco de pressão nos quadris... Dora volta a se contrair.

Céus!

— Estou machucando você? Está doendo, Vida?

— Ah... Não... Não sei, não exatamente.

— Quantos não em uma frase só. — Sorrio para tentar esconder a tensão que está em mim, a posição é péssima e começo a sentir a coluna reclamar por estar fazendo malabarismos em uma cama tão pequena. — Vem aqui.

Puxo-a comigo e ficamos de lado na cama, pouso meu membro entre suas coxas e fico apenas fazendo carinho até chegar com uma das mãos ao seu clitóris e massageá-lo dando início à uma sinfonia de gemidos deliciosos. Em um balé quase ridículo, troco a camisinha e penetro sua vagina, já não aguento mais esperar... Não desisto, mas deixarei esse rabinho fujão para outra oportunidade.

— Ah que delícia!

— Mais que isso. — Quanto mais forte penetro, mais ela se empina e logo já estamos de quatro como dois gatos no cio, loucos para nos afogar de prazer.

A cama começa a bater contra a parede, sei que não estamos sozinhos e isso vai nos trazer olhares de reprovação por parte da

gêmea má. Isso lá é hora de lembrar do Bento? Saio da cama e coloco-a na parede com as mãos apoiadas e as penas fechadas e unidas, preciso abrir bem as minhas quase espaçar para ficar na altura correta da penetração.

— Minha Vida, minha paixão... Uhr!!!!

— Mais forte, Lo! Mais.

Essa mulher sabe destruir a minha sanidade e acabar com qualquer chance que eu tenha de agir naturalmente. Torno-me violento, insano e completamente carnal. Toda agressividade que venho escondendo há anos sai na hora que estou dentro dela, tenho medo de feri-la fisicamente, mas a desgraçada pede mais e mais. E eu dou tudo.

Mais e mais fundo, mais e mais rápido, meus dedos trabalham no nervo inchado que lateja junto a sua entrada, ela está escorrendo como nunca vi antes. Tiro quase tudo e meto com força, mas...

— Orrrh!!!!!!!!

DROGA! Não acredito nisso.

— Perdão Vida, perdão... Oh merda! Eu não fiz por querer, saiu e escapou...

— PORRA, LORENZO!

— Me perdoa minha Vida linda... Droga, estava escorregadio e não foi intencional... — Ela se ajoelha e sacode as mãos como se isso fosse ajudá-la a não sentir dor. Dora olha para mim com total auto piedade e vejo as lágrimas escorrem dos seus olhos e tenho um breve deslumbre do que ela deve ter sentido. Que merda!

Eu estava tão afoito, tão perdido em sensações maravilhosas que acabei, sem querer entrando no buraco errado, ele já estava úmido da nossa brincadeira anterior e quando percebi já era tarde, ela já havia soltado um grito de dor e só aí me dei conta do erro.

— Vida?

— Eu sei que foi sem querer, mas não desejo isso nem para o meu pior inimigo. Entende? Não quero tentar nunca, foi... está sendo dilacerador... Você não tem ideia da dor.. Aí!

— Tudo bem. Vem aqui, deixa eu cuidar de você. — Ela nega com a cabeça. — Por favor, deixa. Estou me sentindo um crápula, deixa eu amenizar isso. Acho que tenho uma pomada de arnica na minha pasta.

Fiz o máximo que pude, cuidei, esperei que tomasse banho e dormimos abraçados, mas mesmo assim ela ainda está tensa.

Como eu fiz isso? Coisa de amador.

— Ainda vou conquistar o meu buraquinho dos sonhos, pode apostar.

Ela dorme ainda tensa e eu vejo o dia clarear com ela nos meus braços. Como pode alguém em tão pouco tempo se tornar tão importante para outra pessoa da forma que ela se tornou indispensável para a minha vida? Seu olhar, suas gargalhadas, seus cabelos extremamente cheios e sempre escapando do prendedor, até mesmo o tempo que ela leva procurando cravos nas minhas costas se tornou fundamental no meu dia a dia. Todos os momentos com Dora são únicos e insubstituíveis para tornar a minha vida uma... vida.

É ela.

Ela será a minha companheira de uma vida e de uma coisa tenho certeza. Sorrisos não faltarão, amor não faltará e a alegria será sempre presente. Só faltará... Se ela aceitar não faltará nada, nós nos bastamos.

Onze

Por Dora

Como é bom sentir tê-lo dentro de mim, melhor ainda e tudo que me causa e as coisas loucas que faço quando estamos em momentos tão íntimos como agora. Não sei como cheguei à parede ou como estou aguentando as suas investidas frenéticas no meu corpo. Só sei que quero mais e mais.

— Minha Vida, minha paixão... Urh!!!! — Lorenzo tem uma voz grave que com o esforço e a movimentação dos nossos corpos fica ainda mais erótica, sinto-me falando com um personagem de cinema. Com as pernas juntas empino ainda mais.

— Mais forte, Lo! Mais.

Sim eu quero ainda mais forte, quero pressão, sentir o pau dele entrando e saindo de mim com total entrega e paixão. Transar na cama direitinho e papai mamãe é bom, mas com ele aqui dessa forma suada e grosseira é ainda melhor, não quero outra vida.

Lorenzo atende o meu pedido e me dá tudo que desejo dele nesse momento, força, firmeza, tesão. Oh! Muito tesão. Algumas vezes ele sai quase que completamente e volta com uma entocada bruta, quase dolorosa, repete isso uma após outra em quase todas as penetrações, é mágico. Estou muito além de molhada, meus joelhos tremem e pedem arrego. De repente enquanto suas mãos seguram minhas ancas deixando-me receptiva para ele, seu pau em toda a sua imensidão sai praticamente todo e volta a enterrar... sinto

quando ele esbarra da divisão entre minha vagina e meu ânus e como estou toda melada e o pau do Lorenzo é levemente envergado para cima, sou literalmente rasgada ao meio.

— Orrrh!!!!!!!

Não consigo silenciar o grito dolorido enquanto centímetro a centímetro sou preenchida sem chance de defesa, sinto duas barreiras se romperem e todo o sangue do meu corpo ser drenado, vejo estrelas, vejo a lua, vejo a puta que pariu o sexo anal e tudo mais. Dor, não é uma simples dorzinha ou uma dor de uma topada forte... CA RA LE OWWW! Não tem palavra que explique isso. Não... Não sou exagerada ou estou fazendo ceninha, foi uma parada louca, eu estava ali bem e muito afim de continuar quando de repente algo me destrói sem o menor aviso. CA RA LO OU OU OU OU!

No mesmo momento que entrou, ele saiu, mas a dor ainda estava lá. Latejando.

— Perdão Vida, perdão... Oh merda! Eu não fiz por querer, saiu e escapou...

— PORRA, LORENZO!

Eu sei que foi sem querer, mas definitivamente não quero escutar nada agora, só quero que isso passe e espero conseguir ir ao banheiro normalmente amanhã. Oh merda!

— Me perdoa minha Vida linda... Droga, estava escorregadio e não foi intencional....

Minhas pernas não querem colaborar comigo, fico de joelhos chacoalho as mãos na tentativa de enganar o meu corpo e aliviar a dor que, ainda, persiste. Lorenzo é a imagem da culpa e do desespero, minha visão periférica acompanha a sua cara de medo e remorso. Sei que ele não tem culpa e foi um acidente, mas está doendo e não consigo ser compreensiva neste momento.

— Vida?

Estou com vontade de socar a cara dele, neste momento até a sua voz me irrita.

— Eu sei que foi sem querer, mas não desejo isso nem para o meu pior inimigo. Entende? Não quero tentar nunca, foi... está sendo dilacerador... Você não tem ideia da dor.. Aí!

— Tudo bem. Vem aqui, deixa eu cuidar de você. — Eu nego com a cabeça, não quero contato agora, mas ele insistente, carinhoso e sabe como tratar uma mulher. Assim fica difícil. — Por favor, deixa. Estou me sentindo um crápula, deixa eu amenizar isso. Acho que tenho uma pomada de arnica na minha pasta.

Ele cuida de mim até que eu adormeça em seus braços longos e torneados, não há como não se apaixonar por Lorenzo Malamam, procuro motivos para não entrar em uma relação com ele, evito ao máximo permitir que os seus gestos de afeto e carinho tomem meu coração. Impossível, cada mínimo pedacinho de mim já foi tomado e reivindicado por esse loiro gigante, meu mutante favorito.

Sábado acordo com um cheiro delicioso de chocolate quente, ovos mexidos e queijo quente. Todo desengonçado com a bandeja lotada, Lorenzo entra no quarto assoviando e cantando uma música em espanhol que eu nunca escutei na vida.

Às vezes ele parece ser tão mais velho do que realmente é.

— Bom dia minha Vida! Olha o que eu preparei, ovos, queijo, pão fresquinho e leite quente para combinar com esse sábado chuvoso.

Acho que tem alguém aqui com um puta peso na consciência e querendo se redimir por ter me empalado vivinha.

— Bom dia meu mutante! — Sua expressão enrijece e sei que ele precisa desapegar dessas coisas passadas. — Nem perca o seu tempo me olhando assim, não vou me compadecer da sua causa, ela não é digna de pena. Até porque um homem lindo e com um pau enorme não pode ser tão cricri.

— Isso é um trauma de infância.

— Pessoas traumatizadas não dizem que têm um trauma. Loucos não dizem que são loucos, esse é um tipo de teste infalível.
— Ele sorri com o rosto voltado para o colchão.

— De onde a miss Freud tirou essa tese confiável?

— Da minha cabeça de gênio, linda e majestosa. — Estico os braços para ele e peço chorosa. — Agora vamos comer, estou faminta.

Quando sento na cama, sinto um incomodo que me faz lembrar todos os acontecimentos da noite anterior, Lorenzo percebe o meu desconforto e não consegue esconder o semblante culpado e arrependido, chega a ser fofo... Não, ele não é fofo, ele é um gentleman.

Mesmo acordando às duas horas da tarde, não nos animamos em sair da cama, Lorenzo fez um empadão rápido para lancharmos e nada mais nos tirou do quarto, foram horas conversando, rindo, nos conhecendo e também fazendo amor de todas as formas que eu jamais sonhei em conhecer. Com ele tudo é quente e repleto de novidade, me perco em seus braços, que com total destreza fazem do meu corpo instrumento do seu bel prazer, sinto-me uma boneca de pano dessas que os artistas de circo guardam em grandes caixas de madeira. O loiro tem o dom de dizer muito sem falar nada e apenas com olhares e gestos já sabemos como nos encaixar e atender as necessidades do outro. Não quero que isso acabe nunca.

O fim de noite foi de pizza para Sarah, Lorenzo e eu, Safira foi falar com alguém lá em baixo e mandou uma mensagem avisando que não retornaria hoje, cheia de mistérios e lacunas essa minha irmã.

— Gente, eu vou para o meu quarto. Obrigada pela noite e por me fazerem companhia, vocês são demais. Cunhado! — Lorenzo arqueia as sobrancelhas para Sarah. — Sem fluidos no meu sofá.

Mesmo passando por dolorosos problemas amorosos minha mana não se deixa abater ou deprimir, ela está ofendida e magoada com tudo que está acontecendo no seu quase relacionamento com o jumento do meu cunhado, se é que posso chamá-lo assim, mas não abaixa a cabeça. Conversamos sobre o que aconteceu ontem na boate e fiquei simplesmente estupefata com a atitude daquela mula Malamam, dei os conselhos que achei pertinente e meu ombro para chorar todas as suas lágrimas e foi só isso, hoje ela está se reerguendo. Safira fez o seu papel de “*eu avisei*” e conversou muito com ela, mesmo sabendo que as coisas estão complicadas vemos o amor nos olhos dela e hoje com Lorenzo ao meu lado sei que isso não escolhemos ou decidimos extinguir, acontece e ponto final.

— Estava louco para ficar a sós com a minha Vida. — Estamos abraçados no sofá, Lorenzo atrás de mim e minha cabeça pousada em seu braço, estou voltada para a televisão e com o bumbum estrategicamente posicionado junto ao seu membro. Ele usa apenas uma bermuda e camisa regata enquanto eu estou com um conjunto de baby dool liso de algodão rosa. — Morto de vontade de te sentir ainda mais perto de mim e poder alisar a sua pele gostosa.

— É mesmo?

— Ahãh! — Retira o meu cabelo do caminho e começa uma sequência louca de beijos e mordidas que beiram a dor, mas ficam apenas no prazer. — Quero ter você aqui no sofá, quero que goze em silêncio com o risco de alguém nos escutar, quero entrar e sair bem devagar até não poder mais.

— Já estou prontinha.

— Isso é ótimo! — Meu baby dool é folgado o suficiente para ser apenas chegado para o lado, não uso calcinhas com esse tipo de roupa e apenas empino a bunda para facilitar o seu acesso a mim. Acerto o lençol fino que cobre nossos corpos. — Oh! Divino, não... Pecaminoso!

— Sim, perfeito... Lorenzo?

Quando vou falar algo escutamos o som de algum abrindo a porta de entrada, olho desajeitadamente por cima do encosto e vejo quando Safira entrar com o nariz vermelho e o semblante pesado. Ela não ia dormir fora?

— Mana? — Chamo sem sair da posição, seria constrangedor. Lorenzo continua com investidas quase imperceptíveis. Quero matá-lo por isso.

— Oi!

— Achei que não voltaria para casa hoje, está tudo bem com você?

— Está sim, melhor impossível. — Ela vai até à cozinha e vasculha na gaveta de talheres, caminha até nós e senta no chão com as pernas cruzadas e um pote de sorvete romeu e julieta que deve ter meio quilo pelo menos. Com certeza bem ela não está. — O que estão assistindo?

Olho para a tela de TV buscando alguma resposta para saber o que está passando e para a minha surpresa é um documentário do Discovery Chanel, nem sei como foi parar nesse canal. Ela sabe que não estávamos prestando atenção na programação, mas nem imagina que Lorenzo está dentro de mim fazendo pequenos movimentos e ao mesmo tempo que quero matá-lo, não quero que pare.

Safira divaga entre os canais até encontrar um deles com o filme O Exorcismo de Emyle Rose.

— É sério que vai colocar isso? Não vou conseguir dormir por uma semana.

— Pode apostar. — Lorenzo fala baixinho ao meu ouvido.

— Claro que vamos assistir, preciso distrair a minha a cabeça, esse filme vai ajudar. Só me poupem de beijinhos estalados, não estou para isso hoje.

— Tem minha palavra, cunhada. Sem beijos.

Claro! Se ela imaginasse que esse tímido de araque está com o pau todo enterrado dentro de mim e ainda faz leves movimentos de quadril como se estivesse se ajeitando ou incomodado com alguma coisa.

O filme é o pior que já vi na vida. Não que ele seja mal feito ou sem noção, muito pelo contrário, ele te passa tanta realidade que com toda a certeza não olharei para o relógio durante a madrugada nunca mais, vai que são três da madrugada? Além disso, Safira ficou tão concentrada nas cenas macabras que não percebeu Lorenzo se movimento constantemente atrás de mim e cada vez que podia eu soltava um gemido mascarado de gritinho de medo. Ele está adorando essa palhaçada e eu... Eu também.

— Caramba!

— Também estou horrorizada, mas não consigo tirar os olhos da tela.

— Eu também não consigo parar... de olhar. — Ele responde descarado, quem olha acha que está falando do filme.

Em uma maldita cena assustadora, onde a Emyle vai para um campo com neblina e encontra uma árvore ainda mais medonha, Lorenzo aproveitando-se da atenção que Safira dá ao filme, investe com mais rapidez e precisão enquanto estimula meu clitóris com o indicador e acabamos gozando. Fecho meus olhos mordo o músculo do seu braço para conter o gemido que gostaria de soltar, ele por sua vez, range os dentes e junta nossos corpos de forma desesperada.

Ou minha irmã não percebeu nada, ou se fez de sonsa para não cortar o nosso clima. Prefiro acreditar que ela não se deu conta do casal de coelhos transando no sofá da sala. Aí que delícia!

Essa foi só uma das coisas loucas que fizemos essa semana. Passamos o domingo na rua, fomos ao cinema, jantamos fora e ele me levou para conhecer alguns amigos em um coquetel na casa de um deles. O casal era muito animado e estava com um bebê

novinho com menos de seis meses de nascido, Caio era um cara legal e sua esposa, Alice já parece ter se recuperado plenamente da gravidez, falamos por horas e não pude deixar de perceber o olhar de Lorenzo quando me viu com o lindo bebezinho no colo.

— Está tudo bem?

— Sim. — Tão comunicativo.

— Você está me olhando de forma muito esquisita. Não precisa se preocupar, não é porque estou com o neném nos braços que vou começar a fazer planos com vestido branco e barriga crescendo.

— Seria mais do que mereço.

— Pensa em ter filhos? — A forma como ele falou foi tão verdadeira e sentida que fiquei curiosa.

— Não. Eu sonho em ter filhos.

— Uau! Estou chocada com essa informação, nunca imaginei.

— Sabe, quando meu irmão precisou de ajuda com a Nina eu fui o que mais me dediquei, até hoje ela é o meu maior tesouro na terra, sou completamente apaixonado por aquela garotinha dos olhos azuis. Troquei fralda, dei mamadeira e até hoje quando passa os fins de semana lá em casa, ela dorme na minha cama comigo.

— Ela deve estar sentindo a sua falta, já que está quase todos os dias na minha casa. É por isso que sempre tem tantas balas de iogurte no carro?

Ele sorri com a lembrança e responde.

— Sim, ela adora essas balas. Eu estou em falta com a minha pequena, mas logo vou recuperar. Às vezes a busco na escola entre uma consulta e outra.

Na segunda-feira Leônidas bateu na minha porta atrás de Sarah, mas ela havia saído com um amigo que descobri depois ser o Talles, um amigo maravilhoso que fiz desde que cheguei a São Paulo. Os dois tiveram uma ideia louca de fingir estarem se

pegando e como Leônidas é uma mula, deu merda. Coitado do meu amigo, até o nariz ele quebrou. No final das contas meu cunhado descobriu e deu mais merda ainda, só que desta vez o fim foi ótimo e agora vamos todos para Bonito no Mato Grosso do Sul passar o fim de semana que antecede o carnaval.

O vida chata!

Doze

Por Danilo Vallim

Quando eu era mais jovem optei por pediatria dividido a falsa imagem de atender mães bonitas e cheias de amor para dar, isso era o que eu acreditava, uma bela e ridícula mentia. A maioria é chata com aquela voz gritada e desesperada de mulher que não dá há séculos, são feias e gordas, com uma maldita alça de sutiã velho aparecendo e aquelas toalhinhas infantis penduradas nos ombros. Como isso me enoja.

Como nada é perfeito, com o tempo fui me acostumando com a rotina e decidi trabalhar na UTIN, Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal, dessa forma consigo evitar as chatas e não lido com crianças choronas e medonhas, aqui os pequenos dormem mais do que tudo e os que estão acordados ficam a cargo das enfermeiras. Por falar em enfermeiras... Essas sim merecem toda a minha atenção, alvos fáceis para o meu ataque.

— Doutor Danilo, a Ana Julia já iniciou a dose de corticoides, ela se mantém instável há mais de 48 horas e foi amamentada pela mãe.

— Assim como o esperado. Pode ir.

— Oh, os pais do João Pedro, o recém-nascido, gostariam muito de falar com o senhor. Eu avisei que estaria ocupado, mas eles insistiram já que toda essa situação é inesperada para eles.

— Diga que não posso atendê-los agora. Esse pessoal é muito folgado mesmo, quem operou o coração do menino foi o Lorenzo, eu não vou perder o meu precioso tempo com isso, não dou nem 12 horas para esse RN morrer.

— Credo doutor! O cardiologista operou o coração, mas o responsável da pediatria hoje é o senhor. Doutora Magda os receberia com toda a certeza e seriam muito bem tratados por ela ou por qualquer outro pediatra.

Odeio lidar com gente petulante.

— Como é mesmo o seu nome?

— Lorryne, não se lembra?

— Lorryne. — Com esse tom parece nome de vadia. — Se pergunta sobre a vez que transamos, sim eu me lembro, mas do seu nome eu não faço questão alguma de lembrar. Isso é irrelevante na hora de comer uma mulher. — Vejo o choque em seus olhos. — E outra coisa muito importante para você saber, eu não sou a doutora Magda, eu me chamo Danilo, único, perfeito e superior. Avise aos pais que estou em atendimento e não poderei atendê-los, caso queiram, podem vir amanhã no plantão da maravilhosa pediatra que você indicou.

— Eu vou reportar isso aos meus superiores.

Com lágrimas nos olhos a ela deixa a minha sala em direção ao corredor onde devem estar os pais. Que se fodam os seus superiores.

Aguardo dentro do carro há mais de uma hora para Patrícia descer, já estou perdendo a minha paciência quando ela me envia uma mensagem informando que o Mutante Malamam irá levá-la em casa. Isso soa melhor que a encomenda.

Então quer dizer que o certinho também se diverte com as funcionárias? Isso é novidade para mim, mas já era de se esperar, demorou muito para isso acontecer.

Patrícia é a mulher mais rodada deste hospital, desde a equipe de enfermagem até a diretoria, todo mundo já comeu ali ou no mínimo recebeu um belo boquete daquela boca safada. Além de secretária dos especialistas ela é uma vagabunda por prazer, nunca vi uma mulher com tamanho fogo no meio das pernas. Hoje combinei de levá-la em casa e com certeza depois subiria para aliviar minhas bolas que estão para estourar, mas pelo visto terei que arranjar outra forma de fazer isso.

Ainda estou com o carro desligado quando vejo os dois deixarem o elevador em direção ao BMW X6 que o doutor certinho ostenta, um carro como este deveria ser dirigido por alguém com mais presença do que esse cara. Tenho certeza que ele nunca usou tudo que essa belezinha tem a oferecer, com um motor V8 que faz de 0 a 100 em menos de cinco segundos eu estaria nas nuvens, mas não... O mutante sai da garagem como quem dirige um 1.0 dos mais chinfrins do mercado.

Decido acompanhá-los até o apartamento de Patrícia, faço um caminho diferente e estaciono um pouco antes da portaria principal, de alguma forma não é ela quem sustenta isso aqui. Em que planeta uma reles secretária teria condições de morar em um apartamento tão distinto quanto este? Deve ser um dos pacientes decrépitos que ela atende com tantos paparicos que está a sustentando em troca de umas chupadas em seus paus murchos.

Desprezível.

Mais de cinco minutos depois a carro de Lorenzo estaciona uns doze metros a minha frente. E pelo jeito a vagabunda está tentando levá-lo lá para cima de qualquer forma, eles demoram um pouco, mas ela sai nitidamente frustrada e ele dá partida. Quando o carro vira a esquina, saio de caminho apressado até ela, já que a putinha quer dar que seja para quem vai comê-la direito.

— Patrícia!

— Doutor Danilo? Não disse que sairia com o meu chefe, o que faz aqui?

— Conheço o seu chefe há mais de trinta anos e não esperava nada diferente dele, ao contrário do Bento, ele não se envolve com mulheres tão... diretas quanto você.

— Já você se envolve, não é? — Ela caminha até a mim e acerta a gola da minha camisa de forma sensual dando-me uma piscadela.
— O que acha de tomar um vinho comigo, já que veio até aqui e estamos os dois em busca do mesmo prazer?

Fácil e prazerosa, essa foi a minha noite com ela.

Durante a semana me encontro com Patrícia mais duas vezes, ela nunca diz não, está sempre pronta para o abate. No sábado vou a uma boate e por coincidência vejo os três Malamans juntos e todos observando um grupo de moças na pista de dança, uma delas é Sarah, uma gostosinha com cara de infeta que trabalhava na pediatria e foi trabalhar na casa do Leônidas para ajudá-lo com a pivetinha dele, as outras duas são as gêmeas instrumentadoras com quem sonho em fazer um ménage, meu sonho é ter aquelas duas bocas chupando o meu pau ao mesmo tempo. Pelo visto os Malamerdas também estão de olho nas minhas putinhas. Vejo quando o mais velho sai com a ninfeta e tenho certeza que aí tem coisa, uma das gêmeas, que é mais calada, fica com algumas amigas enquanto a outra praticamente trepa com o mutante na pista de dança, faço o meu melhor para não perder nenhum detalhe, mas os dois rumam em direção ao subsolo da boate e quando retornam a vadia está destruída e quase nua, eles saem pela porta de incêndio e eu vejo quando ele a coloca no carro.

— Agora que quero ainda mais essa mulher. Vou tirá-la de você Mutante Malamam filho de uma puta.

Segunda-feira

Sou agraciado por uma cena maravilhosa quando chego ao elevador, uma das gêmeas que acredito ser a que estava com Lorenzo, está aguardando com um sanduiche nas mãos e deixa cair um pouco do molho nos dedos, com isso ela começa a se limpar

com a boca sem se dar conta do gesto extremamente erótico que faz. Sou obrigado a me divertir um pouco com isso.

— Foi um espetáculo e tanto. — *Ela se espanta com o meu comentário.* — Não me olhe assim, foi você que provocou. Agora eu também quero.

— Vai ficar querendo Dr. Danilo Vallim. Foi só o catupiry que escorreu, nada de mais, sua cabeça está muito suja. — Suja vai ficar essa cara quanto eu esporrar nela.

— Ah! Eu vi e adorei, mas tem coisa bem mais interessante para ser lambida assim. Poderíamos... — Ela me corta rapidamente, antes mesmo que eu conclua a frase.

— Não poderíamos e não podemos, que isso fique bem claro para o senhor. Espero não precisar recorrer ao administrativo, ou farei isso com todo prazer.

Entramos no elevador com mais algumas pessoas e mesmo assim continuo bem próximo ao seu corpo, gosto de atíçar uma fera quando encontro uma, então aproveito para usar as armas que recebi.

— Eu estava na boate no sábado. A vi dançando com o Mutante Albino dos Malamam, depois vi quando ele te rebocou para o subsolo e quando retorno com você nos braços. Estava quase nua.

— Como assim? — *Assustada?*

— Eu já estava no estacionamento quando vocês saíram e vi quando deixaram a boate pela saída de emergência. Está surpresa? Parece surpresa. — Sorrio olhando diretamente para os seus olhos que entregam o seu desconforto. — Engraçado que também vi a sua irmã, não a sua cópia é claro, a outra com carinha de ninfeta. Estão fazendo a limpa da família monstro?

A acompanho até o quinto andar, onde fica o centro cirúrgico. Permaneço ao seu lado falando ao pé do ouvido como se a

conversa fosse íntima, como está muito surpresa e desconfortável ela não me repreende.

— Não sei do que está falando. Poderia me deixar trabalhar.

— Estou falando do fato de você estar transando com o chefe mesmo tendo namorado. Lembro de já ter levado alguns foras seus por alegar ser comprometida. Para o patrão pode e para mim não?

— *Quando ela para diante da porta do repouso de enfermagem e procura a chave em sua bolsa eu perco a paciência e a viro de frente para mim. Já perdi a conta de quantas vezes já tentei uma abertura com ela e recebo a mesma desculpa de ter namorado e não se envolver com médicos, talvez seja a outra que não se envolve com médicos, elas têm a mesma cara. Seu semblante muda quando o olhar é desviado para um ponto alto bem atrás de mim, estou segurando o seu braço e sou surpreendido pela maldita voz do verme.*

— Sugiro que tire as mãos dela o quanto antes doutro Danilo, e volte para o seu setor, pelo que me consta já passa do seu horário.

Viro-me para ele e não me deixo abater com o seu olhar raivoso, não era de se esperar nada diferente de um desequilibrado mental.

— Mutan... Digo, doutor Lorenzo! — *Sorri clinicamente quando vejo que percebeu que o chamaria pelo velho apelido de infância.* — Só estava convidando a moça para um jantar... íntimo. Você entende, não é?

Vejo que o selvagem da juventude não morreu como parecia, Lorenzo olha para o chão e, praticamente, rosna. Vejo seu trapézio se elevar e a postura tranquila dar lugar a uma outra tomada pela ferocidade, conheço bem sua linguagem corporal e prefiro me afastar um pouco tentando não transparecer o meu breve pavor.

— Gostaria de te apresentar Dora Barcelos, minha namorada e evidentemente total e definitivamente fora dos seus limites e de qualquer outro ser humano. Fui claro o suficiente ou devo desenhar com um bisturi nessa sua carinha banhada em Botox?

Isso não vai ter volta seu desgraçado de um Malamerda.

— Namorada?

— Sim, minha namorada. Algo contra isso?

— Nada contra. Quem aqui se oporia ao todo poderoso Lorenzo Malamam? Só me surpreendi, já que a donzela namorava outro a bem pouco tempo atrás, acredito que já tenha terminado com o seu conterrâneo. — *Olho para a morena que não diz nada.* — Claro que terminou, ou o doutor não a assumiria publicamente assim.

— Isso não é assunto seu, Danilo. Volte para o seu andar, tenho certeza que têm muitas mães afoitas pelo seu nobre atendimento.

Volto para o terceiro andar cuspiendo marimbondo, minha vontade é de socar a cara dele até não restar um único osso inteiro, se ele soubesse o tamanho do ódio que trago dentro de mim desde a nossa juventude. Nunca vou me esquecer dos dias internado, de virar chacota perante os meus amigos como o fracote que apanhou do mutante albino, sofrer por todo um ano letivo e até mesmo nos anos seguintes, tive que repor os quatro dentes da frente e passei mais de dois meses com gesso nos braços.

— Maldito Malamerda!

A UTIN está com mais de dez crianças hoje, ontem um deles veio a óbito e dei graças a Deus por não estar de plantão já que a enfermeira comunicou a corregedoria sobre eu ter me negado a atender os pais de um RN, que no caso era o mesmo que morreu, e com certeza isso poderia se voltar contra mim. Ok, ok eu fiz vista grossa para as alterações respiratórias dele e preferi não entrar com o bronco dilatador, mas isso não o ajudaria em nada apenas por mais cinco os seis dias, se é para morrer que morra logo, assim não gasta recurso e nem toma a vaga de quem tem chance a vida.

Disco para o celular de Patrícia, ela já deve estar saindo.

— Diga Dan.

— Estou na garagem, quer uma carona? Pensei em comer um japonês, poderíamos pedir do seu apartamento.

— Pode ser, já estou descendo.

Como sempre, comi e me lambuzei da gostosa da Patrícia e logo depois fui embora, claro que sem precisar de nenhuma desculpa esfarrapada, já ficamos há tempo o suficiente para saber que não precisamos de formalidades. Há pouco tempo atrás precisei de algumas informações privilegiadas e ela as forneceu com a maior destreza, em troca de alguns agrados, nada que uma bolsa caríssima e alguns pares de brincos não pagassem. Lembro como se fosse hoje da sua crise de consciência.

— Pare de histeria, Patrícia. Não matamos ninguém, apenas informamos uma mulher que era passada para trás pelo seu zeloso marido modelo, ele nunca prestou, ninguém dessa corja presta.

— Está louco? Você tirou aquelas fotos, eu as entreguei a ela em mãos... Entende isso? A doutora Sílvia poderia estar viva se não tivesse tido tamanha decepção, nós causamos a sua morte.

— Ela se suicidou, se matou, deu cabo da própria vida e todos nós vimos. Fale baixo ou vai nos causar problemas.

— E se eles descobrirem?

— Não vão.

— Como tem tanta certeza disso?

— Tudo que o Malamerda quer é sossegar com a pivetinha dele e esquecer a defunta. Ele não vai procurar saber se tinha alguém plantando as coisas na cabecinha maluca da Sílvia. Agora, volta para o seu andar e sonde se o assunto vai ser enterrado junto com a corna, qualquer coisa me fale.

Mulheres... Sempre sentimentais. Patrícia não é diferente, mas pelo menos ela tem o seu preço e tem o melhor dos combustíveis, o ressentimento. Mulher ressentida é a melhor arma, principalmente se ela foi rejeitada ou pior... trocada.

Treze

Por Lorenzo

Sexta-feira 21 de fevereiro de 2014

Depois de uma semana cheia de altos e baixos, quase todos relacionados aos problemas de Leônidas e Sarah, finalmente vamos embarcar para o paraíso na terra e desfrutar da companhia um do outro, isso será o céu. Um dos meus pacientes, o senhor Mosquem, é proprietário de um Eco Resort em Bonito, no Mato Grosso do Sul e me convidou para passar um fim de semana lá. Combinei com Leônidas e vamos levar as nossas mulheres para curtir um pouco, longe da agitação de São Paulo.

O voo foi bem tranquilo e tomado pela voz animada da minha faladeirinha de plantão, contou histórias, riu, me provocou e sacaneou a irmã, que morre de medo de voar, Sarah não soltou a mão de Léo em momento algum e manteve-se sem olhar para a janela nem mesmo por curiosidade. Fretamos um jatinho para ter mais privacidade e conforto, afinal, não queremos que meu irmão recém viúvo desfile por aí com a sua mais nova conquista ou que alguém atrapalhe o nosso momento de lazer.

Uma caminhonete alugada já nos esperava e seguimos para o centro de Bonito com a intenção de comprar repelentes e conhecer o lugar rapidamente. Durante o dia não há nada para ver, apenas ruas vazias e uma grande praça central, as meninas observam e comentam sobre isso, mas homem não repara nessas coisas, muito menos em plantas e estátuas.

Assim que cruzamos os 20 km de estrada de chão e chegamos ao Resort, Dora fica louca com a beleza do lugar, realmente é de encher os olhos e não tem como negar que aqui não é Bonito, é lindo. A casa grande e os chalés ficam em um descampado cercado por uma floresta nativa de mata fechada e muitos rios belíssimos, estudei o site e as fotografias antes de vir e estou ansioso para desfrutar de tudo que nos oferecem. Leônidas e eu estamos animados para comer a tal carne de jacaré, as meninas só falam nos passeios e na natureza exuberante que já tivemos o prazer de apreciar, mesmo que de longe.

— Bebê!!!! Adorei, simplesmente maravilhoso. Putz grila, nem acredito que vamos ficar em um chalé. — *Diz a minha Vida animada. Ela fica radiante, parece que ilumina tudo a sua volta. O problema é que ela usou toda a sua espontaneidade na frente do ogro do meu irmão.*

— A não pô! Bebê Lorenzo? Que gut-gut. — *Ele me sacaneia pegando em minha bochecha como se eu fosse um filhotinho de poodle.*

— Cuidado hein, temos três dias para eu pegar alguma coisa sua e da sua... Ninfa? É isso néh?

— Ok idiota. Vamos lá, já são mais de 11h e estou morrendo de fome, quero provar a carne de jacaré.

— Sério? Tem isso aqui? — *Sarah questiona com uma expressão enojada. Vejo que ela não serviria para mim, gosto mais do jeito desbocado e destemido da minha morena.*

— Tem sim Ninfa, vamos comer daqui a pouco, no almoço.

Somos levados pelo senhor Mosquem para conhecer as áreas de lazer e as dependências do casarão, são muitas opções para que atendam até mesmo quem não tem um instinto aventureiro. Antes de seguirmos para os chalés, já reservados, deixamos o primeiro passeio agendado para as 14h com destino a Gruta do Lago Azul, um dos locais mais famosos da região. Dora não esconde o sorriso,

ela nunca esconde, sempre está com seus belos dentes à mostra para quem quiser contemplá-los.

Observo-a deixar a bolsa sobre a cama, seus olhos brilham e não é só alegria, vejo mais do que isso.

— Sabe que voar me deixou muito... Elétrica.

— Elétrica? — *Encosto na porta que acabei de fechar e observo ela começar a baixar as alças do vestido. Com os dois seios à mostra ela engatinha na cama até ficar de joelhos no centro.* — E como seria isso?

— Não sei explicar, meu corpo está quente. Acho que voar me excita... muito.

Dia após dia ela tem se mostrado mais aberta, sempre disposta a me agradar, nunca passamos mais de dois dias sem uma boa noite de sexo. Não, nunca fizemos sexo, nós fazemos amor. Forte, quente, molhado... sempre amor.

— Acho que sei o que quer dizer. Veja! — *Rapidamente abro a calça e retiro a camisa, coloco minha ereção para fora enquanto seu olhar acompanha meus movimentos detalhadamente.* — Sinto o mesmo que você, só que o meu é mais visível.

— Ah! O meu também é visível.

— Então mostra, Dora.

Sim, ela entendeu perfeitamente o que eu pedi.

Dora deitou-se na cama com a barriga para cima e elevando os quadris retirou a pequena peça íntima, arremessando-a no meu rosto e aí eu percebi a umidade presente no tecido branco com pequenos corações azulados. Levo-a ao nariz e fecho os olhos me perdendo no maravilhoso perfume de mulher pronta para ser devorada, consumida, minha mulher.

Ainda com o vestido preso a cintura, ela coloca a mão entre as pernas e com um pouco de vergonha começa a se tocar, abrir as

dobras e expor toda a sua vulva para mim. Nunca a vi se masturbar, ela sempre disse que não sentia necessidade antes e agora comigo não precisa disso já que eu dava a ela prazer o suficiente. Claro que suas palavras me deixaram ainda mais seguro e firme quanto a nossa real situação, mas eu confesso que assistir uma mulher dando prazer a si mesma é extremamente excitante para qualquer homem vivo. Desvio o olhar por poucos segundos procurando algum lugar para sentar e assistir de camarote ao espetáculo oferecido a mim, vejo uma cadeira simples de madeira e sento-me de frente para a cama com as pernas abertas e o pênis ainda para fora enquanto ela continua.

— Vamos gozar assim? Separados.

— Não consigo chegar a tanto. — *Ela confessa com os olhos tomados pela excitação.* — Mas vou treinar bastante.

— Em que momento tem treinado? Estamos quase sempre juntos.

— Quase, não sempre.

— Não estou dando conta da mulher que tenho? — *Brinco sem deixar de manipular meu membro ereto que é foco do seu olhar cobiçoso.* — Preciso me esforçar mais.

— Sabe que isso é absurdo. Estou apenas mudando os meus conceitos e experimentando coisas novas, conhecendo o meu corpo e lendo sobre isso. Ler não é meu passa tempo favorito, mas Sarah me emprestou alguns livros muito bons e estou aprendendo coisas...

— Que coisas?

— Coisas... Como a me estimular, pompoarismo, masturbação e...

— E...

— Sexo oral.

A mulher fatal sem papas na língua que se apresenta diante das pessoas é na intimidade uma garota totalmente inexperiente, isso é cada dia mais claro para mim. A Dora que conheci na boate, a diva que dançava naquela barra de poli dance é na verdade uma mulher sem vida sexual ativa. Graças a Deus! Só de imaginar o tal ex fazendo com ela tudo que eu já fiz, fico com os cabelos brancos. Ela ainda não me chupou, ou pelo menos não da forma como eu esperava de uma mulher. Ela já fez algumas vezes, mas é sempre sem jeito e muito breve, não preciso que ela saiba tudo, estou mais do que disposto a ensiná-la.

— E como treinou sexo oral? — *Um frio percorre a minha espinha.*

— Com Itu. — *Vendo o meu desentendimento ela prossegue.* — Sabe aquele picolé roliço e longo em forma de cone? Então, treinei com ele outro dia, mas ele é frio e derrete, quero treinar em você.

— Coloque um dedo dentro de você.

— Hum?

— Você já está brilhando de tão molhada, coloque um dedo dentro de você. — *Ela o faz, e meu pau baba enciumado da penetração.* — Mexe um pouco pegando a umidade e... Isso. Agora abra seus lábios com o polegar e o dedo médio para que o indicador trabalhe.

Ela me obedece e começa a circular o clitóris lentamente, ainda com vergonha de dar prazer a si mesma. Mulheres tem um certo bloqueio com isso, acho que devem pensar ser errado satisfazer o próprio corpo.

Sua cabeça afunda no travesseiro e o quadril começa e se mover no mesmo ritmo que os dedos trabalham em sua intimidade molhada. É como se ela nem me percebesse, está submersa em um nimbo de sensações carnavais que nem o melhor dos médicos poderia descrever. Aperto a cabeça do meu pau para retardar o orgasmo

que sinto estar próximo de chegar. A cena é lasciva demais para qualquer cristão.

— Vida, isso é incrível. Continue e vai chegar ao ápice do prazer, deixe-me ver seu corpo cantar. Vamos!

— Não é o mesmo, quero ... Oh! Eu quero.

— O que quer, minha Vida?

— Que me coma com toda a sua força.

Maldita.

Termino de me despir e sem nenhum esforço a ponho de quatro sobre o colchão que afunda com o meu peso. Dora abaixa o tronco deixando apenas sua deliciosa bunda para o ar com as bochechas abertas dando-me a visão do seu cuzinho piscando para mim, ele me quer e eu o quero muito, só falta fazer as convenções da cabecinha dessa danada caírem por terra.

Vai ser hoje que te como, mas não agora.

Começo a penetrá-la devagar até estar todo dentro, até minhas bolas encontrarem sua pelve e eu poder ouvir seu gemido num misto de dor e prazer. Sei que vou fundo e isso causa um certo desconforto no início, mas vai passar e logo ela estará pedindo mais e mais.

— Oh Deus!

Não sou o mesmo homem quando estou dentro dela, é impossível explicar o que me torno ao ter o poder sobre seu corpo. Minhas mãos tomam posse das suas ancas, meu pênis entra e sai freneticamente como se nada mais fizesse sentido a não ser alcançar o grande objetivo... Fazê-la gozar e reconhecer que sem mim isso não seria nada. Marcar seu corpo como meu e deixá-lo ciente dessa propriedade.

— Ahm! Ahm! Hum!!!!

Cada gemido e cada sussurro alimenta o animal que ela cultiva dentro de mim, minha visão capta cada detalhe, até mesmo seus pequenos pelos a se ouriçarem com a chegada abrupta do orgasmo dado por mim e só por mim.

— Deixa vir, se entrega. Eu quero senti-lo também... Argh!

E ela deixa. O gemido agudo e sôfrego me avisa que seu corpo não suporta mais e ela começa a liberar a tenção, os movimentos da sua musculatura interna são torturantes para mim e não dão escapatória, coisa que não quero. Gozo dentro dela, derramo até a última gota dentro do seu corpo quente e isso é mais prazeroso do que qualquer outra coisa na vida.

Quando saio do banheiro ela já está de pé e se constrange ao perceber meu sêmen escorrendo para fora da sua vagina inchada pelas atividades de mais cedo. Dora passa a mão para evitar que caia no tapete do chalé e me olha questionadora.

— O preservativo estourou?

— Não. Eu não usei desta vez.

— Sabemos que estamos limpos e não saímos com mais ninguém. Nossos exames periódicos do MAH não deram nada, ou melhor, a senhorita está anêmica e deve se cuidar mais.

— Deveria ter me consultado sobre isso, meu mutante. — *Péssimas referências me deixam tenso quando ela diz meu antigo apelido de infância.*

— Sabe que esse termo não me agrada, tenho más lembranças.

— Então vamos fazer novas lembranças para este... termo. Mutante vai ser o seu apelido na nossa intimidade, afinal de contas não é possível que você seja normal com esse tripé pendurado no meio das pernas.

Eu tento, mas é impossível ficar chateado com ela e esse jeitinho leve de ver a vida.

— Podemos cancelar o uso dos preservativos? Quero gozar dentro de você, quero poder enchê-la com meu gozo e saber que cheira a mim.

— Nossa! Isso soa tão possessivo.

— Não ser grosseiro como Leônidas, não me faz menos possessivo.

— Bom saber, gosto de saber que está caidinho por mim. — *Ela sorri e vai para o banheiro rindo e me sacaneando como se eu fosse uma mulherzinha apaixonada. E é isso que estou parecendo.*

Almoçamos no restaurante do resort e partimos para a nossa primeira aventura no Ecoturismo.

Minha Vida está radiante com as paisagens e todas as explicações dadas pelo guia turístico que nos acompanhou até a Gruta do Lago Azul. O local realmente é divino, quase surreal de tão perfeito e cheio de detalhes, as nossas mulheres ficam de boca aberta com todas as explicações do guia.

— Essas formações que vocês podem ver como se estivessem caindo do teto, são estalactites que estão em constante modificação. Essa caverna tem aproximadamente 12 milhões de anos e cada uma destas formações cresce em média um milímetro por ano, esse é o principal motivo para não permitirmos o toque, um simples passar de mãos pode destruir o trabalho de um ano inteiro da natureza. No fundo da caverna temos as mesmas formações, porém são chamadas de estalagmites e são formadas por essa poeira calcária que podemos observar no espelho d'água, elas pesam e depositam-se sobre as peças que vão se formando.

— Existe algum passeio que inclua o mergulho nessa caverna?

— Já existiu, hoje não mais.

— Não há nenhuma forma de conseguir, falando com alguém ou pagando alguma taxa específica... Sei lá, autorização do Ibama?

— Não há nenhuma forma disso acontecer. Espero que entenda e respeite as nossas regras de preservação.

Vejo que ela fica sem graça com a seriedade do guia.

— Viu, pra frente? Nem todos se rendem a essa carinha linda. — *Digo ao pé do seu ouvido e ela sorri constrangida. Abraço-a ainda mais forte e cheiro seu pescoço enquanto vejo sua pele se arrepiar.*

— Para de me distrair, quero prestar atenção no que ele está dizendo.

— Essa água com o tom extremamente azulado é na verdade uma ilusão de ótica. Como aqui tem carbonato de cálcio e magnésio dissolvidos na água, o sol penetra na abertura da caverna e acaba refletindo, ou seja, refratando nessa água e dando a impressão de que ela é azul. Nos meses de novembro e dezembro o sol entra diretamente aqui, tornando essa cor mais cintilante com o tom de azul saltando aos olhos.

— Então se voltarmos aqui em dezembro vai ser ainda mais lindo? — *Sarah pergunta empolgada com a ideia e olha para a irmã que corresponde cúmplice.*

— Com certeza será. — Responde o guia profissionalmente.

— Podemos voltar quando quiser, minha Ninfa. — *Leônidas fala abraçando-a por trás de forma possessiva e tenho certeza que isso se deve ao fato do guia ter respondido diretamente a ela e isso o deixa louco. Meu irmão é tão previsível.*

Quando a noite cai decidimos conhecer a vida noturna de Bonito, saímos com a caminhonete para a rua principal e ela está muito movimentada e cheia de turistas animados gastando rios de dinheiro com comidas típicas e suvenires para os parentes ou para si mesmos. Dora não faz o tipo de mulher que tenta parecer certinha e cheia de regras de boa convivência, quando eu disse que ela não precisaria de nada além do RG ela não se fez de rogada e simplesmente pegou o documento e colocou no bolso do short, que por sinal é curto demais e somado a sua blusa branca transparente

com um sutiã listrado de branco e preto, estão me deixando quase tão louco quanto meu irmãozinho pirado.

As meninas caminham na frente fazendo selfies com os telefones públicos em formato de animais da região e rindo como nunca vi antes, elas realmente são muito unidas e amigas de verdade. Leônidas quase enfarta toda vez que percebe um homem cobiçando nossas mulheres, é claro que isso aconteceria, elas são lindas e insistem em se vestir de forma provocante.

— Essa mulher ainda vai me fazer ser preso, não tinha a menor necessidade de sair com essa roupa marcando todas as curvas.

— Já estou saindo do meu sério também.

— Wou! Isso sim é novidade para mim. Lorenzo Malamam saindo do sério? Se for como antigamente, vamos ser expulsos da cidade. A morena já está mexendo com o seu juízo?

— Agora sei como se sente quando alguém olha para a Sarah, sinto o mesmo. Anos de terapia serviram para alguma coisa, senão eu já teria matado alguém com certeza, principalmente o Danilo.

— Ele voltou a te perturbar, mesmo com esse tamanho todo aí?

— *Meu irmão sorri lembrando da nossa infância e juventude.* — Achei que nem se viam mais, eu quase nunca o vejo.

— Ele estava dando em cima da Dora outro dia. Ela me falou que ele já havia feito isso antes, só que agora me certifiquei que não faça mais. Devo admitir que ele é corajoso por tentar me peitar depois de tudo que aconteceu. Não sei porque que papai insiste em tê-lo no MAH.

— Papai é padrinho dele, cara.

Passamos o caminho conversando até encontrarmos um restaurante que agradasse a todos. Mais uma vez temos homens descarados cobiçando a mulher dos outros como se isso fosse a coisa mais normal do mundo, principalmente esses moleques que nem saíram das fraldas ainda.

Conversamos e rimos de forma descontraída, Dora é muito animada e alegre qualquer conversa com o seu palavreado próprio e perspicaz, nunca encontrei uma mulher tão simples de lidar e tão agradável diante de quaisquer pessoas.

— Definitivamente, essa vai ser a nossa última vez aqui no centro. Ou eu vou conhecer a delegacia local. — *Leônidas fala encarando um gringo que perdeu alguma coisa nos peitos da minha cunhada.*

— Para de estragar o passeio Leônidas, deixa olhar. Ninguém vai encostar a mão em mim. — Ela responde tirando sarro da cara dele.

— Se encostar, eu arranco fora do corpo, pode ter certeza.

— Você deve ter chupado muito limão quando criança, para ter essa cara de azedo.

Sarah não se deixa intimidar pela cara de poucos amigos do seu namorado louco.

— Eu chupo a sua...

— Cunhado! — Dora intervém falando entre as gargalhadas. — Poupe-me dos detalhes sórdidos. Você e Lorenzo são iguaizinhos, a única diferença é que você fala e ele guarda, fica com essa cara de paisagem e depois quando solta já viu.

— Eu não gosto de armar barraco como o Leônidas faz. Ele é explosivo e eu sou observador. — *Pisco para ela que chega mais perto de mim.*

— Não. Você é contido, daqueles que quando explodir vai ser uma vez só.

— Pode ser.

Sim minha Vida, quando explodo é de uma vez só e não sobra pedra sobre pedra. Escutando ela falar isso parece até que me

conhece a anos e sabe dos anos de rebeldia que passei quando mais jovem. Sinto-me tão transparente perto dessa mulher.

Nem eu e nem Leônidas bebemos, eu não tenho esse hábito e ele percebeu uma boa oportunidade de ter a sua Ninfa soltinha para aproveitar, eu vi a mesma oportunidade. Algumas tequilas iriam abrir a passagem para o paraíso hoje naquele chalé, umas tequilas não, eu contei pelo menos quatro para cada uma delas.

Como diria o ditado: Cu de bêbado não tem dono. Neste caso será de bêbada, uma linda bêbada.

Quatorze

Por Lorenzo

Entro no quarto com Dora em meus braços, ela não conseguiu parar de sorrir para os degraus da escada e como eu não quero mais esperar, carreguei-a até a cama sem deixar o seu bujãozinho de tequila cair no chão. Minha morena fez questão de comprar a bebida dizendo ao meu ouvido que iria usá-la para me chupar até o dia amanhecer.

É claro que eu comprei a bebida com o sorriso de orelha a orelha.

— Looooo!!! — *Chama com a voz manhosa.*

— Diga minha pé de cana favorita.

— Eu estou pegando fogo sabia? Acho que você me deixou beber assim para abusar do meu corpinho indefeso, está cheio de más intenções e vai se aproveitar da mim. Não éh?

As palavras saem arrastada, misturadas e por pouco não fico sem entender.

— Pode ter certeza que irei abusar do seu corpinho, principalmente de um certo buraquinho fujão que eu almejo tanto conquistar.

— Uhm vai doer, não quero não... Vou resistir ao abuso.

— Nem pense em me enrolar, bicuda. Vamos curtir a noite e quando você estiver prontinha eu vou tomar o que me pertence por direito, vou cravar minha bandeira e demarcar estas terras como propriedade de Lorenzo Malamam, será tomado por mim e por mais ninguém. — *Tiro nossas roupas enquanto fala e deixo a garrafinha no criado mudo.*

— Devo ficar de quatro, meu mutante? — *Questiona zombeira e toda dona de si, puro efeito da bebida. Amanhã estará dolorida, saberá exatamente onde estive e como fui intenso.*

— Se eu te pegar de quatro, você não anda nunca mais. Soltinha do jeito que está e eu totalmente fora de mim... É melhor irmos com calma para não causar nenhum trauma em você, essa será a primeira, mas não a última.

— Não quero a sua calma, quero a sua força. — *Não sei se ela é louca ou se é muito corajosa, porém, sem dúvida essa noite vai entrar para a história da nossa relação e amanhã, quando estiver sobrea, serei esquartejado por ela... ou não.*

Nada melhor do que seus beijos para me transportar direto à outra dimensão, por longos minutos nos beijamos como um casal de namorados que não pode fazer mais do que isso, com a pequena diferença que estamos nus. Minhas mãos não deixam a cintura fina e firme de Dora e as dela permanecem em cada lado do meu rosto que dança simultaneamente ao seu enquanto nos deliciamos nos lábios um do outro, seus polegares acariciam minhas bochechas em um toque carinhoso e terno. Não há nada mais sublime que o beijo da mulher que você ama.

Estou perdido em múltiplas sensações quando sou interrompido, não digo nada, apenas observo suas ações, ela é desajeitada e ao mesmo tempo determinada, a bebida torna seus movimentos lentos e incertos, quase engraçados. Linda! Ajoelhada sobre a cama Dora pega a pequena e gorda garrafa transparente, move-se para o pé da cama observando meu corpo e tentando, sem sucesso, tirar o lacre que a separa do líquido alcoólico.

— Me dê aqui. — *Sem nenhuma dificuldade abro e devolvo-a já sem a tampa.*

— Quero cumprir a minha promessa, sou uma mulher de palavra. Vou chupá-lo com a tequila e vou beber de vocês dois ao mesmo tempo. — *Ouvi bem? Vai beber, vai tomar minha porra?*

— Vai tomar meu gozo? Tem certeza? Isso é uma grande novidade...

— Teremos muitas novidades hoje, meu mutante.

— Cuidado com essa coragem alcoólica, ela pode te levar longe demais. Quero tudo de você, só não quero arrependimentos.

— Se não fosse pela minha coragem “*alcoólica*”, nunca teríamos ficado naquela noite na boate. Lembra-se? — *Ôh se me lembro!* — Devemos muito a minha coragem.

— Tem toda razão minha Vida... Você é muito corajosa.

— Por que me chama de Vida?

— Você trouxe vida para o que antes era uma simples existência sem sentido ou objetivo real. Antes eu trabalhava, comia, estudava, convivia com as pessoas pelo simples fato de ter que fazer, agora faço tudo isso por prazer, sabendo que tenho você como motivo maior para acordar no dia seguinte. Não vivo mais sem você, preciso até mesmo dos fios de cabelo que você deixa no travesseiro. É como se.... Au!!!!!!

Ardência, muita ardência é isso que sinto. Dora derramou parte de conteúdo da bebida sobre a cabeça do meu pênis ereto e lentamente sou penetrado por um líquido inflamável que queima meu interior como lava, é como uma lâmina sendo enfiada sem anestesia. Antes mesmo que eu possa reclamar ela se abaixa e começa a me sugar como nunca fez antes, os lábios naturalmente cheios embainham meu membro deixando-o confortável... Não, confortável não é a palavra, isso é... Sobre-humano.

— Oh, droga!

Como se soubesse fazer isso desde sempre, ela leva-me até o fim encostando os lábios na base, a musculatura de sua garganta massageia minha glândula quase destruindo a resistência que mantenho, faz o meu estado controlado cair por terra, a dor e a ardência serem momentaneamente jogadas para escanteio, sei que está ali, mas não faz diferença agora. Nem mesmo a dor parará o prazer que ela está me dando.

— Dora... — *Tento com um fio de voz impedi-la.*

Ela não para. Graças a Deus, ela não para e não se abala com as minhas súplicas de prazer ou com as contrações do meu abdome nos picos de dor. Quando estou por um fio, no momento em que até mesmo um assopro me levaria ao orgasmo, ela se afasta e volta a derramar o maldito líquido para continuar a sua brincadeira masoquista. Ela não sabe, mas isso ainda vai me matar, ou pior, me brochar... Não é fácil manter uma ereção quando você sente o álcool queimando o interior do seu pênis.

Isso nunca. Brochar jamais, nem sob tortura chinesa.

— Está gostoso, hum? Eu estou adorando o seu sabor, só faltou o sal e o limão. — *Ainda bem que não temos.*

Com essa afirmação seguro seus cabelos com as duas mãos e enterro meu pênis em sua garganta. Um alívio incrível toma conta do meu corpo e sigo com movimentos ritmados de vai e vem até chegar ao limite, ao inimaginável, não posso mais aguentar. Retiro todo o membro da sua boca, sorrindo para a cara de pidona que ela faz para mim.

— Coloque a língua toda para fora, anda. — *Mesmo sem entender ela o faz enquanto me masturbo freneticamente e o suor escorre pelo meu rosto e tronco misturado aos meus pelos.* — Mais, coloque tudo para fora... Assim mesmo. Deixe assim enquanto gozo, quero vê-lo descer pela sua garganta.

Como minha menina está mulher hoje.

— Argh!!! Merda. ãh!

Enquanto libero jatos cremosos ela fecha os olhos, mas não a boca e não retira a língua da posição ordenada, minha morena permanece parada até que eu enfie meu membro inteiro na sua boca e retire algumas vezes enquanto suga fazendo sons de molhados. Saio limpo, úmido e satisfeito como um cão bem alimentado, mais que satisfeito... Realizado.

— Abra, quero saber se engoliu. — *Divertida, ela coloca a língua para fora enquanto sorri e não resisto em beijá-la sôfrego pela entrega sem reservas.* — Agora vou cuidar do seu prazer.

Aos poucos nossos corpos se acomodam na cama e seguimos em um balé sexual de mãos, pernas e bocas. As diferenças viram encaixe e assim chegamos ao mais belo e perfeito sincronismo de almas, ela é e sempre será a dona do meu prazer, alma e coração.

— Aceita namorar comigo? — *Pergunto rouco em seu pescoço, que se arrepia ao ser tocado com tanto desejo.*

— Aceito qualquer coisa com essa voz de filme de terror... Sou sua namorada meu mutante. — *Agora sim!*

— Então fica de quatro.

Talvez fosse uma brincadeira, mas ela não se fez de rogada e se pôs sobre os joelhos e cotovelos deixando a bunda exposta e aberta para os meus olhos se deleitarem sem nenhum impedimento. Como pude chegar aos 34 anos sem a minha Vida? Como senti prazer sem ser com o seu corpo? Não, não era prazer, era apenas um saco sendo esvaziado em alguma camisinha de vários sabores e essências, na intenção de não ficar com o cheiro da fêmea desejosa que estivesse embaixo de mim naquele momento. Já da minha fêmea quero mais que o cheiro, quero o gosto, o calor, os sons e tudo mais que vier.

Ajoelho-me sobre ela distribuindo mordidas de um lado a outro dos seus ombros, inalo com força em sua nuca e jogo os cabelos negros para o lado. Dora empina a bunda fazendo-a roçar em meu membro que já começa a endurecer novamente, isso é tempo

recorde para quem acabou de gozar intensamente e só de pensar que estou a poucos minutos de me enterrar no seu cuzinho virgem e tímido para deixá-lo arrombado, já fico completamente ereto e pronto para a batalha. Meu soldado não quer descanso, meu soldado quer guerrear.

Quase me esqueci da ardência que a brincadeirinha causou no meu pau, quanto mais duro eu fico mais arde e queima, isso não reprime a minha excitação, muito pelo contrário, estou em chamas... Louco para incendiar.

— Não me atíça, estou tentando ser gentil e ir com calma na sua primeira vez.

— Quero sua língua lá como da outra vez... Oh! Foi maravilhoso.

— Pode apostar.

Com toda a paciência percorro cada vertebra até chagar à lacuna onde meu prêmio se esconde. Espalmo a língua em seu ânus e sinto-o contrair ao meu toque, não cedo e volto a tocá-lo com longas e demoradas lambidas espalhando minha saliva quente pelo órgão objeto do desejo carnal e animalesco que assola ao mais simples dos homens. O desejo de ter uma mulher submissa e entregue aos seus desmandos, a sensação de ser dono e dominante.

Desço até a vagina e chupo pontos distintos deixando que o som se espalhe pelo pequeno quarto. Perco-me neste sabor feminino e agridoce por um longo tempo, até que Dora dança em minha face, ela rebola geme enquanto toma posse dos movimentos sem qualquer sombra de vergonha ou timidez, espalhando os fluidos melados em meu rosto. Minha mulher não quer ser amada ou adorada, servida ou acarinhada... Ela quer ser comida.

— Ai que delícia! Me faz gozar amor. — *Isso, amor, seu amor.*

Posicionado perfeitamente atrás dela começo e esfregar minha glândula inchada e vermelha pela bocetinha melada, não entro para não cair na tentação de permanecer, hoje eu tenho um objetivo e não desistirei dele por nada.

— Vai doer?

— O mínimo possível, amor. Relaxa ao máximo e será magnífico, é só me deixar entrar.

Encaixo sem penetrar e no mesmo instante ela se retrai inteira, mesmo com a bebida o corpo ainda tem medo de ser ferido como antes e todos os tabus que são ditos ao longo da vida vem à tona para impedir o ato “*proibido*”, mas vou acabar com essa rejeição infundada e descabida agora mesmo.

— Está doendo, não sei se quero continuar.

— Não, não está, ainda nem entrei. Relaxa, Dora.

Somente quando sinto que a tensão desapareceu é que empurro aos poucos até sentir a entrada ceder sob a pressão da ponta robusta do meu pênis. A cabeça foi totalmente engolida, sua pele está esticada envolvendo a minha circunferência, o ânus rosado começa e engolir-me pouco a pouco, mesmo que contra a vontade.

— Oh, Deus! Não dá... não vai caber... — *Oh vai sim, vai caber e vou socar muito aí dentro.*

Com o braço direito envolvo sua cintura e mimo o clitóris carente de atenção, ela não sabe se choraminga pela invasão constante ou se lamuria pelo prazer do estímulo preciso no ponto inervado tomado pela sensibilidade lasciva. Quando os gemidos se amplificam penetro ainda mais e o som de contento dá lugar ao protesto negativo mostrando-me que fui longe demais. Dora ainda tem medo da dor que lhe causei, mesmo que sem querer, da última vez.

— Calma, vai passar. Se você soubesse como estou... Argh! Nesse momento te daria qualquer coisa para me embrenhar por mais dois centímetros.

— Só falta isso? — *Pergunta animada achando que me tomou por completo.*

— Ah... Quase. — *Minto descarado.*

— Sinto-me estranha.

— Estranha?

— Não sei explicar, não é dor e não é prazer... É estranho, inexplicável.

Empurro um pouco mais e volto a manipular o broto inchado, busco a umidade de sua abertura trazendo-a para o nervo até que esteja tudo melado, pego uma de suas mãos e indico como quero que se toque e assim ela o faz, aperta os mamilos dando leves torcidas, vejo seus pelos se arrepiarem. As reações do seu corpo fazem-me esquecer o ardor ainda presente em meu canal, esquecer não significa deixar de sentir.

— Hum!

É hora de entrar.

Torço seus cabelos em meus dedos e trago sua boca para um beijo indecente e Dora entrega-se por completo, com a coluna encurvada ela se entrega e relaxa toda a musculatura que me impedia de penetrar. Sem pressa faço o meu caminho até que não haja nada entre nós. Seus olhos lacrimejam e uma longa e deliciosa lamúria deixa seus lábios para ser tomada por mim.

— Como se sente minha, Vida? — *Busco concentração e controle, domínio do meu próprio corpo.*

— Empalada. — *Responde sorrindo.*

Resisto o máximo que posso, não quero assustá-la, mas é quase impossível resistir à vontade de invadir com força, meter sem piedade e ouvi-la gritar... Preciso de controle. Não há como lutar contra a natureza e é assim que me sinto, uma força da natureza pronta para ser solta e devastar tudo ao seu redor.

— Entregue-se a mim...

— Já sou sua, faça... — *Ah vou pirar.*

Maldita! Faço tudo, ganho o meu ritmo de entocadas rápidas e fortes, perco o controle do meu próprio corpo e sinto como se visse tudo de fora. A cama range e escorrega no piso de madeira e bate contra a parede branca deixando uma marca, isso não me preocupa. Dora geme, sussurra e grita, não percebo dor em suas suplicas e sim prazer cru e libidinoso.

— Grita, Dora. Grita quem é o seu homem e quem te faz mulher como nenhum outro já fez.

— Oh, você, meu amor. Só você meu mutante tarado.

— Vou te mostrar meus poderes quando eu gozar aqui e você sentir meu sabor em sua garganta de tão enterrado que estarei. Deliciosa!

Os minutos se passam e a cada investida carnal e profunda vou mais forte e mais firme, preciso e voraz. Desconheço o instinto insano que ela coloca sobre mim, essa cobiça louca pelo corpo pequenos e voluptuoso que está em baixo de mim. Volto a estimular seu clitóris e ela, por si só, começa a torcer os mamilos elevando os murmúrios a máxima potência e de repente os tremores se tornam palpáveis e desesperados. Não há mais escapatória para mim, minhas veias se enchem de sangue, o pênis aumenta ainda mais de espessura e as bolas endurecem se contraindo para liberar toda a porra que sai queimando minha uretra até que perco as forças e tombo sobre ela.

06h05min. Preciso mijar.

— Arh! — *Nossa! Que dor é essa?*

Dora dorme ao meu lado completamente despida, seu corpo está gelado e lembro-me de ter ligado o ar-condicionado e não nos cobrimos quando caímos tomados pelo cansaço. Cubro seu corpo e caminho desajeitadamente para o banheiro, o quarto está escuro e tranco-me antes de acender a luz.

— Fala sério... Que merda!

Meu pênis mais parece uma couve flor, só que vermelha. A glândula está muito inchada e rubra com um aspecto de queimadura. Maldita hora que deixei Dora me chupar com tempero de tequila vagabunda. Se bem que... se não fosse a tequila nada teria sido tão insuperável.

— Tudo tem um preço. Valeu mesmo assim. Preciso de uma pomada, urgente. — *Não encontrei nada que pudesse me aliviar e resolvi apelar para o meu irmão, talvez Sarah tenha alguma coisa que atenuar o inchaço.*

Espero que atenda a porta enquanto rezo a todos os santos que seja Leônidas a atender, estou apenas de toalha e seria muito esquisito explicar o meu “problema” para a minha cunhada.

— São seis da manhã. — *Meu irmão diz ao abrir a porta com cara de poucos amigos.*

— Preciso de alguma pomada, gel, creme qualquer coisa. Não consigo nem mijar.

— A Sarah tem pomada de assadura de bebê na bolsinha do banheiro, espera aí que vou olhar. — *Ele entra e fecha a porta, mas antes eu tive a visão da minha cunhada nua de bruços com a perna semiaberta. Prefiro fingir que não vi nada, por ele e por Dora, até porque isso não me afetou. Rapidamente Leônidas retorna.* — Toma.

— Segura aqui para mim. — *Entrego as pontas da toalha para que ele as segure evitando que alguém me veja nu e começo a espalhar a pomada. Leônidas se choca ao olhar para o meu pênis.*

— Qual foi a merda que você fez aí? Isso está horrível.

— Dora comprou um bujãozinho de tequila ontem no bar e resolveu me chupar com aquilo. — *Desço a pele para passar a pomada mais para baixo e isso acaba comigo.* — Puta que pariu!

— Au!

— Você não tem ideia, tentei aguentar para agradá-la, mas parece ter abelhas picando meu pau.

— Nem conseguiu meter depois néh?

— Meto até em velório. — *Por um momento esqueço a dor e caímos na gargalhada.* — Não sei se gemi mais de dor ou de prazer, mas minha mulher está dormindo satisfeita.

O sábado foi recheado de passeios agradáveis e repleto de imagens inesquecíveis. O único problema foi caminhar tanto com uma cueca apertando a cabeça do meu pau e evitar ficar excitado com a minha morena de biquíni e se esfregando em mim, estamos cada dia mais íntimos e ela fica ainda mais solta comigo.

Flutuamos na nascente do Rio Baía Bonita, conhecemos o Buraco das Araras e fechamos o dia na Fazenda do Peixe onde conhecemos uma arara laranja bem inusitada. Dora e a ararinha se deram muito bem são quase parentes de tanto que falam e riem. Quando falei isso com ela acabei levando uns bons tapas nas costas, mas ela é a faladeira mais linda que existe.

O único ponto negativo da viagem foi a briga entre meu irmão e a irmã da Dora por causa do nudismo na sauna e a falta de malícia das duas, mas preferi relevar e não criar caso com ela, já que o clima ficou pesado demais. Passamos boa parte da manhã de domingo na cama, conversamos, fizemos amor e aproveitamos para nos conhecer ainda mais, falamos de filhos, casamento e futuro. Não tive coragem de contar a ela do meu problema, acho melhor deixar para quando dermos o próximo passo. Deixamos o Mato Grosso do Sul no início da tarde, essa foi uma viagem cheia de boas lembranças e uma certeza, eu encontrei a mulher da minha vida.

Quinze

Por Dora

Os dias ao lado de Lorenzo tem sido perfeitos, nada do que vivi antes se compara com a sintonia que temos, nada supera a forma como nos encaixamos em todos os sentidos. Claro que nos estranhamos com certa frequência, afinal quem não briga em um relacionamento? Nós brigamos, discutimos e chamamos, mas logo passa e essa é a melhor parte, sempre passa.

Lorenzo não gosta da forma como trato meus colegas de trabalho, por mais que agora esteja trabalhando diretamente com ele, sempre encontro os antigos colegas de plantão e já aconteceu de sairmos para dançar juntos, como fazíamos antes eu e a equipe. Claro que meu namorado odiou e reclamou que isso não era papel de uma mulher comprometida, que poderíamos sair juntos e coisa e tal, mas, eu não cedi e sai com os meus amigos sem ele.

— Isso são horas? — *Assusto-me ao dar de cara com Lorenzo sentado na minha cama. Ele havia dito que dormiria em casa e nos veríamos amanhã... Ou hoje, já que são cinco da manhã.*

— O que você está fazendo aqui, Lo?

— Esperando a minha namorada que saiu para beber com os “amigos”. — *Faz sinal de aspas, ele não esconde o desgosto em sua voz.* — Custava chegar um pouco mais cedo?

— Mais cedo que isso? — *Olho para o meu relógio de pulso que marca 05h12min e sorrio sarcástica.* — Impossível, só padeiro

acorda mais cedo que isso.

— Estou falando sério, Dora. Como posso dormir sabendo que a minha Vida está livre e desimpedida para qualquer marmanjo na noitada?

Lorenzo não é de discutir, ele fala sério e permanece sentado na minha cama com o semblante aborrecido.

— Para de show, Lo! Eu saí e voltei, estou aqui. Não sou livre e nem desimpedida, que eu me lembre tenho um namorado muito do ciumento que faz um bico lindo quando eu resolvo rever velhos amigos. Bicudo!

Algumas barreiras desaparecem, mas ele tenta manter a cara de bravo.

— Como veio para casa?

— De carona com o Talles e o Pedro, que você já sabe ser um casal com C maiúsculo.

— Não gosto disso. Não gosto nem um pouco.

— Não gosta? — *Me aproximo e questiono fazendo biquinho e me ajoelho diante dele que, atola as duas mãos nos meus cabelos, seu semblante é tenso e mesmo empregando força nas mão não me machuca.*

— Quero guardá-la só para mim, entende? Por mim iríamos para uma ilha e nunca mais ninguém colocaria os olhos em você. Tenho certeza que mil homens te desejaram essa noite e eu não estava lá para protegê-la dos seus olhares.

— Mas só você me tem.

— Então mostra... Refresca a minha memória e demonstra o quanto é minha e só minha.

Neste dia fizemos amor com uma fome chocante, quase dolorosa e sôfrega. Perdemos a hora e a noção de tudo lá fora, como sempre éramos ele e eu. Nosso amor cresce cada dia mais, os dias que não

dormimos juntos parecem não ter fim e as manhãs que acordamos lado a lado parecem curtas demais para a paixão que nos consome.

Eu amo esse homem de todo o coração.

Safira embarcou para Londres em um domingo pela manhã. Mesmo depois de passar o fim de semana inteiro fora, não disse nada sobre o seu paradeiro e eu preferi não perguntar, se ela quisesse falar, teria falado. O mais estranho foi o olhar de Lorenzo para ela quando chegou, parecia saber de algo que eu não. A levamos ao aeroporto onde encontramos Sarah e Leônidas, foi um mar de lágrimas e beijos, uma prévia da saudade que virá pela frente.

— Mana, não vai esquecer da gente hein. Liga todos os dias, manda e-mail, carta, sinal de fumaça... Bate um tambor, qualquer coisa.

— Dora, menos. Se eu ligar todos os dias passarei fome e só farei para pagar o telefone. Ligo sempre que possível e nos falamos pelo Skype ou rede social.

— Sá, sei que você tem muito juízo, mas, juízo hein! — *Sarah fala já com lágrimas cheias para cair.* — Não vá se enroscar com um gringo.

— Pode deixar gente. Vou para estudar e realizar o meu sonho. — *Ela se vira para Lorenzo e Leônidas.* — Obrigada por virem, e cuidem bem delas, ou voltarei só para castrar vocês dois. Lorenzo, nos conquistamos com o tempo e confio em você para cuidar dessa desmiolada aqui, tá bom? Não me decepcione.

— Ela é a minha vida, tenha certeza que cuidarei.

— Porra, não confia em mim não?

— Leônidas, você ainda está em estágio probatório...

Falamos por mais um tempo até que ela precisou ir, Sarah e eu ficamos chorando feito dois bezerros desmamados que a mãe está indo virar hambúrguer.

Por todo o mês de abril Lorenzo e eu praticamente moramos juntos, Sarah morando com Leônidas e Safira em Londres, a vida segue o seu curso. Com o tempo aprendemos que, por mais que os laços sejam forte cada um segue o seu caminho e galga as suas próprias conquistas, seus sonhos e desejos. O sonho da minha cópia emburrada era estudar fora e ganhar reconhecimento profissional, sei que ela irá conseguir, é forte, firme e determinada. Sarah não tinha um sonho desenhado, mas encontrou o que jamais buscou, uma família para amar e chamar de sua, hoje vejo felicidade estampada em seus olhos. E eu... eu ainda não sei... Acho que encontrei o meu caminho no coração do meu gigante, loiro e mutante. Iremos descobrir juntos e trilhar a nossa jornada.

No dia vinte e um de abril foi aniversário de Lorenzo e fizemos uma boa festa na boate, convidamos alguns amigos mais íntimos, os irmãos e os pais dele. Se dependesse dessa mula empacada não faríamos nada, parece que nasceu dentro de casa, mas eu tanto fiz que ele aceitou e no fim adorou a noite. Meu namorado é bem maleável, principalmente se eu oferecer um certo... buraquinho fujão para ele como recompensa. E devo ressaltar: Quando chegamos em casa a coisa foi do *caralho*.

— Um dia você me partirá em duas.

— Ter duas Doras é uma boa pedida. Agora deixa eu dar atenção para essa bocetinha, acho que ela ficou com ciúmes.

Oh Deus! Que noite...

Por Lorenzo

Três meses no paraíso. Hoje completamos três meses juntos. Nos beijamos pela primeira vez na madrugada do dia *nove de fevereiro* enquanto ela dançava como uma deusa no meio da boate. Nunca me esquecerei daquele dia. Hoje praticamente moramos juntos, boa parte das minhas coisas estão no apartamento da Vila Sônia, trocamos a cama por uma de casal, que mal cabe no quarto,

e agora não falta comida de verdade nessa casa. Ainda não oficializamos nada e não acreditava ser preciso até que Talles me questionou enquanto eu fazia uma ponte de safena em uma paciente:

— E aí, Lorenzo? Quando vai parar de enrolar a minha amiga e pedi-la em casamento? Padrinhos ela já tem.

Por um momento achei que fosse brincadeira, mas quando levantei o olhar para encará-lo percebi que Dora dava uma cotovelada nele e isso me fez perceber que esse assunto já havia surgido entre os dois. Talles e ela são grandes amigos e sei que têm seus segredinhos, mas não imaginava que essa era um deles. Minha morena quer casar?

Esses dois fazem parte da minha equipe no centro cirúrgico e sempre temos um bom clima juntos, isso facilita bastante as coisas, principalmente que confio muito em meu anestesista e em minha instrumentadora, fora os demais profissionais que trabalham comigo. Hoje temos alguns residentes assistindo tudo.

— Não estrague as minhas surpresas, Talles. — *De soslaio percebo a entreolhada dos dois e as rogas de um sorriso se formando por cima da máscara da minha vida. Como não pensei nisso antes?*

Sim, essa foi a minha resposta. E agora estou aqui feito louco em frente à joalheria mais badalada de São Paulo procurando algo à sua altura, coisa complicada. Refleti muito, conversei com meu pai, sem dar muitas explicações, e conclui que já estamos casados, então não há o que temer ou esperar, nem mesmo a reação da família dela. Ainda não conheço os pais da Dora, mas já nos falamos por telefone e sei que desejam o casamento e não se agradam da nossa situação, mesmo que Sarah e Leônidas também vivam sob o mesmo teto sem serem casados... Sendo assim, o que esperar?

Sempre que penso em casamento penso em filhos e isso me desmotiva, ela vai falar em filhos, vai desejar gestar uma criança,

vamos acabar entrando neste assunto e não sei como reagir. Contar a ela sobre o meu problema pode criar uma barreira em nossa relação, toda mulher quer ser mãe e com ela não seria diferente, ninguém deseja se casar com um meio homem, um homem que não reproduz.

— Crescei e multiplicai-vos... Falar é fácil. — *Murmuro para mim mesmo enquanto observo as alianças.* — Eu vou levar essas aqui.

Depois de muito rodar, optei por algo múltiplo assim como a minha futura noiva. Usaremos alianças feitas com três tipos de ouro: o branco, o amarelo e o rose que dá um ar nobre a peça. O branco simboliza a minha vida sem ela, clara e despretensiosa, o amarelo é a sua alegria, a luz que ela trouxe para os meus dias desde que a vi pela primeira vez. O rose será o nosso futuro, quente, amoroso e completo... Refinado.

Chego ao apartamento e percebo sua ausência, hoje pela manhã percebi que algo estava diferente, na verdade há alguns dias que ela está mais calada que o normal e Dora calada é sinal de problema na certa. Normalmente eu cozinho com o som da sua voz contando memórias da infância ou acontecimentos do dia a dia, se assistimos o jornal ela sempre comenta todas as notícias ou se passa uma propaganda é inevitável que ela fique tagarelando se é bom ou ruim... Mas é tão bom ouvir a sua voz e escutar as palavras deixarem sua boca, não sei explicar o prazer que sinto ao chegar em casa e escutá-la perguntando sobre o meu dia e a recuperação deste ou daquele paciente, pessoas estas que ela sabe nome e sobrenome mesmo só estando com elas na sala de cirurgia. O melhor é quando reclama que eu não explico as coisas em detalhes, como fosse possível falar mais que três palavras sem ser interrompido... Mas eu gosto assim mesmo, não mudaria um fio de cabelo da minha mulher.

Ligo para Bento na intensão de passar o tempo neste apartamento silencioso.

— Fala.

— Nossa, que receptividade. Isso tudo é falta da gêmea má?

— Até parece, mulher chata, cheia de frescuras e manias certinhas... Toda certinha... Boca, olhos, seios, bunda certinha. Que bunda era aquela? Você não tem noção...

— Ah... eu sei, tenho uma igualzinha. Me enterro inteiro nela. — *Falo sorrindo das palavras que ele usou.*

— Bem que você poderia me emprestar a sua para eu matar a vontade...

— Corto suas bolas e implanto uma em cada lóbulo das suas orelhas. Vai se fuder, Bento! Brincadeira tem limite, poxa.

Conversamos sobre a partida de Safira por mais de dez minutos e Bento assumiu que passou a noite com ela antes da viagem, segundo ele, foi ela quem ligou e pediu um momento para conversarem sobre o trágico termino do passado na intenção de não ir embora com pendências. No final ninguém falou nada e eles meteram a noite inteira, até que, no sábado à noite ele recebeu a ligação de Patrícia que desejava agradecer os orgasmos da manhã de sexta... *É foda!*

— Não sei como consegue transar com a Patrícia. Só de pensar que metade do hospital já comeu ali, perco o tesão. Eu que não coloco minha boca naquela boceta gozada por mil homens.

— Lavou está novo, irmãozinho. Encapa o bicho e fode, sem frescura. — *Diz zombeiro com sua voz alegre.*

— Só você mesmo, Bento.

— Por que estamos há mais de vinte minutos no celular mesmo?

— Estou esperando a Dora chegar da casa do Leônidas, ela foi ver a irmã. As duas estão carentes sem uma das mosqueteiras. — *Dou uma pausa enquanto observo o vazio a minha volta e ele também não diz nada.* — A casa fica tão vazia sem minha Vida aqui para alegrá-la.

— Puta que pariu! Muito escroto você falando isso.

Solto o ar dos pulmões audivelmente demonstrando que o assunto a seguir é sério e delicado. Sei que ele entende o que peço em silêncio, nos conhecemos muito bem para isso. Sei que posso prosseguir.

— Bento... Se eu te pedisse, no futuro, não sei bem quando, mas se eu pedisse para você... Vamos supor que... — *Inferno! Uma droga falar isso com outra pessoa que não a minha consciência.*

— A resposta é sim.

— Você ainda não sabe qual é o pedido. E se for um braço?

— Fique com o direito, sou canhoto. — *É um palhaço mesmo. Engulo o meu orgulho e solta a bomba.*

— Se eu pedisse seu sémen para conseguir dar um filho a minha mulher? Uma inseminação. — *Sem ao menos pensar ou parecer encabulado com a pergunta um tanto quanto esquisita, ele responde.*

— A resposta será a mesma.

No fundo eu já sabia.

Pelo visto Bento está em casa, ao fundo escuto minha mãe falando: “*Manda esse ingrato lembrar que tem família e trazer a Dora para almoçar aqui domingo É dia das mães e não admito ficar sem as minhas crias no meu dia, hein, senhor Lorenzo Malamam*”.

— Ela vai te matar se não trouxer a sua... Como é mesmo que você a chama? ...Hum? Vida, traz a sua Vida ou a dona Magda não te deixará passar da porta, pode apostar.

— Passa para mamãe, preciso falar com ela. — *Minha mãe atende me chamando de desnaturado sem coração.* — Dona Magda, nos vimos mais cedo no hospital, que eu me lembre, almoçamos juntos.

— Lorenzo, há mais de duas semanas você não dorme em casa. Acho melhor casar-se logo, poderíamos fazer uma festa dupla, para você e o Léo. O que acha?

Dona Magda casamenteira.

— Mãe...

— Isso! — *Comemora feito uma menina.* — Como não pensei nisso antes? Seria lindo os quatro irmãos se casando ao mesmo tempo adorei!!!! Vou falar com todos no domingo e podemos começar a organizar tudo...

— Mãe...

— Os pais delas vão adorar, tenho certeza disso. Quem não amaria? Lorenzo, deixa eu falar com a Dora? Passe para ela meu filhote.

— Mãe, por favor, deixa eu falar? — *Ela me responde com um “Fala filho, mas fala logo porque eu quero contar a ideia para a minha nora”.* — Sua nora não está em casa ainda, foi visitar a sua outra nora.

— Oh, vou ligar para lá...

— Mãaaaaae, me escuta.

— Hum?

— Comprei as alianças, vou pedi-la em casamento hoje.

Silêncio... total silêncio do outro lado da linha. Depois de um tempo ela começa a chorar baixinho e escuto uma porta ser trancada, acredito que foi para o quarto.

— Meu amor, isso é maravilhoso, estou muito feliz por você. Dora é a mulher que eu sempre sonhei para estar ao seu lado e sei que te fará feliz, como já faz. O que planejou para o pedido? Tem que ser inesquecível, romântico, único e pessoal.

Boa! Não sou bom nisso.

— Nada. Vou pedir e pronto. Tipo: Dora Barcelos, aceita ser minha esposa?

— Eu diria não... Credo, que falta de criatividade.

— O que eu deveria fazer?

— No mínimo um jantar romântico, uma viagem ou... Sei lá. Pense em algo que ela vá gostar, tenho certeza que será lindo. Colocar o anel dentro de um bombom funcionaria bem. Oh! Você poderia pedi-la durante o nosso almoço de domingo diante de todos, isso seria lindo, já que ela conhece a sua timidez.

— Vou fazer mãe. E... não comente isso com ninguém, por favor.

— Pode deixar meu amor, assunto nosso. Te aguardo aqui no domingo para o almoço de dia das mães, sem desculpas.

— Estaremos aí, mamãe.

Dora está demorando e decido fazer uma salada com peito de frango e deixar de pensar no pedido. Não entregarei as alianças hoje, quando chegar a uma conclusão bacana, farei.

Já estava pensando em ligar quando Dora abre a porta e percebo algo muito diferente no seu olhar, não sei explicar o que é, mas tem algo ali que não existia mais cedo, um brilho extremo com um pequeno toque de insegurança. Ela está vestindo uma legging com a longa blusa branca de bailarina estampa na frente e mesmo sendo tão simples está linda, os cabelos presos em um rabo de cavalo no topo da cabeça e nenhuma maquiagem, do jeito que eu gosto, a minha mulher sem máscaras.

— Já estava pensando em chamar a polícia e sair a sua procura.

— Cruzes! Muito exagerado você.

— Vem me dar um beijo, antes que eu morra aqui de abstinência.

Ela joga a bolsa no chão e corre para enlaçar-se em meu colo, caio sentado no sofá com ela, esquecemos do mundo e deixamos a

saudade falar mais alto. Finalmente minha mulher está onde ela pertence, nos meus braços.

Dezesseis

Por Dora

9 de maio - sexta-feira.

— Vai fazer os três hoje? Talvez fosse melhor deixar um para amanhã, pode ser que seja bem recente.

— Não vou aguentar, farei os três agora mesmo. Acho que vou morrer antes dessas bustrenguinhas aparecerem.

— O quê?

— As listras, uma listra negativo e duas positivo.

— Não era mais fácil dizer listras do que... bustrenguinha?

— Cala a boca, Sarah.

Faço xixi nos três potinhos, isso não é feito para quem tem uma vagina, como alguém consegue mijar nisso? Sujei dos dedos ao pulso, mas consegui encher os malditos potinhos. Aguardar... agora é só esperar o resultado que mudará a minha vida, não me imagino cuidando nem de um gato, quem dirá um filho. Sarah está dentro do banheiro comigo e ficamos uma olhando para a outra com um sorriso nervoso nos lábios.

— Vamos à hora da verdade. Olha logo se vou ser titia... Anda!

Examino as tiras de papel sobre o granito e logo tenho a minha resposta, duas tiras azuis aparecem como mágica dando-me certeza do que eu já suspeitava, mas preferi ignorar. Com o implante hormonal que uso, não menstruo há muito tempo, só que

no mês passado menstruei por três dias e simplesmente sumiu sem explicação, isso me atentou para o fato de não ter renovado o meu implante na data estipulada pelo médico, que tinha validade de três anos e já vencera. Como pude ser tão irresponsável? Em pleno século 21 uma mulher engravidando por acidente, pior, uma profissional da saúde engravidando por acidente. Acidente seria se tivesse escorregado e caído sentada em um pau, eu fui imprudente.

— Positivo. Aff Maria!!!! Estou grávida.

— Uau! — *Nos abraçamos chorando e sorrindo ao mesmo tempo.* — Caracas, isso é fantástico. Papai vai arrancar o seu couro e fatiar o pau do Lorenzo como se fosse um socol, porém, logo irá esquecer e cair de amores pelo bebê Malamam. Será que vai nascer com seis dedos?

— Aff! Nem quero estar perto quando papai ficar sabendo, vai surtar de verde e amarelo. Ah, mas os seis dedos eu iria até querer, para mostrar ao jumento do pai que essas coisas a gente contorna, e não cria monstros em cima. Estou com tanto medo.

— Medo de quê? Lorenzo é o homem mais romântico que já vi, ele cozinha para você todos os dias, aguenta sua desorganização e acha graça. Ele será o pai mais besta que já viu.

— Sarah, eu não sei como Lorenzo vai reagir a isso. Tenho medo que ele fique chateado comigo, afinal o filho é dos dois, só que a responsabilidade de acompanhar o medicamento é minha e não dele. Poderia ter sido evitado.

— Para com isso sua boba, aquele homem te ama mais do que tudo. Não é normal um casal que sempre esteja em tão perfeita sintonia, eu e Leônidas mais brigamos que tudo e mesmo assim ele amaria se eu engravidasse. O Lo vai saltar de alegria.

— Espero que sim. Não sei explicar, meu peito está apertadinho.

Já é noite quando chego em casa, Lorenzo está na cozinha e para com o olhar pesado em cima de mim, ele saiu cedo de casa e estamos esse tempo todo sem nos falarmos, hoje não tivemos

cirurgia então aproveitei para ficar em casa e tomar coragem para fazer os testes.

— Já estava pensando em chamar a polícia e sair a sua procura.
— *Tão meloso esse meu namorado.*

— Cruzes! Muito exagerado você.

— Vem me dar um beijo, antes que eu morra aqui de abstinência.

Corro para os seus braços e começamos um longo beijo que termina com nós dois tombados sobre o sofá, a saudade é tão grande que sinto como se estivéssemos separados há semanas. Logo estou sem roupa com a sua cabeça entre as minhas pernas bebendo do meu prazer enquanto gemo palavras manhosas e sussurradas. Lorenzo tem habilidades sobre-humanas com a língua, nasceu para dar prazer a uma mulher, chicoteia, suga, circula e pressiona, tudo isso sem deixar de me penetrar com os dedos. Enquanto o polegar força a entrada do meu bumbum, os dedos indicador e médio penetram-me alvoroçados.

Terminamos na nossa cama, juras de amor eterno são ditas e isso me deixa ainda mais segura da sua reação com a nossa gravidez. Acho que vou explodir, ter um treco de ansiedade acumulada. Nua entre os braços fortes e possessivos começo a alisar sua musculatura com a ponta dos dedos, Lorenzo expira forte em meus cabelos e sempre que deixo traços leves com as unhas na pele branca sinto seus dedos me apertarem e a estrutura das coxas tencionar. Ele me quer mais uma vez.

— Como você se vê daqui há um ano? — *Pergunto para entrar no assunto que quero.*

— Me vejo como estou hoje... Com você nua nos meus braços...

— É mesmo?

— Só que como minha esposa. — *Oh meu Deus! Morri.*

— Eu serei a mulher mais realizada do mundo. Com o melhor homem que já existiu e com o fruto do nosso amor.

Coloco a mão dele sobre a minha barriga e levanto o olhar para ele, vejo medo e talvez tristeza brilhando no fundo do seu olhar.

— Tudo que eu mais queria era colocar um bebê aqui dentro. Ter algo meu em você, nosso para sempre. — *Espalma a mão em meu ventre e mantém firme.* — Mas... Temo não ser capaz. Eu seria o homem mais feliz do mundo, só que não sou competente.

— Então, pode se considerar esse homem... “*competente*”. — *Digo isso e ele retira a mão e franze o cenho em confusão.*

— Não entendi, Vida.

— Não foi planejado e eu nem havia pensado sobre isso por agora, mas... mas é... Bom, lá vai... Eu estou grávida. Descobri hoje e vamos ter um bebê.

Como se eu estivesse com uma doença altamente transmissível, Lorenzo pula da cama, afasta-se o máximo possível de mim, sua expressão é de puro terror com os olhos estatelados e úmidos, parece perdido. Não sei o que dizer ou como reagir a isso, não foi assim que imaginei ou como sonhei, vê-lo assim machuca e me confunde muito. Por que ele não pode simplesmente me dizer que não esperava por isso?

Lorenzo anda pelo quarto procurando algo para vestir, esfrega as mãos nos cabelos deixando bem claro o seu nervosismo exacerbado. Instintivamente cubro minha nudez com o lençol e tento entender, mas isso não tem nenhuma explicação racional.

— Meu amor, eu juro que não estou entendendo nada. Sei que não é o momento certo, não planejamos ou desejamos um filho agora, mas aconteceu... Poxa!

— Aconteceu? — *Sem ao menos me olhar nos olhos ele pergunta. Neste momento parece com um cão raivoso.*

— Sim, aconteceu. Eu estou tão surpresa quanto você, só que não vou surtar por estar grávida de um filho seu, o homem que eu amo e acredito que também me ame. Teremos o nosso

Malamanzinho, hum? Ele está aqui dentro. — *Coloco a mão sobre a minha barriga ainda plana.* — É um choque, só que não precisa pirar por isso. Se for pela questão genética e a coisa toda dos seus seis dedos e blá blá blá...

— Essa criança vai ser qualquer coisa, Dora. Menos um Malamam.

Como é que éh? Não acredito no que meus ouvidos estão me contando. Como ele pode dizer isso para mim?

— Lorenzo? Colocou cocaína na salada? Comeu merda?

— Quem é o pai dessa maldita criança? — *Quase não escuto suas palavras. Lorenzo está de pé na porta com as costas voltadas para mim e a testa junto a madeira.*

— Como é que é? — *Refaça essa frase, pelo amor de Deus.*

— Eu não sou o pai, Dora. Exijo saber quem colocou esse... ser dentro de você. Tenho esse direito, eu fui o idiota aqui e mereço, no mínimo, ter essa palhaçada esclarecida.

Meu Deus! Quem é esse homem na minha frente?

Quando ele dá um passo para fora do quarto e apoia a cabeça na parede do corredor, corro e tranco-me no quarto. Nunca me senti tão humilhada e desolada na vida, ele acabou de destruir todo o amor que construímos nestes meses juntos.

— VAI PARA O INFERNO, LORENZO MALAMAM!!!!!!

— JÁ ESTOU NELE. OBRIGADO! COMO PODE SER TÃO VADIA?

Oh meu Deus! Por que ele está fazendo isso comigo? Eu não mereço essas palavras, não mereço.

— Vai embora, Lorenzo. Quando você estiver em seu estado normal conversamos com calma, não acredito que este seja você de verdade.

— ESTADO NORMAL? — *Ele grita do outro lado da porta.* — Como eu posso estar em meu estado normal se a mulher que eu amei e disse me amar, foi para a cama com outro cara e para o seu azar acabou engravidando dele? Que espécie de vagabunda é você que me jura amor e abre as pernas para outro sujeito? FALA DORA!

Não contenho as lágrimas. Sento-me no chão em busca de alguma explicação para isso. O que eu fiz para esse homem me tratar como uma qualquer?

— Vá embora antes que seja tarde demais, não sei se serei capaz de te perdoar quando você acordar dessa macumba que se apoderou do seu corpo. Vá embora da minha casa, agora.

— Abre essa merda. — *Não faço o que ele pede e sou surpreendida por socos contra a madeira, ele continua a berrar e berrar sem sucesso.* — Se você não abrir eu vou arrombar e será muito pior para você. Não queira me ver nervoso, sua maldita vagabunda, desgraçada. Abreeeee!

— Eu não vou abrir, quero mais é que quebre a mão. — *A madeira começa a dar sinais de que não suportará tanta força.* — Pelo amor de Deus, Lorenzo! Os vizinhos vão chamar a polícia.

— Espero que chamem mesmo, antes que eu perca a cabeça.

Embolo-me na cama e tremo como nunca tremi antes, meu corpo inteiro fica tenso a cada soco que Lorenzo disfire contra a porta, vejo a madeira ranger e os marcos tremerem. Ele está completamente descontrolado, de uma forma que eu nunca imaginei ser possível para alguém calmo como ele, parece possuído por um encosto ruim, um bicho. Quando já estou sufocando em minhas próprias lágrimas, ele finalmente consegue arrombar a porta e a sua imagem é assustadora.

— Quem colocou isso dentro de você? Foi o Danilo? Foi o seu ex? Quando esteve com ele? Responde, Dora!

Não respondo, estou assustada demais para isso. A pele antes branca, está vermelha, os cabelos revoltos e o olhar doce e carinhoso de sempre deu lugar a um semblante assassino e cruel. Ele fala do próprio filho como se fosse uma praga, algo tão ruim que não merecesse existir.

Como um leão Lorenzo chega perto do meu rosto e segura firmemente em meu queixo, permaneço com os olhos fechados enquanto lágrimas silenciosas escorrem sem cessar.

— Qual o nome?

— Não existe ninguém. — *Respondo em um fio de voz. Pela primeira vez sinto medo deste homem, Lorenzo causa-me pavor.* — Eu... Eu não sei por que você está fazendo isso comigo, não sei o que dizer ou responder. Pelo amor de Deus, o que está acontecendo, meu amor.

— Para de ser cínica, Dora. Quem é o pai dessa criança? Seja sincera comigo uma vez na sua merda de vida.

— O pai do nosso filho é VOCÊ.

— Eu NÃO posso ter filhos, nunca pude e nunca poderei. ENTENDEU? Sou completamente estéril, seco, infértil, vazio.

Abro os olhos e vejo que ele está tão desesperado quanto eu, sofre como eu, vejo a respiração cansada e nervos à flor da pele. Sua derrota está estampada em cada célula do seu rosto e para completar o meu choque... Ele chora feito criança com cólica.

— Loren.... — Mantendo distância, me interrompe.

— Eu te amei tanto. Você não tem dimensão do meu amor por você. É.. era simplesmente incalculável, era amor de verdade e sem medida. Tinha planos, sonhei tanto com o dia que te receberia como minha esposa, como a minha senhora para todo o sempre. — *Sem cansar de me surpreender, Lorenzo escorrega para o chão e abraça os próprios joelhos como um menino assustado e desta vez só ele*

que chora, eu apenas observo o homem totalmente derrotado, não sei o que pensar ou o que fazer.

— Meu amor...

— Não, eu não sou seu amor. Você vai precisar arranjar outro para se encostar, cansei. Era isso que queria? Um homem para te sustentar, uma garantia de futuro fácil? Você não é a Sarah, que arrumou um viúvo rico e apaixonado para sugar, eu não sou o Leônidas para bancar garotinhas em troca de um bom sexo, boceta todas têm e bem melhores que a sua.

Nossa! Isso foi humilhante, até para mim que já estava no fundo do poço.

— Isso já é demais, não sou obrigada a escutar essas maluquices. Nunca te pedi nada, tudo que me deu foi de bom grado e de vontade própria. Quer? Leve tudo com você e saia da minha casa.

Rapidamente ele se levanta e toma a minha mão arrancando de forma dolorosa a nossa aliança de compromisso, uma aliança de prata que ele me deu logo que voltamos de Bonito, meu dedo fica vermelho com a violência do seu ato, mas não o impeço. Depois que sai do quarto eu escuto a descarga e concluo que lá se foi a minha aliança.

— Sonhei em te dar o mundo, sabia? — *Enquanto fala ele arranca algumas peças de roupa que me deu da arara.* — Queria me casar e comprar um belo apartamento onde seríamos felizes, mesmo que sem filhos. Cheguei a cogitar uma inseminação com sêmen do meu irmão. — Todas as palavras são ditas pausadamente enquanto todos os presentes que me deu são destruídos. — Tem noção de como isso é humilhante para mim, não conseguir engravidar a mulher que amo? Meu Deus! Pedi ao Bento para ceder algo tão... incomum, na esperança de poder ser chamado de pai e formar uma família com você. Para quê?

— VOCÊ CONSEGUIU, SEU IDIOTA.

— Alguém conseguiu por mim. Não eu.

Quando todas as roupas compradas por ele estão em cima da cama ele começa a rasgá-las e não tenho reação. Meu celular, que ele me deu semanas atrás, teve o mesmo destino e isso não me afetou. Estou abaladíssima com essa transformação de personalidade diante dos meus olhos.

— Eu não entendo...

— Vou te explicar. — Lorenzo passa as mãos trêmulas pela testa e nariz, volta-se para a janela e começa a falar com os olhos perdidos na cidade iluminada.

— Quando eu passei no vestibular fui desafiado a um trote, coisas de universitários. Eu teria que doar sêmen para um banco de espermatozoides que a própria universidade mantinha para projetos sociais. Até aí tudo bem. Semanas depois fui chamado no laboratório e um dos especialistas teve uma longa conversa comigo e nela descobri que não havia espermatozoides no meu sêmen. Foi uma bomba na minha cabeça e grande tristeza para toda a minha família.

Ainda sem olhar para mim, ele continua.

— De lá para cá, fiz diversos exames, tratamentos, homeopatia e tudo que você possa imaginar de caro e de barato. Até mesmo tratamentos espirituais eu fiz, coisa da minha mãe. Quando Nina nasceu foi ainda pior, me apeguei demais a ela. Minha sobrinha era tudo que queria para mim, então, fiz ainda mais tentativas e tratamentos sem sucesso. Há um ano e meio, mais ou menos, eu desisti, cansei de lutar contra algo que não tem cara, forma ou causa. Ninguém sabe o porquê, mas meu corpo não produz células reprodutivas e ponto final.

— Você é médico, não é possível que não saiba o poder que o corpo humano tem, somos mutáveis. Pelo amor de Deus, pelo menos tenta acreditar em mim.

— Acreditar em você? Uma mulher que sai para badalar mesmo tendo um homem em casa. Uma mulher que abre as penas no meio de uma boate sem ao menos me conhecer...

— Você não pode estar falando sério...

— Estou falando muito sério. Tentei tapar o sol com a peneira, mas um dia a coisa toda se volta contra você e se voltou contra mim. Quem dorme com vagabunda acorda chifrado.

Para mim chega!

— SAI DA MINHA CASA AGORA!!! SOME DA MINHA VIDA SEU MERDA, SEU IMBECIL, BURRO E ARROGANTE.

— Não precisa pedir outra vez, nunca mais quero colocar os olhos em você. Pede ter certeza disso.

— Nem em mim, nem no meu filho.

Com uma última olhada ele diz:

— Desejo do filho o mesmo que desejo da mãe. Distância.

Dezessete

Por Lorenzo

Desço todos os lances de escada, preciso gastar essa energia maligna que cresce dentro do meu corpo, degrau por degrau, refaço a nossa conversa mentalmente na tentativa desesperada de compreender, encontrar algum engano. Não há nada.

— Grávida...

Como pude enganar-me tanto com uma mulher? Onde estava o meu cérebro que não percebeu o tamanho da burrada em que colocou o meu coração? Não, isso não pode ser real, deve haver uma explicação plausível para toda essa merda a minha frente, alguma ponta solta, algum engano enorme que mostre o ponto exato de distorção. Pequei por amar demais a mulher que causou a minha ruína, o declínio vertiginoso da vida perfeita que eu levava antes.

— Maldita, desgraçada. — *Grito enraivecido.* — Eu te amei mais do que qualquer outra coisa na vida.

Preciso pensar, nada melhor para pensar do que uma garrafa de Jack Daniel's cheia e pura. Faço meu caminho até a boate, muitas pessoas se apertão em um pequeno espaço de dançar, parecem felizes e livres para uma noite cheia de diversão e prazer. Mulheres produzidas, com vestidos curtíssimos, cheios de brilho e cabelos esvoaçantes nas mais variadas cores e tamanhos, é uma batalha de

egos inflamados. Homens musculosos ostentando relógios suíços, ternos italianos, bebidas caras e uma variedade desmedida de chaves sobre as mesas, como um torneio de quem possui a marca mais cobiçada ou o modelo mais estimado. Isso só prova o que eu já sabia: *Quer uma mulher? Mostre-se rico e poderoso, você terá uma chuva de mulheres apaixonadas a sua porta.* Claro que isso vai lhe custar a bagatela de algumas roupas, joias e viagens maravilhosas, afinal, manter uma boceta lisinha e cheirosa é oneroso e para poucos.

— Bando de mercenárias sedentas pelo próximo idiota. Dessa vez fui eu...

— O que disse senhor? — *Pergunta o chefe de segurança da Boate. Sempre que estou presente ele se aproxima para saber se preciso de algo. Jonas, meu sócio, acena e faz menção em vir me cumprimentar, mas faço que não é necessário e ele continua o seu caloroso assunto com alguns japoneses.*

— Nada... Vou para o meu escritório e não quero ser incomodado.

A garrafa ainda está lacrada, inicialmente era apenas parte da decoração, hoje será um lago âmbar onde irei mergulhar sem previsão de saída. Como todos sempre dizem: *Vamos beber para esquecer.* Não me incomodo com a formalidade de um copo, o gargalo vai diretamente à minha boca e o primeiro gole queima todas as células nervosas da minha garganta como fogo, isso me faz lembrar algo que devo esquecer e nunca mais relembrar.

— Eca! Bebida horrorosa, parece mijo de bêbado.

Sobre a mesa há uma fotografia de Dora sorrindo lindamente com os olhos quase fechados e os enormes dentes brancos à mostra, sua boca ocupa grande parte de imagem.

Lembro-me bem deste dia. Ela estava tentando fazer um penteado e nada dava certo, iríamos em um almoço na casa dos meus pais, seria a sua primeira vez lá. Dora prendeu e soltou o

cabelo mil vezes até desistir e arremessar o prendedor no espelho, com raiva pelo fracasso, sentado na cama eu filmava a cena dramática e quando ela percebeu caiu na gargalhada e aproveitei para fotografá-la em toda a sua espontaneidade. Linda, descabelada e com os lábios pintados de vermelho, sua cor predileta.

— Como pode arruinar-me assim? Eu daria a vida por você, te daria o mundo.

Não sei quanto tempo levei para acabar com a garrafa. Com poucos goles já não sentia a ardência, mas a dor... Essa apenas aumentava segundo após segundo dentro do meu peito inflamado pela ferida causada por Dora.

— O Senhor não pode dirigir neste estado. Eu o levarei onde quiser ir, não tem problema algum para mim, senhor Lorenzo. Talvez, se eu ligar para seus irmãos ou para a senhorita Dora...

— Nunca... mais... diga esse... nome. MALDITA MULHER!

— Entendi, não direi. Vamos, eu levo o seu carro, não sei o quanto bebeu, mas isso não é de seu costume. Eu o levo...

— NÃ...O

Semáforos em amarelo pulsante clamam por cautela, a iluminação dos postes forma um borrão branco diante dos meus olhos como uma fotografia desfocada, vejo o vulto dos carros passando ao meu lado e não sei ao menos para onde vou, só sei que preciso arrancá-la da minha mente e anular essa sensação de perda irreparável. Buzinas, muitas buzinas, sirenes e motores tomam meus ouvidos. Acelerar e frear, manter o carro em linha reta, essa é a minha tarefa.

Estaciono sobre a calçada depois de um solavanco, por pouco não entrei com o carro em uma loja de quadros, nem me lembrava da existência dessa loja. Com a frenagem o airbag é acionado, foi uma porrada e tanto no meu rosto. A garrafa que estava ao meu

lado é arremessada no console quebrando ao meio, o cheiro dentro do veículo é fortíssimo.

— Porra!

Percorro os andares já escuros com os olhos e encontro uma única janela acesa, a dela, a nossa janela com cortinas brancas entreabertas e um adesivo de smile do tamanho de uma melancia colado no vidro. Coisas felizes combinam com ela, sorrisos e gargalhadas foram feitos para ela.

O que vim fazer aqui?

Sim, ela precisa me escutar, precisa ouvir tudo de mim e sofrer por ter sido burra, além de vadia. Mais vadia do que burra, não conseguiu segurar as pernas fechadas e acabou perdendo um homem que realizaria todos os seus desejos...

Menos o de ser mãe.

Vasculhos os bolsos atrás das minhas chaves, olho pelo carro, no porta luvas e nada. Agora lembro-me, as deixei sobre a mesa e não fiz questão de trazê-las comigo, nunca mais voltaria aqui. Só que agora eu quero entrar e preciso saber quem foi o filho da puta que comeu a minha mulher. Quem me fez o corno mais fudido da história?

Sem me aguentar mais e com o raciocínio totalmente comprometido pela bebida resolvo sair do carro e começo a gritar a plenos pulmões embaixo da sua janela.

— DORAAAAAA! ABRE, ABRE ESSA MERDA AGORA MESMO.

Repito e repito dezenas, centenas de vezes. Várias luzes se acendem e alguns vizinhos me mandam calar a boca, xingam e reclama que já é madrugada. Não me incomodo com nada, continuo a gritar e berrar para que me ouça, toco o interfone e ela me ignora completamente. Me trai, coloca outro entre suas pernas e tem a audácia de me ignorar. Chamo em todos os interfones do prédio,

mas ninguém compreende o meu problema ou se compadece do meu desespero.

— Vou chamar a polícia. Vá embora, seu bêbado. Tem gente que trabalha amanhã. — *Uma mulher grita da janela no terceiro andar, mas não cede, preciso e vou entrar.*

Começo a esmurrar e chutar a porta de aço com toda a força que há dentro de mim, soco o vidro até que não haja mais nenhum pedaço inteiro. Minhas mãos sangram, o som dos pedaços de vidro sendo pisoteados pelos meus sapatos e do aço rangendo são abafados pela estridente zoadá de viaturas cada vez mais próxima e nem mesmo isso é capaz de deter-me.

Sou detido e algemado por quatro homens. Enquanto tentam dominar-me, grito por Dora e desfiro golpes nos que se esforçam para impedir-me de chegar até ela, preciso de uma explicação, qualquer coisa, só um motivo ao menos. Perco a voz na tentativa desesperada de fazer com que os policiais entendam que estou aqui para saber qual foi o meu erro para merecer tanta crueldade. Eu amei, cuidei, zelei e protegi, fiz tudo que um homem deve fazer pela mulher que tem, de nada adiantou, ela me acertou onde mais dói, provou que não sou o suficiente, mais uma vez, posso fazer tudo por ela, mas o filho foi dado por outro.

Não me recordo de muito, só sei que estou aqui esperando o meu advogado, nem mesmo a ligação fui capaz de fazer, por sorte o delegado pareceu conhecer o nome do advogado que lembrei aos trancos e barrancos.

— Acorda cachinhos dourados, sua carruagem chegou... Anda.

— Amigo, já li cachinhos dourados para a minha sobrinha e ela não tem nenhuma carruagem, pode ter certeza.

— Pode ser. Acho melhor você ir logo alemão, vieram buscar você.

Leônidas aguarda e pela forma que me olha, piedosamente, já deve saber da minha desgraça.

— Como você está?

— Só quero ir embora. Agora, por favor!

Não quero conversar, pena é o último sentimento que desejo de alguém neste momento, preciso apenas de paz e esquecer que um dia coloquei os olhos sobre uma morena que vestia justas calças de couro vermelha e exibia a belíssima barriga lisa de feminina. Esquecer o seu sorriso, sua voz, as mãos macias e delicadas, deixar no passado as noites de amor que acreditei serem só minhas e de mais ninguém.

Enquanto tomo banho, Leônidas se livra das minhas roupas e pega novas, procura a caixa de primeiros socorros e espera por mim no quarto. Não sei se desejo ficar sozinho ou se preciso de alguém presente apenas para saber que não sou só.

— Pode ir se quiser. — *Ofereço sem coragem de mandá-lo embora, pois sei que respeitaria a minha vontade. Não sei se quero ficar só.*

— Não quero ir. Me dá a mão direita, vou dar pontos nesses dedos e você vai ficar quieto até eu terminar.

— Pode dar ponto até nos meus olhos, estou completamente anestesiado.

— Fala comigo.

Não sei nem mesmo por onde começar, talvez prefira esquecer.

— Ela está grávida. Contou-me como se fosse a notícia mais alegre do mundo, parecia feliz com a ideia. — *Chega a ser engraçado, a tragédia cômica mais engraçada da década.* — Teve coragem de dizer que o nosso amor deu fruto e teríamos um “*Malamanzinho*”. Acredita nisso?

— Se ela está dizendo...

— Porra Leônidas! Só se for filho do Divino Espírito Santo. Eu não posso ter filhos e você sabe muito bem disso, nós sabemos que

eu já fiz de tudo e nada deu resultado positivo.

— A Sarah disse que o bebê é seu. — *Claro que ela disse.* — Poderia dar um voto de confiança e esperar para ter certeza.

— Ah claro, a Sarah disse. Elas são irmãs, é obvio que se defenderiam. Acho melhor abrir o olho com a sua Ninfa, porque se uma não presta, a outra dever ser da mesma laia. Um bando de vagabundas interesseiras... — *Pela cara de desgosto, sei que pisei onde não devia, mas hoje isso não me importa mais. As três vagabundas que tentaram enredar os três patetas, e só uma conseguiu realmente. Sarah deve ser a mais inteligente, usar a carinha de ninfeta funcionou.*

— Não vá por aí Lorenzo. A Sarah é minha mulher e não vou admitir que a ofenda, nem longe e muito menos na frente dela. Sei que está com problemas e eu não gostaria de estar na sua pele, mas as coisas devem ser vistas com mais clareza por quem está de fora. Somos médicos e sabemos que a medicina não é uma ciência exata, as coisas mudam, o corpo humano é mutável. Dê-se a chance de ser feliz e tente ir com calma nos seus julgamentos.

— Caralho! Não tem um ano que fiz um espermograma, a situação era a mesma que sempre foi. — *Talvez tenha mais que isso, não importa. Controle não é algo que eu tenha agora ou queira ter. Aproximo-me do seu rosto enquanto sutura meu dedo.* — Tem ideia de como eu desejei isso? Faz a porra da ideia de quanto eu daria para esse filho ser meu? Mas ele não é!

— Há chances... — *Não permito que a defenda.*

— Sim, há duas chances. Ou ela estava tentando me dar o golpe da barriga e acabou engravidando de outro trouxa, sem saber que sou seco. — *Dizer isso é doloroso. Admitir que sou incapaz de dar filhos a minha mulher.* — Ou ela trepa com outros caras e engravidou sem querer, aí o babaca oficial seria perfeito para assumir a merda.

— Faça o exame e saia dessa agonia. — *Claro! E assinar o meu atestado de palhaço? Oh corno manso, Lorenzo Malamam.*

— Nem fudendo. Quero mais é que ela e esse bastardo se explodam.

Sozinho em meu quarto perco-me em mil pensamentos e possibilidades diversas, tento entender como ela esteve com outro homem se sempre estávamos juntos. Então lembro-me que nem todos os dias operávamos e com isso ela passava algum tempo em casa e eu no hospital durante as consultas, fora algumas noites que eu precisava deixá-la para dar atenção a minha família. Algumas poucas tardes de sábado e domingo que eu tirava para ficar apenas com Nina ou as raras noites que precisava dedicar-me a boate e ela escolhia ficar em casa, pois seria rápido. Sim, ela teve bastante tempo para estar com outro homem, mas quem?

— Eu estou sofrendo agora, mas você sofrerá a vida toda por saber que poderia ter sido diferente e dado valor a quem tanto te amou.

Dezoito

Por Dora

Estou há uma semana sem aparecer no trabalho, não saio de casa ou me alimento como deveria, as únicas pessoas que têm acesso a mim são Sarah, Talles e Pedro. Eu não seria nada sem meus amigos e irmãos, hoje eles são a minha força e a minha energia, quando não é um, é outro que vem me socorrer nos dias em que as lágrimas são mais fortes que a vontade de vencê-las. Estou praticamente em estado vegetativo total e completamente sem previsão de melhora, desejo entrar em um buraco e desaparecer.

Leônidas, gentilmente, fez a minha transferência para a unidade diagnóstica do MAH que fica no Jardins, com isso sinto-me mais segura para trabalhar sem precisar esbarrar com o crápula, ordinário, jumento do pai do meu filho. Por um lado, entendo a sua dúvida, mas, jamais entenderei a sua reação. Eu não merecia ser tratada daquela forma e suas palavras não deixaram a minha memória e não deixarão nem que se passe mil anos. Sem coragem para enfrentar meus pais, mesmo por telefone, escrevi uma carta contando toda a história e me desculpando por decepcioná-los, principalmente ao meu pai, com uma gravidez sendo solteira. Esse é o meu maior medo, decepcionar meu pai, conheço suas manias e modo de ver o mundo. Para um homem criado nas lavouras de café, analfabeto, chulo e mente fechada, ter uma filha esperando um filho sem marido é o fim. Imagine se o dito pai renegar a criança?

Não demorou para minha mãe me ligar aos prantos, disse que jamais sairia do meu lado e que eu poderia contar com ela para qualquer coisa, mesmo que para isso precisasse ir contra o mundo. Minha mãe é uma mulher de fibra.

— Filha, volta para casa, aqui é o seu lugar. As portas vão estar sempre abertas para você. Eu e seu pai... — *Subitamente a frase foi cortada e papai assumiu o seu lugar na linha. Por essa eu não esperava.*

— Me explique como uma mulher desceite engravida de um homem estéril, Dora? Como um homem sem semente planta um filho dentro de uma mulher? Foi para isso que saiu da sua casa e correu para São Paulo? Eu sabia, desde que largou o Emerson, eu sabia que tinha se pervertido e virado uma qualquer feito essas mulheres da vida.

— Pai... não...

— Se eu fosse ele, também te largava. Homem não gosta de resto, ninguém aceita ser feito de trouxa. Na minha casa você não pisa embuchada, aqui não te quero. Se você souber quem é o pai dessa criança procure por ele e peça ajuda, a filha que eu tive não seria tão desavergonhada.

Foi com essas palavras que fui destruída, a última gota de vida foi arrancada de mim a golpes de foice. A que ponto minha vida chegou? Como isso tudo aconteceu e eu não vi nada? Estou quebrada, morta e jogada aos bichos. Os pedidos de minha mãe ao fundo da ligação foram ignorados, seus soluços somados aos meus fazendo uma sinfonia de dor.

Os dias se passaram e aos poucos a ideia de ser mãe foi tomando forma na minha cabeça. Talles e Pedro compraram roupinhas lindas para o bebê, que ainda não tem nome, mas já tem padrinhos enviados por Deus para evitar que eu morresse de tristeza. Sarah sempre traz Nina para ficar comigo e passamos fins de semana muito divertidos pintando as unhas, comendo e curtindo a companhia umas das outras. Safira tem dado todo o seu apoio em

relação a gravidez, na verdade parece entender perfeitamente os meus problemas, está diferente em muitos aspectos, mais sensível e até mesmo mais iluminada. Tento conversar e tirar dela o que está acontecendo, mas ela sempre diz que é falta de casa e das pessoas que ama. Procurei um obstetra fora de qualquer relação com os Malamans e deixei claro que o meu filho não tem pai, é uma produção independente.

(...)

20 de junho

Hoje farei uma ultrassonografia e, como sempre, meu esquadrão protetor estará comigo. Acho que serei dona Flor e seus dois maridos, Pedro e Talles sempre estão ao meu redor em todos os momentos. Sou chamada na sala e peço que os dois entrem, a médica ficou surpresa quando eu disse que nenhum dos dois era o pai e sim padrinhos, mas não questionou, afinal, em São Paulo a visão das pessoas é mais aberta do que no interior do Espírito Santo. O obstetra que está me acompanhando não realiza o exame em seu consultório, por isso estou em uma clínica especializada. Em minha primeira ultrassom, onde dizia que eu estava com seis semanas na época, tudo mostrou-se na mais perfeita ordem. O bebê com 111 batimentos por minuto, parecia uma ervilha boiando em um saquinho de água, Talles quase me matou quando eu disse isso.

— Tudo perfeito, Dora. 174 bpm, embrião com movimentos somáticos e medindo 3,50 cm da cabeça até o bumbum. É um belo bebê.

— Ai que coisa mais gut-gut. — *Pouso os olhos sobre o monitor por longos segundos enquanto a médica mantém a imagem congelada e move o aparelho dentro de mim observando imagens variadas em outra tela voltada somente para ela. Pedro e Talles fazem brincadeiras com o bebê congelado da imagem e fazem apostas pelo sexo.*

Mesmo tão pequeno já tem a forma de um ser humano, consigo identificar cabeça, tronco e membros balançando como um bonequinho de Olinda, a coisa mais fofa que já vi na vida. Por um breve segundo pergunto-me se o pezinho que está se formando virá com cinco ou seis dedos, mas logo derrubo esse pensamento, não quero vínculos com o crápula. Meu bebê, apenas meu e de mais ninguém.

— Dora, me empreste a ultrassom anterior novamente. — *Talles abre minha bolsa e entrega a pasta com meus exames a ela que verifica pacientemente os dados e sorri surpresa.* — Vou te mostrar algo novo.

Com o apertar de alguns botões a médica divide a tela que está voltada para mim em duas, dois ângulos diferentes do meu filho. Inicialmente imagino que seja algum problema ou apenas para me mostrar vários perfis do meu bebê, mas não.

— Ele é lindo, parece que vou explodir...

— Eles são lindos. São dois bebês, gêmeos. — *Oh, meu Deus!*

Todos ficamos em silêncio, isso é muito mais do que “*algo novo*”, isso é uma mudança total de vida e de futuro. Como vou criar dois filhos sozinha? Como vou sustentá-los em São Paulo com tudo tão caro? Oh céus!

— Amiga, estamos aqui, lembre-se disso. Nós somos seus amigos e somos os padrinhos dessas duas porcariinhas dentro de você e jamais vamos deixar nada faltar, ele é nosso também, são nossos presentes. Estamos aqui para somar.

Pedro percebe o meu estado de total desespero ao digerir a novidade.

— Como vou fazer, Pedro?

— Vai viver um dia depois do outro e amar seus filhos como eles merecem. E nós cuidamos do resto, estamos aqui, não estamos?

— Não posso depender de vocês, não é justo. — *Estou atônita.*

Saímos do consultório às 9 horas direto para a casa da minha irmã, hoje será o seu casamento com Leônidas e não perderei isso por nada, mesmo chegando em cima da hora, chegarei.

Há muito tempo não via meus pais e como um tapa de luva, meu pai não coloca os olhos sobre mim, nem ao menos um olhar sou digna de receber. Se o senhor Antônio deseja que eu sinta o peso da sua indiferença, ele está fazendo o trabalho com maestria. Minha mãe aproxima-se de mim sob os seus protestos, mas como eu já imaginava, ela não é capaz de me abandonar.

— Como você está linda, meu amor! — *Antes mesmo de começar a frase já estamos chorando e sorrindo, um misto de emoções somado aos hormônios maluquinhos da gravidez.* — Está melhor, mais calma?

— Estou bem, mamãe. Na medida do possível, estou muito bem, tenho muitos amigos que me apoiam e não me deixam cair.

— Quero conhecer e agradecer a estas almas que estarão sempre em minhas orações.

Viro-me e chamo Talles e Pedro, que observavam de longe o meu encontro com dona Amita.

— Rapazes, está é minha mãe, dona Amita. Mãe, estes são Pedro e Talles, meus anjos da guarda. — *Depois de abraços calorosos, como se conhecessem há anos, continuamos a conversar.*

— É muito bom conhecê-la. Agora sei de onde Dora herdou esse sorriso luminoso, aqui está a fonte. Prazer, eu me chamo Pedro.

Conversamos e rimos por mais alguns minutos, em nenhum o olhar de reprovação do meu pai deixou de pesar sobre minha mãe, e como se isso não importasse ela se fez de desentendida.

O casamento foi lindo, carregado de emoções muito intensas e rios de lágrimas alegres, felicitações e sorriso. Leônidas não esconde sua paixão quase doentia pela minha irmã, o ciúme é uma

característica muito forte dele e isso não é novidade para ninguém que os conheça ou passe mais de duas horas com os dois. Nina estava como uma flor, é a mocinha mais bela que já vi, com seus cabelos negros e olhos azuis, conquista qualquer um.

É chegada a hora do buquê, todas as mulheres da festa se reúnem atrás da noiva à espera do tão sonhado ramo de flores, como se isso ajudasse alguém a arrumar marido, crença mais besta. Não é isso que procuro só que deixar minha irmã sem a foto do buquê não é uma opção ela me mataria.

— Acho melhor você ter muito cuidado, não pode cair e nem pular. Lembre-se dos nossos bacurinhos.

— Não diga isso aqui, ninguém além de nós três vai saber que são gêmeos. Já falamos sobre isso. Prometa... Talles?

— Já prometi no carro e não vou quebrar a minha promessa, só acho que sua irmã merecia saber ou sua mãe.

— E correr o risco de ela soltar para Leônidas e ele soltar para o traste? Nem pensar. Mamãe não conseguiria esconder de Sarah e Safira, vamos deixar como está.

— Ok. Como queira, mas tenha cuidado com meus afilhados, eles ainda são muito frágeis.

— Terei.

Depois de uma cena hilária do meu cunhado com o pobre fotógrafo contratado, Sarah joga o buquê. O momento é mágico, todas as mulheres da festa unidas por uma bela foto e com o desejo oculto de que a profecia se cumpra: *Que a sortuda seja a próxima a casar-se*. Deus me livre de outro carma desses na minha vida. Sarah coloca força demais ao lançar o buquê de rosas azuis e ele voa sobre nossas cabeças com grande velocidade até parar nos braços de... Lorenzo.

Oh não!

Todas nós viramos juntas em busca do local da queda do ramallete disputado, mas nenhuma se atreve a ir buscá-lo. Chegando, inadequadamente vestido, para a festa de casamento do irmão estava o homem que destruiu os meus sonhos e anseios mais puros. Vestindo calça jeans, camisa preta e botas de trilha, como se estivesse em um simples encontro de amigos sem importância.

— Lorenzo. — O noivo passa apressado, sua voz e expressão é de pura surpresa, tenho total convicção que ninguém esperava a sua chegada. No meu íntimo eu sabia das grandes chances, o homem que eu conheci jamais perderia o matrimônio do irmão mais velho... O homem que eu conheci nunca existiu.

Estamos a certa distância e faço o meu melhor para não desmoronar. Mesmo com um visual tão badboy continua lindo, a barba que sempre mantinha baixa está cheia em um amarelo quase alaranjado, a expressão ainda mais dura que de costume. Em nenhum momento seus olhos passeiam pelo jardim, Lorenzo não busca por mim, não deseja me encontrar, nem ao menos um olhar. Sinto-me impura, diminuída e vazia, mesmo cheia com seus filhos, sangue do seu sangue, sinto-me vazia...

Quero gritar que existo e mereço ser ouvida, mereço o mínimo de dignidade... ao menos um olhar. DEUS! Eu não errei, não traí, sou inocente.

De soslaio vejo mamãe tentar chegar perto de mim e ao mesmo instante a mão firme de papai mantendo-a fixa no lugar, todos me olham, olham para Lorenzo e Leônidas e voltam para mim. Tudo o que consigo fazer é respirar e tremer, sinto-me como em uma piscina cheia de gelo, meu corpo começa a dar sinais de entrega. Não posso suportar tanta crueldade e descaso, de um lado papai que não esconde o seu desgosto ao me ver. E do outro o pai do meu filho, que deixa claro o seu total arrependimento por um dia ter me tocado.

Como um pedido de socorro olho para Talles e Pedro que estão atentos a minha linguagem corporal e deixo-me levar pelas

emoções.

— Meu Deus! — *Ainda consigo escutar uma voz feminina gritar...*

A escuridão é silenciosa, calma e profunda. Era exatamente disso que eu precisava, de paz. O declínio é longo, não quero e não me esforço para acordar, aqui é muito melhor do que a vida lá fora, não me diga para voltar.

Ainda com os olhos fechados e o corpo inerte aos estímulos feitos por alguém que julgo ser Bento, permaneço apenas com o sentir, sinto que estou em uma cama macia com os pés descalços e a cabeça sobre um travesseiro com cheiro de canfora. Ouço vozes conhecidas, mas nenhuma é a dele, o cheiro não é amadeirado e sua presença não me chama para si. Sinto-me só em meio à multidão de conhecidos estranhos.

— Dora, pode me ouvir? — *Sim eu posso, mas não respondo. Bento abre meus olhos e procura meus sentidos.* — Dora, precisa reagir, pelo seu bebê.

Meus bebês. Como pude ser tão egoísta a ponto de deixar-me abater sem lembrar das vidas inocentes dentro de mim?

— Filha, pelo amor de Deus! Vocês está me assustando.

— Hum! — *Suspiro mais forte retomando a consciência, pisco os olhos para focar no rosto de Bento diante de mim. Minha mãe está ao lado com o rosto molhado e um terço entre os dedos, deve ter rezado até em latim.* — Quero água.

— Claro, querida. — *Logo meu desejo é atendido. Acomodo-me na cama com alguns travesseiros, tudo isso sob o olhar atendo de Bento.* — Posso ficar sozinho com ela um momento?

Seguindo as ordens do médico que se apoderou do corpo do meu cunhado... ex-cunhado, todos deixam o quarto e ficamos só nós dois. Ele não é bobo e sinto que Talles ou Pedro deram com a língua nos dentes.

— Já me sinto bem melhor, consigo voltar para minha casa.

— Você não ficará sozinha, ordens médicas.

— Tudo bem. Ficarei na casa dos meus amigos hoje. Garanto que estou bem, foi só...

— Sua pressão se alterou muito, muito mais que o recomendável para uma gestante de gêmeos.

Droga! Boca de caçapa dos dois filhos da puta. Arg!

— Bento...

— Não direi nada. Estou aqui como médico e levo meus juramentos muito a sério, pode ter certeza disso. Só quero que saiba que, meu irmão não é esse monstro que ele mesmo está tentando parecer, ali tem um homem que sofre e não é pouco.

— Não quero falar sobre isso.

— Entendo você, de verdade entendo. Seu segredo está seguro comigo, da minha boca não sairá. Só gostaria de pedir que se cuide e se precisar de mim estarei a sua disposição, nada que disser a mim será repetido ou divulgado, nada, nem que para isso tenha que assistir o sofrimento do meu irmão calado.

— Vou guardar isso.

Em alguns minutos fui examinada e liberada, com algumas restrições. Minha mãe entrou assim que Bento deixou o quarto, a tristeza é palpável e não sei quem sofre mais com essa situação.

— Minha filha, estou em frangalhos. Não suporto ver-te sofrer e não poder fazer nada para tirar a sua dor, se eu pudesse... Oh meu Deus! Daria minha vida por ti. Daria as pernas para colocar aquele sorriso enorme no seu rosto novamente, mas eu não posso. — *Minha mãe chora com a impotência.*

— Ah mãe... não faz assim. A culpa disso tudo é só minha, se eu não tivesse terminado com Emerson, jamais passaria por toda essa tormenta. Papai estava certo em dizer que eu queria abraçar o

mundo e quem muito quer pouco tem. Olha como estou agora, grávida, sozinha e infeliz.

— Não diga isso. Você tem tudo, e esse tal de Lorenzo foi quem perdeu uma mulher maravilhosa e o filho lindo que vai nascer. Perdoa o seu pai, Dora. É um homem velho com ideias velhas e pouco estudo, ele não sabe o tamanho do erro que está cometendo, logo as coisas vão se acertar. Aquele velho tranqueira vai te pedir perdão de joelhos, meu amor.

— Não quero isso, mãe. Só quero que ele me olhe como antes, que me ame como antes. Me dói saber que ele simplesmente esqueceu que tem uma filha...

Não aguento e deixo os soluços e tomarem conta.

— Ele te ama, Dora. Só que quando amamos demais colocamos expectativas muito grandes nas pessoas e esquecemos que somos feitos de erros, todos vão errar ou parecer terem errado.

Horas mais tarde já estou no quarto de hóspedes da casa de Talles e Pedro. Pelos paparicos deles e quantidades de recomendações médicas de Bento... Não sairei daqui tão cedo.

Dezenove

Por Lorenzo

Dois meses, dois meses... dois cruéis, miseráveis, execráveis e desumanos meses vivendo entre o inferno e o purgatório. Não sei se é pior pensar nela durante os dias de intenso trabalho e nenhum lazer ou se é pior sonhar com seu sorriso e leveza.

Todo esse tempo com milhares de lembranças se apoderando da minha mente. Fatos, detalhes corriqueiros e momentos marcantes, só que, nada disso importou para ela, nada a fez pensar ou ponderar as nossas perdas e sofrimento... meu sofrimento, ela não sofre... só se for de remorso. Nem os planos, as promessas e tudo que sonhamos foi capaz de impedi-la de entregar-se a outro. E o que ainda não sei é, quem? Talvez nem queira saber, seria plenamente capaz de matá-lo só para ter o prazer de testemunhar sua angústia.

Depois de uma semana amargando a minha foça particular decidi colocar em pratos limpos a história contada por Dora. Dar o benefício da dúvida, mesmo que ela não esteja ciente disso, devo isso a mim mesmo. Preciso limpar minha mente de tantos “se” e colocar uma pedra sobre esse assunto que já corroeu os meus ossos ao limite da sanidade. Dia após dia criando e montando mil possibilidades, noite rezando e pedindo aos céus que um milagre tivesse se abatido sobre mim. Quem sabe seja gravidez psicológica? Um mioma que esteja bagunçando seu organismo ou até mesmo um resultado trocado, errado, duvidoso... Sei lá.

Qualquer coisa que me faça estar errado... Eu rastearia até o deserto pelo seu perdão, mas isso seria melhor do que estar certo.

Me surpreendi com a visita de Pedro, marido de Talles. O homem de baixa estatura, mas aparência altiva, entrou em minha sala e mesmo sob os meus protestos fez o seu ponto. Sou médico e sei das mutações do corpo humano, mas o cara é urologista, sabe mais, estuda mais e vê o sistema reprodutor masculino diariamente. Tentei manter-me seguro, só não consegui eliminar a maldita pulga que ele deixou atrás da minha orelha, que se juntou a que já existia e agora são milhares, uma infestação delas zumbindo por uma resposta definitiva.

Realizei quatro exames, uma coleta por semana, cada uma delas com cinco dias sem ejaculação anterior. Todos os procedimentos foram feitos no MAH com toda a discrição possível. Pedi urgência extrema, mais que extrema. Mantendo toda a discrição uma funcionária do laboratório trazia os envelopes com os resultados à minha secretária, particularmente não gosto de resultados online, isso deixaria brecha para que mais pessoas saibam do meu problema e não quero isso.

Quatro espermogramas e todos com o mesmo resultado, sou incapaz de reproduzir naturalmente, isso não é novidade para mim.

Pronto, agora tenho total certeza, o filho que Dora espera não é meu. Por mais que isso me destrua até a última gota de sangue, contra fatos não há argumentos, essa criança não é minha. Mesmo de posse dos resultados, resisti a enorme vontade de procurá-la de provar cabalmente o meu ponto, deixar registrado a comprovação da sua deslealdade e traição. Todas as vezes que meus irmãos ou meus pais tentaram defendê-la, sempre que chegavam com suas ideias amorosas e carregadas de compaixão com a situação da “*pobre*” Dora, as respostas vinham, latejavam em minhas amígdalas, mas nunca saíram, nunca mostrei as provas que tinha a meu favor. Talvez... nem sei o porquê. Mesmo que já tenha feito, ou ela mesma tenha feito, não quero expô-la dessa maneira, não quero que sofra. Mesmo que mereça.

Muitas coisas aconteceram na minha família e eu optei por não estar presente em nenhuma delas, comemorações, aniversários, convívio diário e até mesmo a frequência com que via Nina se modificou, agora que Sarah assumiu o papel de mãe e não olha na minha cara, essas coisas tornaram-se ainda mais complicadas. A cereja do bolo foi o maldito dia do casamento de Leônidas.

Não sei de onde tirei que poderia vê-la sem desejar estar perto, sem querer saber se ainda me ama ou pedir mais explicações. Fiz o meu melhor para ignorá-la e fui falho. No momento em que entrei fui arrebatado pela visão da sua silhueta perfeitamente arredondada com alguns traços sutis da gravidez recente, mas no momento que se virou pude perceber o pequeno volume em seu ventre e por um breve momento senti raiva, raiva de um ser que não tem culpa de não ser meu.

Saí de lá sob os olhares reprovadores de todos os convidados, que tem consciência da nossa atual situação. Assuntos assim correm em uma família de italianos, eram poucos convidados, mas todos íntimos o suficiente para saber de tudo e mais um pouco.

E agora estou aqui, dentro de um avião com destino ao Rio de Janeiro, seguindo as ordens expressas do meu pai. Ontem, enquanto chorava feito um garoto machucado, meu pai aproximou-se de mim e permaneci debruçado sobre meu carro sem dignidade para olhá-lo nos olhos. Não pude reconhecer o homem que me criou com tanto carinho e dedicação, sua voz imprimia era pura vergonha e perceber isso acabou com o pouco de mim que ainda estava vivo.

— Engula as suas lágrimas, Lorenzo. Hoje eu senti por você o que jamais imaginei sentir por um dos meus filhos. Eu senti desprezo. — *Não tenho forças para olhá-lo.* — Desprezar alguém por quem você deu a vida e daria novamente se fosse preciso, é trágico.

— Pai... dói demais.

— Espero que doa ainda mais, até que não seja suportável conviver consigo mesmo e você volte a ser o ser humano que eu

criei. Há alguns minutos eu te vi dar as costas para a mulher que você dizia amar e que eu vi também amar você. O meu filho não foi capaz de olhar para a possível mãe do seu próprio filho, meu neto. E olhe que digo possível por saber da sua dor em ser estéril, mas os olhos dela, hoje, me contaram toda a verdade. Esse bebê é meu neto e não será deixado à própria sorte.

— Não é meu. — *Suspiro derrotado com as palavras arrastadas. Não tenho coragem de contar sobre os exames, prefiro sofrer só.*

— Espero que não seja mesmo. Essa criança não merece um pai como você e eu não suportaria vê-lo definhar quando o bebê nascer... — *Olho-o sem forças ou vontade de lutar.* — Sim! Pode apostar que, se esse filho for mesmo seu e eu tenho convicção de que é. Seu sangue será vinho na boca daquela mulher, o mais doce dos vinhos. Ofenda uma mãe, mas nunca ofenda o seu filho... Ela jamais esquecerá e terá volta, com sobra e requintes de crueldade que só uma mulher é capaz.

— Não pude olhar para ela, é mais forte que eu...

— Amanhã quero você no Rio de Janeiro antes das 9h. Não me interessa o que tenha que fazer aqui, cancele cirurgias, consultas e o escambal, você está fora de São Paulo até segunda ordem. Sua função agora será cuidar da expansão e ficar longe das garras da sua mãe, se ela colocar as mãos em você vai te matar.

Observo as nuvens e a visão é muito semelhante com a minha cabeça agora, um grande vazio tomado por fumaça, uma grande mistura de sentimentos e dúvidas. Na verdade, é uma certeza, a certeza de ter sido passado para trás. Agora é trabalhar para esquecer o passado e seguir com o presente, que chegue logo o futuro e todo esse caos fique no fundo do baú.

Esta não é a primeira vez que venho ao Rio, já estive aqui outras vezes para participar de algumas cirurgias em RNs com cardiopatia congênita, o MAH é um dos 20 hospitais de todo país que fazem este tipo de cirurgia, temos uma grande equipe e tenho orgulho de

fazer parte dela juntamente com a doutora Gracy Pitomba, nossa neuropediatra premiadíssima.

Encontrar um apartamento, fazer a transferência dos documentos do meu carro e das demais correspondências foi a minha maior ocupação nos primeiros dias, burocracia é uma merda. Uso o e-mail e telefone para definir os assuntos das boates e outros empreendimentos que tenho com meu sócio. Não pretendo retornar a São Paulo, é mais provável que venda a minha parte e deixe-o tocar o barco sozinho. Nem os lucros naquele lugar me interessam mais. Fora a minha família, de São Paulo só quero distância.

A primeira noite foi a pior, o sono não apareceu e as lembranças dançavam diante dos meus olhos como se um filme estivesse projetando-se em minha mente, todos momentos bons e cheios de sons. Aqui não tem som, tudo é bege ou cinza, não há nada que me lembre dela, e mesmo assim ela está aqui, presente e ausente ao mesmo tempo, desafiando todas as leis do universo. Dora conseguiu coisas que nem os maiores especialistas conseguiriam explicar. Se eu fechar os olhos por mais de cinco segundos consigo sentir o seu cheiro, um pouco mais e sou capaz de jurar ouvir seus passos apressados pela casa em busca do prendedor de cabelos que sempre estava embaixo do travesseiro, mas ela nunca o encontrava. Sim, posso senti-la aqui.

— Quando esse inferno vai acabar?

Reviro-me na cama até que vejo os primeiros raios de sol. Mais um dia que começa.

(...)

21 de agosto de 2014

Em dois meses nada mudou em relação aos meus sentimentos ou ao meu estado emocional. Fico o máximo de tempo que consigo fora de casa, deixo o apartamento antes das 6h e só retorno por volta das 22h, dessa forma evito deixar a mente vazia e livre para imaginar minha mulher carregando um filho que eu não fui capaz de

colocar dentro dela, ou imaginar outro homem possuindo seu corpo da forma que achei ser somente meu e de mais ninguém. Estes fantasmas acabam comigo, não sou imune a eles.

Consegui organizar a compra de um grande e antigo hospital na Barra da Tijuca e com isso só precisamos nos preocupar com mudanças documentais e alguns detalhes no próprio prédio para que entre nos padrões do MAH, que é o mais bem avaliado do país. As reformas estão a todo vapor e os tramites legais por conta do doutor Wagner, nosso advogado. O corpo clínico sofreu poucas alterações e o quadro geral de funcionários será mantido, desde que todos façam nossos cursos de aperfeiçoamento e se adequem às novas regras de trabalho e convivência.

Nem meus pais ou meus irmãos estão envolvidos neste novo projeto, o Malamam Apart Hospital/RJ é de minha inteira responsabilidade e direção, isso é muito bom para mim e melhor ainda para a minha sanidade mental. Desde a última ligação de Bento cortei relações com eles e preferi me manter distante, todos os nossos contatos são estritamente profissionais.

— Alô!

— Como vai irmão? Há mais de duas semanas não nos falamos. Tudo bem nas terras cariocas?

— Ei, Bento! Tudo bem sim. As coisas estão indo mais rápido do que eu esperava.

— Papai falou. Dr. Benício disse que está muito preocupado com você, Lo. Mamãe também está vivendo em penitência com isso, dizem que você só sai daí para dormir, nem mesmo aos fins de semana fica sem trabalhar. Pensei em passar o fim de semana com você, poderíamos sair, beber, conhecer mulheres...

— Diga a todos que estou como sempre estive... Trabalhando.

— Estou olhando os voos aqui na internet e poderia chegar na sexta à noite, pensei em chamar o Leônidas e faríamos uma noite das antigas, hem?

— Prefiro que não venham, tenho metas a cumprir.

— Já bateu todas as metas homem, não há mais nenhuma. O que está querendo provar, Lorenzo? Ela não está bem...

— Se falar uma só palavra irei desligar. Não ouse.

— Éh! Sei que vai, é sempre assim, falamos algo sobre... isso, e você simplesmente desliga como se não tivéssemos dito nada. O caso é sério, ela está doente, corre riscos.

Seguro as lágrimas e forço na respiração ao estado normal. A menção a riscos a vida dela deixa-me desesperado por dentro, só não posso dizer, não direi e nunca direi. Prefiro seguir com minha dor até onde der.

— Chega! Até outra hora.

— Espera... — *Não permito que continue, desligo.*

Um minuto depois recebo uma mensagem de Bento dizendo ser uma foto de Nina, faço o download e congelo imediatamente com a fotografia enviada. Tomando a tela do meu aparelho está Dora na beira de uma piscina, que me lembro ser do prédio de Talles e Pedro, seus pés estão dentro da água e a mão direita derrama algumas gotas sobre a barriga já aparente e arredondada. A pele branca antes lisa e plana, agora está esticada e cheia.

— Como ainda posso amar tanto você? — *Com a mão tremendo mantenho o olhar fixo na maldita imagem.* — Nem sofrendo a minha falta você está.

Dora tem um belo sorriso nos lábios, não é o mesmo escancarado desmedido que tinha antes, mas ela sorri e parece feliz. Ela terá um bebê, está cercada pelos amigos que sempre a acompanharam, e eu? O que sobrou para mim? Sou o monstro, o pecador... fazer a minha caveira e apontar o dedo é fácil, difícil é sentir as minhas dores, carregar toda a humilhação.

Nos dias que me mantive em São Paulo Talles pediu desligamento da minha equipe alegando “*motivos pessoais*”, mas eu

sei que o motivo era ela, ele sempre esteve ao seu lado, assim como Pedro.

— E eu? O que restou para mim? O exílio. Restou-me ser julgado por todos, mesmo sabendo da verdade, eles me julgam o cruel e condenam-me como o mais maligno dos seres andantes.

Arremesso o celular na parece com a esperança de que a imagem também se quebre em minha memória, só que jamais esquecerei a mais bela visão que já tive de uma gestante em toda a minha maldita vida. Abro minha primeira gaveta, onde guardo os resultados dos espermogramas que fiz após nossa separação, tenho todos arquivados como confirmação da minha desgraça.

— Só queria entender.

Essa foi a última vez que falei informalmente com algum membro da minha família. Minha secretária tem ordens expressas para filtrar todos os assuntos, principalmente se a pessoa do outro lado da linha for um Malamam, para a minha paz eles parecem compreender que prefiro manter-me distante e sozinho. Mesmo mamãe procura ter informações sobre mim com a Dirce, minha secretária atual e duas mil vezes mais profissional que Patrícia, sem contar que é casada e passa longe da imagem vulgar e pretenciosa da anterior. Dirce é muito bonita e atenciosa, mas mantém a linha *“ela lá, eu cá”*, gosto muito disso, apesar de saber que passa relatório completo da minha vida para doutora Magda Malamam.

Essa semana Dirce comentou que para alguns funcionários eu pareço ser um carrasco ou muito sério e severo. Carrasco? Esse é Leônidas e não eu.

— Tenho que rir com esses apelidos mesmo.

— Senhor Lorenzo. Como o senhor não reclamou, mantive o serviço de apart com o condomínio do seu apartamento.

— Isso! Perfeito, nem me lembrei de renovar e só perceberia quando chegasse em casa e tropeçasse em meus sapatos ou não tivesse toalhas no banheiro. Esse pessoal faz tudo mesmo.

— Que bom! Estou de saída, tenho hora para pegar meu bebê na creche.

Ela sempre comenta sobre os filhos de alguma forma, mas eu nunca perguntei nada sobre isso.

— Quantos filhos você tem, Dirce? Você não parece ter mais de trinta anos.

— Obrigada, doutor Lorenzo! Estou com 35 anos e tenho três filhos, dois meninos de 13 e 10 e uma mocinha de três anos.

Uma mocinha! Sempre quis ter uma mocinha... Linda como a mãe, doce, arteira e feliz.

— Caramba! São muitos, vou me lembrar disso no natal. Pode ir Dirce. E... crianças são uma benção, considere-se muito abençoada.

— Amém! Você também é muito abençoado, só precisa enxergar isso. Oro diariamente para que encontre a paz, meu Deus não falha.

Sem mais ela se vai. Não entendi muito bem o que ela quis dizer, mas isso não sai da minha cabeça.

— Só preciso enxergar. Ah, devo ser cego então.

Vinte

Por Talles

— Amor, lembra de trazer as bananas e... O que era mesmo?... Ah! O antiderrapante para o piso do banheiro.

— Já peguei. Comprei aveia e mel também, não esqueci do seu chocolate aerado e nem do lubrificante. Estou no caixa, vai querer mais alguma coisa ou posso ir?

— Então tá bom, pode vir! Estou fazendo uns bolinhos de chuva, nossa gestante está com desejo de bolinhos de chuva.

— Sem canela, ela não pode. Segura sua mão no açúcar hem!

— Eu sei o que estou fazendo, Pedro. Cuidado no trânsito, está chovendo muito. Volta em segurança para mim, meu amor.

— Sempre volto

Desde o casamento da Sarah, Dora foi convencida, para não dizer obrigada, a morar comigo e com Pedro por um tempo. No início ela reclamou feito puta na chuva, disse que precisa se acostumar com a independência e deu mais mil desculpas, não adiantou nada e já fazem dois meses que estamos morando os três aqui. O apartamento é grande, o condomínio tem uma área de lazer maravilhosa e tê-la conosco é maravilhoso. Minha amiga já passou por coisas demais para ter que atravessar a gestação sozinha e sem apoio, são dois bebês e sabemos que a situação dela não é das melhores.

Dora não tem se sentido bem, sua pressão está muito instável e tanto eu quanto Pedro temos nos mantido atentos quando a isso. O fato de ser uma gravidez gemelar só piora as coisas, o risco é grande e não queremos que nada dê errado. Mesmo sem minha amiga saber tenho conversado muito com Bento no hospital e com o Dr. Marcelo seu obstetra, por telefone, estamos todos cautelosos e atentos a quaisquer mudanças.

Enviei uma foto dela na piscina acariciando a barriga para ele por mensagem, no fundo quero que essa imagem chegue a Lorenzo. Um homem tão apaixonado não pode ter mudado assim, do dia para a noite, mesmo com todos os motivos que ele inegavelmente tem. Pedro é urologista e tentou conversar com ele quando a bomba estourou, mas Lorenzo se negou a fazer novos procedimentos e novos exames alegando já ter provas o suficiente. Por fim Pedro o aconselhou a fazer espermogramas com dias de intervalo, se dispôs a atendê-lo em mais absoluto sigilo e mesmo assim o Loiro não cedeu. É uma mula empacada mesmo.

Sinto-me como espectador de uma triste novela mexicana.

Por Dora

Hoje fiz uma via sacra entre clínicas e especialista. Meu obstetra fez uma lista de exames específicos, que fiz no decorrer da semana, hoje precisei pegar todos os resultados e fazer uma ultrassonografia no qual descobri que um dos bebês é menino e o outro se escondeu. Poderia apostar que é outro menino, tímido feito o pai, escondeu-se no início da gravidez e agora fecha as pernas para não mostrar o sexo. Acho graça.

Pesagem, medidas, ausculta dos coraçõezinhos, aferir pressão e exame de toque, fizemos todos os procedimentos normais e agora estou aqui estalando os dedos enquanto Dr. Marcelo estuda todos os resultados que eu trouxe para ele, pela expressão séria e as

várias consultas e cálculos, acredito que algo esteja errado. Percebi também que ele não permitiu que eu visse o esfigmo enquanto aferia a minha pressão.

— Dora, somando os resultados laboratoriais com o exame clínico e os seus relatos... O seu diagnóstico é de pré-eclâmpsia, de uma forma ainda moderada, mas não menos perigosa. Sua pressão está oscilando significativamente e toda alteração daqui para frente é perigosa.

— Oh, meu Deus!

— Não vamos nos desesperar, lembre-se que o seu estado emocional deve ser mantido estável, mesmo diante de todas as adversidades que você me contou. Precisamos pensar nos bebês. — *Aceno com a cabeça, sei que meus filhos precisam de mim.* — A pré-eclâmpsia é o aumento da pressão arterial durante a gestação. Os seus vasos se contraem e se relaxam, isso desencadeia os picos de hipertensão.

— Eu me cuido tanto. Os meninos me ajudam muito também, tratam-me quase como uma inválida. Tem uma explicação para eu estar assim?

— Isso faz parte de uma síndrome chamada *Síndrome da Má formação Placentária*, que é quando a placenta não adere perfeitamente ao útero e seu corpo reage a ela como um corpo estranho. É como se a pré-eclâmpsia fosse uma reação alérgica provocando os picos de hipertensão. Entendeu?

— Como eu posso me curar?

— Fique tranquila, primeiramente. A cura se dá no momento em que a placenta é retirada do seu útero. — *Arregalo os olhos para ele. Como assim? Meus bebês precisam da placenta para se desenvolverem.* — Só que, para isso levaremos a gestação de forma segura até o mais longe possível. No seu caso são gêmeos e isso agrava o quadro, digamos que seja uma alergia mais forte.

Vamos seguir com dieta balanceada, cortar o sal, repouso, sol pelas manhãs e muito líquido. Você foi à nutricionista que lhe indiquei?

— Sim, fui na semana passada e estou seguindo à risca tudo que ela disse. Cortei sal, pimentas, condimentados, enlatados, levo marmita para o trabalho e nada de refrigerante ou café. Só como coisas cruas que são feitas em casa e dou preferência aos legumes cozidos. Até as massas tive que cortar, estou ganhando muito peso.

— Isso é ótimo, continue assim. Parabéns, vi aqui que terá um menino.

— Ah, sim! É sempre lindo vê-los, mas não conseguimos saber o sexo do outro bebê, a posição não nos deixou saber. De qualquer forma só quero que cheguem saudáveis e perfeitos.

— Vamos trabalhar para isso.

Por mais de meia hora o obstetra conversa comigo sobre a doença e como devo agir daqui para frente. Em comum acordo decidimos que ficarei afastada do trabalho até a próxima consulta e se for preciso até o parto.

Já estamos no final de agosto e completei 20 semanas e gestação. Cada um destes dias foi tomado por muitas dúvidas e uma mágoa gigantesca que chega a consumir o meu interior, não sei até onde essa dor pode chegar, mas já foi longe demais. Sofrer e chorar são os meus passatempos “*favoritos*”, claro que não faço isso na presença de ninguém, sou orgulhosa demais para tal coisa.

Talles e Pedro tornaram-se a minha família, sem desmerecer minhas irmãs e minha mãe, só que cada uma tem a sua própria vida para cuidar e não aceito ser motivo de pena de ninguém. Com os meninos é diferente, eles estão curtindo o meu momento junto comigo, vivendo cada detalhe como se os meus bebês fossem deles também e aqui não me sinto um peso ou um estorvo. Meu apartamento está fechado, mantenho minhas coisas lá e sigo pagando o aluguel, já que quando os meus filhos nascerem quero morar lá com os dois. Mesmo sabendo que vou comprar uma guerra

com os padrinhos chocadeiras, tenho que rir, eles vão botar um ovo verde e amarelo quando eu for embora e levar os seus afilhados.

Meus bebês, dois filhos e nenhum marido. Se nem o meu pai acreditou em mim, como um homem que me conhecia há poucos meses acreditaria? Essa ferida é a mais aberta que tenho, papai não acredita na minha palavra e mantém-se fechado em copas quando o assunto sou eu. Mamãe tenta disfarçar, mas percebo que só liga quando ele não está e pouco conta a seu respeito, isso acaba comigo, destrói o pouco de controle emocional que tento manter aos trancos e barrancos.

Dia após dia o meu sorriso morreu e à medida que minha barriga está crescendo dou-me conta que é real, não foi só um sonho ruim ou uma pegadinha de mau gosto, é muito real.

Não é normal eu estar sozinha, mas quando fico, as lembranças tomam conta e a dor é fulminante. Todas as palavras nocivas que ouvi de Lorenzo vêm à tona, quando tudo que eu esperava era amor e felicidade. Momentos antes estávamos fazendo amor e ele declamava-se a mim de forma tão sincera, para em seguida esmagar o meu coração como uma bolinha de papel sem importância.

Mesmo depois do nosso encontro no casamento de Sarah e Leônidas, o meu amor por ele ainda existe, mesmo que em coma dentro do que restou do meu coração, mas ele está lá agonizando. As imagens dele brincando com os nossos filhos e a família completa encham o meu peito de esperança, pensar nele vendo as ultras e indo as consultas comigo... Chega! Isso deve ser doença, loucura ou masoquismo, só pode, não tem outra explicação. Como alguém ama a pessoa que a matou sem piedade? Pela minha saúde e bem-estar dos meus filhos, decido colocar uma pedra sobre todas as lembranças de Lorenzo em minha vida.

Chego em casa emocional e fisicamente exausta, Pedro está no sofá e Talles atravessa o corredor com cara de gato que acabou de

comer o peixe, tenho certeza que estavam aprontando algo. Amo esses dois e acho lindo o carinho que tem um pelo outro.

— Apareceu a margarida! — *Talles fala enquanto olha para Pedro e os dois compartilham os sorrisos.*

— Cheguei! Meu dia foi punk, preciso de cama.

— Como foi a consulta? Alguma novidade? Sinto tanto que tenha precisado ir sozinha.

— Muitas novidades, mas nenhuma boa. — *Tiro os sapatos e jogo-me no sofá com os pés sobre as pernas de Pedro que já começa a massageá-los.* — Estou com pré-eclâmpsia e afastada das atividades profissionais até segunda ordem. — *Eles se surpreendem e comentam chocados com a notícia. Sabíamos que eu estava com a pressão elevada, mas não sabíamos que chegava a tanto.* — No mais, está tudo dentro do normal.

— Normal? Como assim, Dora? Essa é uma doença muito séria, precisa de cuidados específicos e muita atenção. Por sorte estarei de férias em poucos dias.

— Pedro, não exagera. Sei que o caso é preocupante, só que me estressar não vai ajudar ou melhorar nada, palavras do meu médico. Vou tentar seguir todas as recomendações médicas e me manter em paz comigo mesma, esquecer todo o resto, só quero pensar nos meus bebês.

— Ela está certa, amor. Em dois dias você estará de férias e nada vai dar errado. Vamos jantar? Estou azul de fome.

— Vocês não querem saber o sexo? — Os dois reagem com euforia enquanto faço mistério e conto todos os detalhes da ultra e seguimos para a sala de jantar.

Depois do jantar liguei para as minhas irmãs e contei todos os detalhes, falei sobre as recomendações, as férias de Pedro e o afastamento do trabalho. Sarah é mais afobada e queria que eu fosse para a sua casa, teimou que tem mais condições de ficar

comigo e teremos espaço. Chegou a cogitar a ideia de eu morar na casa da piscina para ter mais privacidade e ainda se zangou quando neguei. Eu prefiro assim.

Com Safira consigo me abrir melhor, talvez por estar longe e não precisar olhar para a cara dela depois, ou talvez por ser a minha metade e nos entendermos perfeitamente.

— Sabe que se precisar de mim eu volto, não sabe?

— Sei sim, Sá. Realmente não precisa se preocupar, estou bem aqui e quando meu bebê nascer irei voltar para o nosso apartamento como qualquer mãe normal, não serei a primeira mãe solteira do mundo e nem a última.

— Pode apostar... Mudando de assunto. Ele voltou do Rio?

— Não, ainda está lá. Acho melhor, assim não preciso vê-lo ou ter notícias da sua vida.

— Ainda o ama? Não minta para mim, sei que sim.

— Amor não é o bastante.

— Sei como é isso... Chega a ser engraçado a nossa situação ser tão parecida. Deve ser praga...

— Parecida em que sentido? Não vejo nada parecido.

Safira parece se assustar com a hora e de repente diz que precisa desligar sem me dar o menor espaço para questioná-la, a sensação de ter perdido algo no ar não saiu da minha cabeça por um bom tempo. O grande problema de tentar qualquer aproximação com a Safira, é que ela simplesmente se afasta, fecha as entradas e foge, até mesmo para as pessoas mais próximas ela é como uma ostra. Desde o dia que descobri a gravidez estamos nos falando semanalmente, divido com ela todos os meus problemas e questões mais íntimas, por ser muito sincera ela diz sempre o que pensa e preciso ouvir, mas não quero. Por diversas vezes brigamos e logo depois uma das duas retorna à ligação e voltamos às boas.

(...)

02 de Setembro de 2014 – terça-feira

Fui cedo ao RH do hospital para entregar o meu afastamento de 15 dias, peguei uma carona com Talles para ir e voltei de táxi, o apartamento dos meus amigos é bem perto da sede do MAH, onde ele trabalha e eu trabalhei por mais de três anos. Hoje e amanhã ficarei sozinha, a partir daí Pedro estará de férias e me fará companhia em tempo integral segundo ele mesmo.

Almoço seguindo as recomendações da nutricionista, bato um suco natural e evito qualquer esforço. Com ajuda do medidor digital acompanho minha pressão várias vezes ao dia e sei que não está boa, anoto todos os dados para a próxima consulta, mas sinto-me bem e tenho certeza que vai dar tudo certo. Deitada no sofá revejo os vídeos da ultrassonografia que realizei sexta-feira e soube que terei um menino, faltou saber do outro bebê, mas suspeito que sejam dois machinhos.

O som da campainha desperta-me do devaneio. Quando vejo pelo olho mágico abro de imediato.

— Doutora Magda.

— Como vai, Dora? — *Não sei o que dizer ou como agir, por um instante apenas nos olhamos e ela sorri sinceramente para a minha barriga.* — Será que podemos conversar, mesmo que seja aqui no corredor?

— Oh, desculpe. Entre. A casa não é minha, mas sinta-se à vontade.

Com o controle ainda nas mãos aperto o off rapidamente, não quero que ela veja o exame e saiba que espero gêmeos. Nos sentamos no sofá branco de três lugares e ela imediatamente pousa sua mão sobre meu ventre.

— Se um dia eu questionei a sua honestidade, quero te pedir perdão. Nunca quis ofendê-la ou magoá-la, apenas...

— Eu te entendo. Pedro conversou comigo sobre a questão da infertilidade e como isso afeta toda a família.

— Obrigada! Quero poder vê-lo, gostaria que soubesse que sou sua avó e já o amo. Quero que ele sinta o mesmo por mim um dia.
— *Oh meu Deus! Golpe baixo isso.*

— Ele saberá, não tenha dúvidas.

— O Meu filho...

— Não. — *Doutora Magda é alta como os filhos e muito semelhante a eles fisicamente, só que mais refinada e feminina, parece uma rainha imponente, mas o seu olhar é sincero, vivo e transparente. Ela tem o semblante alegre de Bento.* — Sobre ele não quero falar, por favor, não quero ouvir ou lembrar de nada que se refira ao seu filho. Respeito o seu sentimento de mãe, porém, ele não existe mais no meu mundo.

— Eu imaginei isso. — *Discretamente ela limpa uma lágrima que escorria fujona e muda de assunto.* — Conte-me como vão as coisas com o meu netinho ou netinha aqui dentro. Já sabemos o sexo? Quero comprar mimos e presentes.

— É um menino, soube na sexta-feira.

— Mais um Malamam no mundo, vovô Benício será o mais babão de todos. Já estou vendo o meu rapazinho correndo pelo jardim, curioso com os equipamentos do hospital e brincando de alquimista. Se for como o pai será um anjo de bebê e um terremoto quando começar a andar.

— Não vou privá-la de conhecer o seu neto, por que eu sei e posso provar que ele é sangue do seu sangue, mas ele nunca será um Malamam.

— Mas... — *Olha-me confusa.*

— Essas foram as palavras do seu filho e é assim que vai ser. Lorenzo não fará parte das nossas vidas e se souber algo sobre

mim ou meu filho será por vocês e não por mim. Nunca permitirei que ele coloque as mãos sobre o meu filho.

— Olha Dora, imagino que esteja magoada e ferida, mas ninguém pode tirar o direito de pai...

— Eu posso. E vou! Nem que para isso eu tenha que mudar de planeta.

— Tudo bem, deixemos isso para daqui há alguns meses. Você me parece cansada, não sei. Está tudo bem com você e com o bebê?

Não sei se quero dividir isso, mas lá vai.

— Na verdade, estou tendo problemas com a pressão e isso me deixa mais cansada e estafada.

— Problemas em que nível? Seja objetiva e realista. — *Magda mostra-se preocupada.*

— Estou em um quadro de pré-eclâmpsia.

— Dora! Isso é muito grave, necessita de acompanhamento constante. Talvez seja melhor fazer o acompanhamento com o Bento, ele é especialista em gestação de alto risco, poderíamos falar com ele e tenho certeza que hoje mesmo seria consultada.

— Já tenho um obstetra, Doutora Magda.

— Apenas Magda, meu bem, sou sua sogra. — *Ah, mas não é mesmo!* — Não desmerecendo o seu médico, mas ele é do MAH? Eu o conheço, gostaria de falar com ele?

— Não, trabalha sozinho e prefiro assim, por favor, não insista.

— Será que poderei ir a próxima consulta com você?

Sei que ela quer apenas participar e mostrar que acredita em mim e isso é muito bom, a essa altura do campeonato depois de tantas porradas estou aceitando qualquer carinho, só que não quero que esteja tão próxima e que saiba dos detalhes da minha gestação. Isso aí não vai rolar.

— Magda, vou mantê-la informada e próxima ao seu neto. O que eu gostaria de pedir, por agora, é que me dê espaço. Tudo o que aconteceu foi muito traumático e não estou pronta para estreitar os nossos laços, criar uma intimidade e essas coisas. Vamos esperar o meu filho nascer e então começaremos engatinhando.

— Não vou mentir e dizer: “*Adorei a ideia*”. Mas vou aceitar em sinal de paz, desejo acabar com essa situação e sonho com o dia em que vocês dois resolvam os desentendimentos e sejam uma família feliz como os dois merecem.

— Vou te acompanhar até a porta.

Não quero ser mal-educada com ela, afinal, Magda nunca me fez nada, mas preciso de tempo e espaço para aceitá-los e eles precisam entender que Lorenzo jamais fará parte da minha vida em nenhum aspecto.

O momento mais constrangedor de todos foi quando, antes de entrar no elevador, ela abaixou-se diante de mim e beijou minha barriga. Quase implorei que levantasse, a cena deixou-me desconcertada e muito emotiva, precisei de uma puta concentração para não cair em lágrimas.

— Como soube onde eu estava?

— Sarah.

— Imaginei, no entanto, foi bom.

— Foi sim, Dora. — *Elegantemente arrumando os cabelos atrás das orelhas ela diz:* — Espero que um dia entenda a importância deste bebê para toda a minha família. De todos os meus filhos, Lorenzo é o mais afável. Ele não sabe que estou aqui e provavelmente nunca saberá, há semanas não nos falamos e mesmo longe sinto a sua dor na minha carne.

— Magda...

— Por favor, deixe-me terminar. Sei que ele errou mais do que se poderia prever. Só peço que... — *juntando as duas mãos ao nariz,*

como se estivesse em oração, ela continua. — Julgue, mas só o condene quando ouvir o que ele realmente sente sem que a mágoa fale por ele. Às vezes a voz da dor é mais alta que a de nós mesmos e a nossa defesa e o ataque. Lorenzo é um menino dentro da armadura de um guerreiro.

— Adeus, Magda.

— Até breve.

Passei o resto da semana com as palavras de Magda martelando em minha cabeça. Conversei muito com Pedro e ele insiste em dizer que o psicológico de um homem incapaz de gerar filhos fica muito inferiorizado e o assunto torna-se extremamente delicado. Mesmo com as nossas várias conversas, em momento algum ele diz que devo perdoá-lo e sim que devo ignorar as palavras horríveis que Lorenzo me disse durante a nossa briga. Talles é mais fogo na roupa como eu e já disse que se eu perdoar o Lorenzo, ele vai dar na minha cara. Claro que ele não fará isso, mas foi engraçado vê-lo todo putinho por mim.

Amo esses dois.

Vinte e Um

Por Magda

A barriga dela já está bem avantajada, maior do que eu esperava, com certeza. Se meu filho colocasse os olhos sobre ela hoje, sem sobra de dúvida, cairia de amores e se renderia a verdade que grita aos nossos ouvidos e brilha diante de qualquer pessoa sã... Mas Lorenzo não está são, a dor e a humilhação falam por ele há todo momento. Das poucas vezes que consegui manter um diálogo com meu filho por mais de cinco minutos, é só começar a falar da vida pessoal que ele arranja desculpas para desligar.

— Como foi a visita que fez a Dora hoje? — *Benício pergunta quando percebe minha movimentação pelo quarto, ele faz a barba. Pego meus cremes de mãos antes de responde-lo e começo minha hidratação noturna. Minha família está de pernas para o ar, meu filho definhando em outro estado e meu neto sendo gerado longe dos meus olhos... Mas passar por tudo isso feia e desidratada está fora de questão. Morro, mas morro linda, divina.*

— Foi muito melhor do que a encomenda, meu bem. Cheguei esperando ser destratada ou escorraçada por ela, já que nos mantivemos distantes todo esse tempo e eu disse a Sarah que entendia o lado do Lorenzo, no almoço de dia das mães. Ao contrário do esperado ela me recebeu e conversou comigo sobre o bebê, só não aceitou falar sobre nosso filho. Dora está muito ferida e ressentida com o que ele fez e disse a ela, não são marcas que sairão tão facilmente, nem sei se um dia cicatrizarão. Conversei com

a Sarah sobre a briga dele e pelo que ela me contou foi uma barbaridade, sinto-me envergonhada.

— O que vi no casamento de Leônidas foi o suficiente para uma vida. Papel de moleque irresponsável, em nenhum momento de dignou a olhá-la, socorrer que fosse... Nunca me decepcionei tanto na vida.

— De certa forma entendo o lado dele, demorei a entender, mas hoje vejo as coisas por outra ótica.

— Existe alguma ótica diferente para tudo isso que está acontecendo na nossa família? Eu desconheço.

— Nosso filho está sofrendo, Benício. Você sempre passou a mão na cabeça dele quando criança e agora está assim, inflexível?

— São situações diferente, ele era um garoto e cometia erros de garoto. Hoje ele é um homem e não usou a cabeça antes de agir, nem durante e nem depois dos acontecimentos.

— Ele sempre foi todo coração. Lorenzo é emocional e guardou isso dentro de si por muito tempo, agora as coisas vieram à tona e deu no que deu.

— Ele sempre foi contido, isso sim, só que isso tudo um dia sai e faz estragos... Só temo que esse seja irreparável e que nosso filho passe o resto da vida sofrendo e remoendo coisas que poderiam ter sido.

— Ela ainda o ama e isso é notório. Por mais que queira esconder, ela o ama e sofre ainda mais por isso. Tem algo que precisamos conversar, coisa séria.

— Algum, problema com o bebê?

— Dora está com pré-eclâmpsia. E pelo seu inchaço e tamanho temo que seja bem grave.

— Santo Deus! É bom que esteja passando a gravidez na casa dos amigos médicos, isso me tranquiliza. Uma gestante de risco

morando sozinha seria perigoso.

— Sim, mas mesmo assim fico muito preocupada com ela e com o nosso neto. — A palavra “*neto*” salta em minha mente e percebo o lapso. — Oh, quase me esqueci de contar! É um menino, Benício.

— Menino? Agora teremos um casal, Nina e o filho de Lorenzo. Precisamos contar para ele de alguma forma, talvez assim seu coração amoleça e ele tente uma reaproximação.

— Pensei em ir ao Rio e conversar pessoalmente. O que acha?

— Acho que será muito pior. Lorenzo é arredio quando está em seu modo de defesa, na percepção dele estamos todos do lado dela e contra ele. Não sei mais o que fazer, os meninos já tentaram conversar, eu já tentei e até você... Deu certo? Vai chegar ao Rio e dar com a cara na porta ou acabarão brigando, já está bom de discórdia por uma vida inteira.

— Sei que não, só que nunca irei desistir do meu filho, Benício. Lorenzo foi muito humilhado quando mais jovem e sofreu de várias formas por suas diferenças, para ele isso nunca foi bem resolvido e agora sente-se novamente diminuído. Vou ligar para ele.

Mais uma vez a tentativa de um diálogo sobre Dora e o bebê foram por água abaixo. Lorenzo deixou claro que não queria falar sobre o assunto e quando disse que era um menino ele simplesmente desligou na minha cara e não atendeu mais. Fiquei tão magoada com a sua atitude que enviei um e-mail expondo toda a minha indignação, contando sobre a visita a Dora e sobre as suas condições de saúde. Não houve resposta.

Lembro-me da reação do meu filho ao saber que não poderia ser pai, foi penoso. Ele tinha apenas dezoito anos e acreditávamos que na cabeça de um garoto mal saído de puberdade isso não teria grande impacto, mas sim quando crescesse e decidisse formar uma família. Ao contrário do que pensamos, ele sentiu e sentiu muito o baque da revelação, para ele isso era como uma mutilação em seu futuro, chegou a comparar com ser castrado como um cão. Lorenzo

sempre foi o mais afetuoso dos meus filhos e seria o mais afetado por algo assim. Como mãe, se eu tivesse o poder de escolha, acredito que Bento sofreria menos e saberia lidar melhor com a situação, já que nunca quis ter filhos ou formar família.

Como se já não bastasse todos os problemas da infância e juventude, ainda vem isso para deixá-lo mais resignado com a sua natureza.

Não houve um único dia em que ele chegasse feliz da escola, era sempre uma luta para conseguir tirar dele os acontecimentos, que eram sempre os mesmos. Dos meus três filhos Lorenzo é o mais branco e sempre foi o mais alto, alto demais da conta. Quando alcançou os dois metros ainda era adolescente, comprar sapatos era um martírio, no passado pedíamos a amigos para trazerem do exterior e as camisa? Só de basquete... Motivo dele detestar o esporte até hoje, eu comprava de todos os países, times e cores sem querer saber das torcidas, buscava apenas algo que ficasse bem nele, mas ele ainda sofria com os colegas.

Crianças podem ser cruéis e as diferenças nem sempre foram aceitas pelos coleguinhas de turma. Branco demais, alto demais, cabelos claros demais... até mesmo inteligente demais. O pior foi quando descobriram o seu segredo, o sexto dedo do pé, coisa boba e sem importância. Só que para meninos atentados e loucos para zombar do colega que acertava todas as questões de matemática, era um banquete. Enfim, meu filhotinho sofreu muito e nunca foi capaz de colocar para fora as suas dores, sempre se manteve fechado e a cada dia mais. Teve algumas fases de rebeldia, chegou a ser expulso de uma escola por bater muito em um colega, mesmo com razão, tivemos que repreendê-lo. Nada que o desabonasse realmente.

Tudo que Sarah me contou sobre a noite em que Dora anunciou a gravidez deixou-me profundamente chocada e decepcionada com o meu filho, mas com o tempo fui tentando entender o seu lado, colocar-me em seu lugar e enxergar as coisas pela sua ótica de homem traído, porque para ele é isso que é, um homem enganado e

traído pela mulher que amou. Ah o casamento! Isso foi o golpe de misericórdia e por longas semanas quis matá-lo, mas é meu filho, carne da minha carne, é impossível odiá-lo por muito tempo.

Os dias passam e não consigo falar com Lorenzo novamente, as desculpas são as mesmas, cirurgia, pacientes, reunião e por aí vai. Todas as noites ele responde as minhas mensagens com textos praticamente padronizados: *Também te amo, mãe! Estou bem. Qualquer coisa eu ligo.*

No último domingo Leônidas e Sarah estiveram aqui, ela disse que a irmã está muito cansada e com os pés bem edemaciados. As férias do Pedro me tranquilizam um pouco, mas mesmo assim estou com o coração na mão e um pressentimento escuro atormenta as minhas noites de sono. Deus queira que este bebê venha vendendo saúde.

— Bento, será que você poderia tentar convencê-la em fazer alguns exames no nosso hospital? Eu ficaria mais tranquila.

— Mãe, estou constantemente em contato com o obstetra da Dora e não há nada de diferente que possamos fazer. Quanto mais tempo os bebês ficarem dentro a barriga, melhor. Vamos aguardar e observar.

— Os bebês? — *Pergunto assustada.*

— Hum? — *Ele devolve a pergunta e cruza os braços diante do corpo.* — Não... Digo os “bebês” no geral. Os bebês ficam melhores dentro de suas mães, entendeu? É uma visão generalizada.

— Entendi.

Essa semana irei pessoalmente ao Espírito Santo, preciso conversar com Antônio e fazê-lo entender que sua filha não é nenhuma promiscua e que acredito plenamente em sua inocência. Tenho conversado com Amita por telefone e sei que ele é mais uma vítima deste grande mal-entendido ou armadilha do destino.

Por Danilo

Finalmente as coisas deram certo para mim, há muito tempo não me sinto tão feliz. Quem diria que o bebê mutante viria para alegrar a minha vida e destruir o relacionamento do papai? Isso foi surpresa até mesmo para mim, imagino para ele. Tão apaixonado, tão apaixonada por aquela horrorosa. E eu que achei que teria que comer aquilo para mostrar a ele que Dora não era mulher de se namorar... não para ele namorar.

Nunca vou me esquecer do desespero dos Malamam quando um simples trote de faculdade acabou por jogar uma grande bomba sobre a família perfeita, que de perfeita não tem e nunca terá nada. O assunto correu rapidamente e logo todos da turma sabiam que o Mutante não poderia ter filhos, todos sabiam, mas ninguém se arriscava a comentar ou transparecer. Com o tempo a turma foi diminuindo, pessoas saindo, gente nova entrando por transferência e assim o tema desapareceu de vez. Que estudante de medicina em sua consciência arranjaria inimizade com a família dona do hospital mais importante de São Paulo?

Quando comecei a trabalhar aqui e a sair com Patrícia ela sempre soltava a rotina dos Malamans para mim, perguntava o porquê do meu interesse, mas contava até mais coisas do que eu gostaria de saber. Vagabunda e safada como é, sempre sabe das fofocas e dos detalhes por trabalhar junto com os chefões. Foi Patrícia quem me disse sobre os vários resultados de exames que chegavam para Lorenzo, também contou sobre um horário que doutora Magda agendou para ele com uma Mãe de Santo... Tinha que ser, oh mulher enxerida, chata, boazinha... Odeio gente boazinha e sorridente.

A oportunidade perfeita apareceu quando Patrícia contou o que havia escutado em uma das conversas de Lorenzo com um médico

que ela não soube dizer quem era, mas pelo visto era um urologista. Talvez fossem amigos ou um médico de família, ela disse que pareciam íntimos.

— Como foram as coisas hoje, gostosa?

— A mesma correria de sempre, mas piorou no final do dia com a visita de um cara gatíssimo ao doutor Lorenzo. — *É muito piranha mesmo.* — MAH tem um enxame de homens gostosos.

— Gatíssimo é?

— Muito, só que deve ser gay, nem ao menos olhou para mim, acredita? Arrumado, cheiroso e com os olhos azuis. Ouvi parte da conversa e fiquei chocada, você não vai acreditar no bafão.

— Pegou o cara pagando um boquete para o Lorenzo? Acostume-se, o mundo está cheio de enrustidos.

— Nãoooo, credo! — *Era bom demais para ser verdade.*

— Então, qual o “bafão”?

— A namorada sebosa dele está grávida e pelo que escutei ele só faltou bater nela. A coisa foi feia. É por isso que ele está destruído assim. Esse tal cara...

— Espera aí. A Dora está grávida e ele não acredita ser dele, claro! Você não conhece o cara que estava com ele? Tem certeza?

— Não, se já tivesse visto aquela delícia eu saberia. Acredito que era médico, já que convidou o doutor Lorenzo a fazer novos exames com ele, mas não tinha nenhuma outra evidência.

— Escutou a conversa toda?

— Claro, escutei o máximo que deu. O cara era estéril e de repente ouço que a namorada dele está grávida. O que queria? Minha curiosidade gritou e parei como quem não quer nada ao lado da porta dele.

— Já contou para alguém o que sabe sobre ele?

— Não, só conto para você porque é neurótico com ele e me enche de presentinhos. Sou uma boa menina quando estou feliz. — *Tenta seduzir-me fazendo biquinho.*

— Pede logo, Patrícia. Sei muito bem que as suas informações são caras e nunca dá ponto sem nó.

— Quero um iPhone igual ao que vejo com as médicas. Essa porcaria que tenho já deu o que tinha que dá.

— Se você fizer um servicinho simples para mim, eu te darei isso e pago para colocar as próteses nos seios que tanto fala.

— Oba!!!! — *Bate as mãos feito criança feliz.* — Eu faço, é só dizer que eu faço. Nem acredito, acho que vou surtar.

— Tenho certeza que depois dessa o Mutante vai querer tirar a prova dos nove, dar uma chance para um milagre ou coisa assim. Se ele fizer, vai mandar entregar em mãos como fez antes, só que dessa vez o resultado deve ser diferente, já que a Sra. Mutante ficou prenha e terá um Mutantezinho bastardo. Quero que troque os resultados dos exames antes de entregar a ele, lembre-se de guardar os verdadeiros, quero vê-los.

— O que você ganha com isso, Danillo? Não entendo essa sua fixação por ele. Isso só pode ser inveja, ou paixão.

— Não precisa entender, só precisa cair de boca no meu pau agora, já falamos demais.

Previsível como só ele, Lorenzo fez os exames no laboratório do hospital e pediu que entregassem diretamente no consultório dele. O procedimento de praxe é Patrícia receber tudo e repassar para os médicos com todo sigilo que a sua função exige, só não perceberam que ela não é a pessoa mais indicada para o cargo.

Conseguir o papel timbrado e base de resultados foi simples, encontrar os antigos resultados de Lorenzo no sistema mais fácil ainda. Minha superior, Dra. Magda, mantém suas senhas devidamente anotadas em uma das agendas no seu consultório e

como trabalhamos em horários alternados, sei quando ela não está. De posse da senha de uma das donas do hospital consegui entrar no servidor e acessar os resultados e assim imprimir um novo com datas alteradas.

— Eu sou um gênio. Lindo, gostoso, versátil e um gênio. Só falta a lâmpada.

Precisei repetir tudo mais duas vezes, acho que o Mutante queria tirar o melhor de três, mas não vai rolar. A cereja do bolo foi a partida dele para o Rio com a desculpa de instalar a nova unidade do MAH. Conversa para boi dormir.

— Hum... acho que vou pedir transferência para respirar ares cariocas. Quem sabe não rola uma aproximação?

Dirijo até a sauna enquanto reflito sobre os acontecimentos dos últimos meses, acontecimentos estes que só me agradaram. Se bem que... tomar a mulher dele com o filho na barriga seria ainda mais prazeroso, quase tão prazeroso quanto ser tomado por ele. Ah sim! Isso seria perfeito, mais que perfeito, seria estupendo. Só de pensar que cheguei tão perto já fico excitado com a menção em tê-lo dentro de mim.

— Poderíamos fazer um trio, eu como a Dora enquanto ele soca em mim... Seria a perfeição na terra.

Frequento uma sauna próxima no Centro todas as quintas-feiras, mesmo tendo uma muito conhecida e movimentada próximo ao hospital, prefiro algo mais distante e que mantenha a minha privacidade. Poucas pessoas no trabalho sabem que tenho outras preferências sexuais e gosto de manter assim, lá sou o Dr. Danillo, pegador e comedor, aqui sou o Dan totalmente passivo e aberto a novas ideias.

Gosto de sair com mulheres, sinto prazer, a dominação é muito provocante e isso não me deixa largar esse lado, porém lá falta algo que só tenho aqui. Sair com homens me dá o oposto, aqui gosto de ser dominado e arrebatado por um macho grande e forte, louco para

me comer inteiro, sexo sem marcas não é sexo, gosto de tapas, mordidas e chupões. Quando estou debaixo de outro homem sinto-me saciado. As mulheres são mais para autoafirmação e é claro para fazer uma social.

Não é barato, mas é extremamente organizado e limpo. Claro que, como em toda sauna, tem os boys e isso é legal até certo ponto, algumas pessoas vem e não se importam em pagar por sexo, eu venho aqui para ser paquerado e caçado. Sei que sou muito bonito e invisto na minha beleza, sei que chamo a atenção e aqui é local para paquerar e ser paquerado. Ninguém vem uma sauna gay para fazer amigos, e sim para gozar.

No primeiro piso há um bar, banheiros e a sala de massoterapia, o andar de cima é tomado por cabines coletivas e privativas. Normalmente começo com as coletivas e quando escolho o cara vamos para o privado, dependendo levamos mais alguém para animar as coisas. Hoje escolhi um negão “*tipo exportação*”, coisa de deixar qualquer passivo com o cu piscando, louco para ser arrombado. Escolhemos uma das cabines e já cheguei caindo de boca na anaconda de ébano bem cabeçuda sabor chocolate 70%.

O nome dele é Túlio e consegue ser mais alto do que eu e quase do tamanho de Lorenzo. É musculoso e naturalmente definido, acredito que seja trabalhador braçal ou coisa assim, vejo nos detalhes que não deve ser grande coisa, sua mão é tomada por calos, não é nada refinado. A cor é homogenia e sólida, parece um jogador de baquete da liga americana, até mesmo a cabeça do seu pênis é negra, robusta como um cogumelo. Quanto mais eu chupo e brinco com as bolas, mais duro e lustroso ele fica dentro da minha boca, meus cabelos estão quase chegando ao pescoço e Túlio usa isso para guiar o ritmo e a profundidade, sei que está no limite e não quer se render.

— Fica de quatro.

Ajoelho-me sobre o banco de concreto com as penas separadas e os cotovelos apoiados na parede, ele pega o gel lubrificante

disponível em suportes nas paredes e um preservativo. Sem nenhuma preparação ou pelo menos uma lambida sou penetrado, mas ele é lento, tendo consciência do seu tamanho exagerado. Gosto da firmeza, das mãos grosseiras e do cheiro que seu suor exala, cheiro de macho com tesão louco para se aliviar.

— Oh que delícia! Calma, vai com calma.

Em estado de graça, por vários momentos fecho os olhos e imagino Lorenzo investindo atrás de mim como um louco sedento por prazer, quando dentes predem a pele do meu ombro imagino os dele e aqueles olhos maravilhosos devorando-me, as mãos possessivas sobre todo o meu corpo.

Oh sim, Lorenzo. Me come, Lorenzo!!! Eu sei que em breve será você... só preciso de uma chance.

É sempre assim. Meu corpo clama pelo prazer e quando termina, meu cérebro não aceita, a consciência repudia e o subconsciente começa uma guerra interna infernal com crises auto recriminatórias e uma flagelação desenfreada em minha alma. Sinto-me culpado por ceder aos desejos e ainda mais culpado por não me aceitar completamente como sou. Como pode um homem de 36 anos, independente, médico, tendo uma ótima condição financeira, precisar esconder sua condição ou preferências?! Esse discurso é velho e não funciona tão bem como na prática. Por mais que eu repita, jamais acreditarei nele, minha família nunca aceitaria e a sociedade é cruel.

A quem eu quero enganar? Gosto, gosto de ser assim, adoro ser cobiçado por homens e mulheres, amo ser objeto de desejo de ambos os lados, só não gosto da sensação de culpa quando termino de saciar meu corpo, sinto-me como um viciado que acabou de dar mais um trago. Não estou errado, sou dono das minhas vontades e a maior delas é ter Lorenzo Malamam todo para mim, dentro de mim, sobre mim... Quero esse homem se derramando na minha boca e mandando eu chupar gostoso.

— Oh! Maldito Mutante, maldita fixação por esse homem. Acho que eu até assumiria se ele quisesse. Seríamos perfeitos juntos, só falta descartar a prole indesejada e a cadela prenha. Se ele não voltar eu peço transferência e vou lutar pelo que mereço.

Vinte e Dois

Por Dora

19 de Setembro – sexta-feira

Tem algo errado comigo, meu corpo está diferente dos outros dias. Por mais que as sensações na gestação sejam muito misturadas e complexas, sabemos quando uma delas é negativa e não corriqueira. Definitivamente isso é muito negativo, alarmante.

Acordo no meio da madrugada com um forte enjoo, é como se eu tivesse escovado bem fundo na língua com uma pasta de dente sabor “*peixe podre*”. Dor, muita dor erradia pelo meu crânio. As coisas estão fora de esquadro, a janela parece mover-se para longe e vejo pontinhos luminosos no ar, vagalumes psicodélicos. Não estou bem, preciso de ajuda. A secura em minha garganta bloqueia o som, esforço-me ao máximo para chamar por ajuda.

— Talles!!!! — *Grito, ainda deitada na cama, mas não é alto o suficiente. O céu está escuro, meu relógio marca 4:26h da manhã.*
— TALLEES!!!

A dor em minha cabeça triplica. Ouço passos apresados e de repente o branco das lâmpadas alveja o ambiente trazendo uma dor concentrada infernal que lateja no fundo da minha cabeça e não contendo o vômito.

— Dora! Olha para mim, você precisa se manter consciente. Está me ouvindo?

— Preciso de ajuda. — *Respondo em um fio de voz, tento limpar o líquido amargo que banha meu colo e braços. Talles senta-se ao meu lado sem demonstrar nojo ou repulsa com a cena grotesca. Não vejo em que momento Pedro começa a passar um pano úmido sobre mim e retirar as cobertas sujas e a camisola. Logo sou coberta por um hobby masculino para comportar a barriga, que já está grande.*

— Nós sabemos. Vamos levá-la ao pronto-socorro imediatamente. Diga-me o que sente, preciso saber como ajudá-la da melhor forma.

Aos poucos, conto tudo que senti e ainda sinto, minha visão está embaçada e um zumbido horrendo se instaurou em meus ouvidos. Enquanto Talles ouvi meus relatos, Pedro organiza a documentação, uma pequena mala feita às pressas e a bolsa dos nenéns que já estava quase pronta não é esquecida.

— Vamos, minha Pin Up grávida. Precisamos garantir que vocês fiquem bem.

Em poucos minutos estamos dentro do pronto-socorro mais próximo ao apartamento dos meninos, sou imediatamente atendida, meu médico é acionado e me identificam como gestante de risco. Meu estado muda de atenção para pânico quando sinto um líquido quente molhar a cama onde estou deitada, sei exatamente o que isso significa. O obstetra de plantão é extremamente atencioso, sou examinada e deixada com uma enfermeira enquanto uma junta médica avalia o meu caso e parece aguardar por algo que acredito ser meu ginecologista.

Depois de fazer uma ultrassonografia e outros exames, sou apresentada a seis médicos e para a minha surpresa, Bento é um deles. Doutor Marcelo, meu obstetra, que acabou de chagar, faz as apresentações. Agora entendo o que eles esperavam, um Malamam não é qualquer médico.

— Acredito que eu não precise apresentar o doutor Bento Malamam, além de ser um velho conhecido seu, é muito experiente

em gestação de risco. — *Vira-se para uma mulher morena de aparentemente cinquenta anos.* — Está é Alice, ela é pediatra, e plantonista aqui. Este é João Claudio, ele é cardiologista. O Talles você já conhece, ele será o seu anestesista. — *Meu amigo sorri passando-me um pouco mais de tranquilidade e em seguida sou apresentada a mais dois médicos, outro pediatra e um terceiro obstetra, este já com idade avançada.*

— Por que tantos médicos? Há algo de errado comigo ou com os bebês? — *Estou muito apreensiva com a resposta.*

— Você está grávida de gêmeos, precisamos de mais mão. O cardiologista é necessário, desde que a sua pressão está um pouco elevada, mas já estamos cuidando disso. Seu cunhado, e meu amigo, fez questão de estar presente e é muito bem-vindo com a sua formação. — *“Pressão um pouco elevada”. Porque será que essa informação parece está sendo amenizada.*

— Ele não é meu cunhado.

— Verdade, sou seu concunhado, desde que sua irmã é casada com o meu irmão. — *Bento pisca para mim e não posso deixar de sorrir com a sua cara de quem não presta. Escolhi o irmão errado, só pode.*

Começo a sentir contrações e logo constata-se que o meu menino está encaixado e minha dilatação é incrivelmente adiantada, será parto normal. Sinto fortes dores, não há com o que comparar, nem mesmo a crise de cálculo renal que tive aos dezoito anos chega perto disso. Todos estão atentos a mim e Bento se faz fundamental, se eu soubesse...

Palavras de encorajamento vindas de Bento, cafuné e afagos dados por Talles, não sei se alguma mulher já foi tão bem tratada por tantos homens na hora de dar à luz. Como um flash a imagem de Lorenzo vem a minha mente e tudo que eu queria era que ele entrasse por aquela porta. Chego a pensar que colocaria uma pedra sobre o passado, coisa muito difícil vindo de mim.

Meu garotinho nasce em silêncio, seu choro não ecoa pela sala e coloco-me em estado de desespero.

— Talles? Ele está vivo? Por que ele não chora? — *A tensão é palpável. Talles apenas beija a minha testa e pede calma. Isso é impossível, não consigo ter calma vendo meu filho entregue para a pediatra visivelmente tensa.*

Ela começa a aspirar as narinas do grãozinho de areia em suas mãos, meu grão de areia. Não sou capaz de atentar-me aos outros médicos ou profissionais que cuidam de mim enquanto busco meu filho com os olhos, nem ao menos lembrando-me que ainda tenho outro para colocar no mundo.

De repente tudo ganha luz, um choro, ainda baixo, inunda meus ouvidos e mesmo com a pediatra correndo com ele as pressas para outra sala, sei que meu filho está vivo e agora preciso confiar em Deus e nos médicos que nos assistem.

— Amiga, ele vai ficar bem. Logo o veremos, mas agora você precisa trazer meu outro afilhado ao mundo. Deixa que a pediatra fará o melhor para ele.

— Eu sei, mas dói demais vê-lo tão pequeno.

Os minutos se passam e não tenho novas contrações, é como se o meu corpo findasse o trabalho de parto por ali, como se não quisesse mais parir. Os médicos conversam e confabulam entre si, vejo Bento dar o parecer final e meu médico concordar. Já não sei quanto há tempo estamos aqui, a situação deixa meu relógio biológico em frangalhos e já não sei se passaram-se horas ou minutos. Talles é chamado por Bento em um canto, mas logo retorna com uma expressão um pouco mais calma ou com uma calma mais verdadeira do que a anterior.

— O que está acontecendo? Por favor não me deixem no escuro. É algo com o meu bebê? Preciso saber.

— Calma amiga, está tudo bem os dois.

— Então o que está acontecendo comigo? Por não sinto contrações? Vamos fazer uma cesariana?

— Dora, olhe para mim e acalme-se. — *Bento entra em seu “modo trabalho”, que é completamente diferente do homem brincalhão e risonho que eu conheço.* — Como você já sabe, sua gravidez é de gêmeos bi vitelinos, ou seja, estão em placentas e bolsas diferente.

— E o que isso muda? Parto é sempre parto. Colocar a criança para fora e pronto, não éh?

— Muda que, um não precisa que o outro esteja dentro da barriga para continuar. Significa que quando uma bolsa estoura, a outra pode permanecer intacta, como agora. Seu corpo voltou ao normal e nada indica que entrará em trabalho de parto novamente, acredito que isso demore algumas horas, dias, semanas e até mesmo meses. Não tem como prever.

— Não posso acreditar nisso...

— Claro que isso não é comum, mas no seu caso é ótimo. Você está com 23 semanas de gestação e isso é muito cedo. — *Balanço a cabeça e limpo as lágrimas ao lembrar do meu menininho que está brigando pela vida.* — Quanto mais tempo o segundo bebê ficar dentro de você, melhor será. Então vamos mantê-lo.

— Dentro de mim?

Céus! Como assim, mantê-lo? Meus gêmeos nascerão em datas diferentes.

— Parece estranho, eu sei. Só que isso é uma forma de deixá-lo seguro e com mais condições de vida. Não há lugar melhor para um bebê de 23 semanas que dentro do útero da sua mãe. Você ficará internada, eu sugiro que no MAH, mas pode ser aqui também, até que entre novamente em trabalho de parto e estejamos preparados para receber o outro bebê quando ele quiser sair e conhecer o tio lindo que tem. — *Bobo.*

— Eu prefiro ficar aqui.

— Não decida pela minha família, Dora. Precisamos pensar no seu bebê. Mas vamos deixar para conversar no quarto, você precisa descansar.

— Quero ver o meu filho. — *Falo um pouco desesperada.*

— E verá, quando estiver recuperada. Ordens médicas, aqui não sou seu... concunhado. Sou o obstetra especializado em gestação de alto risco. Prazer!

Já no quarto pude tomar um banho quente, com ajuda de uma enfermeira e descansar por um tempo. Pergunto ininterruptamente para Talles sobre o meu filho e ele só diz: *Ele está sendo bem cuidado*. Sei que está, mas preciso vê-lo agora, quero saber os detalhes e conversar com a pediatra, mil coisas passam pela minha cabeça. As chances de um prematuro tão novo sobreviver são baixas e isso está me matando pouco a pouco. Uma enfermeira entra no quarto sorridente e troca o meu soro, antes mesmo que eu possa identificar a medicação descrita no rótulo já estou dormindo.

Sinto dedos delicados acariciando meu pulso, uma voz baixa masculina diz algo e por um momento penso ser Lorenzo, meus pensamentos caem por terra quando começo a retomar a minha consciência.

— Ela está dopada? — *Reconheço a voz de Sarah.*

— Sim, foi preciso. A pressão dela ainda está oscilando e não podemos correr o risco de ela entrar em trabalho de parto novamente ou ter crises convulsivas.

— Ainda estou em choque com isso. Como vocês puderam esconder isso, principalmente de mim, sou irmã dela. Meu Deus!

— Dora não quis correr o risco de você contar para Leônidas e ele contar para mais alguém. É direito dela e eu entendo. Você deve apenas aceitar, assim como todos nós.

— E por que você sabe e eu não?

— Sou médico, Sarah. Soube no dia do seu casamento quando ela passou mal, Pedro e Talles ficaram muito preocupados e acabaram me contando para que eu a examinasse melhor. Prometi a ela que jamais contaria isso a ninguém e assim o fiz até agora.

— Leônidas poderia ter vindo comigo e ficaria sabendo de qualquer forma.

— Poderia, mas não veio. Vamos manter assim, ela conta quando quiser. — *Continuo com os olhos fechados, em parte por eles estarem pesados, por outro lado quero saber se estão me escondendo algo sobre o meu bebê.*

— Tudo bem. Como está o meu sobrinho? Acha que ele tem chances de sobreviver? Seja sincero, Bento.

— Ele tem chances, sempre há chances, mas não são favoráveis. Alguns RN nestas condições levam sequelas para a vida toda como: cegueira, problemas neurológicos ou motores. Ou pode simplesmente não ter problema algum, a medicina é muito incerta.

Essas palavras cortam o meu coração.

— Meu Deus! Minha irmã não merecia passar por isso tudo. Ficar dentro da barriga depois de um parto não pode fazer mal ao outro bebê?

— Faria mais mal, estar aqui fora. A barriga é o lugar dele.

Depois de ouvir as palavras de Bento, volto a dormi.

Vinte e Três

Por Dora

Acordo no mais absoluto silêncio, as persianas brancas estão semiabertas e percebo que ainda é dia, indo pela intensidade do sol, talvez seja tarde. Não sei por quanto tempo dormi, porém, sinto-me ainda cansada, esgotada com o trabalho de parto realizado há pouco. Por mais que a estafa seja grande e o meu emocional esteja em pandemônios, meu corpo não dói, estou bem.

Acaricio meu ventre que parece menor do que antes, mas ainda está volumoso e firme, mesmo sabendo que há um bebê dentro de mim sinto-me vazia, não é o mesmo de antes. O som de uma descarga chama a minha atenção e percebo não estar realmente sozinha. Pedro sai por uma porta à esquerda, onde acredito ser o banheiro.

— Que bom, você acordou. Sente alguma coisa? — *Aproxima-se de mim com o semblante amistoso de sempre. Segura minhas mãos sobre a barriga e brinca, beijando a pontinha do meu nariz.*

— Não sei bem, acho que... Quando poderei vê-lo? Eu preciso olhar para ele, tocá-lo.

— Sei que precisa, mas precisaremos aguardar a liberação do seu médico. Ao que me parece você está de repouso absoluto até que o meu outro afilhado resolva sair daí de dentro e dar o ar da graça. Coisa que rezo para só acontecer daqui há quinze semanas.

— Isso é surreal demais para a minha cabeça de abóbora. A situação toda é extraordinária, nem sei como expressar. — *Um flash acende em minha mente e lembro-me que minha família não está a par disso tudo.* — Ouvi a voz de Sarah. Alguém avisou aos meus pais e a Safira?

— Nós avisamos ao Bento e a Sarah e eles avisaram a todos. — *Todos... Quem diacho seriam todos?*

— Todos? Isso engloba...?

— Seus pais, alguns amigos do hospital... — *Aceno positivamente com a cabeça e fixo meu olhar no teto, ficar deitada é uma porcaria.* — Não pense muito sobre isso agora, querida. Neste momento o importante são os seus filhos e a sua saúde. Nada mais tem valor. Estamos aqui para o que precisar e sempre estaremos, para você e para eles.

— Não vou aguentar ficar aqui sem notícias do meu filho, preciso saber como ele está. Pedro, por favor! Chame o Bento, a pediatra ou o meu obstetra. Alguém aqui tem que entender a minha aflição.

— A pediatra vira logo, logo. Bento está com os outros médicos em uma reunião para definir o próximo passo, virá em breve. Dora, se a sua pressão subir o bebê irá nascer e ao invés de um, teremos dois prematuros em uma UTI. Amiga, sejamos realistas, isso não é o que você deseja, não é?

Permaneço deitada por algum tempo até que a pediatra chega para conversar comigo e esclarecer o quadro clínico do meu filho. Segundo ela, o estado dele é grave, porém estável, ele não está apresentando piora e isso já é muito bom. É claro que existem os agravantes, como a maturação dos pulmões, intestino, sistema nervoso e imunológico, mas isso está sendo acompanhado de perto pelos médicos e enfermeiros.

— Ele nasceu com 29 centímetros e pesa 618 gramas. A luta não será simples, mas faremos o nosso melhor. Preciso que confie em

mim, estou empenhada para o tratamento dele e não vou abandoná-lo.

— Quais são as chances? Seja realista, trabalho há anos em hospital e não sou leiga, diga a verdade total. — *É impossível conter a emoção em minha voz, as lágrimas acumulam-se em minhas pálpebras.*

— As chances de um RN nascido de 23 semanas sobreviver são de... 15 a 45%, depende de inúmeros fatores. Precisamos acreditar.

— Eu acredito... preciso acreditar.

— Vou levá-la para vê-lo por alguns minutos, mas precisa estar preparada para o que vem pela frente. A visão não será das mais agradáveis, ele precisa de ventilação mecânica e outros aparelhos para manter-se monitorado. Isso é normal, considerando as circunstâncias.

— Eu... eu sei, eu sei. Só deixe-me ficar com ele, meu filho precisa de mim. Tenho certeza que sentirá que estou lá e isso vai ajudar a nós dois.

— Neste momento, o bebê que está dentro de você precisa mais. Então vamos tentar segurar as emoções e a euforia para que a sua pressão não se altere novamente, ok? Prometi aos seus médicos que estaria de olho em você e serei escalpelada se você não retornar sã e salva.

— Sim, ok! Estou pronta.

Sou levada de cadeira de rodas por um enfermeiro até a Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal. Meu pequeno está na última incubadora e cercado por diversos aparelhos e monitores, é quase um filme de ficção científica onde criam bebês em laboratório. A imagem é angustiante. Muitos sons, luzes de cores variadas, algumas mães com seus filhos nos braços e outras apenas sentadas observando. Aqui não é permitida a entrada de qualquer pessoa e a rigidez com limpeza das mãos impressiona.

Reconheço a toquinha vermelha foi dada por Sarah, fora isso não há mais roupas, ele veste apenas uma fralda RN que mesmo dobrada chega ao meio do seu tronco. Em cada pezinho brilha um sensor com funções distintas. Os computadores recebem as informações e repassam de forma detalhada nas belas telas de luz azul. O que antes para mim era trabalho, agora é tortura. Saindo da lateral do corpo, próximo a sua mãozinha fina e enrugada, há uma sonda e três outros fios colados em partes diferentes do peito, pulsões administram medicamentos nos braços e pernas... Ele está entubado.

Observo seus pés com curiosidade, conto cada micro dedinho lentamente, pés e mãos. Seis dedos, assim como o pai ele tem, seis dedos nos pés e cinco dedos nas mãos. Por um breve momento penso que essa seria uma boa oportunidade de esfregar a verdade na cara do Lorenzo, mas não irei expor o meu filho dessa forma. Este homem sofrerá a pior das punições: o remorso.

— Meu anjo amado, você não merece passar por isso. Me perdoa... não era para ser assim.

Sou autorizada a colocar as mãos dentro da incubadora e toco sua pele fina e delicada, ele ainda não tem uma cor definida, sua pele é quase transparente. Os movimentos rápidos de vai e vem da sua barriguinha deixam-me mais tranquila, sei que ele está respirando e isso já é um milagre. Preciso acreditar que ele vai conseguir e rezar para que consiga, não vivo mais sem os meus filhos, vivo por eles.

Grandes mãos acariciam meus braços, estou sentada na cadeira de rodas e vejo quando alguém se ajoelha ao meu lado, mas meu choro incessante não permite que eu identifique quem é. Fecho os olhos, encosto a testa no acrílico transparente tentando ficar o mais próximo possível dele, quero-o em meus braços para que nada possa machucá-lo.

— Sei que é impossível, mas preciso que se acalme. Sua situação é delicada, Dora.

— Bento... Eu não consigo... Estou tentando.

— Estou aqui para ajudar, não me afaste. Se não por você, pelos meus sobrinhos.

— Na ultra... eu não soube que ele tinha seis dedos. Não acho isso relevante no momento, mas achei que seria possível ver.

— Dependendo do caso, o médico pode optar por não passar essa informação para a gestante. Não vale a pena perturbar o emocional da mãe por algo que ela não poderá mudar, algumas coisas deixamos para resolver aqui fora. Você ainda não fez a morfológica, por isso não foi diagnosticado previamente.

Tomo uma decisão que não era exatamente o que eu tinha em mente, mas diante do sofrimento do meu filho, não posso pensar em mim, nenhuma mãe pensaria. Infelizmente não sei o que o futuro me reserva e de forma alguma serei eu a tirar a chance do meu pequeno de receber todo amor que ele merece. Mesmo que me rasgue por dentro, sofro eu, não ele.

— Quero falar com ele.

Quando me viro e limpo os olhos, vejo a confusão estampada em seu rosto. Não desvio o olhar das piscinas azuis congeladas há poucos centímetros de mim. Bento sabe do que estou falando, mas não consegue acreditar.

— Com ele... Quem?

— Quero falar com Lorenzo. Será a minha última tentativa.

— Dora, não sei se isso é bom para você agora. Sabe que precisa se manter estável. Eu mesmo falarei com Lorenzo, prometo.

— Quero falar com ele agora. Posso usar o seu celular? — *Sou firme.*

— Sua pressão...

— Será a minha única tentativa. É meu dever contar a ele sobre o nascimento do filho. Não por ele, mas pelo meu bebê. Se meus

filhos não têm voz, gritarei por eles e gritarei alto.

— Temo que se decepcione. Não estou tentando evitar o inevitável, só preciso que se lembre, sou responsável por vocês. — *Derramo determinação pelos olhos.* — Tudo bem, mas vamos fazer alguns exames e depois iremos para o seu quarto, assim terei tudo a mão, caso precise. Você ainda precisa almoçar.

Depois de passar por uma série de exames, vamos para a sala de ultrassonografia para verificar como está meu outro filho e as condições do meu útero e placenta. Bento e doutor Marcelo fazem os exames, os dois estão trabalhando muito bem juntos. Nunca tive nenhuma proximidade com ele, mas a imagem de garotão sacana e mulherengo está totalmente desfeita da minha cabeça, hoje vejo Bento como um homem doce e grandioso.

— Graças a Deus, tudo está bem. A placenta está perfeitamente colada e o bebê em perfeito estado, nem parece que acabou de passar pelo parto do irmão apressadinho. O líquido amniótico encontra-se em volume normal e não temos contrações.

— Será que consigo saber o sexo? Nunca consegui saber o sexo do segundo bebê.

Doutor Marcelo muda o aparelho de lugar na minha barriga a aperta o lado oposto com a mão direita, sinto um movimento leve dentro de mim e Bento começa a sorrir com os olhos vidrados na tela.

— O que é?

— É uma perereca... — *Quem em sã consciência diz isso? Ele sorri e surpreendentemente abaixa-se para beijar a minha barriga.* — O tio não vai deixar ninguém ver essa perereca, mocinha. Você e Nina serão virgens até concluírem a faculdade... Talvez até mais.

Uma mocinha! Um casal, isso é fantástico!

— Verdade? — *Ele confirma antes de beijar novamente a minha barriga.* — Oh meu Deus, estou completamente surpresa, poderia

jurar que eram dois meninos.

— Lorenzo vai adorar a novidade... — *Minha expressão muda completamente. Só de mencionar o nome do asno, meu corpo fica tenso. Ao perceber a mancada, Bento tenta explicar-se.* — Bem... você disse que gostaria de falar com ele, então pensei... pensei que isso seria um dos assuntos.

— Tudo continua como antes, ninguém vai saber que são gêmeos. Ok?

— A essa altura do campeonato será complicado esconder. Sua mãe está vindo para São Paulo, a minha mãe logo chegará para vê-la, meu pai, Leônidas... seus amigos. Isso não será segredo por muito tempo.

— Você tem razão... — *Não tenho muito para onde correr. Só não admito que Lorenzo participe disso, ele não merece tamanha felicidade.* — Exijo o seu sigilo profissional, não admito que este assunto seja repassado para o seu irmão, a não ser por mim. Sei que será impossível esconder da sua família ou da minha quando eles chegarem, mas ele não. Preciso da sua garantia que todos estarão cientes da minha decisão.

Bento e Doutor Marcelo entreolham-se por um tempo e sem nenhum argumento que pudesse me convencer, aceitam meus termos. Voltamos para o quarto e depois de aferir a minha pressão e verificar todos os sinais vitais, ele entrega-me o celular com o nome “Lo” selecionado e sai. Reúno toda a minha coragem e faço o que tem que ser feito, mesmo que ele não mereça.

Não sei porque estou tão nervosa, ele não merece. Só preciso dizer a ele que o nosso filho nasceu e desligar, simples e rasteiro.

— Alô! — *Os segundos param no tempo. Não sei mais como reagir a isto. Sua voz firme e pesada. Nem ao menos sabia a falta que escutar essa voz fazia em mim, a saudade de ouvir o timbre único e incomparável.* — Bento? Está aí, cara?

— Sou eu...

No mesmo instante que reconhece minha voz, ouço algo cair ou quebrar e ele não diz nada, ficamos os dois em silêncio com o som descompassado de nossa respiração ao fundo. Preciso retomar a consciência a concluir o que pretendia fazer antes de escutar o som que tanto ansiei.

— Acho que você ligou para a pessoa errada.

— Nosso filho é um menino. Ele... ele já...

Sou interrompida pela frieza cortante de Lorenzo, o mesmo que conheci no dia da nossa briga.

— Desculpe-me, senhora. Não tenho filhos, sou estéril e não à conheço, nunca conheci. Acredito que tenha ligado para o homem errado.

— Essa é a sua última chance... Quando eu desligar estarei esquecendo totalmente que um dia tocou em mim. Meu filho não terá pai e você perderá qualquer direito sobre ele, não quero nem os deveres. É isso mesmo que deseja? Está abdicando do sangue do seu sangue?

Ligação encerrada.

Leio a frase diversas vezes até que o visor se apague. Meus olhos queimam com lágrimas não derramadas, mas não as derramarei nunca mais, não por ele. Lorenzo não merece uma só gota de mim, não merece meus filhos ou as alegrias que eles serão em minha vida e na vida de todos que nos amam. Hoje morre uma mulher e nasce a mãe, não há mais espaço para outra coisa que não seja ser feliz daqui por diante e lutar pelos meus filhos.

Aproveito o telefone e ligo para Sarah pedindo que traga um livro de nomes, com tudo isso que aconteceu não escolhi nome para os meus filhos. No fundo mesmo, eu tinha a esperança de que o asno recuperasse a sanidade e voltasse para participar de todas as decisões. Mesmo sabendo que fui uma idiota, não me envergonho, eu agi por amor... Agora meu amor virou ódio.

Quando Bento retorna não preciso dizer uma única palavra para que ele entenda o resultado da minha tentativa de contato com seu irmão. Estou constantemente ligada à monitores cardíacos, recebendo soro e medicações variadas, fora a medicação necessária para maturação do pulmão da minha mocinha...

Um casal. Nem se quisesse, Lorenzo teria feito o trabalho tão bem. O Homem que nunca poderia ter filhos fez dois de uma vez, e sem dar-se por satisfeito, fez um casal.

— Vivendo e aprendendo.

Já é noite quando Sarah chega com mamãe, Leônidas e Nina. Recebo beijos e abraços de todos, até mesmo meu cunhado que não via há muito tempo, veio visitar-me. Eu não sabia que meu estado emocional estava tão abalado e necessitado de atenção. Todos os acontecimentos e a gestação complicada foram além do suportável e não podem simplesmente desaparecer de um dia para o outro, até mesmo porque eu ainda estou grávida... É muito estranho dizer isso.

— Minha filha! Como você está se sentindo? Estão te tratando bem, te alimentando?

— Sim mamãe, tudo bem na medida do possível. Sarah já contou a vocês? — Sinto-me envergonhada neste momento, acho que ter escondido os gêmeos não foi a coisa mais correta a fazer, mas agora já é tarde para explicações.

— Sim, meu amor, ela disse. Não sei o que pesar, estou de queixo caído. Nunca vi nada parecido. Imagina! Uma mulher que acabou de parir ainda continuar grávida? Coisa estranha!

— Ih mãe! São Paulo é assim mesmo. — Sarah brinca. Papai sempre dizia que São Paulo era lugar de gente estranha.

— Papai não quer mesmo me ver, não é?

Mamãe senta sobre a ponta da cama e Sarah encosta-se na parede, tenho a sensação de que todos têm algo a dizer e não

sabem por onde começar. Leônidas entrega uma nota de vinte reais para Nina e pergunta se ela não quer comprar besteiras na cantina e os dois saem à francesa. O silêncio ainda se faz presente, não gosto nada disso.

— E então?...

— Dora, papai está aí fora.

Só de imaginá-lo tão próximo já começo a chorar, mamãe afaga minhas pernas sobre o lençol e pede que eu tenha calma, lembrando-me que não devo me emocionar fortemente pelo meu bebê. Ainda não contei que descobri ser uma menina, mas agora simplesmente as palavras ficaram presas e teimam em não sair, apenas as lágrimas constantes caem sem cessar.

— Mana, desse jeito Bento não permitirá que ele entre. Meu cunhado é extremamente profissional e ainda mais com você sendo gestante de alto risco. Ele deixou claro que o senhor Antônio só poderia entrar se a paciente dele estivesse estabilizada.

— Bento é um pé no saco mesmo. — *Limpo o rosto e o nariz com a ponta o lençol, devo estar completamente vermelha e horrorosa. Minha voz sai embargada ao perguntar.* — Mãe, ele quer mesmo me ver?

— Oh meu amor! Ele está tão envergonhado e temeroso que você não o perdoe. Conversamos com os médicos antes de entrar e eles disseram que era melhor não fazer surpresa, mas se sua pressão estivesse baixa ele poderia entrar.

— Quero vê-lo. — *Sim, eu quero vê-lo. Hoje tive a dimensão do amor que sou capaz de carregar, no momento que coloquei os olhos no meu bebê eu soube que não há amor maior. Mesmo com todos os erros e com o sofrimento que passei, meu pai será sempre o meu pai. Não quero mais sofrer e preciso de todo o amor que conseguir receber da minha família.*

Antes de qualquer coisa, doutor Marcelo entra no quarto e conversa comigo para lembrar da necessidade de manter as

emoções controladas e a pressão estável, aferiu meus sinais vitais e ministrou a dose das medicações que estou tomando regularmente.

Todos saíram e logo o homem que amei a vida inteira e sempre foi exemplo de força e honestidade entrou pela porta com o rosto baixo e coberto pela vergonha. Não o culpo, ele é meu pai e aprendi que filhos nunca devem julgar os pais, mas imagino o tamanho do seu constrangimento em perceber o erro em condenar-me.

— Pai.

Palavras não são o seu forte em momentos de emoção, ele é um homem da terra e de pouco estudo, o tipo de pessoa que demonstra o seu amor com gestos e não com palavras. Sem dizer nada, pega a barra da manta que cobre minha barriga e abaixa até as coxas, meu ventre fica evidente sob a fina camisola. Papai curva-se sobre mim e beija o local por um longo tempo e quando torna a ficar de pé a emoção está estampada em cada ruga de seu rosto e salta em seu olhar tristonho.

— Não sou digno, mas vim pedir o seu perdão, minha filha. Eu errei muito com você, mas vim dizer que se aceitar, serei pai e avô dos seus filhos e dou minha vida por vocês.

— Eu te amo tanto meu paizinho...

Todos foram para a casa de Sarah, menos mamãe que será a minha acompanhante por um tempo. Depois do reencontro com meu pai precisei de alguns copos de água e muito autocontrole. Expliquei detalhadamente como foram os meses em que estive grávida, consultas, exames e o fato de estar morando temporariamente com Talles e Pedro. Fiquei sabendo que dona Magda viajou para Domingos Martins, onde meus pais moram, para conversar com o senhor Antônio sobre a minha gravidez e deixar claro que ela e sua família acreditam na minha versão. Papai, surpreendentemente, defendeu Lorenzo e pediu que eu tentasse me colocar no lugar dele, como se isso fosse possível.

Papai é um tanto quanto machista e sustenta a tese de que para um homem deve ser a morte acreditar que foi traído pela mulher. Eu entendo que se ele me amasse jamais acreditaria nessa possibilidade. Ficamos assim e preferimos esquecer o assunto.

Com o adiantar da hora, ninguém pode visitar meu filho, isso ficou para amanhã. Doutor Marcelo prometeu conversar com a pediatra para tentar convencê-la a liberar mamãe e papai para vê-lo, já que só é liberada a entrada de pai e mãe e não avós.

Capítulo Vinte e Quatro

Por Lorenzo

Distraio-me perseguindo o ponteiro do relógio, já completei o ciclo de segundos, minutos e horas diversas vezes.

Eu já sabia que seria um menino, mamãe acabou dizendo isso em seu surto de raiva perante a minha decisão de afastar-me de Dora, esquecê-la. O grande dilema é: *Como esquecer o seu próprio coração? Ele bate dentro de mim constantemente, me lembrando da sua existência e da necessidade que tenho dele... dela. Ela é a outra metade do meu coração que bate fora do peito e sempre baterá, mesmo longe, mesmo tendo me magoado tão profundamente, tão intensamente e da forma mais cruel.*

Em algum lugar da sala meu celular chama incessantemente. Percebo que a ligação termina, mas logo volta a chamar, uma, duas... vinte vezes sem dar paz. Mesmo contra a minha vontade vou até ele, busco o aparelho entre as almofadas do sofá até encontrá-lo por baixo do móvel branco e impessoal. Não é surpresa o nome em destaque na tela, demorou até demais. Ainda estou me perguntando o que ela fazia com o seu celular e porque estavam juntos. Talvez seja melhor nem ao menos compreender, a ideia dele a enxergando como via a irmã deixa-me em alerta.

“Bento”

Só pode ser castigo.

— Me ligando às 3h da manhã. Aconteceu alguma coisa? Espero que seja grave, eu estava dormindo.

— Lo...

— Se for sobre o que eu estou pensando, nem termine. A... Dora já fez o favor de estragar o meu dia, meu fim de semana e até mesmo a década. Entenda, isso não é do meu interesse, não tente esses joguinhos ridículos comigo. Por que emprestou o telefone para ela chegar até a mim?

— Ele tem seis dedos. — *É como um tiro recebido no peito.* — SEU filho tem seis dedos nos pés, assim como você. — *Um segundo, esse foi o tempo necessário para a compreensão tomar conta de mim. Dor, ódio, rancor e mágoa, tudo vindo à tona, enchendo a minha alma em um sopro. Sentimentos imediatamente transformados em... Penitência e... culpa.*

“*Ele tem seis dedos*”. Quatro palavras capazes de dizimar todas as minhas dúvidas. Uma frase que acaba de mudar a minha vida e fazer-me enxergar o tamanho do grave erro cometido por mim e só por mim.

— O que você disse? Por favor, não brinca com isso, Bento. Eu não suporto mais, por favor... Estou no limite. — *Minha voz, onde está? Falar e respirar tornam-se atividades complexas.*

Mantenho o telefone emparelhado à cabeça e com a outra mão apoio-me para conseguir chegar ao sofá, preciso de chão, de segurança. Meus membros inferiores irradiam, começam a perder as forças, não sei mais como prosseguir.

— Irmão? Fala comigo, estou aqui, quero te ajudar. — *Escuto sua voz, mas não assimilo as palavras, minha mente está em total derrocada.* — Lorenzo, fala comigo! — *Grita.* — Sua respiração está me assustando, concentre-se em mim. Porra! Fala comigo, cara.

— Eu não estou bem... Ar...

O que é isso?... Estou em taquicardia, meus lábios estão dormentes, o ar não chega aonde preciso. Obrigo-me a respirar, preciso voltar. Minha vida, meu filho... A voz de Bento soa longe enquanto permaneço hirto ainda com o aparelho junto ao rosto.

— Preciso do telefone de um apart hotel na Barra, Rio de Janeiro... Só um momento que vou confirmar o nome na minha agenda. — *Por alguns segundos escuto e em outros apenas o silêncio lacônico e volta à sua voz.* — Por favor é urgente...

Sei que Bento está buscando ajuda mesmo estando em outro estado, consigo escutar algumas poucas palavras, ainda assim a reação não vem. Minha mente começa a oscilar entre o presente e o passado, a voz do meu irmão já não existe, nada é relevante. A imagem que vejo é tão perfeita que prefiro ficar aqui para sempre.

— Olha como ele é lindo, amor. Nosso pequeno Mutante. Olha como é perfeito, perfeito como você. Vem, chegue mais perto, vem amor... — *Ela começa a se afastar, nuvens escuras tomam conta do cenário e já não sou capaz de vê-la diante dos meus olhos, só ouço sua voz angustiada invocando o meu nome. Sei que precisa de mim, mas não sei como alcançá-la.* — Lorenzo, não nos abandone, olhe para ele, é o nosso filho que fizemos com amor. Lorenzo... Lorenzo, está me ouvindo.

— Dr. Malamam?

Tento fechar os olhos quando uma luz branca penetra em minha pupila, algo aperta meu braço esquerdo como um torniquete, porém macio. Não sei precisar em quanto tempo as coisas vão acontecendo, mas percebo a movimentação à minha volta, mãos sobre mim e uma voz feminina falando calmamente.

— Lorenzo, consegue me ouvir? Pode piscar as pálpebras?

Cinco pares de olhos estão sobre mim, todos em silêncio na expectativa do próximo acontecimento. Examino a sala e identifico dois funcionários do apart, dois socorristas e uma médica. A mulher

chama a minha atenção mais algumas vezes até que consigo retomar totalmente a consciência.

— Eu estou consciente. Sou médico, meus sentidos estão funcionando perfeitamente... Acho que tive...

— Uma crise de pânico. Seu estado geral é bom, mas preciso saber o que desencadeou a crise. Por sorte seu irmão entrou em contato com a recepção do apart e fomos acionados. O gerente...

Assusto-me com a menção a Bento, o teor da nossa conversa salta em meus pensamentos e, imediatamente, tento ficar de pé enquanto a médica fala. Busco visualmente meu telefone.

— Meu celular, preciso dele. Onde está o meu telefone? — *Ninguém responde, a mulher tenta me acalmar.* — RESPONDAM!

— Acalme-se, o senhor está exaltado. Sente aqui a vamos conversar sobre o que aconteceu antes de você ficar tão alterado. Foi uma ligação?

— Olha... — *Esfrego os cabelos e afasto um dos enfermeiros que tenta forçar meus ombros para baixo. Não quero deitar. Quero o meu celular, droga!* — Como eu disse, sou médico. Conheço o meu corpo e saberia se não estivesse bem. Quero que saiam do meu apartamento, exijo que me deixem sozinho e devolvam o meu aparelho de telefone. Agora!

Já sozinho, tento controlar minhas emoções e ligo para Bento. O celular marca 5:40h, tenho certeza que ele espera pela minha ligação. Bloqueio todas as emoções e concentro-me em entender. Preciso entender.

— Oi!

— O que aconteceu? Ela fez algum exame e conseguiram ver os dedinhos dele, ãh... Eles estão bem? Como você tem tanta certeza disso?... Ela nunca vai me perdoar.

— Cala a boca, Lorenzo.

— Cara, eu sei que... Nossa Senhora! Nem sei na verdade, mas vou concertar tudo. Preciso concertar. — *Um turbilhão de coisas faz redemoinho com a minha sanidade.* — Acha que ela deixará chegar perto e acompanhar a gravidez?

— Cala a boca e me escuta. — *Bento não é um homem de explosões, meu irmão é mais maleável e sempre encontra uma forma de colocar humor na vida. Nesse ponto ele é muito parecido com a Dora, minha Dora. Céus, ela deve estar me odiando. Mas agora sinto-o diferente, aborrecido, quase com raiva de mim.* — Seu filho nasceu, aconteceu nas primeiras horas da manhã de ontem.

— Você não pode estar falando sério. Isso é para me castigar? É cedo demais... Bento, ele é extremamente prematuro. Não, não pode.

— Isso não é tudo. — *Ele respira fundo e continua.* — Acho melhor você vir, se tiver alguma... intenção de conhecê-lo.

Todas as possibilidades começam a povoar minha mente, são tantas chances e nenhuma certeza. Acabo de saber que fui o pior homem que uma mulher poderia ter, saber que sou pai. Deus eu sou pai! Tem algo de muito ruim na voz de Bento, não é só a reprovação às minhas atitudes. Meu filho não está bem e eu, no fundo, sei que é cedo demais para ele.

Talvez seja tarde demais para mim.

Escuto em silêncio meu irmão assumir a postura de médico e explicar detalhes da saúde de Dora. Ouvi-lo dizer os riscos que correu e tudo que passou sem mim é ainda mais devastador. Contou-me do parto e das condições clínicas dela e do nosso filho, a todo momento ele foi frio e impessoal, nada parecido com o moleque que conheço há 32 anos. A única coisa que consegui fazer foi chorar, me sentar junto a parede mais próxima que encontrei e deixar a dor manar em forma líquida pelos meus olhos. Tudo em volta está embaçado, não tenho foco, meu único sentido funcionando é a audição, estou atento a todos os detalhes relatados por Bento.

— Como disse, recomendo que venha. Mesmo que não seja bem-vindo, esteja aqui.

— Diga a verdade... Como meu irmão, por favor seja meu irmão agora.

— Lo... — *Finalmente sinto que estou falando com o Bê que conheço e amo. Ele demora longos segundos para continuar, até que diz:* — Ele nasceu muito fraco, estava em sofrimento fetal, cianótico e apresenta arritmia cardíaca... Eu sinto muito.

— Não...

— É um bebê de 23 semanas. Precisamos estar preparados.

— Não é impossível. Mamãe poderia fazer alguma coisa. Ele foi avaliado por ela?

— Não. Como eu disse, ele nasceu em outro hospital, foi exigência da Dora mesmo. Acredite, ele está muito bem assistido, só que as condições não são favoráveis. Os pais dela estão aqui em São Paulo, papai e mamãe devem ir agora cedo para visitá-la e eu voltarei ao hospital assim que possível. O médico dela é um grande amigo e estamos juntos nessa... causa.

— Causa? — *A forma usada por ele me deixa pensativo.*

— Sim, ela é uma gestante de algo risco.

— Era, se meu filho nasceu ela já está fora de perigo. Não é?...

— Preciso desligar, Lorenzo. Tenho que trabalhar e preciso cancelar algumas pacientes para ver a Dora.

— Não, por favor não. Conte-me mais sobre ela.

— Há poucas horas ela mesma ligou para você do meu celular. Se quisesse realmente saber teria perguntado para ela. A minha parte eu fiz, agora chega.

— Bento... Bento. Droga!

Desligou.

(...)

São Paulo, 20 de setembro de 2014, sábado.

Desembarco em São Paulo antes do meio-dia. Não houve um único segundo em que eu esquecesse as barbaridades que disse, de tudo que fiz e como agi. Repassei nossa última noite várias e várias vezes de forma incessante e repetitiva, detalhes dolorosos demais para lembrar e ainda mais dolorosos para esquecer. O dia do casamento de Leônidas foi o golpe de misericórdia, como se tudo estivesse pendurado por um único fio de seda e de repente... fim.

Há momentos em que você sabe o tamanho do erro, mas mesmo assim segue com ele. O coração grita: *Pare! Você está indo longe demais, a partir daqui não posso te acompanhar...* Mas você vai. Movido pelo orgulho eu fui e cheguei tão longe que, mesmo o mais fundo dos poços tornou-se raso, sereno e iluminado. O meu declínio foi assustadoramente maior, soturno e gélido. Chegando ao ponto de não querer seguir em frente e deixar que a escuridão tomasse o seu lugar. Hoje vejo que o passado não foi a pior parte, o fim ainda está por vir... e no fundo deste poço não há uma mola. Há uma pá e eu saco de cal.

Toco desesperadamente a campainha da casa de Leônidas até que um dos seguranças a atenda, o homem indica que ele está na área da piscina com Nina e o porquinho de estimação, brincando. Caminho apressado pelo gramado e a cada passo as lembranças vêm mais e mais fortes diante dos meus olhos, como um cinema particular, com o filme “*a destruição de uma vida*”. Visões chegam como chuva. Sua silhueta já alterada, os cabelos negros escorrendo pelas costas fazendo uma crina lustrosa. Era tão macio! Ela estava linda como sempre imaginei que ficaria ao engravidar. Não pude reviver a bela imagem por muito tempo, logo fui descoberto e fiz o meu melhor para não transparecer a dor e a vontade de tê-la de volta para mim, voltar a respirar e saber que não estou mais sozinho.

Para que esconder?

— Lorenzo! Nossa... — *Sou abortado dos meus pensamentos pela voz firme e intensa do meu irmão. Leônidas não parece surpreso, mas sim assustado com a minha imagem, com certeza não sou o mais apresentável dos homens depois de meses em calvário e uma noite atroz.*

— Onde ela está, qual o nome do hospital? Preciso chegar até eles de alguma forma. — *Imploro sem nenhuma vaidade, isso não cabe mais em mim.*

— Tio Lo!!!! Eba!!!

Nina, minha sobrinha de três anos, corre para os meus braços como se eu fosse seu maior presente. A inocência que brilha em seus olhos é comovente, o sorriso e o carinho genuínos. Parece que ela será a única pessoa da minha família a expressar qualquer sentimento positivo por mim. Abraço-a com todo o meu amor e torna-se impossível não derramar as lágrimas que se acumulam dentro de mim e brigam pela liberdade.

— Que saudade de carinho, minha princesa.

— Você num queceu eu?

— Nunca esqueci de você, meu amor. Nem um único dia da minha vida de m... da minha vida. Você já está perdendo o cheirinho de bebê, é quase uma moça. — *Digo ajoelhado diante dela.*

— Eu num so maisi bebê, agora so mochinha. Mamãe disse que sou a neta mais velha, o pimo é bebê.

Leônidas coça a barba e mantém o olhar preso no meu, não precisamos de mais do que isso, ele sabe da minha dor e poderia dizer que é capaz de senti-la. Nina passa as mãozinhas pelo meu rosto e afasta as lágrimas como se entendesse esse sentimento. Por fim, beija meu nariz e diz que passou, pega o porquinho e corre para a casinha de bonecas no gramado.

— Quinha, olhe ela para mim. Vou conversar com meu irmão, não quero ser interrompido por nada que não seja referente a minha

Ninfa e minha filha. — *Sem dizer nada ele apenas indica com as sobancelhas que eu entre e segue atrás de mim para o escritório e nos trancamos lá dentro.*

— Diga-me onde posso encontrá-la. Minha vida se resume a dor e destruição desde aquela maldita noite. Não nego o meu erro, Leônidas, só preciso de uma chance para concertar as coisas e lutar pelo perdão da minha mulher. Preciso ver o meu filho, sei que ele não está bem.

— Como eu gostaria de ter escutado isso antes, meu irmão. Hoje... Não sei se o seu arrependimento importará para ela, por mais que me doa dizer. O seu sofrimento foi apenas consequência dos seus próprios atos. Tudo poderia ser diferente, você só precisava... dar uma chance a ela.

— Você e o Bento estão realmente contra mim.

— Não. Ninguém está contra você, só não podemos esquecer das vezes que nos tratou mal, que nos ofendeu e repudiou o nosso contato. Todos nós sofremos com vocês dois, não tanto quanto, mas também sofremos sem poder fazer nada. O meu casamento sofreu com o seu erro. Agora estamos apenas solidários com o que ela está passando.

— Você a viu? Viu meu filho? Eu não vou suportar, Leônidas.

Meu irmão pode ser o pior dos ogros e muito grosseiro, mas ele tem um grande coração e é pai, sabe da minha dor. Tenho certeza que está revivendo os meses que Nina esteve internada e, mesmo a contragosto, sofre por mim.

— Estive no hospital hoje pela manhã com papai e mamãe. — *Pensa um pouco e continua, com os músculos da face tencionados.*
— Não pude ver o bebê, apenas as avós entraram. Visitei a Dora, mas não conversamos muito, mostrei a minha solidariedade e logo retornei para casa, Sarah me aguardava com Nina para poder ir ficar com a irmã. Ela sim, está com um ódio mortal de você, só não é maior que o da Dora.

— Ela disse alguma coisa sobre mim?

— Não. Seu nome é proibido perto dela.

Se quando entrei estava destruído, ao sair não restava muito de mim. Leônidas é um especialista na arte da indiferença e por mais que eu saiba do amor que sente por mim, vejo a repreensão em seus olhos e gestos, vejo até mesmo algo guardado como em segredo que não quer ou não pode dizer. Seu olhar é duro, mas transparente.

O hospital onde eles estão é referência em parto humanizado, lembro-me de já ter feito algumas visitas aqui quando era acadêmico. Depois de todos os procedimentos para visita sou informado do quarto e faço o meu caminho rogando aos céus que ela, no mínimo, olhe nos meus olhos, permita-me olhar para ela ou para o nosso filho. Tenho total consciência dos meus erros, da culpa e principalmente de minha vergonha, ainda assim não consigo esperar para vê-la e constatar por mim mesmo que está bem. Tempo é o que menos tenho neste momento, vi nos olhos de Leônidas, meu filho está em um fio da sua vida e a culpa é só minha, inteiramente minha.

— Quarto 307, é aqui... Senhor, não estou em posição de pedir nada, mas não me abandone agora.

Observo a porta branca como se alguns segundos pudessem me preparar para o que está por vir, na ingenuidade de uma luz branca descer do céu e me perdoar de todos os meus pecados. Ao contrário disso a maçaneta se move e meu coração entra em colapso, uma arritmia louca quase assassina. Reconheço os olhos estacados em mim, os vi abrir todas as manhãs ao longo da minha vida, são iguais desde o primeiro dia, alegres e carinhosos, travessos.

— Lorenzo, chegou rápido. — *Diz sem grande animação. Percebo que teve o cuidado de fechar a porta antes de pronunciar o meu nome.* — Deveria ter me ligado ao invés de subir como se fosse bem-vindo.

— Como eles estão? Ela está aí, não está? — *Aponto para a porta atrás dele. Estou aflito, angustiado.*

— Ela está de repouso, precisa se manter tranquila e longe de más lembranças. Espero que entenda, sua presença não ajuda muito.

— Você é o médico dela? O que faz aqui? Deveria estar no MAH. Quero falar com o médico dela.

Esse zelo que Bento desenvolveu por Dora me incomoda além do suportável, machuca e chega a ser corpóreo e irracional.

— Estou trabalhando junto ao médico que acompanhou o seu pré-natal, somos amigos e ela aceitou bem a minha presença. Deveria estar feliz em saber que estou aqui... Esse seria o seu papel.

— Não fale do que não sabe. Você não está no meu lugar e jamais conseguiria imaginar o que estou sentindo agora, então, não me julgue.

— Não estou te julgando, estou te condenando. Acredite, ela fará muito pior.

Respiro fundo sabendo que serei pego para Cristo e quanto a isso nada posso fazer, apenas aceitar e esperar que, um dia, alguém compreenda o meu lado. Eu tenho um lado.

— Não quero discutir com você...

— Não irá vê-la, não agora.

— E o meu filho? Quero saber como ele está, conversar com o pediatra responsável.

— Prometi a Dora que você não chegaria ao bebê.

Como é que é? Prometeu?

— Bento... Não brinque com alguém que não tem mais nada a perder. Quero ver o meu filho.

— Você teve a sua última chance, ontem.

Agarro-o pelo pescoço e bato com o seu corpo contra a parede, não estou em um bom momento para ser desafiado, nem ao menos minha sanidade está presente e já perco o juízo em primeira instância. Mantenho o olhar firme no seu, as mãos tensas em sua garganta, ele não reage, mas mantém o corpo rígido e altivo mesmo sendo uns quinze centímetros mais baixo que eu.

— Um encontro de Malamans. É lindo, entretanto deve acontecer em privado. — *Somos interrompidos por Talles que, não sei de onde saiu, segura meus pulsos e sorri com o olhar “não faça mais merda da sua vida”.* — Bento, Dr. Marcelo precisa falar com você. E você, mutante, venha comigo. Vou fazer a minha boa ação do dia, ou não.

Meu irmão some em uma das portas e eu caminho com Talles até o elevador, não conversamos, não nos olhamos. Nem a minha respiração está presente nesse momento, só consigo pensar nela e em como poderei me aproximar, pedir perdão e buscar a redenção. Acompanho os passos dele que parece conhecer bem o hospital, cumprimenta algumas pessoas até que finalmente me dou conta de onde estamos.

— Vai me ajudar? — Profiro as palavras sem coragem de encará-lo. Mantenho-me focado no adesivo que diz: UTIN

— Não estou feliz em fazer isso. Ela jamais irá me perdoar, ainda assim, sei que ela não irá se perdoar caso o pior aconteça e você não tenha tido a chance de pedir perdão a ele.

Sem nenhum pudor abraço seu corpo, faço-o de tábua de salvação e o agarro com todas as minhas forças. Talles se surpreende no começo, mas logo afaga minhas costas com carinho de um amigo querido. Choro, choro muito, lágrimas que não tem fim. Não suporto mais, está pesado e grande demais para carregar, preciso de ajuda, preciso de apoio ou um pouco de alívio.

— Obrigado. De todo o meu coração, obrigado. Sei que me odeia, assim como todos a minha volta, não é culpa sua. Se um dia eu for capaz, conte comigo para qualquer coisa.

— Não a afronte, não force, evite embates. Ela precisa de paz.

— Não farei, prometo.

Depois de todos os procedimentos obrigatórios, sou autorizado a entrar. Pelo pouco que procurei entender, Talles fez amizade com a pediatra e inventou algo ou contou algo que a fez permitir a minha entrada. Uma das incubadoras logo chama a minha atenção, é o único menino, todas as outras tem detalhes em rosa. É o meu menino, o meu presente.

— Vai lá, cara. Estaremos aqui.

Quero ir, mas não quero ver. Preciso, mas não consigo. Algo dentro de mim está morrendo a cada passo e nascendo algo novo e muito, muito grande. Dói, arde, queima e cresce. Observo os aparelhos sem conseguir lembrar-me de nada que já sei há anos, aqui não sou médico, sou um pai dilacerado e culpado. Um pequeno movimento chama a minha atenção, não foi nada grandioso, mas eu vi e quero ver novamente. Finalmente tomo coragem e olho para dentro da incubadora. *Meu Deus!*

— O que eu fiz com você, meu pequeno príncipe? Como pude ser tão cruel ao ponto de não aceitá-lo?

Sento-me em um banco simples e apenas contemplo o pequeno ser que luta pela vida, não só pela dele, mas também pela minha. Não sobrevivo mais um dia se for o culpado de sua partida, jamais conseguirei voltar a respirar, não sei como o faço agora. Mesmo pequeno é lindo e guerreiro, por reflexo agarra os fios de alguns sensores e tomo a liberdade de tocá-lo. A sensação é única, ele é real e está aqui diante de mim. O milagre que joguei fora.

— Guerreiro, luta. Eu estou aqui e não sairei nunca mais. Luta, luta comigo... Me perdoa por tudo que te fiz, eu não enxerguei o obvio e errei.

Encosto em cada um dos seus dedinhos tão pequenos, mínimos e delicados.

— Somos mutantes, sabia? Temos poderes e você pode vencer, pode ganhar... Filho, não me abandone.

Sou a sombra de um homem que agora sabe o valor das palavras ditas que jamais voltarão para o lugar de onde nunca deveriam ter saído. Dor, arrependimento, calvário e repulsa ao meu próprio ser, é tudo o que sinto. Não... Eu sinto amor, um amor sem tamanho por esse pequeno pedacinho de gente que crava uma batalha atroz com a vida.

— Você vai vencer, vamos vencer. Quando isso tudo passar vamos ser parceiros para a vida toda, levarei você à escola e se alguém falar dos seus dedos você saberá se defender. Você não sofrerá, sua mãe é uma leoa e logo você saberá disso... Se bem que, acho que já sabe, melhor do que eu. Ela sempre esteve aqui e eu não.

— Precisamos ir agora. — *Talles diz apressado. Está branco como neve.* — Agora!

— Só mais um pouco, dez minutos.

— Não dá grandão, temos que ir agora. Não deveria ter feito isso, droga!

Fico de pé, despeço-me do meu filho com a promessa de voltar, faço o sinal da cruz sobre sua testinha e coração. Fecho os olhos sentindo o cheirinho magnífico deixado por ele em minhas mãos... mas quando abro novamente algo me chama para a entrada. Poderia morrer agora mesmo só por esse olhar. Dora tem raios mortais direcionados a mim, fogo líquido transborda dos faróis negros e vejo mais dor do que jamais imaginei ser possível.

— Como foi capaz de trazê-lo aqui?

— Dora...

Capítulo Vinte e Cinco

Por Dora

Não pude visitar o meu pequeno durante a manhã, a pediatra disse que ele faria alguns exames e só poderia receber visitas na parte da tarde. Minha família e os Malamans me fizeram companhia, isso foi bom, muito bom aliais. Conversei bastante com a Dra. Magda e o Dr. Benício que me pareceu ser um homem extremamente amoroso, precisei lutar para não associar o seu jeito com o do filho, mesmo assim vi mais do que gostaria. Os gestos, a forma de falar, até mesmo o caimento dos cabelos é igual.

A grande surpresa foi quando eu disse sobre a minha princesinha que ainda está dentro de mim. Meus pais e Sarah já sabiam, mas os Malamans ficaram extremamente surpresos e até um pouco chateados pela informação tardia, mesmo que tenham tentando disfarçar. Pela cara de Leônidas para a Sarah, o segredo entre os dois não foi bem digerido. Passado o susto, todos estão felizes, sorrisos de orelha a orelha e algumas lágrimas de felicidade. Pedi a minha irmã que trouxesse o livro de nomes e escolhemos todos juntos. Meus bebês serão chamados de Natan e Milena.

Bento expulsou todos na hora do almoço, apenas minha irmã e mamãe permaneceram. Mamãe é minha acompanhante e Sarah é teimosa mesmo. Papai foi com o Dr. Benício para a casa deles, que se recusaram a deixá-lo declinar da proposta de conversar com mais calma.

Finalmente poderei ver o Natan, estou angustiada de saudade é como um coração batendo fora de mim. Chegamos ao andar da UTI e enquanto estou me preparando na antessala percebo uma movimentação anormal, mas não dou grande atenção. Já pronta caminhamos lentamente em direção à área das incubadoras e sou incapaz de me mover ou pensar. Talles e Lorenzo estão ao lado do Natan, meu amigo olha em minha direção pálido e assustado ao perceber que estou aqui. Lorenzo demora mais, apesar disso parece ainda mais apreensivo e depois vejo sua postura variar entre a humilhação e o constrangimento.

— Como foi capaz de trazê-lo aqui? — *Não sei de quem sinto mais raiva.*

— Dora...

— Você me traiu. Não tinha esse direito.

— Ele é o pai... — *Fala baixo e caminha em minha direção. Quero odiá-lo da mesma forma que odeio Lorenzo, mas sei que não fez para me machucar.* — Eu não disse nada. Ele não sabe da Milena.

Só eu escuto suas palavras e com singelo olhar diz tudo que preciso saber, nos conhecemos bem demais para pleitear ou argumentar, apenas sentimos e confiamos. Toco seu ombro e caminho na direção do homem que destruiu todos os meus sonhos e sentimentos mais puros. Lorenzo está quase irreconhecível, abatido, a barba cobre quase todo o rosto e os cabelos já ultrapassam ao pescoço com um aspecto sem vida. Por um segundo lembro-me dele dizer que eu era a sua vida, pelo visto uma vida de merda.

Mesmo sendo muito mais alto do que eu, ele parece pequeno e devastado, não é mais um homem, é o resto do que um dia já foi.

— Quero você longe do meu filho, ele não é seu. Nunca será. Saia! — *Procuro não me exaltar, mantenho a voz baixa, mas grito com os olhos e com a alma.*

Lorenzo não discute e simplesmente sai arrastando com ele toda a sua angústia e vergonha. Cabeça baixa, olhar sofrido, rosto molhado e aura negra, a imagem da destruição. Por poucos segundos sinto pena do seu suplício, só por alguns segundos, ao olhar para o meu filho, a raiva, a dor e a mágoa voltam com toda a força.

Por Bento

Estou aliviado, as condições de saúde da Dora estão melhores com o parto do Natan, agora com apenas uma placenta seu corpo tem menos picos de pressão. Claro que isso seria mais fácil se as coisas estivessem tranquilas, se Natan apresentasse melhora ou se a presença de Lorenzo não fosse tão nociva para ela. Praticamente abandonei os assuntos não urgentes do MAH, estou me dedicando ao máximo a ela, tudo isso por ter a certeza que sem essa mulher meu irmão prefere não viver e não posso perdê-lo. Mesmo com raiva das suas atitudes o amo e farei de tudo por ele e pelo que ele ama.

Depois do embate na UTIN foi necessário deixar Dora levemente medicada, com tudo isso ela acaba ficando muito agitada e não podemos contar com a sorte. Natan está cada hora pior, suas taxas não normalizam, já perdeu muito peso e isso não é nada bom. Claro que não foi passado nada para a mãe, mas todos nós já sabemos e estamos muito cautelosos e apreensivos com o impacto que o desfecho disso pode ter sobre a gestação atual.

Meu celular dispara a chamar com o número de Marcelo. Olho para o relógio que marca 5:22 da manhã. Santo Deus!

— Alô.

— Bento...Seu sobrinho...

— Não... Merda! Estou indo.

Sinto-me impotente, desarmado e completamente desanimado nesse momento. É uma situação em que se exige muito e não se sabe nada, não sei nem mesmo como agir ou dar a notícia. Se pelo menos a Safira estivesse aqui com a sua sobriedade e senso de direção... Ela sempre soube o correto a fazer. Rezo para que o impacto seja amenizado.

(...)

Não tive coragem de acordar a Dora, mil coisas diferentes podem acontecer e ainda é cedo. Tomo todas as medidas legais e entro em contato com nossas famílias, menos com Lorenzo, prefiro lidar com ele pessoalmente. Minha mãe disse que conversou muito com ele durante a noite e que o seu estado emocional é deplorável e digno de pena, mas ela acredita que tudo isso passará em breve e logo nossa família estará em paz novamente. Papai, mesmo se fazendo de forte, ficou abaladíssimo com a perda do neto, não é para menos, todos estamos.

— Vim assim que recebi a sua mensagem. — *Diz Lorenzo ao entrar no consultório que consegui para dar privacidade a nossa conversa.*

— Senta aí, vamos conversar.

— Você me chamou aqui para que exatamente? Como eles estão? — *Não consigo esconder a tristeza e desvio o olhar para a janela rapidamente.* — Por favor, Bento. Não me deixa mais angustiado do que já estou, nem preguei o olho a noite inteira.

— Ela escolheu o nome do bebê... Natan.

— É um lindo nome. — *Com um sorriso triste, conclui.* — Gostaria de ter participado. Gostaria de poder mudar tudo, todo o passado. Daria a vida para isso.

— Ela disse que significa “*presente de Deus*”. — *Não sei com dizer, acabo rondando sem objetivo.*

— É... perfeito. Posso vê-lo hoje? Prometo que será rápido, a hora que for. Me ajuda com isso, irmão. É meu filho... eu errei muito, mas ele ainda é o meu filho e eu estou aqui sem barreiras implorando por dez minutos junto dele.

— Lorenzo...

— São só dez minutos, eu juro.

— Ele... Ele não estava reagindo bem... Fizemos o máximo, mas... Eu sinto muito por ter que dizer isso, meu irmão. O Natan se foi.

Lorenzo fica estático, não pisca ou se move, apenas suas lágrimas vão se acumulando nas bolsas fundas que hoje ele ostenta embaixo dos olhos devido o cansaço e stress. É um momento tão dele que não sei o que fazer. Penso em levantar e abraçá-lo, mas espero sua reação. Quando as lágrimas já molham a camisa, ele se levanta e acaba por deixar a cadeira cair ao chão, caminha até a porta, no entanto desiste e vai até a janela espalmando as mãos no vidro e sustentando o olhar para o céu sem cessar o choro silencioso.

No momento que seu corpo sede eu vejo aquele grande homem de joelhos, corro para acudi-lo, o abraço com força e choramos juntos uma dor que é só dele nesse momento, mas quero que seja minha, quero dividi-la. Como uma criança ele deita e com a cabeça enterrada nas minhas pernas grita, solta toda a frustração em um urro de dor, o lamento é tão intenso e longo que Leônidas aparece na porta e se junta a nós. Assim ficamos os três por um longo tempo, nem sei o quanto, mas estávamos ali para ele enquanto a dor saía e emanava da sua pele podendo ser sentida, tocada e cheirada. Dor é sempre dor e a nossa sempre será a mais intensa.

(...)

Todos estão reunidos em uma sala especial do hospital, menos Lorenzo que saiu não se sabe para onde, mesmo sabendo que ele precisa de espaço, a preocupação é imensa. Estou dentro do

banheiro que fica no quarto da Dora, a porta entreaberta enquanto sua mãe permanece sentada ao seu lado aguardando que acorde para dar a notícia mais triste de sua vida. Tudo está organizado para que ela não tenha mais agravantes e estou aqui para garantir que fique fisicamente bem.

Ouçó quando acorda e comenta sobre um sonho que teve com os dois filhos e afirma estar um pouco enjoada. Não é um habito meu, mas já roí todas as minhas unhas sentado na tampa desse vaso.

— Está tudo bem, mãe? — *Levanto e concentro-me na conversa.*

— Você sabe que eu te amo mais do que a minha vida, não é? Que se pudesse ficaria aí no seu lugar?

— Claro que sei, dona Amita. Ainda mais agora que conheço o tamanho desse amor. Não vivo mais sem os meus filhos.

— Quando eu tive vocês duas, logo engravidei novamente.

— Sério? Como eu nunca soube disso? Escondendo o jogo, hem mãe?

— Eu perdi o bebê bem no comecinho, estava com menos de quatro meses, mas nunca gostei de falar sobre isso com ninguém. Tem dores que achamos que nunca irão passar, mas um dia elas cicatrizam e não doem tanto, fica apenas a lembrança de um momento ruim. Tive a Sarah e já tinha vocês, isso me ajudou muito. Não que um filho substitua o outro, mas conseguimos superar por eles.

— Que papo é esse? — *O timbre de sua voz se altera e ouço o barulho da cama, acredito que esteja se sentando.* — O que aconteceu?

— Meu amor... Precisamos entender o propósito de cada coisa em nossas vidas.

— Não quero entender nada, quero ver meu filho.

— Filha, senta. Você precisa ficar calma, pense na Milena. Dora, olha para mim e escuta o que vou te dizer.

— Não, eu não quero escutar nada. Eu quero o meu filho agora... Não fala, chega! Não fala nem uma palavra, quero um médico, me deixa sair daqui.

— Filha! Respira. Por favor, meu amor, não fica assim. A Milena está dentro de você e é nela que tem que pensar agora.

Por pouco não saio de onde estou, essa angustia quase me enlouquece. Dona Amita consegui conter a filha e agora só escuto os soluços e lamentações doloridas enquanto a mãe diz palavras de carinho e consolo. É impossível não se emocionar diante de um momento de tanta dor e entrega, o ser humano em seu estado mais cru e longe de escudos ou máscaras, apenas o sofrimento real e constante.

Em determinado momento ela é informada da minha presença e pede que eu me aproxime, faço isso com o coração sangrando em presenciar seu estado desolador. Conversamos sobre o Natan, ela insiste em saber se ele sofria e garanto que não. Abraço-a e dou todo o meu apoio nesse momento, sempre mantendo o olhar nos monitores.

— Eu posso vê-lo? Posso segurar um pouquinho que seja?

— Não me peça isso. Guarde a esperança e a luta, não queira ter essa imagem com você, entenda. Sua Milena precisa de todo o seu controle, é injusto não poder extravasar o sofrimento, mas se esforce, por ela. Ele agora será o anjo da irmãzinha e sempre estará com ela, tenho certeza que o verá quando olhar para essa pequena que está aqui. — *Coloco a mão em seu ventre.*

Claro que não é bem assim. Dora sofre e sofre muito. Se recusou a comer ou receber visitas de quaisquer pessoas, até mesmo da família, ficou apenas com o colo da mãe até a hora de irmos para o cemitério. Desde a chegada até o momento do sepultamento ela permaneceu junto com a mãe, um choro incessante e alguns

momentos de desespero, mas conseguimos levar até o fim sem precisar tomar medidas mais drásticas. Uma equipe de socorrista está apostos em uma ambulância, mesmo assim tenho um monitor eletrônico preso a seu braço e não tiro os olhos dela em nenhum momento.

Quando a última terra foi posta sobre o pequeno caixão branco vi o que restava da pequena chama apagar dentro dos olhos de uma das pessoas mais alegres e vivas que já conheci. Cada piscar de olhos era longo e visivelmente carregado de lembranças, enquanto isso sua mão mantinha-se protetoramente em volta da barriga. Quando nossos olhares se cruzavam ela apenas acenava com a cabeça mostrando que estava firme. Para maior segurança ela foi conduzida de volta para o hospital em uma ambulância.

Um movimento chamou a minha atenção e preferi ficar, indicando que ela fosse acompanhada por doutor Marcelo. Entro em meu carro e permaneço esperando que ele decida aparecer. Como eu já suspeitava, Lorenzo sai de um carro mal estacionado com os vidros escuros que já estava ali desde que chegamos. Faz pena de ver o seu estado, mas é ainda pior quando penso que ele está aqui por mérito próprio, ninguém o empurrou a isso.

A princípio penso em apenas observar, mas é impossível. Assisti-lo ajoelhar-se diante do pequeno túmulo é demais para mim, não consigo permanecer omissa a tanto sofrimento e tortura, ele parece querer se mutilar. Lorenzo senta sobre os calcanhares e esfrega a terra ainda fofa como se aquilo fosse um carinho que não pode dar em seu filho. Movimenta o corpo para frente e para trás enquanto profere algumas palavras que não consigo escutar, estamos relativamente longe para isso.

O céu de São Paulo está pesado, cinza e parece entender que hoje é dia de grande tristeza e consternação. Mesmo com o passar do tempo Lorenzo não deixa o local, permanece na mesma posição alternando longos monólogos e ainda mais longo silêncio. Passam-se horas, em pouco tempo a noite chegará, mas ele não se dá por vencido, acredita estar sozinho e segue conversando com os olhos

fixos no pequeno espaço de terra mexida. Este cemitério é como um grande gramado com pequenas placas de mármore branco escondidas entre flores plantadas pelos entes queridos. Um homem com mais de dois metros vira praticamente um ponto de referência neste descampado. Logo um funcionário se aproxima e o vejo pedir que Lorenzo se retire, é hora de fechar.

Escolhi não me mostrar, apenas observei e estava ali para qualquer problema. Acompanhei seu carro até chegar ao estacionamento do hospital em que Dora está internada, e para a minha surpresa ele apenas parou, desligou o carro e... ficou lá. Já cansado de esperar, sai do meu carro e caminhei até o dele. Para encontrá-lo deitado sobre o banco reclinado, pés descalços e rosto inchado. Está dormindo, aparentemente.

— O senhor perdeu alguma coisa?

Putá que pariu!!! Que susto.

— Oh! Não. Estou apenas verificando como o meu irmão está. Ele acabou de perder um filho. — *Digo ao segurança que me observa. Não era para menos, já está escuro e eu estava com a luz do meu celular contra o vidro confirmando se Lorenzo estava bem. O cara deve ter concluído que eu era um ladrão.*

— Sinto muito. Eu estranhei o seu comportamento suspeito.

— O Sr. vai trabalhar durante a madrugada? — *Ele confirma.* — Poderia me ligar se ele sair do carro? Na verdade, se acontecer qualquer coisa, por favor.

Muito prestativo o homem pega meus contatos e mostra uma das câmeras posicionadas bem próxima ao carro de Lorenzo, avisa que ficará de olho nele. Vejo que se compadeceu com a história trágica. Agradeço e vou para casa, estou de pé desde muito cedo e meu corpo já pede arrego.

(...)

07 de novembro

Hoje Dora está completando trinta semanas de gestação e quase dois meses de internação. Depois de muitos exames e longas reuniões com a junta médica, decidimos atender ao seu pedido e deixá-la retorna para casa. Neste meio tempo não tivemos grandes problemas, a pressão ainda não é a ideal, mas está controlada. Os pais das meninas precisaram voltar para casa, resolver questões de trabalho e das terras, a mãe prometeu voltar caso a filha tivesse alta e assim foi. Dona Amita está de volta para cuidar da filha até que Milena esteja aqui conosco firme e forte.

Meu irmão tentou inúmeras vezes a aproximação, contudo, foi convencido por todos de que o melhor era esperar que Dora estivesse recuperada e só depois investir na sua redenção, tentar o perdão e quem sabe uma reconciliação. O mais complicado foi inventar um motivo para que sua “vida” ainda estivesse internada, afinal, o homem não é burro e percebeu de longe que havia algo errado. No final das contas tive que inventar uma depressão pós-parto que foi agravada pela perda do filho. Sinto-me um monstro por mentir para ele mesmo vendo tudo que já passou e passa, mas não posso quebrar a minha promessa e todos seguimos assim.

Meus pais visitam Dora regularmente e tentam de todas as formas convencê-la a contar para Lorenzo sobre a gravidez de Milena, mas nada nem ninguém é capaz de reverter o rancor guardado no coração dela. Acabamos aceitando, não há muito o que fazer. Se ele souber do bebê voltará a tentar contato e ainda não podemos arriscar com sua saúde.

Capítulo Vinte e Seis

Por Dora

Só valorizamos a nossa casa quando estamos longe dela. Foram dois meses de internação e muitos acontecimentos, todos ruins... Não. Minha filha está bem e está aqui comigo, não serei injusta com a vida e dizer que tudo foi espinho, também tenho a minha flor.

Perder o Natan superou qualquer sofrimento que um dia já passei em minha vida ou imaginei passar. Nem mesmo todo o sofrimento causado por Lorenzo ou as noites em claro pensando onde ele estaria e o que estaria fazendo foram tão escuras como as minhas noites após a partida do meu pequeno grão de areia. Natan fez uma breve passagem, mas deixou a sua marca e a sua luta dentro de mim. Com o passar dos dias e semanas o sentimento de perda não se alterou, o vazio jamais será preenchido ou mesmo a dor será menor, mas uma grande alegria está chegando e isso muda tudo.

Li em um livro que: *A vida não é colorida, é para colorir.*

Estou tentando fazer isso, colorir os meus dias com as pequenas novidades que Milena me traz lindamente. Agora ela faz movimentos mais firmes e intensos, consigo senti-la de forma nítida e até mesmo para quem está olhando é perceptível. Magda ficou alguns dias comigo no hospital e mostra-se extasiada com as Peri pérsias da neta, assim como Benício.

— Bom, tudo certo, já podemos ir. Dr. Marcelo assinou a alta e deixou todos os cuidados e remédios prescritos.

— Oh! Graças a Deus, já não aguentava mais olhar para essas paredes. Vamos?

Saio daqui deixando para trás um mar de acontecimentos marcantes e com a promessa de carregar as marcas e não mais as feridas. Dores foram sentidas, decepções vividas e o amor no mais puro sentido da palavra foi conhecido e reconhecido. Carrego tudo aqui comigo e acima de tudo o entendimento que: *para perder, basta ter.*

(...)

Meus anjos da guarda, bem preparados como sempre, trouxeram uma faxineira que deixou tudo impecável e todas as minhas coisas que estavam no apartamento dos meninos já estão aqui. Quase pirei quando minha mãe disse que havia uma surpresa no quanto que antes era de Safira. Sinto Milena chutar e peço que se acalme, já imagino que detrás dessa porta encontrarei grandes emoções.

Amor, este é o sentimento que encontro dentro do pequeno cômodo, muito amor e esmero. As paredes estão pintadas de lilás leitoso e o teto branco com sancas de gesso bem trabalhadas, iluminação embutida e um cortinado de princesa descendo por uma armação presa à parede. Em um dos cantos há uma figura de árvore soltando as folhas adesivada ou pintada, não sei dizer ao certo. O chão foi todo forrado por um material amadeirado claro e alguns nichos decoram o lugar. Pelo menos seis bonecas de pano fazem a ornamentação e o nome Milena se destaca em uma moldura provençal ao pé do berço branco no mesmo estilo.

— Como eles puderam fazer isso tudo? Não desconfiei de nada.

— Seus amigos são muito atenciosos com você e com a neném. Eu mesmo fiquei maravilhada com a ideia quando eles me contaram.

— A senhora já tinha visto?

— Visto não. O Talles me explicou como ficaria e assumiu tudo, Pedro só passou o cartão, como ele mesmo disse. São um casal

engraçado não é mesmo. Deus me perdoe, mas gosto deles.

— Mãe, eles não fazem mal a ninguém, são apenas gays. Nunca tive amigos tão cuidadosos e prestativos.

— Eu sei, eu sei. Já estou começando a me acostumar com eles.
— O quarto que antes pertencia a Sarah, agora será ocupado por nossa mãe até que eu esteja bem para ficar sozinha e quando Safira retornar passa a ser dela. Nem me lembrava de como é bom ter a mãe por perto.

A noite chega e junto com ela as lembranças de tudo que vivi dentro deste apartamento com Lorenzo, das nossas longas conversas, do carinho e devoção que ele sempre dedicou a mim e do amor... Principalmente do amor que foi se perdendo no tempo, deixando de ser amor e perdendo a batalha para o ódio e as mágoas. Os sentimentos e confusões se misturando, partidos escolhidos e guerra declarada. Em menos de um ano fomos da mais intensa paixão à cólera desenfreada e alimentado pelo rancor de ambos os lados.

Deitar nessa cama é completamente incomum sem ele. Mesmo querendo esquecê-lo sei que não é tão simples. Passado o calor do momento vem a realidade, ele é o pai da minha filha e disso não poderei fugir ou simplesmente escondê-la para sempre. Uma grande parte de mim deseja ver o seu sofrimento, pisar sobre a sua carne e apenas admirar a queda... Uma parte... A outra sonha com o dia em que tudo terá fim, quando conseguirei dizer a ele que mesmo estéril, foi capaz de me fazer dois filhos e um deles ainda está aqui e, com a graça de Deus, logo estará em meus braços. Só não sei qual dessas partes é a maior ou mais teimosa.

Enquanto estive internada Lorenzo tentou por diversas vezes conversar comigo, se desculpar ou até mesmo apenas me ver. Por sorte tenho um esquadrão poderoso à minha volta e ele nunca teve sucesso em suas investidas, já que não estou preparada para encará-lo de frente. Sei que está morando com seus pais e que

estive no Rio, segundo Magda, foi passar suas funções para outra pessoa e deixar oficializado que não deve retornar em breve.

Magda tinha o hábito de conversar com a minha barriga e contar que o pai seria muito babão, dizia para a neta que ele era lindo e enorme, que jamais permitiria que ninguém a fizesse mal. Claro que muitas coisas ela dizia mais para mim do que para Milena e de certa forma eu gostava de escutar. Por muitas vezes os Malamans tentaram me convencer de que Lorenzo já havia sofrido o suficiente, mas eu ainda não estava pronta.

(...)

Como combinado irei semanalmente ao consultório do Dr. Marcelo e farei um acompanhamento minucioso. Sinto-me quase uma inválida, mas entendo que é necessário para a minha saúde e da minha Milena, jamais a prejudicaria. Já que estou de repouso absoluto, aproveito para ler, conversar ao telefone com minhas irmãs e com a família Malamam que só faltam me pegar no colo, tanto Benício como Magda e Bento, todos são muito atenciosos comigo.

Chego ao consultório e logo sou atendida, passo por todos os procedimentos e anoto todas as recomendações dadas por Dr. Marcelo, sigo e continuarei seguindo tudo à risca. Desembarco do táxi acompanhada por mamãe, agradeço aos céus por estar usando uma bata longa negra e cabelos soltos. Imediatamente prendo a jaqueta protetoramente ao antebraço e tento esconder minha barriga. Recostado em um carro preto está Lorenzo, ele segura uma bolsa de papel e três frondosas rosas brancas.

— Dora, talvez esteja na hora de conversarem.

— Eu... Mãe, suba que eu vou logo em seguida. — Recebo um olhar questionador. — Estou bem.

Permaneço estática na calçada, preocupo-me apenas em garantir que ele não perceba o volume excessivo do meu ventre. É claro que ele espera que eu esteja inchada e com lembranças

físicas da gravidez, mas não precisa constatar visualmente que o inchaço é bem maior que o necessário.

É como se fossemos imãs de polos iguais e uma força sobre-humana existisse ente nós enquanto estamos apenas nos estudando com os olhos, é uma pesquisa detalhada, análise de terreno. Nunca pensei em vê-lo tão abatido, quase anêmico, chega a ser doloroso encará-lo e ser capaz de comparar com o homem que conheci há tão pouco tempo. O mesmo menino que conheci na noite em que me contou sobre o seu “*grande*” problema nos pés está aqui. Amedrontado e destruído, no entanto vejo força... determinação brilha no fundo dos seus olhos de forma discreta.

— Precisei ir ao Rio e quando voltei soube da sua alta. Sonhei muito com esse momento, de forma que não sei o que dizer agora.

— Deveria ter ficado por lá mesmo.

— Não houve um só dia que passasse longe daquele hospital. Nunca te abandonei, eu estava lá...

— Nunca? Eu tenho uma outra versão para isso. — O sarcasmo escoa a cada palavra. Com um vergonhoso movimento de cabeça, Lorenzo concorda resignado.

— Se você aceitar me escutar e tentar entender tudo que já passei e como as coisas aconteceram, talvez assim...

— A única coisa que quero escutar de você é um “*Adeus*”. Não temos mais vínculos.

— Algo nosso ainda deve existir dentro de você. É irreal que um amor tão intenso, forte e sincero desapareça assim... Do nada, e vire fumaça. O que você sente por mim Dora? — A cena pode ser linda para quem está assistindo, pessoas na banca de jornal, outra passando pela calçada. Não há como um homem assim passar despercebido com rosas nas mãos. Para mim é uma piada de mau gosto, péssimo gosto. O que eu sinto? Neste momento sinto nojo.

— Meu amor foi enterrado junto com o meu filho, em tempo algum se esqueça disso. O sentimento mais forte que tenho por você é... nojo. — Exprimo as palavras de forma que acertem em sua ferida aberta, sei como dói lembrar. Ao dizer “nojo” vejo seu semblante ganhar uma nuvem negra e carregada e sem pensar nas consequências ou na dimensão do meu ato, cuspo em seu rosto.

Lorenzo não tem reação ou resposta, permanece inerte enquanto minha saliva escorre em seu rosto, traçando uma estrada úmida que vai do olho esquerdo ao queixo retesado. Pessoas próximas simplesmente param à espera do que há por vir, a atmosfera que nos circunda está calada. Quase amoleço quando, ao invés de limpar ou agredir-me com gestos e palavras, ele recolhe o líquido viscoso e airado, trava-o em seu punho com algo precioso, esfrega o peito com uma expressão dolorosa e com os olhos vermelhos fala em tom baixo.

— É um sentimento. Se é isso o que tem para me dar, eu aceito de bom grado. Só preciso que me sinta de alguma forma... Enquanto meu coração pulsar buscarei por vida. A minha vida é você, nada mais importa.

Viro-me sem suportar tanta pressão e confusão de sentimentos dentro de mim, preciso sair de perto dele antes que eu diga mais do que quero que saiba ou que perceba mais do que deve. Ainda não é a hora de revelar a existência da minha Milena, pelo menos por enquanto.

Por Lorenzo

— Não sei o que você fez para essa moça, no entendo, pela sua reação acredito que esteja errado ou tenha feito algo muito grave,

mas vejo amor. Se há amor lute, pode durar um dia, um mês ou uma década, lute.

A senhora já idosa tira um lenço de uma grande bolsa de couro negro e limpa meu rosto como se eu fosse um menino lambuzado de doce, faz o mesmo com a palma da minha mão e dedos. Mesmo constrangido prefiro não a impedir ou confirmar as suas suspeitas, apenas permito que cumpra a tarefa e saia. Dirijo por vários bairros sem um trajeto ou destino definido, neste momento só preciso de algo que tome a minha concentração e leve para longe todas as más ideias que rondam ininterruptamente os pensamentos mais profundos da minha mente.

Uma ideia surge e diante de todas as tentativas malsucedidas resolvo que é hora de buscar uma artilharia mais pesada. Se não conseguirei chegar perto dela, preciso de uma ponte para fazê-la entender o meu lado... ou pelo menos conhecer o meu lado. Retorno rapidamente à casa dos meus pais e junto todas as provas que venho guardando há tanto tempo, exames antigos, laudos médicos e guias de tratamento e tudo mais. Faço o caminho até o consultório de Pedro rezando para que ele esteja atendendo hoje.

Depois de três horas esperando que ele terminasse suas consultas agendadas, finalmente sou chamado. O local é um típico consultório médico, ele está sentado a sustenta a expressão séria e imparcial, mas a caneta sendo batida repetidas vezes contra a borda da mesa denuncia o seu nervosismo. Não sou convidado, mas estou disposto a exorcizar todos os meus demônios e sinto que esse é o caminho, então sento-me e deposito uma pasta grossa sobre sua mesa.

— Acho que é um pouco tarde para essa consulta. Faz alguns meses que me dispus a te ajudar, o prazo já se esgotou. — Diz ele austero.

— Eu ainda respiro, há esperança.

— Pelo seu aspecto eu diria que só falta enterrar. Me surpreende que respire. — Vejo o sarcasmo flamejar em seus olhos, sei o que

pretende e não cairei nessa armadilha. Tenho um objetivo e minha paciência está no nível hard, não vim para desistir.

— Pedro, eu segui a sua sugestão, fiz os exames da forma que indicou.

— Fez? E mesmo assim foi para o Rio de Janeiro? Humilhou minha amiga ante dezenas de pessoas no casamento de Sarah? Agora fiquei interessado, conte-me mais sobre isso. — Pedro não retira a máscara debochada.

Abro a pasta e entrego-lhe os exames mais recentes, todos os espermogramas em datas diferentes com resultados conclusivos iguais. A princípio ele apenas olha com desdém, mas após poucos segundos já demonstra interesse e coloca os óculos para uma melhor análise, abre uma tabela referencial no celular e usa o marca texto para grifar detalhes. Por mais que eu consiga interpretar os resultados, essa não é a minha especialidade. É como se um veterinário de animais domésticos fosse atender um rinoceronte... uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

— Vê isso aqui? — Ele espalha todos os resultados sobre a mesa com as marcas amarelas. Digo não entender e realmente não compreendo. — São idênticos. Volume, cor, aspecto, odor, coagulação, pH, viscosidade, tempo de liquefação... até mesmo leucócitos e hemácias estão idênticos. Não reparou nisso?

— Ah... não. Realmente o meu maior interesse era na contagem e como sempre veio como azoospermia eu não me atentei aos demais. O conceito de todos está como azoospermia, não está.

— Sim, está.

— Então?

— Você tem seus resultados anteriores aí? — Confirmo e entrego outros laudos, exames de três anos atrás e observo-o analisar detalhadamente um por um.

Por mais de uma hora Pedro separa, lê, estuda e anota todos os exames que fez dos dezoito anos até hoje. O sarcasmo deu lugar ao profissionalismo e diante de mim está um homem determinado a entender e solucionar o problema que me atormenta há 16 anos e destruiu minha vida nos últimos meses.

Por fim ele encontra um exame indiscutivelmente igual aos últimos que fiz, não muda nem uma vírgula. Desconfiado, Pedro liga para o urologista que assinou o laudo que, por sorte, foi seu professor. Dr. Lauro trabalha no MAH há mais de duas décadas e o conheço pessoalmente, mas preferi deixar que Pedro use a sua intimidade para contatá-lo. Em alguns minutos os resultados deixam a impressora após serem enviados por e-mail. Dr. Lauro fez questão de buscar os originais no meu prontuário digital e enviar cordialmente.

— Eu sabia!

— Fala logo, Pedro. Qual o problema.

— Esses resultados foram alterados, não são verdadeiros. Sua produção ainda não é normal, mas tem alguns poucos guerreiros aqui.

Não sei se sorrio com a notícia ou se enlouqueço com a revelação de fraude. Parece um pouco surreal que alguém tenha tido o trabalho e assumido os riscos de alterar resultados de exames tão importantes assim. Faço uma lista mental de quem faria algo assim, mas não tenho suspeitos.

— Pode ser erro?

— Erro em todos os resultados? Não acredito nisso. Parece coisa de gente que tem acesso ao servidor do seu laboratório.

— Só os médicos responsáveis da área e nós, Malamans, temos essa senha. Não passam de 10 pessoas e destas já descarto cinco de cara. Os médicos são de extrema confiança, trabalham conosco há anos, décadas.

— Isso é caso de polícia.

— Sim...

Deixamos o consultório já a noite depois de uma longa conversa. Sinto que mesmo sem me apoiar ele compreende o meu lado e sabe que errei por ignorância e não maldade. Deixei claro os meus sentimentos por Dora e que jamais irei desistir de reconquistá-la, tudo o que pude fazer em minha defesa eu fiz. Espero ter aflorado alguns sentimentos nele, mesmo que de pena.

— Vai me ajudar?

— Vou contar toda a verdade a ela. Não vou levantar bandeira em sua defesa, nada disso anula as atitudes e descaso, mas vou colocar todas as cartas na mesa para ela. Só peço que espere o meu sinal, ainda não é hora de se aproximar.

— Tarde demais. — Digo olhando para os carros que passam.

— Você a viu? — Pergunta quase desesperado e isso me espanta. Por que não poderia vê-la? Encaro-o interrogativo. — É... ela não quer te ver.

— Eu fui ao apartamento e ela estava chagando com a mãe. Parecia um pouco melhor, mais animada, só que isso morreu quando me viu.

— Viu algo demais? Digo... fisicamente.

— Que maluquice é essa, Pedro? Não estou preocupado com isso. Quero minha mulher de volta e o corpo dela não me importa. Sei que algumas mulheres podem demorar para retomar a forma anterior a gravidez, ela é apenas normal.

— Claro... Esquece o que disse. Preciso ir. Amanhã converso com ela e você espera o meu contato, enquanto isso comece a investigar o que aconteceu com os seus exames.

— Farei isso.

Capítulo Vinte e Sete

Por Dora

— Não vai dizer nada? — *Depois de ter escutado tudo o que Pedro acabou de me contar sobre a descoberta de fraude nos exames, que eu nem sabia que Lorenzo havia feito, não sei por onde começar a pensar.*

— O que quer que eu diga? *“Oh! Perfeito, traga-o para mim”?*

— Claro que não, amiga. Olha, eu esperava que depois de tudo isso você tivesse algo a dizer. Ele estava sendo sincero e comprovei pelos exames, eu mesmo constatei a fraude. Dora, ele foi enganado, é vítima.

— Isso é trágico, mas não muda nada. — *É como se um nó me impedisse de falar além destas poucas palavras, um bolo de emoções atravancadas que impede as emoções de saírem.*

— Talvez não mude o que já passou, mas pode mudar o que ainda está por vir. Não acha?

— Não, eu não acho. Nem acredito que agora você o defende. Sério mesmo? Olha... Quem sofreu fui eu e sei exatamente a dor que ele pode me causar, não darei chance para aconteceu outra vez.

— Ele é tão vítima quanto você, só que com a diferença que o filho estava dentro de você. Dora, sua dor é real e imensurável, mas

a dele também é. Não é possível que você não enxergue isso.

— E o que eu deveria enxergar? — *Sou ríspida e agressiva. Pedro passa a mão pelo cabelo e segura as minhas duas mãos apoiando levemente sobre a barriga. Estamos sentados em minha cama.*

— Os dois sofreram muito, choraram e tudo mais. Só que ele fez isso sozinho, longe e praticamente abandonado, exilado. Você pelo menos estava cercada de pessoas que te amam, até mesmo pelos membros da família dele e nós estávamos sempre aqui. Lorenzo estava há quilômetros de distância se afundando em trabalho e com a CERTEZA de ter sido traído pela mulher que ama.

— Se amasse acreditaria em mim.

— Ele viu os exames, Dora. Foram vários, não tinha como questionar isso. Pensa... É um cara que tem isso martelando na cabeça desde os dezoito anos e, de repente, aparece alguém dizendo estar grávida dele. A coisa é mais complicada do que parece. Qualquer homem pensaria da mesma forma, talvez outro agiria diferente, mas pensaria igual.

— Meu filho está morto. — *Não seguro as lágrimas ao proferir essas palavras.* — Ele matou o meu bebê. Não posso passar por cima disso. Natan ainda estaria aqui.

Pedro me abraça e acalenta meu coração até que estou mais calma.

— Olha para mim. — *Faço isso ainda com os olhos molhados.* — Você passou por uma doença que atinge muitas gestantes. Claro que o seu estado emocional influenciou, mas não foi o Lorenzo, eu, Talles ou qualquer pessoa que colocou a doença em você. Isso acontece, muito até. O Natan infelizmente não está aqui conosco, porém a Milena está e devemos pensar no futuro. Tente não colocar um peso sobre os ombros de quem não é culpado.

— Não consigo...

— Ele te ama.

— Não é o suficiente... Não sei se um dia será.

— Então faça o certo e pelo menos deixe-o saber que ainda tem pelo que viver. Conte a ele sobre a Milena. Não existe mais vida dentro dele. Ele é e sempre será o pai da sua filha e você não tem o direito de tirar isso dela, da sua filha. Milena merece um pai. — *Pedro beija a minha barriga e sai.*

Ainda estou tentando absorver todas as revelações trazidas por Pedro. Deus! Definitivamente este ano está se superando no quesito “*surpresas*”. Preciso pensar, refletir sobre tudo e bolar uma forma de contar ao Lorenzo sobre a Milena, mesmo não sendo isso que eu quero, é o certo e disso não poderei correr por muito tempo.

(...)

16 de novembro de 2014

Por dois dias penso, penso e só penso. Conversei muito com mamãe, Sarah, Safira e até mesmo com papai. Minha irmã acabou contando para Magda sobre a minha incerteza em como contar para Lorenzo sobre nossa filha e ela me ligou ontem à noite, passamos horas falando ao telefone sobre isso e várias outras coisas, dentre elas a tal fraude com os exames. Parece que descobriram que a alteração foi feita com a senha de Magda, mas ainda não se sabe como a pessoa conseguiu ou quem o fez.

— Filha, ele chegou e está subindo. — *De imediato fico gelada. Mande uma mensagem para Lorenzo pedindo que ele viesse aqui após o almoço. O relógio marca 12:40h e ele já chegou.* — Tem certeza que não me quer aqui?

— Eu vou ficar bem. Já aferimos a pressão e meus remédios estão certinhos... Além do mais, estarei com um cardiologista, não preciso me preocupar com pressão. — *Sorrio para espantar o nervosismo.*

— Tenha fé. Ele não apareceu na sua vida sem um motivo, pode chamar de destino se quiser. Eu chamo de caminhos de Deus e Milena é a maior prova desse milagre... Cuidado para não jogar bênçãos pela janela.

A campainha toca, mamãe parte para atendê-la e logo vejo a porta ser preenchida por um grande corpo vestido de branco, mas ainda assim com um ar tímido. É uma cena tão comum, parece que nunca deixou de acontecer e estávamos apenas presos no tempo aguardando a vida parar de brincar com nossos sentimentos. Ele não entra, mantém-se parado sob o marco da porta e assim ficamos os dois contemplando uma visão tão antiga e tão recente, parece que foi ontem, estávamos aqui neste mesmo quarto e tudo teve o seu fim.

— Entra e fecha a porta. — *Ele obedece e fica um pouco desconcertado até que aponto para a poltrona ao lado da cama. Não há muito espaço, apenas um pequeno corredor entre a cama e o guarda-roupa onde ele fica bem perto de mim.* — Chegou cedo.

— Foi uma tortura esperar até agora. Não tem ideia do quanto sonhei com essa mensagem, com o dia que aceitasse me escutar.

— Precisamos conversar.

— Sim... Tenho tanto a dizer. Foram tantas coisas e nem sei por onde começar, mas acima de qualquer coisa quero pedir perdão, quantas vezes for preciso ou da forma que for necessário. Dizer que te amo mais do que...

— Chega!

Lorenzo se cala imediatamente e tenta ajustar a respiração alterada. Concorde com a cabeça e quando tenta voltar a falar eu o interrompo. Ele não costuma simplesmente obedecer, ainda assim o faz.

— Quero que me escute. Não o chamei aqui para falar sobre nós dois ou sobre o amor que você diz sentir. Principalmente, não sobre

isso. A conversa que teremos vai muito além e é bem mais complicada que isso, acima de mim ou de você e não pode sofrer as consequências dos nossos erros.

Remexo-me na cama onde estou coberta por uma manta, joelhos flexionados e uma almofada molinha entre os seios e os joelhos. Lorenzo ainda não consegue ter a dimensão da minha barriga. Sei que está confuso, talvez esteja nervoso... Nós dois estamos. Ensaiei esse encontro mil vezes e agora não sei como prosseguir, me sinto uma idiota, até mesmo um pouco culpada por não ter feito isso antes.

— Vida, eu estou aqui. Se puder me ouvir terei muito a dizer, mas se quiser apenas falar irei escutar cada palavra com o mesmo amor. Você não pode imaginar o bem que me faz te olhar, ouvia a sua voz...

— Não começa.

— Desculpa, é mais forte do que eu. Sou todo ouvidos, pode falar.

Um suspiro de coragem e uma bela máscara de indiferença, nada real. Vamos lá. Pego o tablet que deixei ao meu lado na cama e abro a pasta de vídeos, enquanto isso Lorenzo apenas observa cada movimento meu. Ele está tão diferente do homem que conheci, parece mais manso, não lembra em nada aquele homem imponente e cheio de presença mesmo tímido, mas a voz... essa sim é a mesma. Parece que com esse ar sombrio a voz está ainda mais forte, sempre mexe muito comigo.

— Quando você foi embora eu decidi colocar um fim em tudo que sentia e dar início a uma nova vida, eu e meu filho. — *Mesmo sem olhar para ele, percebo quando limpa os olhos e faço o mesmo. As lembranças são pesadas para nós.* — A última coisa que esperava foi aquela reação vinda de você, nunca fui tão humilhada.

— Eu sei que errei e não há nada que apague meus atos, mas estou aqui para me redimir, pedir perdão e lutar por nós dois.

— Não se dê ao trabalho de lutar por algo que não existe, Lorenzo.

— Sem isso não tenho pelo que acordar todos os dias, Vida. Você é e sempre será a minha Vida, a mulher que escolhi amar. Só você!

Não posso me deixar abalar com esse texto de novela mexicana. O fim já aconteceu e não teremos outra chance.

— Você ainda tem pelo que lutar, mas não é por mim, isso acabou.

— Vida...

— Eu esperava gêmeos.

A frase atua como uma descarga elétrica na postura de Lorenzo, o impacto torna-se explícito e de repente estamos em uma câmera lenta onde cada expressão vem carregada de emoções, o brilho dos olhos é questionador e inquietante. Sei que ele deve ter mil perguntas, mil e uma possibilidades circundando a cabeça como aquelas estrelinhas de desenho animado, sua boca abre e fecha na eminência de frases ainda não elaboradas até que...

— Esperava gêmeos. — *A mesma cena que vi há meses se repete. Lorenzo caminha até a janela e permanece de costas com as mãos esfregando o rosto, tentando assimilar minhas palavras. E quando finalmente ouço sua voz, ela é baixa, pesada e melancólica... Quase negra.* — Perdemos dois filhos? Quando isso aconteceu? Eu nem ao menos estava aqui com você, nunca estive.

Uma ponta de maldade aflora dentro de mim, mesmo que seja errado ou feio, quero vê-lo sofrer um pouco do que sofri enquanto estive aqui sozinha. A dor dele jamais irá apagar a minha, muito menos me fazer voltar ao tempo, mas sinto-me vingada e até justificada com essa imagem penosa de um homem, antes tão imponente e agora em total decadência.

Com um pouco de dificuldade ele retira uma pequena caixa preta do bolso e permanece esmagando-a como se ali estivesse a chave dos seus problemas. Vejo o reflexo do seu rosto no vidro ao passo que a chuva escorre e o céu escurece rapidamente... Lorenzo abre a pequena caixa, a curiosidade por saber como isso está ligado conosco é enorme, mas ele se vira dando-me a visão total do objeto. Um par de alianças cintilam aos meus olhos, com a mão aberta expondo as peças ele diz.

— Quando você contou sobre a gravidez, havia acabado de comprar essas alianças e foi a decisão mais fácil que tomei na vida. Não havia dúvida, pendência ou qualquer ponta solta a ser arrematada. Nosso amor era simples e o suficiente para tomar esta decisão, o amor ainda é, nunca deixou de ser... Não para mim, nem mesmo agora. Cheguei a gostar da ideia de mamãe de fazer um casamento junto com Sarah e Leônidas... Estaríamos casados hoje... Tudo teria sido tão diferente.

— Mas não foi e não vai voltar. — *Esmago meus sentimentos e tento espantar a vontade de dizer que também o amava... ainda o amo e sempre o amaria.*

— Sim, não vai voltar. — *Depois de colocar a caixa sobre a cadeira onde estava minutos antes, senta-se ao pé da cama, apoia os cotovelos nos joelhos e segura os cabelos como se uma forte dor tomasse sua cabeça.* — Pedi ao Bento que doasse os espermatozoides para uma inseminação artificial, caso você desejasse engravidar. Seria o nosso filho, o amaria como filho... Assim como amo o nosso... os nossos anjos que estão no céu. Não imagina o quanto isso é humilhante para um homem. Pedir que outro faça o trabalho que ele deveria ser capaz de fazer.

— Lembro-me muito bem das suas palavras. Nem em mil anos elas sairão da minha memória.

— Nem da minha. — *Fita-me de soslaio com os olhos vermelhos, o cenho franzido.* — Às vezes usamos o ataque como nossa defesa. Não quero me justificar, porém, preciso que tente enxergar o meu

lado. Foi a minha morte constatar que o seu amor por mim não era real e leal como o meu a você. Na hora pareceu assim.

— Eu merecia um voto de confiança.

— Sim. Você merece muito mais do que isso, só que eu não estava pronto para dar e, como você disse, não podemos voltar no tempo, infelizmente não podemos alterar o passado. Só que podemos ter um futuro lindo e eu prometo...

— Não prometa. — *Corto-o de forma grosseira.*

— Eu te amo!

— Eu te amei... Não mais, nunca mais. — *Sua mão escorre pela cama e acaricia o meu tornozelo de forma terna, os olhos mendigando afeto. O mais simples contato alveja e incendeia a pequena chama de amor que antes não aquecia e agora arde de saudade do carinho e da ternura que só ele consegue aplicar em um ato tão trivial.* — Seu amor é nocivo.

Santo Deus, tenha dó de mim!

— Quer que eu vá embora? Para sempre? — *Não!!!! Droga. Quero... Devia querer.*

— Tenho algo importante para contar. Foi para isso que o chamei aqui... É sobre a nossa filha Milena.

— Era uma menina? — *Um pequeno sorriso se forma, mas logo morre e dá lugar ao olhar marejado.* — Milena, é um lindo nome. O que aconteceu? Como aconteceu?... Desculpe, se não estiver pronta para falar disso, podemos deixar para outro momento.

— Não aconteceu... Ela não se foi. — *Respira. Ignora esse olhar. Foca e vai!* — Milena está viva e bem. Com a graça de Deus continuará assim.

— Oh!... Como assim, Dora?

As palavras me faltam e a única coisa que consigo fazer agora é mostrar para que ele mesmo entenda. O nó de lágrimas não derramadas me impede de continuar e num rompante de coragem, não sei vinda de onde, arranco a coberta lançando a almofada para longe e deixo meu ventre de mais de sete meses exposto.

Espanto, confusão, maravilha e emoção afloraram de todas as formas. Lorenzo não pisca, seus olhos vagueiam entre meu rosto e meu ventre buscando uma explicação ou o entendimento tardio dessa história surpreendente. A mão esquerda que segura meu tornozelo, paira no ar pedindo permissão para descer.

Não tenho como negar. Eu quero isso.

O que era uma mão, um carinho delicado, já são duas, um rosto e sem perceber ou ter forças para impedir, ele está deitado desengonçadamente sobre minhas pernas enquanto o rosto barbudo esfrega contra a minha barriga com tanto carinho como eu nunca recebi.

Quero impedi-lo, mandar que vá embora e suma da minha vida como fez antes, mas não consigo, mal posso me mexer ou até mesmo respirar. Lorenzo está atracado a minha barriga, chora, beija, sussurra coisas que quase não sou capaz de entender... Parece que nem estou aqui, ele simplesmente conversa com a filha e a chama pelo nome de uma forma tão íntima e delicada que não dá para dizer que até alguns minutos atrás ele não tinha consciência da sua existência. O orgulho e as feridas ainda abertas me impedem de continuar.

— Lorenzo... Lorenzo, me dá licença. — *Sou ignorada. O homem está em estado de graça e vejo algo que talvez nem ele mesmo tenha percebido, um grande e iluminado sorriso decora sua bela face, a tristeza não está mas aqui.* — Sai de cima de mim, agora.

Um pouco desconcertado e sem a menor intensão de esconder a sua felicidade ele senta, mas mantém a mão sobre minha barriga, coisa que corrijo logo em seguida cobrindo-a com a manta. Há muito tempo não sentia meu coração bater tão intensamente e esse frio

que percorre a minha espinha como se uma mágica existisse quando estamos próximos. E tentando parecer o mais séria e distante possível, conto a ele de forma superficial o que aconteceu da descoberta dos gêmeos até aqui. Reviver algumas emoções não é tão agradável, mas preciso deixar claro que ninguém contou sobre nossa filha por que eu exigi.

— Todos sabiam? Toda a minha família, a sua... o Pedro e o Talles? Estive com o Pedro há poucos dias, moro com meus pais...

— Os meninos e o Bento sempre souberam. As outras pessoas descobriram quando eu passei mal e o Natan nasceu. Exigi que guardassem segredo e em respeito ao meu estado de saúde eles aceitaram.

A menção ao nome do nosso filho deixa um clima pesado, por mais que uma parte de mim compreenda sua negação com a paternidade, desde que soube sobre os exames forjado. No fundo nada apaga o sentimento de que, se ele estivesse aqui nada de mal teria me acontecido, nem a mim e nem ao meu filho. É como se a culpa fosse dele e só dele...

— Não importa quem sabia, só quero saber de vocês agora. Como você está? A pré-eclâmpsia está controlada? Quero ajudar, fazer parte de tudo.

— Estamos muito bem, Lorenzo. Não há com o que se preocupar. — *Mantenho a minha distância. Não quero muita intimidade, preciso me manter neutra.*

— Você me deu a vida novamente. Um motivo para acordar, para lutar. Uma família... Somos uma família.

— Não somos e nem seremos uma família. Você é o pai da Milena e contra isso não há o que fazer, infelizmente. Estou passando por cima da minha vontade e do meu orgulho para dar a minha filha o que ela merece, que é o amor de pai e mãe, mas “*nós*” não existe. Se quer ter contato com a nossa filha, entenda isso.

Seu brilho começa e se dissipar diante de mim. Ele é tão cru e decifrável, parece uma criança que não consegue esconder quando não gosta de algo que ganhou no natal. Lorenzo é tão puro que quase me esqueço de todas as coisas ditas e feitas a mim e aos meus filhos.

— Ela terá todo o meu amor, assim como você. Sei e não nego os meus erros, peço perdão de joelhos se for preciso. Nossa filha será a criatura mais amada que já pisou sobre a terra... Ela já é e ainda nem aprendeu a andar. — *Sorri com a própria piada.* — Mas a mãe dela, essa sim, já tem um homem apaixonado caído aos seus pés, pronto para fazê-la feliz.

Aff Maria! Chega disso, já deu.

— Está na hora de ir.

— Posso voltar amanhã?

— Claro que não. Quando a Milena nascer conversaremos sobre os horários de visita e a pensão alimentícia. — *Falo sobre a pensão para testar a sua reação.*

— Não precisamos discutir sobre isso. Diga o que quer e está decidido.

— Se eu pedir... Ah... Sei lá. Vinte mil reais?

— Você e a nossa filha são o que mais importa. Amanhã mesmo irei ao banco e colocarei você como segundo titular nas minhas contas e dessa forma, não precisaremos nos preocupar com pensão ou com valores, você usa da forma que achar melhor e não questionarei isso.

— Não. Quando ela nascer conversaremos, hoje não. Vai, por favor, quero deitar um pouco.

Feliz e sorridente, depois de dar vários beijos na minha barriga e me surpreender com um estalado beijo na testa, ele vai embora.

Capítulo Vinte e Oito

Por Lorenzo

O céu não está azul, mas para mim está mais do que azul. As pessoas não sorriem no trânsito de São Paulo... Eu sorrio, canto, dou passagem para os apressados e até paro fora da faixa para as velhinhas. Estou vivendo o momento mais feliz da minha vida depois de tantas tormentas, fortes trovoadas que quase destruíram o pouco que ainda havia de mim. Finalmente sei o prazer de um sorriso e a felicidade habita em mim como nunca antes. Falta pouco para o paraíso, só falta ela.

Há uma semana descobri que um pedacinho de mim permanece dentro da mulher que amo e com isso ganhei vida, sim, ela sempre me traz a vida e motivos para seguir em frente. Dora tem o dom de iluminar qualquer escuridão, independente da dor que tenha me causado saber que ela escondeu a existência da Milena, não consigo sentir raiva e por fim entendi seus motivos. Talvez eu tenha merecido... Nem sei mais.

Chego atrasado à sala de reunião. Não sei exatamente qual o assunto me traz aqui, contudo, deve ser algo de grande importância, considerando que papai reuniu nós cinco aqui e não deixou transparecer nenhum detalhe do que será discutido aqui dentro. Vejo-o autorizar a entrada de alguém e quando a porta é aberta três homens completam as cadeiras vazias, conheço apenas um deles, Lucas, nosso técnico em informática, o mais velho não me é estranho.

— Agora que todos já estão presentes, vamos ao que importa. — *Os convidados se acomodam em suas cadeiras e papai continua.* — Como sabem, há dias estamos tentando desvendar quem poderia estar interessado em prejudicar o Lorenzo e com isso toda a nossa família. Já estávamos cientes que a senha da Magda foi roubada, que o login foi feito de sua sala e em um horário que ela não estava no hospital. Infelizmente essa sala não é equipada com câmeras de segurança, para privacidade dos pacientes, e coincidentemente a câmera do corredor tem um ponto cego justamente neste sentido. Passam centenas de pessoas pelo corredor, poderia ser qualquer um, de dentro ou de fora do hospital.

— Quem são estes homens, papai? Eu deveria estar ciente dessa reunião nos mínimos detalhes, é a minha vida.

— Chegarei lá, Lorenzo. Sente-se! — *Sem me dar a menor chance de questionamento ele continua.* — Já que não descobriríamos por aí, decidi ir para a outra ponta. Os exames foram impressos e enviados para você através de uma das funcionárias, a mesma os entregou para Patrícia... Em mão.

Por mais que eu já tenha rejeitado as investidas de Patrícia, isso não seria motivo para fazer algo tão sórdido. Surreal demais para a minha cabeça.

— Vou falar com ela... — *Levanto-me como um tiro, mas logo sou impedido por meu pai que parece já está com tudo planejado. Mamãe faz um pequeno sinal para que eu aguarde, ela sabe o que há por vir e eu não.* — Ok.

Mamãe pede que Patrícia traga algumas xícaras de café e ela não demora a entrar, com o seu longo cabelo loiro e uniforme muito menor do que o necessário para as suas medidas, ela entra desfilando. É impressionante como faz questão de olhar sensualmente para todos os portadores de pênis presentes na sala, tenta soar sutil e derrapa na curva.

— Patrícia! — *Mamãe chama quando ela caminha em direção à porta.* — Gostaria de trocar duas palavras com você. Benício, meu

querido, dê licença para esta bela moça se sentar. — *Papai deixa a cadeira de destaque na mesa e insiste que ela sente. Estamos todos com os olhos cravados nela e doutora Magda veste a sua carapuça de leoa.* — Conhece os meus filhos, Patrícia?

— Ah, claro! Como não conheceria?

— Você é mãe? — *A loira parece confusa, mas responde com desdém.*

— *Graças a Deus não. Não estragaria meu corpo com isso e não tenho tempo.*

— Acho que agora entendo a sua ignorância e descrédito pelos sentimentos e coragem de uma mãe.

— Não entendi.

— Vou explicar. — *Mamãe chega bem próximo ao seu rosto e apoia as mãos sobre a mesa.* — Quando alguém fere ou tenta ferir um filho, a mãe ataca. Pior... ela massacra, não tem misericórdia. Aqui dentro estão os meus três filhos e quero entender por que você quis prejudicar um deles. Pode me contar?

Nossa! Ainda estou trabalhando em minha mente para tentar montar esse quebra-cabeça e descobrir o porquê de ela estar envolvida nisso. Patrícia é burra demais para planejar algo assim e eu quero o mentor.

— Jamais! Nunca prejudiquei ou prejudicaria nenhum dos seus filhos. Olha... não sei o que está acontecendo, mas só posso dizer que estão enganados.

— Por que trocou a porra do exame dele? — *Leônidas vocifera raivoso como sempre, perde a pouca paciência que tem e soca a mesa.* — Não tenho saco para isso, hein!

Por incrível que pareça, não quero destruí-la, essa vadia já se auto destrói. Eu quero o mandante, quero chegar ao ser inescrupuloso que atentou contra a minha felicidade e da minha

mulher. Possivelmente causou todos os nossos problemas e mazelas.

— Eu? Eu... não... nunca.

— Tem certeza que vale a pena proteger a pessoas que te pediu isso? — *Um dos homens que não conheço se levanta e vai até ela.*

— Prazer, sou Wagner, delegado de polícia e amigo do doutor Júlio Delprame, que você já deve conhecer. — Como não reconheci esse sujeito? Ele me prendeu no dia que tentei invadir o prédio da Dora.

— Conheço o doutor Júlio, ele é advogado do MAH. O que um delegado tem com isso? — Neste momento ela parece aqueles cachorrinhos pequenos e raivosos que latem de longe enquanto tentam se esconder. Treme amedrontada.

— Além de ser crime?

— Eu não cometi crime nenhum. Quero sair daqui agora! Agora mesmo, entenderam? Abram essa maldita porta.

Sem dar chance para ninguém, mamãe acerta um tapa ensurdecador na orelha de Patrícia que, praticamente, chora de dor. O rosto branco e bem maquiado, agora ostenta uma enorme mancha vermelha e o relevo dos dedos longos e finos de doutora Magda.

— Uau! Mamãe virada no samurai. — *Bento não contém a gargalhada e recebe o olhar magoado de Patrícia. Por um breve momento sinto pena dela.*

— Bentinho, como pode? Não faz muito tempo estávamos juntos.

— Juntos não... Pera lá cara pálida. Transamos algumas vezes... muitas vezes, talvez.

— Vai permitir que me tratem como uma bandida?

— Uhm... Vou sim.

— Patrícia, vou te dar um conselho. Você poderá sair daqui apenas demitida, ou poderá sair daqui presa e algemada para todos apreciarem a cena. Sabe o que fazem com mulheres bonitas assim na cadeia? Já precisou usar absorvente feito com miolo de pão? Já tomou banho frio de caneca? Talvez goste de trocar produtos de higiene por sexo oral em suas companheiras não tão... asseadas. Não é um bom lugar, Patrícia. — *Wagner mantém a linha dura e blefa descaradamente como se já houvessem cem policiais lá fora esperando por ela e o julgamento fosse agora.*

— Você não pode fazer isso comigo. Pode?... Oh meu Deus! — *As lágrimas de crocodilo caem como cascata deixando sua maquiagem completamente borrada e os olhos inchados.* — A única coisa que eu fiz foi trocar os envelopes, nem sabia o que estava dentro dele, eu juro.

— Quem mandou você trocar os envelopes?

Agora sim quero escutar. Deixo minha cadeira, onde estive pacientemente todo este tempo e caminho com toda a minha falsa calma em sua direção. Sinto o seu nervosismo, vejo o corpo tremer e a pele ouriçar com o medo do que eu possa fazer. Só que ela não é o meu alvo... tenho sangue nos olhos e muito, muito ódio no coração.

— Tenho a sua garantia que nada vai me acontecer? — *Pergunta olhando para Wagner que está ao seu lado. Quando ele concorda, continua.* — Foi o Danilo, doutor Danilo Vallim, pediatra.

Danilo? Não é possível!

— Patrícia... — *A acidez em minha voz a deixa em estado de alerta, todos estão atentos a minha reação. Ainda preciso absorver, entender e acima de tudo... agir.* — Você tem total e absoluta certeza que foi o doutor Danilo Vallim quem lhe entregou o envelope adulterado? Isso é uma acusação de extrema gravidade. Haverá consequência, irrevogáveis, a ele se isso for mesmo verdade.

— Claro que tenho. Eu entrei de férias logo que você embarcou para o Rio, operei os seios e foi ele quem pagou. Esse foi o combinado, eu trocava os envelopes e ele pagaria a minha cirurgia e me daria um celular mais moderno. Não fiz nada, não sei de nada... Juro! Foi apenas isso.

— Apenas isso. — *Repito usando o mesmo tom amedrontado, minha ira se disfarça de humor enquanto a real vontade que nasce dentro de mim é esmurrar o rosto dessa louca e arrancar-lhe as próteses pelos olhos.* — O seu “apenas isso” DESTRUIU a minha vida!

Grito em cólera face a face com Patrícia. No mesmo instante sinto algumas mãos tentando me deter e mesmo com tantas vozes pedindo “*calma*” tudo aqui alimenta a minha ira e juízo é o que menos tenho ou menos quero nesse momento.

Ando de um lado para o outro enquanto Wagner interroga Patrícia sob os olhares acusatórios de toda a minha família. É obvio que isso não é um procedimento legal ou válido, é apenas um teatro para arrancar da cadela o máximo de informações possíveis. A grande surpresa vem quando ela, na tentativa de ganhar crédito, conta que Danilo era amigo de Sílvia, falecida esposa de Leônidas, insinua que os dois tiveram um caso e termina por dizer que ele a empurrou para o suicídio e alimentava suas loucuras e vícios. Leônidas fica visivelmente transtornado, não pela possível traição, mas sim pelo inferno que precisou atravessar por anos em um casamento nocivo. Patrícia tenta esconder, no entanto acaba assumindo que ajudou a intoxicar Sílvia com informações reais e falsas da vida sexual do meu irmão.

— Ele se ofereceu para negligenciar a menina que a doutora Sílvia teve, enquanto ela ficou na UTIN. Disse que para ele seria simples parar o coraçãozinho do bebê, mas a doutora preferiu manter o bebê para evitar um divórcio que a faria passar vergonha demais.

— Isso já é demais. Sílvia estava com depressão pós-parto. Como ele pode tentar persuadi-la a matar a própria filha?

— Sua esposa não era nenhuma santa, doutor Leônidas.

— Parecia-se muito com você. — *Cospe Leônidas com fogo nos olhos. Mexer com Nina foi o último pingo para transbordar o mal dentro do meu irmão.*

O mais chocante foi saber das atrocidades cometidas por ele no hospital. Segundo a loira, Danilo se gabava de forma desdenhosa que tratava os demais funcionários e do descaso com os pacientes em estado irreversível. Patrícia afirmou que ele “*antecipava*” o óbito dos bebês que estavam muito debilitados ou com pouquíssimas chances de recuperação. Se em algum momento desconfiássemos disso ele já estaria fora, nunca teria entrado. Isso é criminoso, cruel e imperdoável.

— Alguma vez ele disse o porquê tamanha raiva dos Malamans? É apenas com Lorenzo, ou podemos dizer que é geral? — *pergunta Wagner. Estamos todos atônitos com tais revelações.*

— Olha... ele sempre falou de forma muito rancorosa de todos, mas com o doutor Lorenzo é mais forte, mais pessoal mesmo. Não sei explicar o que é. Ele sempre pediu informações e detalhes da rotina, dos sucessos e principalmente da vida amorosa do doutor Lorenzo.

— Minha vida amorosa? Que doença esse maluco tem afinal?

— Acho que você tem um admirador secreto? — *Bento e seu humor sem relógio.*

— Meu punho será admirador do queixo dele, em breve. Isso é quase uma conspiração cinematográfica, chega a ser difícil de acreditar no encaixe dessas peças.

Um dos homens que estava com Wagner leva Patrícia até a sala ao lado enquanto conversamos sobre os possíveis caminhos a tomar e descobrimos que contra ela pouco se pode fazer. Optamos

por uma demissão por justa causa e o um processo por danos morais, já que o nosso foco principal é Danilo. Mesmo com toda a minha raiva e desejo de vê-lo morto, concordo em esperar até amanhã para que todas as provas sejam somadas e possamos agir dentro da lei.

Dentro da lei... É um pedido quase impossível.

— Entre... — *Diz minha mãe. Uma enfermeira surge na porta, sua expressão é de emergência.* — Para ter vindo até aqui deve ser urgente. Diga.

— Desculpe. — *Vira-se para Bento.* — Doutor precisamos do senhor agora. — Volta a atenção para mim. A... sua... não sei bem se é namorada... A senhorita Dora Barcelos deu entrada na emergência. Ela tem hipertensão, hemorragia e está desacordada.

— DORA?

— Ela mesma, senhor. Tem uma hemorragia severa.

Descemos a escada em galopes apressados, nem ao menos cogitamos o elevador. Bento corre comigo e só consigo pensar que não suportarei passar por isso mais uma vez. Como estará a minha vida?

Amita diz que chegou e encontrou a filha se contorcendo de dor caída no corredor do apartamento. Ela havia ido cedo ao mercado e demorado cerca de uma hora, Dora estava bem quando saiu. Ao chegar na portaria um rapaz segurando um jaleco do MAH se identificou como um amigo de Dora e gostaria de visita-la. Achando bom a filha não ficar sozinha, ela deixou que o tal sujeito subisse. Quando retornou ele não estava mais lá, porém o telefone fixo estava com o fio desligado e o celular havia desaparecido.

Estamos todos muito nervosos e isso só serve para me descontrolar ainda mais. Patrícia não teve tempo de avisar ao Danilo sobre sua delação, então por que ele faria isso. Nem ao menos sabemos se foi ele realmente, os motivos que levariam

alguém a prejudicar uma pessoa tão querida. Será que existe motivo para isso?

As horas vão passando e nenhuma notícia. Bento e sua equipe estão com Dora para fazer exames e avaliar o seu quadro clínico, todos os procedimentos necessários serão feitos e tenho consciência da competência do meu irmão e da seriedade do seu trabalho. Permanecemos, eu, dona Amita, mamãe e Leônidas ao telefone com Sarah. Patrícia está em uma das salas com o homem que acompanhava Wagner. Papai está com Wagner tentando descobrir mais informações sobre o tal funcionário que visitou Dora mais cedo.

— Temos um problema. — diz meu irmão ao romper pela porta.
— Na verdade, problemas aqui estamos pegando de pá. Oh fase.

— Qual problemas? Minha filha... Ela está bem? Dora?

— Dora está bem. Perdeu um pouco de sangue, mas ficará bem, está sedada.

— Sedada?

— Fizemos um ecocardiograma fetal e constatamos uma cardiopatia congênita. Milena tem TGA, precisará ser operada assim que nascer. Coisa que não deve demorar muito.

Mais uma bomba estourando sem aviso prévio. Quando acho que as coisas estão caminhando para um período de paz, vem um terremoto e devasta mais um pouco o que eu ainda nem comecei a reconstruir.

Já estamos há mais de duas horas estudando o caso de Milena. Minha filha tem uma cardiopatia chamada Transposição das Grandes Artérias e isso significa, basicamente, que a artéria que deveria levar sangue para o coração leva ar e a que deveria levar oxigênio para o pulmão leva sangue. A cirurgia precisa ser feita assim que ela nascer e por isso devemos estar totalmente

preparados e conscientes do seu caso clínico. Agora vem a parte mais complicada.

— Lo, ela está acordada. O líquido amniótico está muito baixo, precisamos intervir. Com o acontecido a pressão não está cedendo.

— Vou falar com ela. Gostaria de estar sozinho, é um assunto nosso.

— Lorenzo, eu entendo que deve ser muito complicado para você... Talvez seja melhor não participar da cirurgia, talvez...

— Bento, isso vai acontecer. Ninguém fará melhor do que eu farei. Ela é tudo de mim e eu vou dar tudo que tenho por ela. Sei que está preocupado pelo meu envolvimento emocional nessa cirurgia, mas é justamente o meu coração que está guiando e intensificando a minha qualificação profissional. Além do mais, não estou fazendo isso sozinho, somos em mais de dez pessoas na equipe multidisciplinar. Não sou irresponsável, se estou fazendo é porque não vou falhar.

Capítulo Vinte e Nove

Por Dora

Mais uma vez em um quarto de hospital. O cheiro, as cores e até mesmo a atmosfera quando estamos internado é totalmente diferente de quando estamos trabalhando. Esfrego minha barriga desesperada buscando ter certeza que Milena ainda está viva e bem dentro de mim, aperto um pouco a parte superior entre as costelas e ela logo responde com uma movimentação suave, mas já o bastante para me trazer a paz que perdi nestes poucos segundos de incerteza.

— Graças a Deus você está viva, meu amor!

Sei por que estou aqui. Lembro-me exatamente do estopim que fez tudo vir por água a baixo.... Lembro-me do olhar ferido e rancoroso que ele direcionou a mim e lembro ainda mais da voz e do cheiro de álcool exalando por seus poros, deixado em seu hálito quente e fétido. Danilo estava completamente embriagado, fora de si. Sua intensão era me chocar e deixar claro que não abriria mão do seu desejo ou me deixaria viver, sua visita foi movida pelo ódio acumulado em todos estes anos que ele disse guardar o seu amor.

Quando a campainha tocou imaginei que fosse minha mãe que estivesse voltando para buscar alguma coisa esquecida, entretanto meu espanto se deu quando o Dr. Danilo Vallin cruzou a entrada como um foguete e invadiu meu apartamento completamente embriagado parecendo não se importar com as consequências do seu ato. Algumas pessoas buscam coragem na bebida, outras a culpam pela coragem, Danilo me parecia ser a suma das duas.

— Estão é verdade. A vaquinha continua prenha e o mutante será papai. Sabe que eu cheguei a pensar que era fruto da cabeça dele... Sei lá, de repente uma versão masculina de “*gravidez psicológica*”. O grandão sofreu tanto que criou essa fantasia, mas não, olhe para você, ainda é a vaca prenha que deveria ter morrido no parto.

Eu deveria ter feito mil coisas, mas não fiz, apenas estaquei ali diante dele e sem o menor entendimento do que estava acontecendo. Um medo instintivo gelou a minha espinha e tornou tudo ainda mais estranho. Vejo o corredor vazio e sei que meus vizinhos de porta estão trabalhando, estamos sozinhos neste andar.

— Quem pensa que é, para invadir a minha casa? — *Mostro-me inabalável.* — Acho que já deixei claro que não quero nada com você, Danilo. Qual o seu problema? Não tem nenhuma outra mulher interessada? Saia. Da. Minha. Casa. Agora!!! — *Ele sorri apenas mostrando os dentes e meneia a cabeça em negativa. Não há humor no seu semblante, é uma risada maléfica, diabólica.*

— Bobinha você. Só te quero se vier com um bônus. Grávida é que não quero mesmo, que nojo. Se fosse antes eu até toparia um trio, agora não.

— Que maluquice é essa?

Sem me responder ou constranger-se com o papel ridículo que estava fazendo, Danilo caminha pela sala e se joga no sofá enquanto me chama para fazer companhia a ele. Nego e mantenho a porta aberta, se ele tentar alguma coisa eu grito. Irritação é pouco para o que estou sentindo.

— Fecha essa porta e senta aqui comigo. Fique tranquila que não irei estuprá-la, você não faz muito o meu tipo, muito menos agora que está prenha. Não quer saber quem fraudou os exames do seu amado?

Mesmo irritada e cabreira com o sua “*visita*”, decidi que era melhor entrar no seu joguinho. Por mais que eu queira colocá-lo

para fora daqui, também quero e preciso saber quem foi o responsável pela alteração dos exames de fertilidade do Lorenzo. Sento-me o mais distante possível mantendo o estado de alerta, não quero o mal dele, mas se tentar algo, racho sua cabeça com imagem de Santa Clara que mamãe trouxe de Pedra Azul.

— Está com medo de mim? Tenho cara de mau?

— Não. Tem cheiro de álcool e não confio em pessoas alcoolizadas. Fala logo o que sabe e vá embora, Danilo. Minha mãe já deve estar chegando.

— Aquela senhora simpática que abriu o portão para mim? Sei... Acho que irá demorar um pouco.

Maldita hora que aceitei escutar esse lunático. Vejo maldade em seu olhar, não pouco, mas muita maldade e rancor. Eu sempre soube que ele e Lorenzo não se davam muito bem, na verdade, ele não se dá bem com ninguém. Danilo é o tipo de pessoa superior, esnobe e cheia de não me toque. Ainda me pergunto como um médico tão malquisto continua a trabalhar em um hospital que preza tanto pelo bom atendimento e tem fama de receptivo.

— Escuta aqui... — Antes que eu termine de falar ele já está praticamente em cima de mim, grandes mãos envolvendo meu pescoço e joelho posicionado contra a minha barriga. Meu coração dispara freneticamente e um enorme arrependimento me preenche.

— Escuta aqui VOCÊ. — Ele cospe não só as palavras, mas chega a cuspir literalmente em meu rosto. — O sangue Malamam do seu monstinho já está te deixando mais corajosa. Cuidado! Posso tirá-lo de você em dois tempos, sabia? Nunca viu caso de magia negra, hum? Está vendo pouco noticiário, vaquinha preña. Imagina a cena...

— Danilo... Pelo amor de Deus... — Respiro profundamente buscando calma. Consigo sentir meu coração batendo em meus ouvidos.

— Ele é meu. Você apareceu para tirá-lo de mim e isso não vou permitir. Ele é meu mutante. — What? Acho que não entendi. — Desde a escola ele sempre foi o meu favorito, sempre foi o mais atraente com o seu jeito quieto e inteligente. Grande... Lindo.

— Você está falando do Lorenzo? Você é gay?

— Eureka! Ela pensa. Por um momento achei que teria que desenhar para você, mas vou explicar. — Ânsia de vômito me consome quando ele lambe da minha bochecha até a têmpora. O mal hálito está azedo deixa um rastro gosmento em minha pele. — Também gosto de meninas, vocês são macias e cheirosas. Só que gosto ainda mais de brutalidade masculina, do cheiro de macho com tesão, adoro sentir a neca entrando. — Arregalo os olhos com a total falta de pudor dele ao falar comigo. — Está chocada? Então vou te chocar ainda mais.

— Você está me machucando.

— Quando estávamos na oitava série eu descobri que Lorenzo sempre se masturbava no banheiro da escola depois da aula de educação física. Ele não aguentava ver as meninas da ginastica se alongando. Sempre fui espionar e acabava me masturbando assistindo ele fazer o mesmo, escondido é claro. Um dia o tio da limpeza me pegou fazendo isso e adivinha?... Não faz ideia?

Nego com a cabeça. Tudo que quero agora é sair de perto dele, não estou nem um pouco preocupado com a sua vida de maluco sexual teen. O joelho pressionando minha barriga começa a machucar, minha cabeça dói e isso só me deixa com mais medo de passar mal ou ter uma crise de pressão alta.

— Ele abaixou as calças e mandou eu chupar. Foi a primeira vez que toquei em outro homem, a primeira vez que toquei sexualmente em outra pessoa. A partir daí não parei mais, quando tomei coragem fizemos sexo no armário de vassouras e depois mais e mais, até que meus pais começaram a cobrar que eu apresentasse meninas em casa, formasse compromisso e coisas assim.

Danilo me contou toda a sua história de vida, sua rebeldia de causa e sua paixão encubada por Lorenzo, que nunca permitiu aproximação. Contou sobre suas brigas da escola até a faculdade e acabou soltando que foi a única forma de ter a atenção dele por algum tempo, manter um vínculo, mesmo que excêntrico. Quanto mais ouço sobre seu passado, mais tenho certeza que ele desenvolveu um amor insano por Lorenzo e somado a sua má índole usou isso para justificar as suas ações... desequilibradas.

— Nós não estamos mais juntos, não sou mais uma pedra no seu caminho. Acho melhor você correr logo atrás dele e me deixar no passado, como já estou há muito tempo.

— Tenho cara de idiota, mesmo? Lorenzo está soltando fogos desde que soube que você ainda está grávida, sorri de orelha a orelha. Ele não vai desistir enquanto esse monstinho estiver vivo aí dentro.

— O que você está pensando em fazer, Danilo? Pelo amor de Deus, você é um pediatra, eu tenho um bebê dentro de mim. Pense nisso, pelo menos.

— Faça-me rir, minha querida. Acha mesmo que eu me importo? Não, eu não me importo, nem com você e nem com a criança. Sinto muito.

O ar começa a me faltar, meu coração está completamente acelerado. Olho em volta buscando algo que possa me ajudar ou pará-lo. Não sei se ele é tão ruim ou se está tão embriagado que fala mais do que realmente é.

Sinto alguma machucar minhas costas, solto uma das mãos que tentava contar os braços dele e consigo alcançar um bico de pato que eu havia deixado ali no dia anterior. Ele é feito de metal e tem uma ponta relativamente fina, mesmo sendo um utensílio de prender cabelos, será minha única chance de me desvencilhar dos braços dele.

Pensando apenas em Milena, uso todas as minhas forças e acerto o meio de suas pernas com a ponta do bico de pato. O corpo grande cai sobre mim ainda tentando me segurar, agarra um pouco meus cabelos, mas não tem forças. Tento reunir as minhas, porém o peso dele caindo sobre mim causou uma dor surreal e praticamente me arrasto pela sala tentando chegar o mais rápido possível à porta e pedir ajuda.

— Desgraçada, filha da puta. — Vejo que ele consegue se levantar. E nesse momento meu celular começa a tocar com o despertador e em um pensamento rápido atendo como uma ligação e finjo pedir socorro a Lorenzo. — Socorro!!! O Danilo quer me matar...

O telefone é arrancado da minha mão e arremessado contra a parede. O fixo é arrancado da tomada. Tento me afastar, mas ele está completamente desfigurado com a ameaça de ser desmascarado e de ser odiado pelo homem que diz amar. Danilo vem em minha direção e atira-me contra a parede, o impacto é muito forte e só consigo ver seus pés caminharem em direção à saída.

(...)

Ele poderia ter me matado. Poderia ter matado a minha filha, mas não, eu estou aqui e sinto que estou bem na medida do possível, estou bem e só preciso saber a dimensão do que ele me causou ou se foi apenas um susto. Preciso contar a Lorenzo e aos Malamans que eles têm um inimigo desequilibrado dentro do hospital lidando com crianças e com um potencial destrutivo muito grande.

— Quem bom que acordou, minha filha. — Mamãe entra no quarto segurando um copo de café e sua bíblia. — Rezei sem parar para que estivesse bem. Estão todos aqui.

— Oi, mãe! Estou bem, eu acho. Quero falar com Lorenzo.

— Ele também quer muito falar com você. Posso pedir para ele entrar, acha que está bem mesmo? — Concordo com a cabeça. Ela vem até a mim, planta beijo em minha testa e barriga, deixa a bíblia sobre a mesinha e sai.

Quase que imediatamente Lorenzo entra e percebo que há muito tempo eu não o via vestido como médico e com um semblante mais feliz, um pouco preocupado, porém feliz.

— Vida, graças a Deus acordou. Não tem noção de como fiquei preocupado com vocês, não sei se sobrevivo a essas coisas, vou enfartar logo, logo.

— Lorenzo, eu sei quem fraudou os seus exames. Danilo foi ao meu apartamento e contou coisas chocantes, fatos da infância e adolescência de vocês...

— Nós já estamos sabendo. — Arregalo os olhos surpresa diante dessa nova informação. Como assim, sabiam? — Quando estávamos na sala de reunião e descobrimos tudo que ele fez, uma enfermeira entrou para chamar Bento e me informar que você havia dado entrada no PA. A Patrícia, secretária do nosso andar, o ajudou a trocar os resultados.

— Deus do céu!

— Só não entendo porque ele iria tão longe por desentendimentos da escola e da juventude. Não nos damos bem, nunca poderia ser razão para tanto ódio.

— O motivo é justamente o oposto.

Escolho as palavras e vejo o questionamento desenhado na face de Lorenzo. Imagina a cara da pessoa ao ouvir *“Ele te ama e por isso tentou te destruir”*?

— Oposto? Como assim, ele disse?

— Bom, vamos lá... — Conto todos os detalhes, palavra por palavra contada por Danilo, não deixo escapar nem mesmo a cena

escabrosa dele transando com o senhor da escola.

Ao mesmo tempo que fica espantado, Lorenzo parece lembrar de acontecimentos da sua juventude e juntar as pontas desse novelo tão emaranhado de informação surpreendentes e um pouco desconexas. Ele mesmo acrescenta alguns detalhes de momentos que, hoje, fazem sentido como: Uma mordida no pescoço que Danilo justificou para os amigos de faculdade sendo uma brincadeira com a namorada.

A mudança de espanto para a própria personificação da ira toma conta do semblante dele, suas mãos se fecham em punho e as veias do pescoço aumentam de calibre até que a pulsação esteja aparente. A pele ao redor do seu colo está avermelhada tanto quanto os olhos neste momento. Tudo isso ocorre de forma gritante quando declaro a intenção dita e demonstrada de Danilo em acabar com a vida da nossa filha.

— Monstrinho?

— Ele disse que não você não desistiria de mim enquanto “esse *monstrinho*” estivesse vivo dentro de mim.

— Filho a puta. Se essa criatura cruzar o meu caminho não sairá vivo para conhecer o dia de amanhã.

— Não diz isso nem de brincadeira, Lorenzo. A última coisa que a nossa filha precisa é de um pai preso. Ele está no hospital?

— Não, parece que deixou o plantão hoje cedo.

— Precisamos chamar a polícia, não caia na besteira de fazer nada. Pelo amor de Deus!

— Vida, ele tem bem mais problemas do que você possa imaginar. Leônidas é quase uma bomba atômica e está completamente irado com tudo que soubemos que Danilo fez para complicar o seu casamento e o estado emocional de Sílvia. Não é pelo fato de ter ficado viúvo e sim pelo fato da sua filha ter perdido o direito a conviver com a mãe.

— Eu não sabia disso.

— Pois é. Meus pais estão muito irritados, pois o infeliz usou a senha da minha mãe para me ferrar. Sem contar que parece ter prejudicado alguns RNs na UTIN, doutora Magda está só o veneno em pessoa.

— Só faltou o Bento.

— Não se engane. Bento tem um belo sorriso, mas pode ser bem malvado quando provocado. Meu irmão é muito apegado à família e Danilo destruiu de forma muito severa a todos nós. Espero que esse monstro não tenha a péssima ideia de aparecer aqui nas próximas 24 horas, estamos com os nervos à flor da pele para medir nossas ações.

Ficamos mais um tempo conversando e confesso que senti falta dessa interação com ele. Há muito tempo não me sentia tão tranquila e bem de espírito, Lorenzo me passa isso. Ainda assim vejo que tem algo errado, alguma coisa para ser contada.

— Tem algo mais, não tem? — Nossa intimidade não deixa passar o olhar, o peso da piscada mais longa e a respiração forçadamente controlada que ele tenta esconder. — Estou esperando.

— Bento fez alguns exames em você enquanto estive desacordada. Em você... e na Milena.

— Tem alguma coisa errada com ela? Por favor, Lorenzo não me deixa no escuro. — Impossível manter a calma diante disso.

— Ei! Fica calma, você precisa manter a calma. — Ele coloca meus cabelos atrás das orelhas e alisa meu rosto. É tão bom sentir o seu carinho. — A Milena... Ah, a nossa filha tem um probleminha no coração, uma cardiopatia congênita que precisa ser resolvida o quanto antes. Foi ótimo que descobrimos agora e podemos intervir. Teremos todas as chances, minha vida.

— Intervir significa operar? Não...

— Vida, ela tem o que chamamos de TGA - Transposição das Grandes Artérias. De forma simples, isso significa que o sangue que deveria ir para o coração, vai para o pulmão. O oxigênio que deveria ir para o pulmão, está sendo levado para o coração.

Antes mesmo dele terminar a sua explicação eu já estava me debulhando em lágrimas e completamente desesperada. Lorenzo tenta me acalmar e conversa sobre o procedimento, informa que a melhor cardiopediatra que ele conhece já chegou do Rio e irá participar da cirurgia da Milena e que está muito confiante. Ele conversa comigo como se eu fosse uma criança e tenta deixar tudo muito simples e normal, apesar disso eu sei que uma operação no coração de um bebê não é como uma sutura no dedinho mindinho, da forma que ele quer que eu acredite.

— Parece castigo.

— Não, não parece. Pessoas enfrentam problemas a todo momento e só estamos fazendo o mesmo. Nossa filha poderia ter mil problemas sem solução, mas não, o que ela tem é operável e ela poderá ter uma vida normal quando crescer. Só precisamos fazer o nosso melhor.

— Ela deveria ser perfeita. — Digo chorosa

— Ela é perfeita, não diga isso.

— Desculpa! Acho que estou sendo injusta com a vida, afinal o pai da minha filha é um cardiologista, não é? — Tento brincar enquanto enxugo as lágrimas.

— É, ainda bem que não sou psiquiatra ou oncologista.

— Quando a operação deve acontecer? Ela ainda vai demorar para nascer.

— Então... Essa é a outra informação importante. — Cassilda! — Seu líquido amniótico está com o volume baixo e com a soma de fatores, mais a sua pressão elevada... Bento decidiu, junto com a equipe médica, que o parto deverá ser feito o quanto antes e a

cirurgia logo depois. Em muitos casos pode-se esperar horas, dias ou mais, porém, diante do que já temos em mãos tudo indica que o melhor seja a cirurgia imediata.

— Eu não quero isso. Ela será prematura, Lorenzo, nós já passamos por isso lembra? Não vou aceitar isso, precisamos esperar mais, deve haver um outro jeito. — Ouço o apito de um dos aparelhos e percebo minha respiração ofegante, sei que estou me alterando, mas é impossível manter a calma com tantas lembranças ruins rondando minha mente.

— Vida da minha vida. Você já está com mais de sete meses, estamos com tudo preparado para receber a Milena da melhor forma, estamos no melhor hospital, temos os melhores médicos.

— Tenho medo de passar por tudo outra vez. — Ele me abraça, estou tremendo e ele parece tão forte e tão seguro.

— Não compare as situações. Milena já está caminhando no oitavo mês. Pela ultrassom passou de dois quilos e de 44 centímetros. Claro que precisará de um tempinho aqui para se recuperar da cirurgia, mas isso será breve e tiraremos de letra. Não perca a fé e confie em mim, pode ser pedir muito depois de tudo que vivemos até aqui. Mesmo assim te peço, confie em mim, eu não vou sair de perto dela e a trarei de volta para você.

Sim, eu confio. As palavras de Lorenzo foram tão sinceras e tão fortes que eu simplesmente confio nele e sei que irá fazer tudo e mais, se for preciso. Ele tem o dom de me acalmar e colocar-me no centro novamente. Eu confio nele.

Capítulo Trinta

Por Lorenzo

24 de novembro de 2014

Feliz e apreensivo, é assim que estou me sentindo agora. Há poucos dias soube da existência de Milena, desde então só mantive contato com Dora por telefone, mensagens e poucas fotografias da barriga que eu insisti muito para que ela enviasse. E hoje estou aqui lavando as mãos antes de entrar na sala de parto para acompanhar o parto da minha filha e dar forças para a mulher da minha vida.

Na sala ao lado já está toda a equipe que irá me acompanhar na cirurgia de transposição das artérias, são diversos profissionais e minha amiga e excelente cardiopediatra, doutora Gracy Pitomba. Milena será avaliada pela minha mãe e logo depois começaremos a operação, quanto antes melhor. Doutora Magda fez questão de ser a pediatra presente na sala de parto, estamos todos engajados na chegada da nossa princesa.

— Quantas vezes você vai lavar as mãos? Já lavou cinco vezes.

— Bento me surpreende.

— Cinco vezes?

— Sim. Pelo que contei, não é? Pode ser que já tenha lavado umas dez, doze...

— Já entendi, idiota. Estou preocupado com ela, não gostaria que passasse por isso tudo em tão pouco tempo. Não sei como suporta.

— Lembra quando pegamos catapora todos juntos? — Sorrio com o flash da lembrança de infância. — Mamãe deu conta de três pestes doentes, se coçando e com milhares de feridas pelo corpo.

— Papai ficava mais no hospital do que em casa, naquela época.

— Pois é. E dona Magda deu conta, é mãe cara... Mãe aguenta.

Pelo vidro vejo Dora ser preparada e anestesiada para a cesariana, Talles conversa com ela e mesmo neste momento consegue deixá-la mais relaxada e até mesmo arrancar um sorriso de seus lábios retesados ante a situação.

Quando tudo começa eu apenas observo, permaneço parado por trás de sua cabeça, massagueio seus ombros e tento manter seus pensamentos na chegada da nossa pequena e não no pós. Bento toma a máscara profissional e comanda sua equipe como se não estivéssemos aqui. Mamãe está apostos esperando sua hora de agir, mas não esconde a emoção e lança olhares amorosos em minha direção.

— Acha que ela será loira como você? — Pela primeira vez desde o início, ouço sua voz.

— Prefiro que seja morena como você, loiras dão mais trabalho.

— É aí que se engana, eu era uma peste.

(...)

Há muito tempo não ficávamos tão próximos, essa cumplicidade havia se perdido em meio a todos os problemas e agora não vejo barreiras, o escudo intransponível que nos separava está pouco a pouco se desfazendo e dando passagem aos sentimentos, antes restritos.

Seguro firme em suas mãos, estão geladas. Quando entrelaço nossos dedos recebo o olhar mais sincero que já testemunhei. Somos nós, Dora e Lorenzo, um casal passando por um momento único e cheio de possibilidades e incertezas, mas estamos juntos e

isso vai além do que o futuro pode nos reservar. Eu estou aqui para ela e ela está aqui para mim, somos um só e juntos somos assim.

— Eu te amo. Só preciso que saiba.

— Eu sei...

Antes que ela possa concluir sua resposta somos interrompidos por um choro forte e irritado. Nossa mocinha não gostou de ser privada da sua morada quentinha e aconchegante. Milena já chegou aos berros e pronta para o show.

— Escandalosa como um Malamam legítimo. — Mesmo com a máscara vejo Bento sorrir ao falar da sobrinha que já é aspirada pela avó enquanto o tio corta seu cordão umbilical. — E devo comunicar que essa é delicada como a mãe, cinco dedinhos, Lo.

Não é importante, nem mesmo estava curioso quanto a isso, mas de qualquer forma, é bom saber que ela não herdou os meus defeitos.

— Ela está bem? Lorenzo olha ela para mim e diga se está bem.

Uma pequena cortina impede que Dora veja o que acontece do seio para baixo e por isso ela está aflita para saber com riqueza de detalhes tudo à nossa volta, apenas o som é a sua referência.

— Acalme-se minha vida. Nossa princesa está bem. — Beijo sua testa e volto para acompanhar Milena.

Quando ela é apresentada a sua mãe e posta sobre seus seios, tenho a mais bela visão que jamais pude contemplar na vida, o momento mais belo e mais puro. Dora inclina-se para ver nossa filha que chora histérica e por reflexo toca o rosto da mãe como se estivesse fazendo um carinho para dizer “*eu estou bem*”. Essa cena jamais irá deixar minha memória, minhas mulheres se conhecendo, se amando e eu aqui bebendo essa visão como um bálsamo. Hoje eu sei o que é importante e até onde vai o meu amor por elas... Ao infinito, transpõe barreiras.

— Ela é linda, linda. Meu amor, você é perfeita. A mamãe te ama tanto, princesa. — Com muita delicadeza e carinho, Dora acaricia seus cabelos untados, conta os dedinhos e cheia nossa cria.

Minha felicidade é tamanha que só sei sorrir, olhar a chorar. Derramar emoções nunca imaginadas, sentimentos totalmente desconhecidos a mim. Sei que preciso intervir e percebo a mensagem passada pelos olhos de Bento.

— Minha vida, precisamos ir. — Sussurro em seu ouvido.

— Quero ficar com ela. Não quero que a leve de mim.

— A trarei de volta e nunca mais ficarão separadas, prometo. — Faço sinal para uma das enfermeiras retirar Milena dos braços da mãe.

Mesmo rodeados de pessoas nos fechamos em um mundo próprio. Abaixo-me ao seu lado e olhando em seus olhos cheios de lágrimas faço promessas silenciosas e ela me responde da mesma maneira. Limpo seus olhos, acaricio seu rosto e deixo que o amor fale por si.

— Promete? Promete que trará ela de volta para mim... Não vai deixar que nada de mal aconteça e logo ela estará nos meus braços... Promete? — Como a voz extremamente emotiva a suplica é feita e sei que vem da alma.

— Eu não sairei de lá sem ela, fique calma e apenas ore.

— Irmão... — Bento lança um olhar de reprovação, mas não me importo. Mesmo sabendo que não devo e não posso fazer esse tipo de promessa, faço.

— Vida, agora eu preciso ir. Você sabe que poderia segurar alguns dias para operar, mas decidimos em consenso fazer agora.

— Eu sei, mas dói deixá-la partir. Tenho tanto medo de perdê-la.

— Ela estará comigo, pense assim. Vocês são o que tenho de mais precioso e agora darei além de mim para conseguir vê-la em

seus braços, linda, saudável e feliz.

— Como merecemos.

— Como vocês merecem.

— Não. Como nós merecemos. — Dora aperta minha mão e sorri timidamente. — Nós merecemos uma nova chance, nós três. Eu confio em você e sei que ela está nas melhores mãos, nas mãos do pai dela e não há ninguém melhor nesse momento.

— Sim... Preciso mesmo ir. Eu te amo e te vejo em breve.

— Deus te abençoe e guie suas mãos.

— Amém.

Antes que eu possa me levantar ela toca meu rosto, me conduz sutilmente até que estejamos face a face, narizes encostados e respirando o mesmo ar. Ficamos assim com os olhos fechados e o coração aos pulos, até que no último segundo sinto sua abertura e a beijo, apenas um toque, um pequeno contato de lábios casto, mas carregado de sentimentos e concessões para um possível amanhã.

— Agora tenho forças e ímpeto para qualquer coisa. Até mais tarde. Prepare os seios, Malamans são famintos.

(...)

Não é aconselhável que um cirurgião opere alguém muito próximo com quem tenha forte envolvimento emocional, mas não é proibido. Claro que precisamos ter conhecimento de causa e discernimento para saber até onde ir e como proceder. Amo minha filha com todas as minhas forças, no entanto me conheço profissionalmente e sei que estou controlado e no comando dos meus sentimentos para garantir uma cirurgia bem-sucedida.

Depois de uma longa conversa com Deus, começo a preparação pré-operatória e converso com Gracy, revemos os exames, repassamos o procedimento e damos início ao trabalho. São muito

profissionais, não é algo simples e precisamos de um número grande de especialistas, enfermeiros e técnicos.

Somos em seis pessoas diretamente envolvidas com a operação, fora outros que ajudam no entorno e em auxílios suplementares. Todos devem estar totalmente focados e compenetrados em cada detalhe, aqui um milímetro pode determinar a vida ou a morte do paciente, que por um acaso é minha filha. Neste momento meu foco é apenas o coração, minha visão só consiste no peito aberto a minha frente, no pulsar do musculo vital e em todos os votos colocados em mim e na minha equipe.

Depois de horas, muito esforço e concentração. Quando o último ponto é dado e o coração segue batendo dentro da pequena caixa torácica e os sinais vitais vão se estabilizando, o mundo fica mais leve e o peso de milhões de toneladas posto sobre meus ombros, pouco a pouco vai sendo aliviado. Um a um os tecidos e protetores são retirados, aos poucos o corpinho de Milena é exposto e finalmente a vejo com o grande curativo tomando todo o seu peito, alguns aparelhos serão necessários para mantê-la bem e melhorando, mas logo estará pronta para respirar e se alimentar sozinha. Rezo por isso.

(...)

Já é noite quando deixo o centro cirúrgico, envio mensagem para meus irmãos que devem estar por aqui e para meus pais. Me informo sobre qual o quarto de Dora e sigo para encontrá-la, tenho certeza que está desesperada por notícia e aflita com todas as possibilidades. A cama está vazia e a luz acesa do banheiro me diz que já se sente bem o suficiente para andar e isso é mais uma boa notícia. Logo ela aparece com Sarah ajudando-a.

— Graças a Deus! Terminou?...

— Sim, terminou. Nossa guerreira está bem, a cirurgia foi um sucesso. — Sorrio, finalmente sorrio verdadeiramente e me aproximo para um abraço, não tão apertado devido seus pontos, mas muito afetuoso e sincero. — Amanhã já poderá vê-la.

— Só amanhã? Eu estava esperando conseguir hoje. Jura por tudo que há de mais sagrado, que ela está bem, fora de perigo.

— Ela está indo muito bem. Isso posso garantir. Tudo foi melhor do que esperávamos, ela reagiu muito bem e agora é a fase de pós-operatório, precisamos ter fé e cuidar dela. Em alguns casos os bebês precisam de um ou dois meses de internação, mas já vi casos de irem para casa em sete dias. Isso é muito variável.

— Tudo bem. O importante é que ela está indo bem.

Conversamos sobre a cirurgia, Sarah e Dora me encham de perguntas e eu respondo todas da melhor forma possível. Mesmo com o emocional de mãe abalado, Dora sabe dos riscos e que precisamos ter fé, mas também precisamos ser realistas.

A chuva em São Paulo cai de forma assustadora, no noticiário vemos que muitos locais já estão ilhados e é quase impossível sair de carro. Meus pais já estão em casa com Nina, minha sobrinha ficará com eles. Bento e Leônidas foram para casa, os celulares estão fora de área e pelo fixo confirmamos que ainda não chegaram. Eu tenho algo muito importante para fazer e não pode esperar, aviso as duas irmãs que volto pela manhã, pois o dia foi muito intenso e preciso de forças para mais batalhas e logo estaremos os três em casa como uma família que somos.

— Tem certeza que irá sair nesse dilúvio? Não tem um lugar que possa dormir aqui no hospital?

— Vida, fica tranquila que ficarei bem. Não será a minha primeira chuva e nem a última. O dia foi muito longo e preciso estar novo em folha para amanhã. Prometo que logo cedo estarei aqui com você.

— Eu cuido dela, Lorenzo.

— Tenho certeza que sim, dona Amita. Ninguém seria melhor. Já vou!

— Deus te olhe, meu filho. Sarah ficará também, ela foi comer alguma coisa e já está voltando.

Mesmo temendo ser rechaçado, planto um beijo na testa de Dora e ela não me rejeita. Além de aceitar meu contato, deseja-me que “*vá com Deus*”. A caminhada é longa, mas eu chegarei lá. Só preciso me certificar que nada nos atrapalhe.

Capítulo Trinta e Um

Por Dora

Poder ver minha filha pela manhã foi como uma injeção de ânimo e mesmo que ela esteja passando por uma recuperação de algo tão delicado, Lorenzo estava ao meu lado, ainda constrangido e estamos um pouco estranhos um com o outro, mas ele estava ali. Fiz carinho, conversei e disse o quanto amo para a minha pequena guerreira. O pai fez o mesmo e nos debulhamos em lágrimas de emoção e alegria só pelo fato dela estar respirando.

O dia amanheceu chuvoso, só que não se compara com ontem, hoje é apenas uma garoa leve. Leônidas, Bento e Lorenzo ficaram presos no trânsito e só conseguiram chegar em casa durante a madrugada. Minha irmã ficou cheia de cisma com o marido e chegou a fazer um interrogatório com ele, quando conseguiu que atendesse o telefone, pela imensa demora em chegar em casa.

Descansar, ficar com minha Milena e retirar leite, faço isso por três dias seguidos. Lorenzo simplesmente não sei do meu lado nem mesmo para dormir ou para comer. No primeiro dia mamãe e Sarah dormiram comigo e ficaram aqui até ele chegar e a partir daí sou eu e ele para tudo, tudo mesmo, desde tomar os remédios, escovar o cabelo e até acompanhar no banho. Claro que tentei argumentar e pedir uma enfermeira, mas o homem é uma porta e fez questão de me lembrar que já viu meu corpo de todas as formas possíveis e não teria nenhuma surpresa. Nem sei porque não retruei ou exigi

que ele me deixasse... talvez, no fundo, eu queira que ele esteja comigo... talvez não tão fundo assim... talvez bem raso até.

Minha mãe decidiu ir para casa na manhã seguinte, ela sabe que não poderá fazer muito aqui e lá ela faz falta. De certa forma sei que escolheu partir para dar mais espaço para Lorenzo, não apoiei, mas não vou impedir, depois de tudo que já perdi e do que quase perdi, não quero ser a caçadora de problemas, quero paz.

— Tem notícias do Dr. Danilo? Vocês não falaram mais sobre isso. — Nestes três dias ninguém tocou no assunto “*Danilo*”, estamos apenas curtindo a cuidado da nossa filha.

— Faltou o último plantão e não deu justificativa, espero que tenha embarcado para a Indonésia com cem quilos de cocaína. Assim é fuzilado. Eu daria um dedo para assistir.

— Nossa, Lorenzo! Falando assim nem parece um médico. Quero mais é que seja preso e mofe na cadeia, morte eu não desejo a ninguém, deixa que Deus cuida dele. — Ele sorri enquanto liga a bombinha ao tudo de vácuo para tirar meu leite e diz.

— Sua sorte é que sou eu, se fosse Leônidas diria coisas muito piores. Bento disse que pagaria caixas de cigarro vitalícia se o time de futebol da cadeia comesse ele até que morresse por exaustão. Só coisa leve.

— Vocês são muito sutis. — Seguro o lençol sobre os seios, ainda não estou muito certa do que fazemos. Lorenzo se ofereceu para me ajudar a tirar leite. Milena se alimenta dele por sonda, mas até agora uma enfermeira me ajudava. — Acho melhor chamarmos uma das enfermeiras.

— Por quê? Posso fazer isso.

— Não me sinto confortável com você tocando em mim assim. — Vejo quando a alegria deixa seus olhos. Tento não insistir em destrutá-lo, mas em alguns momentos acabo fazendo.

Tenho conversado muito com Sarah, Safira e com mamãe pelo telefone e isso me ajudou bastante. Depois de todos os acontecimentos loucos que vivemos e da vida de Milena sendo devolvida a mim, não posso alimentar e me agarrar a rancores que não me levarão a lugar nenhum. Preciso ser feliz e fazer minha filha feliz. Não preciso aceitar Lorenzo como homem para isso, mas preciso tê-lo ao meu lado como pai e como apoio, ele me faz bem e sinto-me protegida e completa ao seu lado. Só não estou pronta para retomar nosso relacionamento e vejo que ele entende meu lado.

— Tudo bem, vou chamar alguém. Quer que eu fique lá fora? Quer que eu vá embora?

— Não é para tanto.

— Talvez não seja para tanto para você, mas para mim é. — Solta a respiração demonstrando desagrado e sai do quarto.

Droga!

(...)

04 de dezembro de 2014

Acho que hoje é o dia mais feliz da minha vida, nos últimos dias cada conquista tem sido uma grande vitória e sempre muito comemorada. A previsão médica de alta para Milena era de trinta a sessenta dias, no entanto, surpreendendo a todos nós sua recuperação corre à passos largos e hoje finalmente iremos para casa.

Ouvi todas as recomendações e anotei a maioria, uma equipe foi na frente para deixar o apartamento adequado às necessidades de extrema limpeza que as condições de Milena exigem, isso é fundamental. Fiz um estoque de leite e doei alguns dos vidros, minha filha toma leite materno, mas ainda não tem força para sugar do seio, para facilitar tiro o leite e coloco na chuquinha apropriada.

Eu e Lorenzo conversamos muito, principalmente sobre a participação dele nessa fase de adaptação da Milena ao mundo externo. Chegamos à conclusão que o melhor seria tê-lo ao meu lado... Digo, ao lado dela para que esteja bem amparada e tenha seu pai e cardiologista 24h por dia.

Sim, eu gostei. Mais que isso, estou feliz com a ideia de ele morar conosco por um tempo. Tempo este sem data para término e com uma única condição: não dividiremos o mesmo quarto. A cara dele quando eu exigi isso foi a melhor, não sei se por surpresa ou ofensa, mas com toda certeza ele não ficou muito animado com a ideia.

Milena dorme tranquila e bem colocada no bebê conforto enquanto o pai assina os papéis do hospital e eu termino de abotoar a camisa. Enquanto estamos só nós duas tenho por hábito de conversar com ela sobre a vida e tudo que sinto ou penso.

— Muito chique você. Cardiologista particular em tempo integral, não tem preço. Sabe, ele não foi o melhor dos namorados ou dos homens por um tempo, mas sei que ele pode vir a ser... Só precisamos dar tempo ao tempo.

Ela resmunga e se ajeita voltando a dormir em seguida. Acabo dando a minha interpretação ao seu ato.

— A Sarah e a vovó pensam como você. Elas acham que estou arrastando algo que já está resolvido. Acham que tenho medo de me envolver novamente. Você também acha isso? — Ela nem se move e eu sorrio com a maluquice de conversar com um bebê de dez dias. — Claro que acha, você é do time dele. Bem que vejo você toda derretida pelo loiro. Isso mudará quando ele te proibir de conversar com meninos.

Lorenzo demora muito mais do que o esperado para retornar e quando já estou quase indo atrás dele, a porta se abre e o vejo entrar com Wagner, o delegado que conheci no dia seguinte a dar à luz. Ele veio me fazer perguntas informais sobre Danilo.

— Está tudo bem? — Pela expressão tensa de Lorenzo, não.

— Vida, o doutor Wagner veio nos informar de um acontecimento e precisamos estar atentos ao que pode vir pela frente.

— Como assim. Tem relação com o desequilibrado do Danilo?

— Tem sim, Senhorita Dora. — Diz o delegado formalmente. — Danilo foi encontrado morto em seu apartamento. Ele foi assassinado.

O impacto da notícia me faz abraçar Lorenzo. Não sei se pelos efeitos do puerpério, sinto-me completamente afetada com a notícia macabra. Há alguns dias ele estava me fazendo ameaças e confissões escabrosas, hoje é encontrado morto em seu apartamento, assassinado.

— Santo Deus! Que horror. Já sabem quem o matou? — Os dois se entreolham e Wagner explica.

— Ainda não. Sabemos que ele era frequentador de saunas gays e costumava contratar garotos de programa. O prédio não tem câmeras e a mais próxima é a de um comércio na mesma quadra, infelizmente com as chuvas as imagens não ajudaram em muita coisa.

— Quando isso aconteceu? — Pergunto sem desgrudar de Lorenzo.

— O corpo foi encontrado na noite de ontem. Vizinhos estranharam o cheiro forte e quando o apartamento foi aberto encontraram seu corpo em estado de decomposição, estava morto há mais de uma semana.

Sinto a bile subir até o céu da minha boca, por muito pouco não vomito sobre o rosto sem expressão de Wagner. O homem parece não ter sentimentos ou não se importar com a morte de um ser humano. Por mais raiva que eu tenha de Danilo e que desejasse que ele sofresse por longos anos em uma prisão, não sonho com a morte de ninguém, isso não cabe a mim.

— Vida, ele não merece que fique assim. Lembra do que ele nos fez?

— Só estou chocada com tudo isso. Como ele morreu?

— Foi degolado, afogou-se no próprio sangue até a morte. Acreditamos que tenha sido vítima de um amante, disseram que foi visto abordando um rapaz próximo a um bar no Arouche. Ainda não identificamos o suspeito, talvez nunca consigamos isso.

— Entendi. E você veio até aqui para nos falar a respeito?

— O hospital era seu vínculo empregatício. Vim colher informações de possíveis inimigos, comunicar seu falecimento e coisa assim.

— Nós somos os possíveis inimigos? O senhor suspeita que eu ou alguém ligado a mim tenha feito isso, por que se é isso...

Ele me corta antes que eu possa concluir minha frase.

— Não vejo nada que ligue você ou qualquer um daqui a isso. Pelo que me informei o doutor Danilo era um homem de difícil convivência, mas não tinha inimigos em potencial. Era funcionário do hospital desde que se tornou médico e mantinha um bom relacionamento com os donos. Estes são os fatos, Dora. — Wagner da dois tapinhas nas costas de Lorenzo e caminha para a porta. — Avise a Bento e Leônidas que era só isso. Acredito que não teremos mais contato sobre esse assunto. Sinto muito pelo seu dicionário, mais uma estatística.

— Quanto ao álibi que comentou no elevador? — Álibi. Para que ele precisa de um?

— Era uma noite chuvosa, Lorenzo. Metade de São Paulo estava fazendo o mesmo que você e seus irmão alegaram estarem fazendo... Trânsito. Tenham um bom dia.

Paro diante do bebê conforto de Milena e observo seu sono, é tão pequena e frágil com a vida toda pela frente. São tantos perigos

e pessoas de má índole que podem simplesmente esbarrar com ela em alguma fase da vida. Corta-me o coração saber que neste momento a mãe do Danilo chora sua perda de forma tão triste e horrorosa. Imagino como deve sofrer, provavelmente é uma senhora que não sabe dos erros do filho e hoje lamenta a morte precoce de um *“inocente”*.

— Podemos ir, Vida? — Ainda me surpreendo com o timbre de voz de Lorenzo. Ele não parece ter se abalado com a novidade matinal. Viro-me para ele e cautelosamente coloco a mão sobre seu peito elevando o queixo para olhá-lo nos olhos.

— Você seria capaz?

— Vocês são a minha vida. Se me perguntar se estou triste, não estou, muito pelo contrário. Hoje começamos uma vida nova e ele provou ser muito perigoso para todos nós, muito além de só nós três. Conservou inimigos.

— Não respondeu minha pergunta.

— Nem vou. — Ele sorri ao olhar para Milena, pega seu bebê conforto e a mala.

— Espera! E quanto a Patrícia? Você me disse que ela ajudou Danilo e deu informações importantes da sua família, teve participação no plano dele contra a falecida esposa do seu irmão. Mas acabo de me dar conta que não sei dela, poderia estar envolvida na morte do comparsa. Não poderia?

— Dora, esqueça isso. Patrícia é uma vagabunda que faria qualquer coisa por dinheiro. Foi demitida por justa causa e desapareceu no mundo, tomara que também tenha morrido.

— Eu nunca esperei ouvir essas coisas de você. — E realmente não combina com ele.

— Depois de tudo que passei, que passamos... Não sou tão humano quanto antes, hoje sei o que é sofrer de verdade e acredite, a morte não é de todo ruim. Eu morri em vida e eles não me deram

chance de defesa. — Com os olhos iluminados admirando Milena, ele pergunta. — Está pronta para ser mãe em tempo integral? Agora não tem mais enfermeira, seremos só eu e você.

Talvez seja melhor pensar assim, enterrar o passado e esquecer quem nos fez mal. Colhemos o que plantamos. Quero plantar amor e felicidade para colher muitas alegrias.

— Estou pronta. Mais do que pronta. Vida nova!

Capítulo Trinta e Dois

Por Lorenzo

24 de dezembro de 2014

Este foram os vinte dias mais intensos e surpreendentes que já vivi, é uma mistura de novidade com peculiaridades da vida em família, sem a vida à dois no sentido bíblico. Dividimos o mesmo apartamento, as obrigações com Milena e com a casa em si, desde pequenas coisas como jogar o lixo fora. O mais impressionante é o fato de termos retomado a vida de onde paramos, ou melhor, retomamos a vida antes do acontecido que viria mudar todo o resto.

Venho dismantelando tijolo a tijolo a muralha imaginaria que Dora construiu entre nós desde a nossa estadia no hospital. Ainda na sala de parto vi em seus olhos que havia me perdoado, mas o orgulho ainda a matinha distante, uma autoproteção que a impedia de aceitar a minha aproximação. Hoje estamos mais próximos, com uma relação mais leve e íntima como era antes. Algumas conquistas são dignas de uma grande comemoração, há uma semana ela vem aceitando pequenos beijos, apenas um tocar de lábios antes de dormir e ao acordar. Isso já não é o suficiente para mim, sei que também não é para ela... É hora de uma investida mais pesada.

Milena ainda não pode receber muitas visitas, tudo precisa ser bem controlado e limpo, fora isso é vida normal, ela já começou a mamar no seio da mãe e está exclusivamente na amamentação. Minha princesa se fortalece a cada dia e é o bebê mais lindo que já vi. Seus olhos são verdes e os cabelos cor de mel, nem tão loiro como os meus e nem tão escuros quanto os da mãe, porém a boca

é da igual a de Dora, sem sombra de dúvida. A pele é branquinha como a minha e já percebo o temperamento animado da mãe, isso me deixa muito feliz. Minha pequena será alegre e terá muitos amigos.

— Ela dormiu? Nossa ceia já está quase pronta. — Dora caminha para a área de serviço em busca de uma toalha.

— Dormiu sim. Já estava ficando louca com essa sua filha, quase não dormiu hoje. — Olha para o relógio da parede. — Vou tomar um banho, já são quase nove horas. Te ajudo a pôr a mesa quando voltar. Está cheirando divinamente bem.

A cozinha tem um formato de corredor e para sair ela precisa se espremer entre mim e o fogão, quando faz isso viro-me para ela e ficamos frente a frente, poucos centímetros um do outro e uma energia nuclear nos unindo sem nenhuma resistência da parte dela, vejo seu querer na mesma proporção que sinto o meu.

— Até quando vai resistir? — Pergunto cheirando a curvatura do seu pescoço.

— Não estou resistindo há muito tempo. Você que ainda não investiu como se deve...

Antes que eu possa prendê-la contra a parede e deixar a nossa ceia de natal para o ano novo, ela sai praticamente correndo e deixando para trás o som de uma gargalhada gostosa, como há muito tempo eu desejava escutar.

— Isso vai sair caro para você! — Grito ainda sorrindo.

— Assim espero. — Responde de longe.

Saco meu celular do bolso e mando uma mensagem para Bento.

@Lorenzo: Dora já pode quebrar o resguardo?

Aguardo ansiosamente a resposta que não demora mais que cinco segundos para chegar. Vi que ele estava online quando

escrevi.

@Bento: Aleluia!!!! Vai sujar a espada, guerreiro.

@Lorenzo: Responde logo, palhaço.

@Bento: Eu jamais impediria esse momento histórico. Sua mulher está em plena forma. Ah... lembra da camisinha, é cedo para arranjar outro bebê.

@Lorenzo: Estou ciente. Mais tarde ligo para desejar boas festas.

A mesa já estava posta, comidas natalinas que preparei com muito capricho para o nosso primeiro natal em família, minha família como sempre sonhei. Enquanto a vejo retornar da cozinha com uma garrafa de vinho branco, percebo que não temos um dos maiores símbolos do natal, esquecemos da árvore, nem mesmo as luzes ou presépios nós lembramos de comprar.

— Não temos uma árvore em nosso primeiro natal juntos.

— Teremos outras oportunidades de ter uma árvore de natal. Quem sabe Milena me ajude a montar, hoje ela não sabe.

— Teremos sim. Perderemos a conta de quantos natais passaremos juntos. Amo ouvir você falar assim. — Olho para ela abrindo a garrafa. — Vai tomar vinho?

— Apenas uma taça. Não vai fazer mal. Até Milena acordar isso já deixou meu organismo.

— Tenho certeza que sim.

Por volta das dez horas sentamos à mesa, que mesmo montada para apenas duas pessoas, estava farta e repleta de pequenas superstições como lentilha e toalha branca, nós também optamos pelo branco. Dora usa um vestido branco que muito me lembra uma camisa social, é solto, porém deixa as pernas e o decote ostenta belos e cheios seios. Eu não fugi do clássico, calça e camisa brancas... já uso isso de segunda a sexta.

Dora faz uma linda oração agradecendo por todas as bênçãos e proteção concedidas por Deus, não deixou de frisar o nascimento da nossa filha e o casamento de Sarah, a viagem de Safira. Para ela a família é o mais importante, Dora é extremamente ligada as irmãs assim como eu sou ligado aos meus irmãos e aos meus pais. É uma mulher fantástica.

— Peço perdão por todas às vezes que perdi a fé. Por todas às vezes que não acreditei que a minha dor teria fim, eu estava errada. Ela não deixou de ser dor, mas deixou de ser só dor, hoje tenho amor e muito a agradecer. Minha filha é a prova de que a alegria vem ao amanhecer e para mim ela veio. Que este seja o primeiro de muitos natais em família e que eu aprenda a perdoar, que eu possa viver os meus dias e ser feliz, como tenho sido nestes vinte dias em família.

Abrimos os olhos e vejo que há mais emoção neles do que em qualquer palavra dita, são como um mar de sentimentos inflamados dentro de uma só pessoa.

— Amém! — Pego sua mão sobre a mesa, estamos em lados opostos. Beijo-a e fecho os olhos com a testa apoiada no dorso da mais linda mão que já vi. — Que a cada dia eu seja o mais próximo do homem que você deseja e do pai que Milena merece. Diante de Deus eu te prometo fazer o impossível para ser esse homem. Por que eu amo você.

— Vamos comer?

Comer não foi exatamente o que conseguimos, tivemos que fazer malabarismo entre uma e outra ligação de amigos e da família. O fato de não poder ter contato com muitas pessoas devido aos cuidados com Milena que ainda está se recuperando, nos deixou em uma ceia íntima, deliciosa, regada a uma boa conversa e momentos muito ternos.

Mesmo nesse clima natalino e com todo o meu cuidado para não perecer afobado, é extremamente complicado conseguir esconder o meu desejo e principalmente as minhas intenções para esta noite.

— Pensei em assistirmos um filme. Podemos levar as taças para o sofá, um edredom e esses queijos aqui.

Faço a proposta olhando intensamente em seus olhos, deixo claro minha mensagem e sem responder ou dizer uma só palavra, Dora fica de pé com sua taça na mão direita, pega a bandeja de queijos e caminha em direção ao sofá. Não preciso de mais do isso para buscar a primeira manta que encontrei e ir ao seu encontro já com a minha taça nas mãos.

Antes mesmo que o filme comece já estou com ela sentada sobre minhas pernas. Dora zapeia entre as opções, está tensa, deslocada, costas eretas de forma desconfortável indicando o seu nervosismo. Também estou nervoso, apreensivo com mil coisas rondando minha mente, são tantas possibilidades que temo até mesmo não ser capaz de me segurar até que ela esteja plenamente satisfeita, sim esse é um grande medo que tenho. Como não temer depois de tantos meses sem o gosto, o calor e a sensação de tê-la comigo, de estar dentro dela e ter o prazer da posse do seu corpo.

Afasto seus cabelos deixando que os dedos deslizem sobre a pele sensível do pescoço e a fina pelugem que ali está começa a dar sinais de vida. A visão é humanamente irresistível, qualquer chance que tinha de ir lentamente foi por água a baixo quando o ar deixou seus pulmões e um suspiro desejoso escapou quase imperceptível, mas ele estava lá, o sinal verde.

A mão deu lugar a boca e o pequeno suspiro tornou-se um gemido instigante. Prendo uma pequena parte do lóbulo da sua orelha entre os dentes raspando levemente ao soltar, isso sempre a deixa excitada e muito receptiva. O sangue flui rapidamente em minhas veias e sinto como se todo ele fosse levado ao membro latejante incomodamente acomodado sob as nádegas macias da mulher mais bela que já vi.

— Ah... que saudade desse cheiro... da sua entrega a mim. — Com a mão direita empurro sua nuca para frente e seguro firmemente na base dos cabelos, eles formam uma cascata fronte ao rosto, abaixo-a até conseguir a visão completa de sua coluna, da primeira à última vertebra. Com a mão esquerda subo o vestido branco, o simples levantar de quadril demonstra que estamos na mesma sintonia. — Quero você nua, sem barreiras. Seremos eu e você, seremos um só.

— S...sim! — Chia dengosa. Sou um homem faminto tomando posse da sua mulher carente e negligenciada. Nossos corpos cantam pela fusão.

Vestida apenas com uma calcinha rosa claro de tamanho mediano e um sutiã formando conjunto, Dora não tem vergonha das mudanças causadas pela gestação. Por um segundo seus olhos me analisaram por cima dos ombros, buscando a minha reação, isso ficou claro. Eu poderia apostar que contava com a minha desaprovação, mas não foi isso que encontrou, nunca encontraria. Cada centímetro do seu corpo é amado e idolatrado por mim, principalmente os quadris largos e seios estupidamente fartos.

— Compreende a importância deste momento? — Indago e ela apenas acena. Os beijos que planto em sua pele não a deixam pensar. — Todos esses meses longe, sofrendo. Milhares de acontecimentos e surpresas... Não quero arrependimentos, minha Vida. Preciso de certezas. — Mais beijos e caricias afetuosas carregadas de promessas. — Você tem certeza? Será minha hoje e sempre... Me aceita de volta como seu homem, seu amor, seu tudo?

— Aceito tudo. Quero tudo e quero agora. Não quero mais chorar, Lorenzo... Me faça sorrir. Sou sua...

Sem grande esforço manobro nossos corpos com maestria até que estamos os dois deitados no tapete macio, ela está ainda mais linda e rubra com o tesão fluando sempre no limite. Sempre surpreendente, Dora toma a iniciativa e retira minha camisa, alisa meus braços e desce pouco a pouco dilatando meu desejo e levando por água a baixo as poucas chances de controle. Já não há como parar.

São longo beijos, um mais intenso e apaixonado que o anterior, muito mais, sempre mais. Aperto-lhe os seios ainda presos pelo sutiã, mordo o tecido enquanto mantenho o olhar preso ao dela, preciso que veja a intensidade do meu desejo, o tamanho da minha avidez por ela.

— Estou sendo testada?

— Eu estou.

— Estou aqui, pronta e completamente entregue a você. Não vejo onde esteja te testando. — Brinca.

— Estou garantindo que isso seja longo e gostoso. Não quero arriscar morrer na praia... Se é que me entende. Faz muito tempo.

Ela se diverte com a minha confissão, sorri alegremente e pergunta como quem não quer nada. Mas para uma mulher, essa pergunta nunca é inocente.

— Quanto tempo faz?...

— Desde de 09 de maio. — Não sei se está surpresa ou desconfiada. Se acredita ou desacredita. — Nunca mais... Nem mesmo em pensamento estive com outra mulher.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Em segundos estamos completamente nus. Despidos de roupas, mágoas, passado e pudor. Apenas a iluminação da televisão e uma leve brisa que entra sorrateira pela janela nos fazem companhia, dois amantes explorando cada pedacinho do corpo um do outro para garantir que não deixaremos passar uma única célula.

Abocanho seus seios enquanto minha língua trabalha o mamilo sensível dentro da boca, intensificando as carícias à medida que sinto sua necessidade. Os gemidos e sussurros são como um termômetro do prazer, sei aonde ir e quando parar, Dora é muito transparente com o seu prazer e isso nos faz ainda mais perfeitos juntos.

— Ah!

Deixo uma trilha de beijos das costelas até o quadril e antes mesmo de chegar ao centro de suas pernas, ela já começa a abri-las descaradamente mostrando-me o ninho quente e úmido onde quero penetrar até não poder mais. Um singelo carinho com os dedos bem superficialmente já eleva seus gemidos. Penetro-a apenas com o polegar, raso, sem movimentação, o deixo em seu calor, sentindo a pulsação interna do seu corpo.

— O mais delicioso em está com quem se ama, é a resposta que o corpo só dá para a sua outra metade. — Digo cheirando sua intimidade, subindo e descendo com o nariz enquanto meu polegar permanece dentro dela. — Eu sou a sua metade... Você é muito mais do que isso para mim.

— Essa tortura só pode ser castigo.

— Será? — Abocanho de uma só vez o seu clitóris e ouço um grito seguido de um longo gemido satisfeito.

— Oh, por favor! Chega de preliminares... Quero tudo.

— E eu estou aqui para isso.

Nunca vou entender como consegui sobreviver tantos meses sem ela, não sem sexo ou sem mulher, mas sem ela. O prazer de

estar junto e descobrir prazeres jamais imaginados porque só a sua metade é capaz de levar você até lá, é isso que temos. O sabor, o som e ainda mais a presença, nada é mais prazeroso do que estar na presença de quem se ama.

Sentir o sabor forte e doce tomar conta da minha boca, ver os pelos dela se arrepiando e os músculos internos contraindo enquanto eu mesmo não consigo controlar o sangue que incha meu pênis a máxima potência, é além de qualquer prazer. Fomos feitos para isso, o prazer carnal, o pecado original... A consumação.

— Faz amor comigo... Lorenzo, me faz sua outra vez.

Nos colocamos face a face, sustento parte do meu peso sobre ela e com os olhos vidrados nos seus conduzo-me para dentro dela, pouco a pouco tomando-a para mim, abrindo passagem em sua caixa dos desejos. Mesmo molhada e cheia de desejo é preciso forçar a passagem, pressionar os quadris contra o dela até que ceda. E quando isso acontece, quando estamos completamente unidos sua linguagem corporal é lindíssima.

Ver os longos cabelos negros jogados para trás em cascata, a cabeça pendendo e a boca aberta em busca de ar para suportar o deleite de ser preenchida por mim, é incrível. Seus cílios tremem e a boca está seca. Quando a língua vermelha desliza por eles trazendo umidade, beijo-a com fome, com violência no mesmo momento saio completamente de sua vagina, e já ciente do quão excitada está, penetro-a de uma só vez.

— Arh!!! Oh... Deus!

— Isso sim é perfeição. Está bem para continuar? — Tento parecer disposto a parar, se necessário. Por mais que isso seja quase impossível.

— Nunca me senti tão bem.

Sim, continuamos. Mais fundo e mais forte, fomos ao limite do que conseguíamos suportar como se estivéssemos testando a

resistência dos nossos corpos, uma espécie de bônus pelo tempo perdido, pelas noites de choro e saudade. Ninguém em tempo algum poderá chamar o que fizemos de sexo, não é apenas isso. É a consumação, a materialização do amor. O encontro entre dois sabores que torna o nosso gosto único e impossível de se copiar.

Namorei seu corpo enquanto galgava sobre mim com os seios cheios, mamilos hirtos e pele sensível. O afinco em estimular o clitóris me minha pélvis torna-se um afrodisíaco, nada mais gostoso do que ver uma mulher buscando o prazer, lutando por ele, que vem quando ela alcança o tão sonhado prêmio e tomba lindamente sobre mim. Satisfeita e ofegante.

Meu gozo veio forte no exato momento em que ela caia, fui levado pelo peristaltismo do seu corpo que fomentava meu membro até não conseguir conter os jatos volumosos de sêmen dentro dela. Oh sim, dentro dela! Uma, duas... Três vezes, até que a realidade chamou e uma pequena criaturinha descobriu que estava com fome e me tomou o monopólio da mãe.

— Ela dormiu outra vez? — Vejo-a colocar Milena novamente no berço.

— Estava com fome. Ainda bem, meios seios iriam estourar se ela emendasse até amanhã. Que horas são?

— Quase uma da manhã. Feliz natal! — Falo me aproximando até que esteja de volta aos meus braços. Os cabelos ainda bagunçados e algumas marcas espalhadas pelo pescoço e colo.

— Feliz natal! Nosso primeiro natal em família e nem ao menos vimos a meia-noite.

— Foi perfeito. Que todos sejam como este, se forem já serei o homem mais feliz do mundo esperarei papai Noel o ano inteiro.

— Bobo! — Desfere um soco de leve no meu peito.

— Nossas mães ligaram. Talles e Pedro também, fora as várias chamadas não atendidas nos nossos celulares. Mandeí uma

mensagem felicitando todos e falei com mamãe e dona Amita que estávamos recuperando o tempo perdido e não vimos as ligações.
— Dora me olha assustada e quase não seguro o riso.

— Você era tímido quando te conheci.

— Não, eu sou reservado, só isso. Mas não disse isso, estou brincando.

Deixamos Milena dormindo em seu quarto. Enquanto lavo a louça, Dora recolhe e guarda as comidas da mesa, pega o edredom que usamos para levar para o quarto. Estou secando as mãos quando ela aparece na porta da cozinha.

— Espero você na cama, não demora. — *Déjà vu*. Era assim que fazíamos antes de tudo. Ela sempre vinha me dizer que esperaria na cama enquanto eu conferia se o apartamento estava fechado e todas as luzes apagadas.

— Não demoro.

Epílogo

Por Dora

09 de maio 2015

Como toda garota passei longas horas da minha vida imaginando como seria meu casamento, comprei revistas, vi programas de televisão que mostravam casamentos grandiosos. Até mesmo durante a união de Sarah e Leônidas tive alguns momentos pensando em como seria o meu. Hoje vejo que não poderia ser nada diferente disso.

Em janeiro Lorenzo reassumiu seu posto no MAH, voltou a trabalhar da mesma forma que sempre fez e ainda assim supervisionava a unidade do Rio de Janeiro. Continuamos a morar no meu apartamento e graças a Deus tudo entrou no rumo certo. Milena cada dia mais recuperada e ativa, nosso relacionamento ganhando mais e mais estabilidade e a vida seguindo o seu rumo.

Mas eu via o quanto ele precisava se desdobrar para realizar tudo com perfeição e pior, eu via o quanto sentia não poder ficar mais tempo com a nossa filha e comigo. Para um homem que sempre viveu o trabalho, hoje trabalhar virou um empecilho para tudo que desejava fazer. Nenhum dos outros Malamans tem o entendimento que Lorenzo tem sobre este hospital, eles não estiveram lá na conclusão do projeto e não seria justo tirar dele esse mérito.

Resolvi seguir o conselho da minha mãe e seguir com o meu marido para uma nova vida onde mesmo nem as lembranças

pudessem nos atingir. No dia em que propus a mudança ele ficou extremamente surpreso, principalmente pela iniciativa ter partido de mim.

O que veio a seguir foi muito rápido. Fomos ao Rio duas vezes para visitar algumas casas selecionadas pela secretária de Lorenzo que trabalhava com ele no Rio. Depois de uma semana analisando vídeos e fotografias fizemos nossa seleção e fomos. Mais algumas semanas e retornamos para assinar a transferência e conhecer a decoradora que, por coincidência, mora no mesmo condomínio. Optamos por uma casa grande, em um condomínio na Barra da Tijuca, casa espaçosa, quatro quartos e uma área de lazer completa. Não era exatamente o que eu tinha em mente, apesar disso meu mutante foi muito eficiente em me convencer e optamos pela privacidade e liberdade que uma casa pode nos dar.

A ideia de nos casarmos na capela do hospital foi totalmente dele... Mas não levei nem cinco segundos para aceitar. E aqui estamos nós, nossa família e meia dúzia de amigos extremamente íntimos. Como sempre, nós dois... Sempre fomos nós e não importa o que há lá fora, sempre seremos apenas nós.

— Lorenzo Malamam, aceita Dora Barcelos como sua esposa? Para amá-la e respeitá-la na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. Até que a morte os separe?

— Aceito.

— Dora Barcelos, aceita Lorenzo Malamam como seu esposo? Para amá-lo e respeitá-lo na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. Até que a morte os separe?

— Aceito. — Mal consigo limpar as lágrimas que escorrem borrando minha maquiagem. Lorenzo não tira o enorme sorriso do rosto e em nenhum momento soltou minha mão.

— Eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva! — E assim fazemos. O primeiro beijo como marido e mulher, o primeiro de muitos.

— Tenho algumas palavras a dizer para a minha esposa. — O padre concede a palavra e Lorenzo se põe de joelhos diante de mim.

— Lo...

— Há exatamente um ano nós vivemos o primeiro dia dos piores das nossas vidas, que vieram a seguir. Perdemos muito, perdemos mais do que poderíamos imaginar e isso foi um golpe duro para mim e principalmente para você. — Ele estica o braço e espalma a mão em meu ventre. — Algumas perdas jamais serão reparadas e outras nós estamos reconquistando dia a dia, minuto a minuto com a nossa família. — Antes de continuar o vejo respirar fundo, já com os olhos vermelhos. Lágrimas não me faltam. — Quero que está data seja lembrada por amor, alegria e felicidade. O dia do nosso casamento, que seja o primeiro até o último dia que eu viver.

— Eu te amo. — Não há palavras agora, apenas o sentimento.

— Eu também, amo mais a cada dia. Que meu amor por você alimente o seu amor por mim e a soma desses sentimentos nunca se apague. Você é e sempre será a minha Vida.

Foi mais do que o suficiente para todos os presentes na igreja se emocionarem. O meu gigante estava ali, aos meus pés, provando a todos o seu amor por mim. Mesmo sem precisar de provas é maravilhoso saber que o meu amor é correspondido a altura.

Milena está perto dos seis meses e já é uma criança mais independente. O envolvimento dela com o pai é bonito de se ver, eles se entendem e enquanto cuida da filha não há mais nada na terra para Lorenzo, apenas os dois, pai e filha. Muitas vezes caminho sozinha pela casa me esgueirando para espiar os dois durante a madrugada. Recentemente Magda liberou o suco de laranja lima e a água de coco, com isso me senti totalmente descartada, os dois se bastam e quando ela resolve trocar a noite pelo dia é ele quem a acompanha.

Sob os protestos dos meus pais e da minha sogra decidimos fazer apenas um brinde na área verde em torno da capela, tudo bem intimista. Tanto eu quanto ele não sentimos necessidade de fazer uma festa, para nós já somos casados há muito tempo e isso é um simples simbolismo. Finalmente podemos dizer que somos marido e mulher, hoje sou a senhora Malamam.

(...)

Julho

Quanto tempo dura essa sensação maravilhosa que sinto ao vê-lo caminhar nu em minha direção? Até quando me surpreenderei com o encaixe perfeito dos nossos corpos ou com a nossa capacidade de sentir o que o outro está sentindo? Espero que nunca tenha fim.

Pela primeira vez saímos sozinhos desde que chegamos ao Rio. Encontramos uma babá maravilhosa e finalmente me senti confiante em entregar a minha bonequinha que a cada dia se parece mais com o pai fisicamente e mais comigo na personalidade, até mesmo Lorenzo reconhece que terá muito trabalho com Milena.

Aproveito a oportunidade de exibir as minhas recentes conquistas na academia e escolho um vestido vermelho sangue que cobre até o meio das coxas, é fechado na frente, mas ostenta um profundo decote na parte de trás. Vamos ao aniversário do doutor Aloisio, um dos médicos mais próximos a Lorenzo no hospital, sua esposa é mais animada que eu e temos frequentado a academia juntas. Devo confessar que estou plenamente adaptada a vida no Rio de Janeiro e não penso em retornar para São Paulo, somos felizes aqui.

Lorenzo está sentado calçando os sapatos quando eu deixo o closet já vestida, a princípio ele não percebe como estou vestida, mas sua expressão é impagável ao se dar conta. Minhas coxas estão mais definidas e já me dou ao luxo de dizer que não tenho mais os efeitos da gravidez, isso é ótimo para mim, mas meu marido

quase arranca os cabelos cada vez que adquiro peças mais ousadas do que as que uma “*mãe*” deveria usar.

— Vai assim?

— Não está bom?

— Só se for para dançar no queijo, só que agora você é uma senhora casada e mãe de família. Lembra?

— Como eu poderia esquecer. Meu marido é enorme, não passa despercebido. Vamos?

— Sério, amor. Coloca outra coisa, essa roupa está ousada demais e vai nos causar problemas. Acha mesmo necessário sair assim?

— Acho que vou acabar ficando em casa. Quando visto alguma coisa e me sinto linda e realizada, você me manda tirar? Legal. — Lanço minha bolsa de mão na poltrona e caminho de volta ao closet, mas antes do segundo passo ele já está agarrando meu braço.

— Ei, não é para tanto, ok. Não mandei você tirar, só sugeri, mas podemos ir assim se é o que você quer. Não quero chegar tarde demais, vamos Vida?

— Está bem, vamos.

O suor escorre do meu rosto, meus cabelos já estão grudados em minha nuca. Há muito tempo não dançava tanto, nem sei quando foi a última vez que me diverti assim. Os amigos que fizemos aqui são muito animados para sair e curtir balada, mas Lorenzo não é a pessoa mais festeira do mundo e com Milena ficava complicado aceitar os convites.

— A boneca vai se exhibir assim até que horas? — Mãos fortes apertam minhas ancas e puxam minha bunda até que esteja se esfregando descaradamente. Essa voz! Deliciosa falando ao meu ouvido. — Isso te lembra alguma coisa?

— Hum! Lembro de muitas coisas, não só lembro como já estou com saudades daquela loucura.

— Eu também.

A boate está lotada, pessoas aglomeradas na pista de dança com a música extremamente alta e sensual. Lembranças da nossa primeira noite, onde transamos no escritório da boate encham a minha mente, sei que ele também não esqueceu, suas mãos me dizem o quanto deseja reviver aquela noite e o volume rígido pressionado contra mim só confirma o seu estado de excitação. Sinto-me a mulher mais quente e desejosa deste lugar, como se pudesse entrar em combustão a qualquer momento.

— Eu quero você.

— Vem comigo.

Meu marido usa o poder dos seus mais de dois metros de altura para abrir caminho na multidão, sua cabeça loira se destaca por sobressair as demais. Graças ao cartão de convidados vip conseguimos chegar ao estacionamento rapidamente. Depois de alguns Martini minhas gargalhadas encham a noite, se antes já não teria vergonha, agora que não tenho mesmo.

— Calma, vou quebrar meu salto.

— Não seja por isso... — Lorenzo me toma em seus braços enormes e caminhamos a passos largos em direção ao nosso carro. Estacionamos ao lado de uma van que acredito ser de equipamentos sonoros e com isso quase não se pode notar que tem algum veículo ali.

Sou bruscamente colocada sobre o capô gelado e úmido com o sereno da madrugada. Meu corpo está quente e suado, o choque térmico é como um despertar de todas as minhas células e ainda mais da minha libido que já atinge níveis estratosféricos. Apoio os saltos na grade frontal do carro mantendo as penas abertas e deixando visível o tecido úmido que protege minha vagina carente.

— Que bruto. — Instigo mordendo o lábio inferior.

— Serei muito mais bruto quando estiver dentro de você, pode apostar essa sua calcinha melada. Tira. — Obedeço e retiro a peça jogando-a sobre ele que a pega e guarda no bolso da calça jeans negra. Lorenzo abre apenas o zíper e tira o membro vermelho, ereto e envernizado de tesão.

— Me come, amor. Bem aqui ao ar livre.

Nossas bocas começam uma guerra de *“quem pode mais”* com beijos, mordidas e chupões completamente pornográficos. Meus seios são massageados até que sua cabeça os alcança e os dentes quase rompem minha pele com tanto fogo acumulado, mas não sinto dor, apenas prazer e um prazer carnal, faminto.

Sem poder esperar nem mais um segundo, guio seu pênis até meu interior. Já estou pronta, além de pronta, estou louca como uma loba no cio. Sinto-o me penetrar e investir repetidas vezes em mim ao som dos seus gemidos grosseiros. Meu corpo bate contra o material frio do capô e a cada segundo as pancadas se tornam mais e mais rápidas, forte e intensas. O céu está tomado por estrelas que viram um único borão quando gozo pedindo mais e recebendo muito mais.

— Oh, Lorenzo!!!! Isso, assim.

Como sempre, terminamos uma transa alucinante com beijos apaixonados e cheios de carinho. Nossas línguas se tocando, as mãos dele afagando meus cabelos e as minhas mantendo-o preso a mim o máximo possível. Nosso calor irradiando e o cheiro erótico delicioso a nossa volta. O par de olhos brilhantes de menino encontram os meus e assim permanecemos por longo tempo, namorando o semblante um do outro, nos deleitando com a visão da nossa metade. Tudo que sinto por ele hoje é amor, puro e recíproco.

— Lorenzo, eu sempre amei você. Não quero que isso acabe nunca, te quero para sempre, meu mutante.

— Você é a minha Vida e sem você não sou o mutante, sou nada. Te amo, minha Vida!

— Para sempre? — Pergunto com o coração aos pulos.

— Até a eternidade. Eu e você.

— Eu e você.

Algum tempo depois...

Por Lorenzo

11 de maio de 2016

— Mi, olha para papai, filha! — Milena sorri brincando com o tablet e remexendo ao som de cantigas de roda. — Da um sorriso bem lindo para o papai tirar uma foto, hein!? — Quando finalmente consigo, envio a imagem para Bento.

Durante toda a minha vida eu acreditei que nunca poderia me sentar no tapete da sala e brincar com a minha filha. Passar para ela tudo que acredito ser bom e importante a um ser humano de bem. Na minha cabeça isso jamais aconteceria... Mas eu estava completamente errado, irrevogavelmente errado sobre tudo isso.

Milena já está com uma ano e meio, é uma bonequinha de luxo e mudou muito nesse curto espaço de tempo. Hoje ela é o meu desenho com os cabelos da mãe e a cada dia escurecendo mais, os fios já são quase negros e os olhos estão azulando. Simplesmente não canso de olhar para ela imaginando o que o destino reserva. E rezando, implorando para que ela não sofre e não se machuque de nenhuma forma. Daria e dou a minha vida pela sua.

— Água.

— Vem aqui. Sua água está comigo, vem. — Um passo de cada vez, ela caminha ainda cambaleante, mas já bem

firme em comparação aos primeiros dias. Corre, brinca e gargalha como a mãe, não há quem diga que é uma cardiopata, hoje é uma criança saudável e ativa. Linda como a mãe.

A primeira vez que coloquei meus olhos sobre Dora achei a mulher mais deslumbrante que já tinha visto. E ainda penso o mesmo todas as noites quando a observo hidratar o corpo antes de ir para a cama, quando a vejo sorrir para nossa filha ou até mesmo enquanto dorme. Tenho a mais bela das mulheres e ela me fez o mais feliz dos homens.

Talvez se fosse casada com outro não seria feliz ou bem aceita. É preciso muito jogo de cintura para entender o seu gênio e a forma despreocupada como leva a vida. Da mesma forma sei que eu não seria feliz com outra a não ser ela, nem mesmo cogito ou já cogitei isso. Só ela para entender que sou como sou e não quero mudar. Nos aceitamos e pronto.

— Mocinha, vamos tomar banho e vestir a roupa que sua mãe separou para você. Daqui uma hora temos que buscá-la no salão e embarcar para São Paulo.

— Neném?

— Sim, vamos lá ver o neném. Matteo será batizado e não podemos perder. Hoje você vai conhecer a tia Safira pessoalmente. Quer?

— Si.

— Ótimo! Então vamos ficar cheirosa para todo mundo saber que você é a princesa das flores do papai.

A coloco sobre meus ombros e vamos cantando até o banheiro, a trilha sonora é digna dos melhores programas infantis e eu já aprendi todas as letras. Por diversas vezes me peguei operando pacientes de peito aberto e cantando “*Palavra Cantada*”, diga-se de passagem eu até que canto bem. O simples fato de ouvi-la me chamar de “*papa*” já é o combustível para qualquer batalha diária e o grande motivo para voltar para casa com um sorriso no rosto e duas balinhas de iogurte no bolso. Milena foi um presente enviado por Deus para extirpar qualquer tristeza ou solidão que algum dia já colocaram dentro de mim.

Hoje, com a vida totalmente encaixada, com uma filha abençoada e acima de tudo com minha esposa, posso dizer sem sombra de dúvidas que: Não falta nada. A única coisa que peço a Deus quando deito minha cabeça no travesseiro é proteção e perdão pelos erros que um dia cometi. Talvez nem todos sejam perdoáveis, mas tenho certeza que são justificáveis.

— Vamo voa?

— Vamos sim, vamos de avião lá no céu. Você gosta de viajar de avião, Mi?

— Uhum!

— Isso é ótimo. Deita aqui para eu colocar a sua fraldinha que no avião não podemos arriscar e o seu vestido é de princesa.

As malas já estão no carro, Dora já enviou uma mensagem avisando que está pagando a conta no salão e isso significa que deve estar fazendo as unhas. Conheço meu gado e sei que minha esposinha é enrolada para se

arrumar e acha que se disser que está pronta não vai precisar ficar me esperando. Resumo da ópera: Cheguei e ainda tive que esperar vinte minutos no carro.

Rio x São Paulo é uma viagem curta e nem tive tempo de comer o amendoim. Logo já estávamos em um táxi para rumo ao batizado do meu sobrinho. Hoje é dia de reunir a família, falar do passado, derramar muitas lágrimas e por aí vai.

Como se não se vissem há anos, Sarah e Dora se abraçam, sorriem e entram em um mundo totalmente particular. Matteo é o centro do universo neste momento, não tem quem permaneça imune diante de tanta fofura em uma só criatura. Leônidas, como sempre, muito territorialista e protetor, deixa escrito na sua testa que não gosta desse excesso de mãos sobre o filho dele, mas sua cara de mau não funciona tão bem conosco, é apenas uma cara feia e engraçada.

Quase não acredito que a minha Nina esteja tão grande e esperta. Aproveitamos para matar toda a saudade e quase a deixei toda marcada de tantos apertões e beijos. Milena fica encantada com a pose de mocinha da prima e tenta a todo custo copiar seus modos da forma mais graciosa que poderia haver. Nina jura de pés juntos que pode cuidar da caçula e manda que eu as deixe à vontade. Mulheres e sua independência precoce.

— Onde vai, Bento? — Pergunto ao vê-lo destravar o carro.

— Seu sogro me pediu para buscar a filha no aeroporto. Vou fazer esse favor para ele. — Sorrio olhando para o chão

e não contenho a risada. — Ok, mentira. Eu me ofereci quando o vi comentar que já estava na hora de buscá-la.

— Você nunca a esqueceu, não é mesmo? — Como um moleque que sempre foi, ele sorri de forma despretensiosa e brinca com a chave do carro, no entanto, o conheço desde sempre se leio todas as suas reações. — Vai tentar mentir para mim?

— Lo... Ela mexe comigo, sempre mexeu e isso não posso negar. Só que acho que estou apenas curioso para vê-la e saber como está fisicamente.

— Sei... fisicamente. Talvez queira conferir se ninguém colocou uma bela aliança em seu dedo.

— Ela está solteira. Vi nas redes sociais.

— Sério? Que feio, doutor Bento Malamam adicionando a ex nas redes sociais. — Ele gargalha e responde.

— Não, seu trouxa. Mamãe sempre deixa as senhas abertas no notebook e... as vezes eu pego para dar uma espiada.

— Tenho que rir de você, cara. Mas vai lá.

Graças a Deus, nada fora do esperado. Em poucos minutos Safira chegou, surpreendentemente diferente da Dora, se é que isso é possível. Além dos cabelos curtos, a “*gêmea má*” exibe uma postura mais ativa e com bem mais requinte que antes, até mesmo seu corpo está... diferente. Bento não consegue esconder a cara de idiota, por mais que isso já seja o habitual, hoje está demais. Parece um gato com os olhos claros focados no pobre peixe do aquário. Só

que eu acho que esse peixe vai dar mais trabalho que o esperado.

E viva a Itália! Mesa farta, vozes mais altas que a música e muitas gargalhadas escandalosas, principalmente de mamãe que está definitivamente no céu com a família reunida. Dora não desgruda da mãe, que veio de Pedra Azul para o batizado, e das irmãs. Quase não consigo parar de sorrir pelo simples fato de presenciar seu sorriso aberto e sem barreiras, é sempre assim, sua alegria me contagia.

O constrangimento do dia é dado por Bento e Safira que, em nenhum momento fizeram questão de esconder as ranhuras deixadas pelo passado misterioso. Mas ela não é mais uma a mesma e se antes já era arisca, agora é ardilosa e não fica por baixo das alfinetadas de Bento. Homem apaixonado é o desenho real da falta de inteligência. Se pudesse se ver não continuaria nesse caminho.

— Meninos, o pai de vocês quer falar algumas palavras.-
— Diz minha mãe e o silêncio é total. Meu pai sempre foi muito respeitado, mesmo sendo um cara tranquilo e amoroso.

Papai fica de pé e como um homem alto que é, todos olhamos para cima em sua direção.

— Primeiro de tudo quero agradecer a presença de todos aqui em minha casa. Ter toda a minha família reunida é um prazer imensurável, tenho certeza que são poucos os que têm esse privilégio. Hoje celebramos a batismo de mais um Malamam e mais uma parte de nós que está ganhando asas para a vida, sinto-me honrado de estar aqui. Tenho três filhos, uma esposa maravilhosa e hoje três netos...

Por alguns segundos, papai e Dora trocam um olhar cheio de lembranças e saudade. Conheço muito bem os dois e posso sentir tudo o que eles não querem falar, mas desejam que todos também sintam. Um dos meus grandes medos hoje era que Dora ficasse triste com a lembrança de Natan, porém vejo que ela sente saudade, mas não tristeza.

— Infelizmente, falta um que sempre será amado por nós. — Segurando a emoção, ele continua. — Mas temos mais vitórias do que derrotas, mais ganhos do que perdas. Passamos por longas batalhas sofremos e sorrimos, infelizmente isso faz parte da vida e não podemos viver do passado. Tenho convicção de que todos aprendemos muito com cada obstáculo vencido. Hoje quero agradecer a Amita e ao Antônio por nos darem noras maravilhosa, nunca poderia escolher melhores. Obrigado!

— Digo o mesmo Benício. — Completa o senhor Antônio, pai de Dora.

— Parabéns Leônidas e Sarah pela família linda! Parabéns Lorenzo e Dora pela superação e pela família... — Olha para o Bento. — Corra atrás do prejuízo meu filho, você já está velho para morar com os pais.

— Eu? Sou um bebê, gente. Ainda não encontrei quem me merecesse.

— Ou não encontrou quem te suportasse. — Alfineta Safira.

Já no final da tarde nos oferecemos para levar Safira ao apartamento onde morei com Dora por um longo tempo, ela voltará a morar nele agora que está de volta ao Brasil. Estamos todos cansados e loucos por um banho e cama,

não necessariamente para dormir. Confesso que assistir minha mulher em seu modo mais menina, conversando e brincando com as irmãs me deixou muito saudosos das nossas noites de namorados.

— Vocês poderiam dormir aqui, temos três quartos e não tem necessidade de ficarem em hotel.

— Vamos ficar sim. É bom que o quarto de Milena ainda está montado e nós ficaremos no nosso antigo quarto.

— Resolvido então, mana. Semana que vem vou começar a procurar emprego.

Enquanto cuido de Milena, Dora e Safira curtem o seu momento e confabulam, riem, gargalham e choram com algumas lembranças. Sei que esse momento é só delas e depois de tanto tempo separadas é preciso colocar os assuntos em dia.

Depois de colocar minha filha na cama, encontro as duas sentadas no sofá comendo pizza e tomando refrigerante de limão, muito a cada da Dora isso. Mesmo com as minhas ofertas de trabalho na unidade Rio e com as inúmeras possibilidades de trabalhar nas unidades de São Paulo, Safira deixa claro que não pretende voltar a trabalhar no MAH. De certa forma eu a compreendo, mesmo sem saber o que realmente aconteceu entre ela e Bento, imagino que ele não tenha feito boa coisa.

Enquanto conversamos faço diversos carinhos de forma sutil nas costas de Dora e percebo pelo arrepiar dos seus pelos que ela está entendendo o recado pelo meu corpo, estamos na mesma sintonia. Ainda me surpreendo com a cumplicidade e intimidade que temos.

— Mana, vamos deitar. Nossa! O dia foi muito cansativo, estou morta com farofa. Vamos, amor? — Conheço a luz que brilha no fundo desses olhos.

— Vamos sim, Vida. Estou louco... de sono.

Mal entro no quarto e sou empurrado sobre a cama e tenho minhas roupas arrancadas, quase resgadas do corpo sem chance de defesa. Mãos, boca, cabelos e cheiro entram em ação e no mesmo instante já estamos nus e massajeio sua bunda com força, separando as bochechas e correndo o indicador por seu ânus enrugado, espalhando toda a lubrificação para o meu objeto de eterno desejo. Podem me chamar de retrogrado, mas não há quem afirme melhor a dominação de um homem sobre a sua mulher do que tê-la de quatro sendo empalada por ele e gemendo em línguas que só os amantes são capazes de entender.

— Ah, amor! Assim eu fico louca. — Fala baixinho ao meu ouvido, ainda montada sobre mim.

— Quero você louca a ponto de não saber me negar nada.

— Já não sou capaz de fazer isso. É sim para tudo. Vem, amor. Hum!!!

Agora sim ela está do jeito que eu gosto. Completamente entregue a mim.

A madrugada chega e com ela a nossa exaustão. O corpo já saciado pede descanso e a alma sorri por saber que somos um só e o sexo é apenas um encontro mais íntimo entre um homem e a sua mulher. Mas mesmo depois de uma noite suada e imersa de gemidos e juras de amor, vejo

o mesmo brilho travesso nos olhos dela... Ainda há mais ali do que eu tirei até agora... Eu já vi esse mesmo brilho.

Com o queixo apoiado em meu peito e a mão direita escovando meus pelos, ela sorri e vejo felicidade. Não apenas alegria ou satisfação, mas vejo a plena felicidade em sua alma.

— Lembra o que te disse quando estávamos assim na noite em que você foi embora? — O sorriso some do meu rosto. Um medo doloroso de relembrar algo que prefiro esquecer. — O que disse?

Tiro minha mão esquerda que sustentava a cabeça e pouso em seu ventre, acariciando onde hoje existe uma fina linha, lembrança da cesariana de Milena. Ainda aflito respondo.

— Me disse que teríamos um filho. Amor, por favor... Vamos viver o hoje e esquecer... — Ela toca minha mão e faz uma pressão maior sobre a pele.

— Seis semanas. — Não entendi. Seis semanas? Percebendo minha confusão, ela continua. — Estou grávida de seis semanas. Parabéns para nós!

Eis um cardiologista enfartando de felicidade. Se é que é possível ser mais feliz do que sou hoje... Sempre é... Com ela sempre supero as expectativas.

Minha única reação é beijá-la da forma mais profunda, sincera e entregue que já fiz e tentar dizer com a minha linguagem corporal que, não há momento mais lindo do que esse ou homem mais realizado do que eu. E jamais haverá mulher mais adorada do que ela é e será até o fim da minha vida.

— Você sabe o quanto eu te amo. Só quero que saiba que agora serei insuportavelmente apaixonado por você, minha Vida.

— Eu sei.

Fim

Sobre a Autora

Joice Bittencourt é brasileira de 25 anos, nascida no Rio de Janeiro e radicada no Espírito Santo com o marido e dois filhos. Movida pela curiosidade, iniciou na literatura erótica através do best-seller *Cinquenta Tons de Cinza*, e a partir de então a lista de romances do mesmo gênero só vem crescendo.

Com três obras publicadas em um site de compartilhamento de livros, ela decide alçar voos maiores, lançando suas histórias para todos os leitores.

Conheça mais:

<http://joicerbittencourt.blogspot.com.br/>

<http://www.wattpad.com/user/joicecbittencourt>

<https://www.facebook.com/joice.bittencourt>

Outras obras da autora:

No Limite do Prazer

Mariana foi deixada no orfanato Santa Clara de Assis ainda com o cordão umbilical. Por sua natureza forte e arisca não permanecia com as famílias adotivas por muito tempo, sempre voltava para sua antiga cama no orfanato.

Hoje com 18 anos é chegada a hora de partir, construir a própria vida e seguir em frente. Tudo muda quando o destino coloca no seu caminho um homem moldado por tragédias e culpa.

O que o destino reserva para esta moça tão determinada? Theodoro Strauz é um homem que carrega mais do que pode suportar. Dono de uma beleza forte e selvagem ele chama atenção por onde passa, mas nada disso importa para alguém com o coração vazio. Com 20 anos ele perdeu os pais e os padrinhos em um desastre de helicóptero, perdeu anos da sua vida em um casamento sacramentado por remorso e hoje se tornou um homem avesso a sentimentos, desapegado das relações interpessoais. Primeiro trabalho, segundo trabalho e terceiro... TRABALHO!

Tudo muda quando esses dois se encontram e acabam descobrindo o amor, a paixão e a dor.

Na vida... Nem tudo são flores!

<https://www.amazon.com.br/dp/B00OB3RWQ2>

O Herdeiro

LAURA ALVES nasceu no interior de São Paulo e têm 20 anos, depois da morte da sua mãe ela recebe uma proposta de trabalho de um restaurante Brasileiro em Nova York e decidi partir em busca de mudanças. Em seu primeiro ano morando longe das suas origens ela juntou tudo que conseguiu servindo em um café e trabalhando a noite na cozinha do famoso restaurante.

POLYANA é a irmã mais nova de Laura, tem 18 anos e nenhum juízo. Ela acompanha a irmã para Nova York, porém o seu desejo é ser modelo, atriz ou qualquer coisa que tenha muito glamour, festas e gente bonita. Desaparecendo sem deixar qualquer pista do seu paradeiro e levando todas as economias da irmã, a loira envolve-se em sérios problemas.

RUDY SCHEIDEGGER está na lista dos dez homens mais ricos do mundo, tem 35 anos, é lindo e tem um charme irresistível. Sua opinião sobre as mulheres é a pior possível, para ele todas são interesseiras, falsas, vendidas e fáceis. É mundialmente conhecido como frio e implacável ou apenas O Senhor Do Petróleo. Seu maior defeito? Sua total e irrevogável subserviência ao pai.

A PROPOSTA

Você aceitaria cinco milhões de dólares, um belíssimo apartamento de frente para o Central Park, empregados e uma mesada absurda para dar um herdeiro a um homem?

Essa foi a proposta de RUDY SCHEIDEGGER.

LAURA teria que assinar um contrato onde aceitaria engravidar de forma natural e conceder ao pai todo o poder sobre a criança, seria sua mãe e nunca poderia ser separada do filho, porém, não teria nenhum poder de decisão sobre sua vida, desde a escolha do nome até a faculdade tudo seria definido pelo pai.

E aí, aceita?

Aceitar a essa proposta não será tão simples assim, é impossível se relacionar com um homem tão marcante e não sair profundamente marcada.

O mais belo da vida é que ela não pode ser prevista!

<https://www.amazon.com.br/dp/B00P4CBS78>

Alívio

Depois de dez anos de casamento, Leônidas Malamam decide pedir o divórcio a sua esposa Silvia, inconformada com a decisão do marido ela arma um grande escândalo e se mata durante um importante evento do Malamam Apart Hospital, o deixando viúvo e com uma filha de dois anos. Nina é uma garotinha carente de afeto, carinho e atenção que encontra tudo que precisa em sua nova babá.

Sarah Barcelos trabalha a poucos meses como técnica de enfermagem na pediatria do Malamam Apart Hospital. Foi natural escolher esta profissão, já que suas irmãs são enfermeiras e trabalham no mesmo hospital há três anos. Incentivada por Dora e Safira, Sarah embarca de Domingos Martins – ES para São Paulo com a cara, a coragem e muita vontade de vencer. A rotina e as atribuições do trabalho não são como ela esperava, levantar todos os dias para lidar com mães histéricas na pediatria se tornou um fardo grande demais. Sarah já não suporta seu ofício.

Uma tragédia coloca Leônidas e Sarah morando debaixo do mesmo teto, dia após dia a convivência mostra que os dois são muito diferentes, mas se completam... Principalmente na cama. As convenções da sociedade e o medo da exposição levam o casal a uma dolorosa separação, isso serve para mostrar que distância não é a solução para os dois.

Todos precisam de Alívio, Leônidas encontra o seu durante a madrugada ao se deleitar no corpo da mulher que lhe desperta os mais primitivos desejos... Mas a cada amanhecer ele volta a ser o pior dos carrascos, um homem inatingível para qualquer mulher.

<https://www.amazon.com.br/dp/B00U3Z55XO>

Série Malamam



Leônidas, Lorenzo e Bento são três irmãos com personalidades extremamente diferentes, igualando-se em três pontos... A possessividade, a beleza e a paixão.

Em breve na Amazon.